

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**  
**FACULDADE DE LETRAS**  
**Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários**

Sarah Nilza Araújo da Silva Zinato

**RETÓRICA DO LUTO: TEMAS FILOSÓFICOS E ORATÓRIA EM  
SÊNECA**

Belo Horizonte  
2024

Sarah Nilza Araújo da Silva Zinato

## **RETÓRICA DO LUTO: TEMAS FILOSÓFICOS E ORATÓRIA EM SÊNECA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Letras na área de Literaturas Clássicas e Medievais. Linha de Pesquisa: Literatura, História e Memória Cultural.

Orientador: Prof. Dr. Matheus Trevizam.  
Este trabalho foi realizado com apoio do CNPq, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – Brasil.

Belo Horizonte

2024

S475c.Yz-r Zinato, Sarah Nilza Araújo da Silva.  
Retórica do luto [recurso eletrônico]: temas filosóficos e oratória em Sêneca / Sarah Nilza Araújo da Silva Zinato. – 2024.  
1 recurso online (220 f.): pdf.

Orientador: Matheus Trevizam.

Área de concentração: Literaturas Clássicas e Medievais.

Linha de pesquisa: Literatura, História e Memória Cultural.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras.

Bibliografia: f. 208-220.

1. Seneca – ca. 4 a.C.-ca. 65 d.C – Consolatio ad Marciam – Crítica e interpretação – Teses. 2. Seneca – ca. 4 a.C.-ca. 65 d.C –Epistulae Morales – Crítica e interpretação – Teses. 3. Literatura latina – História e crítica – Teses. 4. Retórica (Filosofia) – Teses. 5. Morte na literatura – Teses. 5. Luto na literatura – Teses. I. Trevizam, Matheus. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de

CDD : 878.5



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS: ESTUDOS LITERÁRIOS

### FOLHA DE APROVAÇÃO

Dissertação intitulada *Retórica do luto: temas filosóficos e oratória em Sêneca*, de autoria da Mestranda SARAH NILZA ARAÚJO DA SILVA ZINATO, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários da Faculdade de Letras da UFMG, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Letras: Estudos Literários.

**Área de Concentração:** Literaturas Clássicas e Medievais/Mestrado

**Linha de Pesquisa:** Literatura, História e Memória Cultural

Aprovada pela Banca Examinadora constituída pelos seguintes professores:

Prof. Dr. Matheus Trevizam - FALE/UFMG - Orientador

Profa. Dra. Sandra Maria Gualberto Braga Bianchet - FALE/UFMG

Profa. Dra. Charlene Martins Miotti - UFJF

Belo Horizonte, 19 de janeiro de 2024.



Documento assinado eletronicamente por **Charlene Martins Miotti, Usuária Externa**, em 19/01/2024, às 16:29, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Matheus Trevizam, Professor do Magistério Superior**, em 19/01/2024, às 16:40, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Sandra Maria Gualberto Braga Bianchet, Professora do Magistério Superior**, em 22/01/2024, às 10:01, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufmg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **2947172** e o código CRC **05C6461B**.

## AGRADECIMENTOS

A Deus.

Ao Maestro.

Aos meus pais, Soraia e Rafael, à minhas avós, Francisca e Nilza.

Aos meus irmãos: Raphael, Jônatas, Ítalo e Tarcila.

Ao professor Dr. Matheus Trevizam, por todo conhecimento compartilhado, suporte, oportunidades e compreensão.

Aos meus familiares e amigos, e a todos que estiveram ao meu lado nessa jornada me apoiando de diversas formas. Em especial, Nara, Ana Flávia, Melany, Débora, Gabi, Dodô, Erike, Rômulo. Ao Bê, com amor.

Aos professores da FALE, pelo apoio e orientação em diversos momentos.

Às professoras e membros da banca pela valiosa contribuição, por serem prestativas e interessadas na leitura e em observações sobre o meu trabalho: Sandra Maria Gualberto Braga Bianchet, Charlene Martins Miotti e Patrícia Prata.

A todos que fizeram parte da minha vida, e me fizeram crescer.

A todos, meus agradecimentos mais sinceros.

*Nec enim minus nostra sunt quae animo complectimur  
Quam quae oculis intuemur*  
(Cícero)

## RESUMO

O presente trabalho propõe a tradução e comentários sobre a *Consolatio ad Marciam* e sobre três *Epistulae Morales* de Sêneca (63, 93 e 99), realizando o estudo das obras. Nesse campo, os focos do estudo proposto são três. Em primeiro lugar, considerar temas filosóficos estoicos e observar a concepção de morte e de luto, pontos nevrálgicos de nossas análises em relação às obras selecionadas, principalmente na perspectiva do autor. Em segundo lugar, buscamos compreender a estrutura da *consolatio* dentro da tradição retórico-literária e os traços estilísticos de Sêneca, enquanto personalidade de imensurável importância literária e filosófica no panorama romano. Finalmente, empreender uma análise da estrutura da consolação seneciana diante da morte, e das estratégias retóricas que dão às obras selecionadas seu caráter distintivo, tanto em função de *status* de consolação, quanto em razão da linguagem e do estilo de Sêneca, reconhecendo as características que permitem observar e delinear o pensamento do autor. Nesse sentido, a tradução se mostra fundamental, buscando preservar os traços estilísticos da obra original.

**Palavras-chave:** Sêneca; Consolação; Estoicismo; Retórica; Morte.

## ABSTRACT

The present work proposes the translation and comments on the *Consolatio ad Marciam* and on three *Epistulae Morales* by Seneca (63, 93 and 99), carrying out a study of the works. In this field, the focuses of the proposed study are three. Firstly, to consider Stoic philosophical themes and observe the conception of death and mourning, key points in our analysis in relation to the selected works, mainly from the author's perspective. Secondly, we aim to understand the structure of *consolatio* within the rhetorical-literary tradition and the stylistic traits of Seneca, as a personality of immeasurable literary and philosophical importance in the Roman perspective. Finally, to undertake an analysis of the structure of Seneca's consolation and the rhetorical strategies that provide the selected works their distinctive character, both due to their consolation status and due to Seneca's language and style, recognizing the characteristics that allow us to observe and outline the author's thought. In this sense, translation is fundamental, seeking to preserve the stylistic features of the original work.

**Keywords:** Seneca; Consolation; Stoicism; Rhetoric; Death.

## SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO.....	9
1	SÊNECA, O ESTOICISMO E A MORTE.....	16
1.1	Vida, obra e exílio.....	16
1.1a	A vida de Sêneca.....	16
1.1b	Educação e cultura filosófica .....	18
1.1c	Vida política.....	21
1.1d	Exílio, sua vivência e produção literária em Sêneca.....	23
1.2	A filosofia.....	27
1.2a	Escolas filosóficas em Roma: o estoicismo.....	27
1.2b	Morte e luto segundo o estoicismo.....	33
1.2c	Morte e luto nas obras de Sêneca: visão geral.....	35
1.2d	O tema da morte nos tratados e epístolas.....	37
2	A RETÓRICA E A TRADIÇÃO DA CONSOLAÇÃO.....	42
2.1	A retórica.....	42
2.1a	Panorama do sistema da retórica antiga.....	42
2.1b	Retórica e filosofia.....	47
2.1c	Retórica no período helenístico.....	49
2.1d	A retórica no contexto romano.....	52
2.1e	Retórica no período imperial.....	58
2.1f	A segunda sofística.....	61
2.2	A consolação.....	63
2.2a	A retórica e a consolação.....	63
2.2b	O gênero <i>consolatio</i> .....	66
2.2c	As características da <i>consolatio</i> .....	71
3	SÊNECA CONSOLADOR: LINGUAGEM E ESTILO.....	75
3.1	Uma visão do estilo e da linguagem de Sêneca.....	75
3.2	Sêneca e a consolação pela morte.....	84
3.2a	<i>Consolatio ad Marciam</i> .....	84
3.2b	Carta a Lucílio 63 ( <i>Epistulae Morales ad Lucilium</i> ).....	88
3.2c	Carta a Lucílio 93 ( <i>Epistulae Morales ad Lucilium</i> ) .....	90
3.2d	Carta a Lucílio 99 ( <i>Epistulae Morales ad Lucilium</i> ) .....	92
3.3	As características gerais da <i>consolatio</i> em Sêneca.....	95



3.3a	Análise das consolações senequianas.....	95
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	104
5	TRADUÇÕES E NOTAS: <i>CONSOLATIO AD MARCIAM,</i> <i>EPISTULAE MORALES AD LUCILIUM 63, 93 E 99</i>	107
6	REFERÊNCIAS .....	208

## INTRODUÇÃO

Sêneca, entre os autores latinos, é um nome de incomensurável relevância. Além de personagem histórica de primeira importância no plano político, na esfera literária ele é autor de um grande número de textos supérstites que vão da poesia dramática aos tratados morais, da invectiva satírica à epistolografia filosófica. Sua obra teve enorme repercussão e sempre suscitou amplo interesse de um público que, ao longo da História, jamais se restringiu ao âmbito dos estudiosos especialistas; nas diversas camadas da sociedade, o autor conquistou grande número de leitores que viram nos seus escritos, autênticos ou fictícios<sup>1</sup>, mensagens de natureza religiosa, filosófica, artística ou científica, de modo que ele tem sido para muitos, desde a sua própria época, um verdadeiro mestre de vida.

Os estudos sobre Sêneca, uma figura tão importante quanto instigante, dificilmente podem ocorrer atendo-se a um só campo de interesse. De caráter interdisciplinar, ele elenca e aborda em seus textos fortes princípios morais baseados em sua aproximação com a filosofia, em particular a filosofia estoica, mas também possui o lado político e deixa claro o seu domínio no campo da retórica, herança de seu pai, Sêneca, o Velho. De certa forma, seu didatismo, sua preocupação em se aproximar do leitor e sua priorização da mensagem em detrimento da forma em assuntos de elevada complexidade o fazem tão atrativo até mesmo nos nossos dias.

Olhando para as suas composições, é inegável o fato de que a filosofia permeia praticamente tudo o que Sêneca escreveu. Ele se posiciona como amigo, nas *Epistulae Morales*, *De tranquillitate animi*, *De otio*, *De constantia sapientis* e *De ira*; como filho, como se observa na *Consolatio ad Heluiam matrem*; como pessoa pública, em vários outros tratados, como o *De clementia*, dirigido a Nero; e como literato, ao escrever epigramas e tragédias. Mas em todos esses podem-se extrair reflexões relacionadas a problemas variados, de forma prática e calcada em múltiplos aspectos da vida, em especial da vida social romana daquele período.

Todavia, encontrar fatos do que representaria sua vida pessoal é uma tarefa difícil: ele resiste em mencionar assuntos privados, referências de sua atividade enquanto homem público, sua carreira ou mesmo detalhes domésticos, como sua esposa e filhos<sup>2</sup>. Muito do que se conhece

---

<sup>1</sup> Há obras que foram falsamente atribuídas a Sêneca, como as cartas a São Paulo que, segundo Fürst (2014, p. 214), apesar de altamente influentes na idade Média, com menções de São Jerônimo, são correspondências pseudoepigráficas que foram erroneamente indicadas como tendo sido escritas pelo autor. Littlewood (2014, p. 515) também indica que há incertezas quanto à autenticidade de *Hercules Oetaeus*.

<sup>2</sup> Há a probabilidade de que elementos autobiográficos sejam encontrados nos escritos de Sêneca, mas a leitura plenamente autobiográfica é impossível, bem como a puramente literária, em especial de seus tratados e cartas (LIEBERMANN, 2014, p. 412). Interpretações autobiográficas, por exemplo, têm sido apontadas em *Thyestes*, como evidencia Torres (2014, p. 506:507). Já Griffin (1976, p. 6) indica a necessidade de se ter uma postura

desse lado de Sêneca é devido a Tácito, Plínio e outros escritores, como aponta Miriam Griffin (2003, p. 2). O mais próximo de nos oferecer dados pessoais seria a *Consolatio ad Heluiam matrem*, em que ele elenca alguns membros da família pelos quais sua mãe chorou, e os que sobraram para consolá-la, e, mesmo assim, poucos são os nomes mencionados.<sup>3</sup> Alguns detalhes escapam em seus escritos, como sua condição de saúde<sup>4</sup>, a perda de um amigo<sup>5</sup>, uma escola a qual frequentava<sup>6</sup>, propriedades, hábitos<sup>7</sup> e alguns poucos nomes conhecidos. Mas prevalece sua natureza reservada e seu foco nos preceitos morais, o que faz com que sua obra, mesmo quando mencionada alguma situação íntima, se concentre mais em sua figura enquanto professor e conselheiro, sendo ele mesmo usado no meio dos *exempla*.<sup>8</sup>

Nessa linha, conhecer uma biografia precisa de Sêneca não é essencial para conhecer o trabalho do autor, mas o contrário pode ocorrer. Assim, o principal foco da maior parte dos estudos das últimas décadas é mais voltado para os aspectos filosóficos, de estilo, sua visão espiritual e sua capacidade persuasiva, mais do que para o viés possivelmente biográfico, embora não se exclua absolutamente. Aliás, quanto a isso, alguns estudiosos apontam que ele tenha sido acusado de hipócrita e, portanto, é necessário certa cautela. (WILLIAMS e VOLK, 2006, p. XIII e HABINEK, 2014, p. 5)

Entrando em sua órbita de escrita, é interessante e importante falar que, como homem erudito e orador exímio, preceptor de Nero e escritor de discursos (GRIFFIN, 2008, p. 7), além de homem político e voltado à filosofia, seu estilo é peculiar e pautado na persuasão. Até mesmo a sugerida informalidade de estilo tem seu lugar e sua razão. Isso se comprova em suas obras, que são perpassadas por traços distintos, transmitindo o ar professoral que certamente Sêneca desenvolveu e poliu: seu sintetismo é marcante e apoia-se em uma tradição epigramática do fim do império augustano, o que dá ainda maior importância ao contexto para se captar a essência de seus preceitos durante a leitura. Alguns o consideram, inclusive, anticlássico e anticiceroniano nesse sentido (TRAINA, 2011, p. 164), e ele recebeu críticas de Quintiliano e Calígula, embora

---

cautelosa quanto aos dados apontados por ele em seus escritos, visto que podem ser adicionados para mero efeito de exemplo (FITCH, 2008, p. 6).

<sup>3</sup> Sêneca menciona Novatila e Marco (SÊNECA, *Consolatio ad Heluiam matrem*, 18, 4-7)

<sup>4</sup> Na carta 54 de seu conjunto de *Epistulae Morales*, Sêneca menciona seus problemas relacionados à saúde pulmonar.

<sup>5</sup> Na carta 63 de seu conjunto de *Epistulae Morales*, o autor faz menção à morte de Sereno, amigo a quem dedicou alguns tratados.

<sup>6</sup> Na carta 76 de seu conjunto de *Epistulae Morales*, a escola de Metronax é colocada como local que Sêneca frequentava.

<sup>7</sup> Na carta 108 de seu conjunto de *Epistulae Morales*, o autor menciona o período em que deixou de consumir carne, inspirado por outros filósofos, como Sóton.

<sup>8</sup> Isso se observa na carta 63, 14 do conjunto de *Epistulae Morales*, em que Sêneca se coloca como exemplo a não ser seguido.

estudos mostrem a sua polidez até na brevidade. Para afastar esse senso de que haja uma simplicidade estilística e mostrar o quão complexo podem ser seus traços, Albrecht (2014, p. 699) detalha o estilo de Sêneca, chama a atenção para a densidade do conteúdo para além do aforismo senequiano e das diversas construções paratáticas que se apresentam. Além disso, é notável a presença de outros traços particulares, como as *sententiae*, sintetizando uma passagem e condensando, em uma frase, algum ensinamento moral anteriormente exposto.

O tom de *magister* se ancora no estilo e na linguagem envolventes, com essência terapêutica como técnica literária. É impossível falar de Sêneca sem mencionar os múltiplos *exempla* que se encontram, tanto de figuras renomadas quanto dele mesmo, para principalmente persuadir pela autoridade, como chama a atenção Manning (1981, p. 10). Entram aí personalidades políticas, míticas, literárias, filosóficas de maneira vasta. Ainda, o uso de tropos<sup>9</sup> é estratégia fundamental para que o leitor possa relacionar um ensinamento a alguma imagem à qual todos estavam habituados, em especial, imagens médicas, náuticas e militares, mas também da natureza. Em uma sociedade com espírito bélico, mas também voltada para a agricultura, é de se imaginar que esse meio de aproximação tenha se tornado muito efetivo. Já as metáforas médicas podem ser mais conectadas com a própria inclinação do autor para esse assunto, talvez em virtude de sua possível condição de saúde fragilizada ou de seu interesse particular e, como indica Setaioli (2014, p. 240), isso pode ter contribuído para que ficasse conhecido como “médico das almas”<sup>10</sup>.

Sobre sua versatilidade literária, o gênero era muitas vezes mesclado e extrapolava a rigidez da forma. Seu *corpus* era diversificado, e poderiam ter sido ainda mais caso outros escritos tivessem chegado a nós, como a biografia de seu pai e trabalhos no campo da geografia e etnografia (KER, 2006, p. 19). Mas, mesmo em uma mesma obra, é possível observar essa espécie de ecletismo, como tratados com características de cartas e tragédias com passagens altamente filosóficas, demonstrando sua capacidade de transitar entre diversos gêneros em múltiplos graus.

Para falar um pouco sobre o campo da filosofia, Habinek (2014, p. 5) chama a atenção para dois conceitos cruciais para o estoicismo senequiano: a razão (*ratio*) e a socialização (*societas*), o que nos diferencia dos animais e nos permite compreender e interpretar as experiências do mundo de maneira mais elevada e consciente. A razão, segundo Sêneca, nos torna fortes, e a capacidade de nos organizar e viver em sociedade nos concede domínio sobre as outras criaturas, a fim de compreender o valor da existência (SÊNECA, *De beneficiis*, 4, 18, 1). Portanto, entender um pouco da sua vasta obra é buscar captar o pensamento filosófico do autor, com

---

<sup>9</sup> Figura retórica em que as imagens são utilizadas, como símiles e metáforas.

<sup>10</sup> É interessante mencionar aqui a carta 15 de seu conjunto de *Epistulae Morales*, em que discorre sobre a saúde da alma como a verdadeira saúde.

proposições e seus objetivos, e é essencial ter em mente o princípio de que ele mesmo estava inserido e valorizava sua colocação como ser social.

Enxergar-se como ser social e cultivar a consciência e a racionalidade implica compreender um fenômeno natural a todos, mas vivido, na maior parte das vezes, a partir da extensão sentimental, excluindo-se o fator da razão: a morte. Nesse contexto, um dos pontos fundamentais para se elevar enquanto ser humano é lidar com essa questão, destino de toda a criação, preceito que filosofias, como o estoicismo e mesmo o epicurismo, abordam (HADOT, 2014, p. 169-204). Entendê-la de maneira racional seria, segundo Sêneca, um importante passo para a escalada do ser no caminho da sapiência, máxima aspiração de todo homem.

Abordar a morte, *mors*, e o medo da morte, *metus mortis*, é uma constante em Sêneca e, como não poderia deixar de ser, ele a associa a outros conceitos como *breuitas*, *metus*, *natura*, *Fortuna*. Sendo um conceito base, Sêneca escreveu sobre o tema de maneira ampla, dentro de uma tradição que tem como representante a *consolatio*. A consolação é, assim, uma obra de teor filosófico voltada para o consolo, com o intuito de aplacar a dor por situações de grande tristeza e, em especial, entram os temas de luto e perda.

Sêneca dedica uma consolação a Márcia, *Consolatio ad Marciam*, como uma obra voltada para a dor do luto em razão da perda de seu filho, além da *Consolatio ad Polybium*, pela perda de um irmão (embora essa última tenha uma leitura mais política que consolatória, estando mais próxima de um panegírico devido aos frequentes elogios a Cláudio) (MANNING, 1981, p. 4). Ademais, algumas cartas se destacam dentre o conjunto de *Epistulae Morales* como sendo de teor consolatório: as cartas 63, 93 e 99, de forma mais detalhada, tratam especificamente da perda pela morte, e ainda é possível fazer uma associação desse tema com o que é dito em *De breuitate uitae*, visto que muitos argumentos se repetem, como se verá adiante.

De fato, consolar alguém que passou por uma situação tão particular não é tarefa fácil, uma vez que grande parte do luto é experienciado no âmbito privado, mesmo sendo uma situação comum. A tradição do consolo se inicia oralmente, nas *laudationes funebris*, elogios aos mortos proferidos oralmente e publicamente. Posteriormente, esses elogios começaram a aparecer na literatura, até que, enfim, tomaram forma sob os moldes de consolação. Nesse campo, muitos textos foram escritos antes e depois de Sêneca e fazem parte de uma tradição da *consolatio* que tem seu início marcado em Crantor, em sua obra *περί πένθους*, ou *Sobre o luto* (BALTUSSEN, 2013, p. xv). Depois, há Cícero, com sua autoconsolação em decorrência da morte de sua filha Túlia (BALTUSSEN, 2013, p. 67). Mas esses não sobreviveram até os dias atuais, situação que depende de fatores múltiplos e diversos, e o que temos de mais concreto posteriormente em relação à consolação está ancorado, mais uma vez, em Sêneca.

Voltando, portanto, a esse autor que tem obras sobre a consolação, entramos em outro ponto que é alvo de discussões e muitos trabalhos: a própria definição da *consolatio* e sua colocação enquanto gênero distinto. Nesse sentido, estudiosos como Scourfield (2013, p. 1) e Celestino (1998, p. 69) abordam os traços gerais e os motivos de ainda haver essa argumentação. A que se deve, portanto, essa dúvida? Primeiramente, algumas obras consolatórias possuem diversas estruturas, como a de uma carta, visto terem um destinatário, uso de vocativos e saudações, como as cartas de teor consolatório de São Jerônimo e do próprio Sêneca. Em segundo lugar, algumas obras se aproximam de uma *suasoria* (VICCO, 1969, p. 21), ou mesmo de um tratado filosófico, como as três consolações de Sêneca (CELESTINO, 1998, p. 71). Logo, para definir o gênero é essencial levar em conta o conteúdo, a linguagem e o estilo, para além da estrutura. Menandro Retor menciona a consolação em sua obra *περί επιδεικτικόν*, “Sobre os Discursos Epidícticos”, relacionando-a aos gêneros retóricos deliberativo e epidíctico; de fato, é interessante pensar que uma parte da consolação está pautada na arte de persuadir, tendo como auxiliar os encômios e vitupérios, ao morto e ao consolado. Assumimos, aqui, a *consolatio* como um gênero, reservando um espaço para compreender sua definição e seus traços.

Destarte, a intenção do nosso trabalho é compreender como Sêneca enxerga o tema da morte, como aborda o luto e, nesse viés, como se dá sua persuasão para a superação da dor da perda em seus escritos consolatórios. Para que essa análise seja estruturada e embasada em exemplos, selecionamos um *corpus*. Em especial, as obras que têm caráter mais consolatório de Sêneca são as *consolationes*, e, dentre elas, destacamos a *Consolatio ad Marciam*, visto que é uma obra em que a intenção consoladora é colocada em primeiro plano, mesmo que haja conjecturas sobre suas intenções políticas. Diferentes são a *Consolatio ad Polybium*, em que grande parte da obra é destinada a elogiar Cláudio e a consolação acaba ficando em segundo plano, e a *Consolatio ad Heluiam matrem*, em que a consolação se dá em virtude do distanciamento entre mãe e filho, em situação de exílio.

Além dessa consolação, outras três cartas das *Epistulae Morales ad Lucilium* de conteúdo consolatório foram selecionadas, visando compreender a retórica da consolação em Sêneca: as cartas 63, 93 e 99. Destacam-se principalmente pelo teor filosófico e pela consolação em decorrência da morte de pessoas. Nessas cartas, contemplam-se os mesmos *topoi* das consolações, em uma estrutura que se aproxima da estrutura argumentativa da *Consolatio ad Marciam*.

Essa dissertação é composta de quatro partes. Na primeira parte, a vida e obra de Sêneca serão apresentadas, principalmente com o intuito de esclarecer a trajetória do autor em sua formação, apresentar pontos relacionados à sua vida política e filosófica, sua visão sobre o exílio

e, por fim, a sua morte, que é a máxima demonstração de sua entrega em relação à filosofia que buscava ensinar. Além disso, buscamos delinear a filosofia estoica, e como o estoicismo se desenvolveu no panorama romano, tendo se originado com Zenão de Cítio na Grécia. Dividida em três áreas, ética, lógica e física, essa linha filosófica tem caráter prático e propõe exercícios para a aplicação dos ensinamentos na vida, diferenciando os acontecimentos e dando ênfase aos indiferentes, onde se encaixa tudo aquilo que não está relacionado com a moral, como riqueza e pobreza, doença e saúde, e até mesmo a morte.

Ao final, o capítulo buscará compreender especificamente, como o autor enxergava a morte e como abordava isso em vários de seus textos. Um *corpus* interessante para entender a concepção senequiana da morte são as *Epistulae Morales*.

A segunda parte da dissertação busca traçar o panorama da retórica antiga, desde suas primeiras manifestações até seu desenvolvimento no período helenístico, chegando ao contexto romano. Buscamos estabelecer, ainda, sua relação com a filosofia. Nesse sentido, tal exposição será pano de fundo para compreender melhor os gêneros que influenciaram o surgimento da *consolatio*.

A terceira parte se dispõe a discutir a consolação enquanto gênero, sua tradição, os traços que a distinguem, além de trazer suas principais manifestações antes e após o autor estudado. A profundidade do tema, mais que a estrutura, é uma das formas de delinear os moldes do que pode ser considerado uma *consolatio* e sua diferenciação diante da epistolografia.

A partir de todas essas apresentações, a quarta parte busca discorrer sobre o estilo de Sêneca em particular, dentro de tudo o que influenciou seu pensamento e sua formação, culminando com a análise de sua retórica sob a perspectiva do tema da morte e da escrita consolatória. É possível considerar que a consolação pela morte encontra seu ápice, no que diz respeito à produção de Sêneca, na *Consolatio ad Marciam*, trazendo elementos que se desenvolvem em diversos outros escritos consolatórios.

Ao fim, são apresentadas as traduções e comentários da *Consolatio ad Marciam* e das *Epistulae Morales* 63, 93 e 99, a partir dos textos latinos da coleção *Les belles lettres*. Julgamos importante a tradução para que tudo o que se busca como traço distintivo em Sêneca seja observado na língua original. Algumas traduções em português dessa obra foram feitas nas últimas décadas, dentre as quais destacamos a de Cleonice Furtado de Mendonça van Raij, 1992, Alexandra Flor Puzinho Carço, 2011 e de Alexandre Pires Vieira, 2020. Montamos, com isso, um *corpus* de textos do autor com foco específico na consolação pela morte. Consultamos frequentemente outras traduções de trabalhos específicos, como a tradução do latim da *Consolatio ad Polybium* por Trevizam (2007), traduções de tratados, como o *De breuitate uitae* e *De*

*constantia sapientis* (2017) por Lohner. Para análise das *Epistulae Morales ad Lucilium*, pautamos na tradução do latim ao português de Segurado e Campos (2004). Para algumas passagens específicas, optamos por realizar a tradução, e todas as traduções presentes ao longo do trabalho são de nossa responsabilidade, salvo quando indicado após a apresentação do texto original.



## CAPÍTULO I

### SÊNECA, O ESTOICISMO E A MORTE

#### 1.1 Vida, obra e exílio

##### 1.1a A vida de Sêneca

A conquista da Hispânia ocorreu entre um espaço de quase 200 anos, iniciando-se no fim do terceiro século a.C. Apesar da ausência de uma política de romanização, a intensa imigração acarretou uma rápida assimilação da língua e cultura. Muitos militares romanos, após o fim de suas atividades, optavam por não retornar, estabelecendo ali a primeira colônia romana em território Hispânico, *Carteia*, e entre as famílias ali presentes, encontravam-se os *Annaei*.

Córdoba se tornou província no ano de 152 a.C., instituída por Cláudio Marcelo e posteriormente indicada como um dos quatro *conuenti*<sup>11</sup> regionais e palco de muitos conflitos envolvendo os seguidores de Pompeu e César. Ali vivia o pai de Sêneca, um homem proveniente de uma família da ordem equestre (MANJARRÉS, 2001, p. 17) que, portanto, gozava de uma situação econômica prolífica. Em viagem a Roma, estudou gramática e retórica, conhecimentos que foram compilados nas *Suasoriae* em forma de debates. Elogiado por Quintiliano na *Institutio Oratoria* por seus conhecimentos em oratória, optou por não seguir essa carreira. Casou-se com Hélvia em 5 a.C., aos 51 anos, uma jovem proveniente de uma família da elite cordubense, e tiveram três filhos: Marco Aneu Novato, Lúcio Aneu Sêneca e Marco Aneu Mela, e a família se mudou para Roma logo em seguida ao nascimento dos filhos.

Lúcio Aneu Sêneca nasceu em Córdoba, sul da Espanha, entre 4 a.C. e 1 a.C. Apesar da difícil precisão de local e data, visto que o próprio autor pouco menciona suas origens, é possível encontrar indícios, por exemplo, em Marcial, o qual, em seu epigrama 61, indica que “E dos dois Sêneas e do único Lucano/ fala a eloquente Córdoba”.<sup>12</sup>

Sêneca chegou à Itália nos braços da sua tia materna,<sup>13</sup> possivelmente no ano 5 d.C. Uma

<sup>11</sup> *Conuentus* eram centros em que ocorriam assembleias. O quatro *conuenti* da Bética eram realizados em Córdoba, Sevilha, Cádiz e Écija. (HORNBLLOWER e SPAWFORT, 1999, p. 386)

<sup>12</sup> Marcial, Epigrama 61: “*duosque Senecas unicumque Lucanum/ facunda loquitur Corduba*”.

<sup>13</sup> Sêneca, *Consolatio ad Heluiam Matrem*, 19.1-2: *Maximum adhuc solacium tuum tacueram, sororem tuam, illud fidelissimum tibi pectus, in quod omnes curae tuae pro indiuiso transferuntur, illum animum omnibus nobis maternum. (...) Illius manibus in urbem perlatus sum.* – “Não falei do teu maior consolo, tua irmã, aquele coração a ti fidelíssimo, ao qual são transportadas todas as suas inquietudes indivisivelmente, aquele espírito maternal a todos nós. (...) Por aquelas mãos fui levado para Roma.”

vez em Roma, estudou gramática,<sup>14</sup> retórica e filosofia. Ao que indicam menções de Juvenal<sup>15</sup> e Tácito,<sup>16</sup> ele nunca esteve na Grécia, apesar da intensa dedicação à filosofia – o que pode parecer controverso, mas, diante de sua inclinação para os estudos principalmente das escolas Romanas, como a escola de Quinto Séxtio, isso se justifica. Em relação a esse último, muitas influências de sua filosofia e estilo de vida são observados na vida de Sêneca, como a adesão breve ao vegetarianismo, conforme discutido na carta 108, em que menciona não só Séxtio, como Pitágoras e Sótion como fontes de inspiração. Interessante apontar a inclinação de Séxtio e seu filho, Séxtio Níger,<sup>17</sup> para a medicina, o que parece ter sido também fonte de influência para Sêneca visto que sua admiração pelo filósofo, associada aos problemas de saúde constantes e hipocondria, o levaram a tomar conhecimento desse ramo da ciência. Os estudos sobre a cura para a alma e para o corpo tomam força nesse viés, e Sêneca se interessa fortemente pelos conhecimentos medicinais à medida que estuda a filosofia da alma, indicando como as doenças do corpo levaram à evolução da medicina, da mesma forma que os vícios devem levar à evolução da filosofia.

As doenças pelas quais Sêneca teria padecido foram muitas ao longo de sua vida, geralmente ligadas ao sistema respiratório, como asma e tuberculose pulmonar crônica, tendo permanecido um tempo em Córdoba para sua recuperação após a migração da família para Roma. Esteve alguns anos também no Egito, com o mesmo objetivo de se recuperar fisicamente das enfermidades, e ali escreveu pelo menos quatro obras que se perderam, segundo Marshall (2014, p. 43): *De situ et sacris Aegyptiorum*, *De situ Indiae*, *De motu terrarum*, e *De forma mundi*, descritas por Ferrero (2014) como monografias etnográficas. Em diversas cartas, relata seus problemas, como na passagem inicial da carta 104, em que menciona

Fui para a minha quinta de Nomento para fugir... imagina a quê? À cidade? Não, a um acesso de febre, de uma febre bastante insidiosa que já começara a agarrar-me com força. O médico dizia que os indícios lá estavam: pulsação acelerada e irregular, completa alteração do ritmo normal.<sup>18</sup>

Na carta 78, declara a Lucílio:

Lamento saber que sofres frequentemente de gripe, e daquelas febres ligeiras e irritantes que as gripes prolongadas, e já quase ininterruptas, arrastam consigo. E lamento-o tanto mais quanto eu próprio também experimentei esse tipo de doença. A princípio não me preocupei: a minha juventude era ainda capaz de aguentar as maleitas e de resistir

<sup>14</sup> Sêneca, *Epistulae morales*, 58. 5.

<sup>15</sup> Juvenal, *Sátira* 5

<sup>16</sup> Tácito, *Annais* 12. 8.

<sup>17</sup> Séxtio Níger escreveu tratados sobre farmacologia e plantas medicinais em grego. (HORNBLLOWER e SPAWFORT, 1999, p. 1398)

<sup>18</sup> Sêneca, *Epistulae morales ad Lucilium*, 104. 1: *In Nomentanum meum fugi - quid putas? urbem? immo febrem et quidem subrepentem; iam manum mihi iniecerat. Medicus initia esse dicebat motisuenis et incertis et naturalem turbantibus modum.* (Tradução: Segurado e Campos)

bravamente aos ataques da doença! Mas por fim fui-me abaixo, e cheguei ao ponto de ficar quase tuberculoso e reduzido a uma extrema magreza. Muitas vezes senti vontade de pôr termo à vida.<sup>19</sup>

Apesar disso, a saúde do corpo, de acordo com sua filosofia, não deveria ser uma preocupação, visto que, segundo ele, “está à mercê do tempo e o médico, se a pode restituir, não a pode garantir perpetuamente, e tanto assim é que com frequência o mesmo doente o volta de novo a chamar; a saúde da alma, essa – obtém-se de uma vez por todas – e totalmente!”<sup>20</sup>. A saúde, embora preferível, não pode constituir um entrave na vida do verdadeiro homem de virtude.

Nos últimos anos de sua vida, com as mudanças em sua condição física, Sêneca busca afastar-se da vida pública, mas esse desejo lhe é negado por Nero<sup>21</sup>. Nesse prisma surge em suas cartas o tema do suicídio, principalmente desenvolvido nas cartas 58 e 70 das *Epistulae Morales ad Lucilium*. Apesar disso, aponta Manjarrés (2001, p. 107), encontrava-se em estado salutar para alguém que sofrera com enfermidades a vida toda, tendo em vista seus hábitos de vida e como resultado de “uma alimentação frugal e prática regular de exercícios físicos moderados”<sup>22</sup>.

### 1.1b Educação e cultura filosófica

Durante a juventude e maioridade de Sêneca, Roma já era dotada de um grande número de professores de gramática e filósofos, em grande parte gregos, o que não ocorreu na época republicana. De início, era inclinado ao pitagorismo, momento em que se converteu ao vegetarianismo, seguindo os preceitos da reencarnação em outros seres propostos por Pitágoras, o que poderia abrir margens, segundo essa linha, para o cometimento de um crime, como o parricídio. Ele mesmo menciona na carta 108: “Uma vez que comecei a descrever-te o entusiasmo enorme, depois mitigado pela idade, com que em jovem me dediquei à filosofia, não sentirei vergonha em revelar-te também a paixão que Pitágoras despertou em mim.”<sup>23</sup>. Suas escolhas pessoais trouxeram grande preocupação à família, em um período em que Tibério reprimia com mais vigor toda manifestação religiosa destoante da religião dominante – e, nesse caso, o

<sup>19</sup> Sêneca, *Epistulae morales ad Lucilium*, 78. 1-2: *Vexari te destillationibus crebris ac febriculis, quae longas destillationes et in consuetudinem adductas sequuntur, eo molestius mihi est quia expertus sum hoc genus ualetudinis, quod inter initia contempsi - poterat adhuc adulescentia iniurias ferre et se aduersus morbos contumaciter gerere - deinde succubui et eo perductus sum ut ipse destillarem, ad summam maciem deductus. Saepe impetum cepi abrumpendae uitae.* (Tradução Segurado e Campos)

<sup>20</sup> Sêneca, *Epistulae morales ad Lucilium*, 72. 6: *Corpori enim ad tempus bona ualetudo est, quam medicus, etiam si reddidit, non praestat — saepe ad eundem qui aduocaverat excitatur: animus semel in totum sanatur.* (Tradução: Segurado e Campos)

<sup>21</sup> Na carta 73, 4 das *Epistulae Morales*, Sêneca menciona o desejo de se afastar do Senado, do Foro e dos cargos administrativos.

<sup>22</sup> Manjarrés, 2001, p. 107: *una alimentación frugal y de la práctica regular de ejercicios físicos moderados.*

<sup>23</sup> Sêneca, *Epistulae morales ad Lucilium*, 108. 17: *Quoniam coepi tibi exponere quanto maiore impetu ad philosophiam iuuenis accesserim quam senex pergam, non pudebit fateri quem mihi amorem Pythagoras iniecerit.* (Tradução: Segurado e Campos)

vegetarianismo era hábito adotado pelos judeus<sup>24</sup> e pelos devotos de Ísis.

Sua busca por uma linha filosófica que melhor explicasse seus questionamentos sobre a vida convergiu para o estoicismo, que não só permitia uma vida contemplativa como o exercício político. Assim, em seus escritos sobre a filosofia, Sêneca se concentra na ética estoica.

Sua obra remanescente abrange diversos interesses que se manifestam em diferentes gêneros literários: consta de nove tragédias (*Hercules furens*, *Troades*, *Phoenissae*, *Medea*, *Phaedra*, *Oedipus*, *Agamemnon*, *Thyestes*, *Hercules Oetaeus*), uma invectiva satírica contra Cláudio (*Apocolocyntosis diui Claudii*) e, entre as chamadas “obras filosóficas”, temos as 124 *Epistulae morales ad Lucilium*, em vinte livros (há notícias de pelo menos mais um perdido);<sup>25</sup> três tratados filosóficos, *De beneficiis*, *De clementia* e as *Naturales quaestiones*, os dois primeiros de caráter ético-político, o terceiro um tratado de história natural, sobre a *physiké*, que na antiguidade era parte da filosofia; dez diálogos filosóficos, em doze livros: *Ad Lucilium de prouidentia*; *Ad Serenum de constantia sapientibus*; *Ad Nouatum de ira*, em três livros; *Ad Gallionem de uita beata*; *Ad Serenum de otio*; *Ad Serenum de tranquillitate animi*; *Ad Paulinum de breuitate uitae*; *Consolatio ad Polybium*; *Consolatio ad Heluiam matrem*; *Consolatio ad Marciam*. Distinto aluno, diante de seu vasto conhecimento sobre retórica, gramática e oratória, história e filosofia, transitou entre os diversos ramos da literatura, concentrando-se nas tragédias e tratados filosóficos. Mesmo estando seus escritos nas mãos de diversos jovens desde aquela época, recebeu críticas de Quintiliano (*Institutio oratoria*, 10, 1, 125), que considerava seu estilo “corrompido” e “cheio de defeitos”, apesar de admitir que ele era um homem talentoso, detentor de profundos conhecimentos da cultura e de grandes qualidades.

É possível interpretar que o ecletismo e as inovações de Sêneca se estendiam a todos os campos da sua atuação, desde o uso flexível dos gêneros, entre os quais transitava de maneira pouco convencional, até na própria filosofia, uma vez que, conforme Manjarrés (2001, p. 35)

Ele nunca esteve rigidamente vinculado a uma escola. Ele pode ser bem seguido em suas inclinações filosóficas: começou por ser entusiasta do pitagorismo, reconheceu os valores do epicurismo, foi amigo pessoal de um cínico conflituoso como Demétrio e acabou se

<sup>24</sup> Merrill (1919, p. 365) indica que, segundo relatos de Tácito, escândalos envolvendo desvios de presentes e outros atos de judeus fizeram com que Tibério tomasse medidas para que eles fossem afastados de Roma. Nesse sentido, mais de 4.000 judeus foram recrutados e enviados para servir na Sardenha, que enfrentava, então, uma peste. Essa medida tinha como objetivo contornar os trâmites legais, visto que a *relegatio* não podia ser aplicada arbitrariamente. Mais à frente, em nota, afirma que havia uma preocupação do pai de Sêneca em relação a seu hábito excêntrico apontado na carta 108, de evitar o consumo da carne, para que não houvesse uma má interpretação que levasse à ideia de que ele poderia ter se convertido ao judaísmo.

<sup>25</sup> Ainda no campo da epistolografia filosófica, apesar da autoridade de Jerônimo (*de Vir. Ill.* 12), não há consenso entre os estudiosos sobre a autenticidade da correspondência com o apóstolo Paulo, constituída por 14 cartas, oito de Sêneca e 6 de Paulo. Após um longo período em que foi considerada espúria, hoje há estudiosos que defendem a atribuição de quase todas as cartas ao filósofo estoico e ao apóstolo. (SEGURADO E CAMPOS, 2004, p. XI)

comprometendo com uma visão particular do estoicismo.<sup>26</sup>

Exemplo disso são as cartas enviadas a Lucílio, as *Epistulae Morales*. O autor utilizou o gênero epistolar de modo inovador, elaborando cartas filosóficas em forma de um guia no caminho para tornar-se um sábio, para o cultivo da virtude. Sua originalidade filosófica e literária é notável, como aponta Segurado e Campos (2004, p. XLIV),

Quais as “fontes” utilizadas por Sêneca nos seus escritos, e nomeadamente nas *Epistulae*? A lista dos autores referidos no texto é considerável (e certamente não comporta a totalidade dos que Sêneca conheceu), desde filósofos a poetas e oradores das mais variadas tendências. Se nos fixarmos apenas na lista dos filósofos, nela encontramos os antigos mestres do Pórtico (Zenão, Cleantes, Crisipo), os pensadores do estoicismo “médio” (Panécio e Posidônio), vários outros adeptos da Stoa, Sócrates, Platão e Aristóteles, mestres não identificados individualmente mas apenas pelo nome da escola (cínicos, cirenaicos, peripatéticos), pensadores romanos (Cícero, os Sêxtios), os mestres da juventude de Sêneca (Papírio Fabiano, Demétrio), e não fica esgotado o elenco.

A forma de encarar e aceitar os preceitos filosóficos é, portanto, muito particular em Sêneca. Ora ele se aproxima do estoicismo, ora critica Zenão e flerta com o epicurismo, e tudo isso tem como base uma vivência que lhe permitiu selecionar, com rigor, tudo o que daria aporte para uma existência virtuosa e que lhe permitiria aproximar-se da sapiência. Nesse sentido, seguindo os preceitos de aplicação da filosofia à vida, cultivou hábitos de vida e alimentares que ele mesmo descreveu em cartas. Dada sua condição de saúde, considerada, por exemplo, na carta 54, afastou-se diversas vezes da política:

A falta de saúde tinha-me permitido gozar uma prolongada licença, mas de repente abateu-se de novo sobre mim. Vais perguntar-me qual foi desta vez a doença, e tens razão em fazê-lo, pois não há maleita que eu não tenha experimentado. Há uma, porém, à qual desde sempre tenho sido fiel; e a essa doença não vejo razão para designá-la com o seu nome grego de "asma", pois a palavra latina *suspirium* transmite perfeitamente o mesmo significado.<sup>28</sup>

Sobre seu empenho para a realização filosófica, até mesmo o momento de sua morte é narrado como tendo ocorrido de forma grandiosa por Tácito.

### 1.1c Vida política

<sup>26</sup> Manjarrés, 2001, p. 35: *Nunca se ató rigidamente a una escuela. Se le puede seguir bien en sus inclinaciones filosóficas: comenzó entusiasmándose con el pitagorismo, reconoció los valores del epicureísmo, fue amigo personal de un cínico conflictivo como Demetrio y terminó comprometiéndose con una visión particular del estoicismo.*

<sup>28</sup> Sêneca, *Epistulae morales*, 54, 1-2: *Longum mihi commeatum dederat mala ualetudo; repente me inuasit. 'Quo genere?' inquis. Prorsus merito interrogas: adeo nullum mihi ignotum est. Vni tamen morbo quasi assignatus sum, quem quare Graeco nomine appellem nescio; satis enim apte dici suspirium potest. (...)* (Tradução: Segurado e Campos)

Tanto as relações políticas de Sêneca, o Velho, como as origens de Hélvia, sua mãe, propiciaram o encaminhamento político do filho, uma vez que aquele tinha como compatriota um senador, Júnio Gálio, e esta possuía relações familiares com o prefeito do Egito<sup>29</sup>. Conhecido professor de retórica (HORNBLLOWER e SPAWFORT, 1999, p. 95), Sêneca Pai introduziu os filhos, ambos Sêneca e seu irmão, nos círculos políticos da sociedade coeva; porém, sua vida pública se iniciou relativamente tarde, principalmente em função de sua inclinação para a filosofia e seus problemas de saúde (GRIFFIN, 2003, p. 46). Outra situação que adiou seu ingresso na política foi a queda de Sejano<sup>30</sup>, pois seus simpatizantes acabaram perdendo influência, entre eles a família de Sêneca, o Velho.

Em um momento propício para os homens de cultura, com a ascensão do círculo de Mecenas e as influências dos filósofos e poetas nas decisões dos grandes imperadores, como Augusto, que frequentemente recorria a Atreu e Atenodoro em busca de conselhos, o exercício intelectual muitas vezes era associado à vida política. Manjarrés (2001, p. 29) indica que “os romanos tiveram a grande virtude de assumir e difundir – não sem introduzir inovações – todos os ramos da cultura e do conhecimento dos povos subjugados, de modo particularmente intenso dos gregos”<sup>31</sup>. Mesmo nesse contexto, com aspirações grandiosas para seus filhos e diante de um cenário favorável para o ingresso na vida política, Sêneca Pai deixa claro, em alguns momentos, seu descontentamento com os rumos tomados por Sêneca, o Jovem, o que se confirma na epístola 108 a Lucílio, na qual Sêneca revela a oposição do pai em relação aos seus estudos de filosofia e a seus hábitos ascéticos.<sup>32</sup>

Sob o governo de Calígula, tornou-se questor. Recebeu dele críticas,<sup>33</sup> mas também reconhecimento por sua influência no período. Ainda assim, foi condenado à morte após uma brilhante defesa, sentença que acabou por ser revogada ante a notícia de que o filósofo estaria doente e a ponto de morrer naturalmente (CONTE, 1999, p. 408). Ingressou, posteriormente, no senado com ajuda e influência de sua tia. No ano de seu ingresso, 39, iniciou-se a repressão através da *lex maiestatis* imposta por Calígula, em que traições eram reprimidas e os traidores punidos,

<sup>29</sup> A meia-irmã de Hélvia foi casada com Caio Galério, representante de Tibério como prefeito do Egito de 16 a 32 d.C. Assim indicam Griffin (2003, p. 46) e Manjarrés (2001, p. 24).

<sup>30</sup> A família de Sêneca era muito ligada à política de Sejano e mantinha laços com o imperador (MANNING, 1981, p.5)

<sup>31</sup> Manjarrés, 2001, p. 29: *Los romanos tuvieron la gran virtud de asumir y difundir – no sin introducir innovaciones – todas las ramas de la cultura y del conocimiento de los pueblos sometidos, de modo particularmente intenso de los griegos.*

<sup>32</sup> Sêneca autor indica que seu pai insiste no retorno aos antigos hábitos após sua adesão a uma dieta sem carne. (SÊNECA, *Epistulae morales*, 108, 22)

<sup>33</sup> Calígula, de acordo com Suetônio, teria chamado o estilo de Sêneca *harenam esse sine calce*, “areia sem cal”. (SUETÔNIO, *Calígula*, 53)

sendo uma das formas de arrecadação de fundos para os espetáculos e jogos públicos. Ausentou-se, entretanto, de qualquer conjuração contra o imperador, estando abaixo de qualquer suspeita. Nesse período, escreve a *Consolatio ad Marciam*.

### 1.1d Exílio, sua vivência e a produção literária em Sêneca

Após a morte de Calígula, Cláudio é nomeado seu sucessor. Nesse período, em 41, Sêneca sofre um processo no Senado, onde possuía alguns inimigos, em que é acusado de adultério com Júlia Lívila, irmã de Calígula, e condenado ao exílio por oito anos na Córsega (CONTE, 1999, p. 408). Especula-se que tenha sido um conluio promovido por Messalina, esposa de Cláudio, para se livrar de seus oponentes. Nesse exílio, dedica-se aos estudos e escreve a *Consolatio ad Heluiam Matrem*, *Consolatio ad Polybium*, *De ira*<sup>34</sup> e algumas de suas tragédias<sup>35</sup>. A *Consolatio ad Polybium* apresenta fortes traços de intenções políticas, uma vez que utiliza essa carta para suplicar a Cláudio por meio de elogios e pedidos indiretos a revogação de sua sentença, o que somente ocorreu após a queda de Messalina e ascensão de Agripina enquanto esposa do imperador. Ao retornar do exílio, casou-se com Paulina.

Etimologicamente, a palavra exílio, originalmente proveniente de *exsul*, deriva de duas outras palavras latinas: a preposição *ex*, que indica que indica o movimento de dentro pra fora, por causas externas, não por vontade, e o advérbio *solum*, que significa só, ou seja, estar fora da pátria sozinho (FORCELLINI, 1940, p. 381). Nesse sentido, o exílio indica que o indivíduo deve deixar seu país, sua casa, porque alguém o decide. O exílio foi parte da vida de muitos autores antigos e modernos, período no qual muitos deles escreveram suas melhores obras, como Sêneca, Ovídio, Dante e Shakespeare, e no caso de Cícero, tomou importância maior em seu estilo e no desenvolvimento de obras com temas filosóficos.

Nesse sentido, é importante frisar que era uma ferramenta utilizada contra a aristocracia como forma de punição para crimes políticos. Com o intuito de autoproteção ou de forma imposta por uma autoridade superior, o exílio se dava a partir do afastamento da pátria original objetivando, em geral, não só prevenir disputas políticas, como também controlar o ambiente político romano, na tentativa de fixar a *concordia ordinum* (FRIGHETTO, 2019), principalmente em situações consideradas crimes ou transgressões que poderiam colocar em risco a ordem social.

<sup>34</sup> Monteleone (2013, p. 127) indica que há sugestões de que a obra pode ter sido escrita após a morte de Calígula.

<sup>35</sup> Sousa (2011, p. 17) aborda a dificuldade para a datação de suas tragédias, e sobre elas afirma que “Há quem as remeta para o período de exílio na Córsega (41-49) e para os últimos anos da vida do autor. Outros, com base em estudos estilísticos e métricos, distribuem-nas por um período de tempo considerável, à semelhança das obras em prosa, que vão desde os anos 30 até 65.”

O exílio<sup>36</sup> de Sêneca ocorre em 41 d.C.<sup>37</sup>. Teve que se afastar de Roma em decorrência dos problemas políticos com Cláudio, sendo enviado para a ilha de Córsega. Segurado e Campos (2004, p. XXI) afirma que ele

sempre viveu plenamente inserido na vida e participou nos problemas da Roma do tempo, numa carreira ímpar em que conheceu a fama como orador, quase foi vítima de um crime político, sofreu o exílio ainda em consequência de intrigas políticas, regressou em triunfo<sup>38</sup> e durante alguns anos exerceu na prática o poder, para conhecer enfim a desgraça e vir a ser constringido ao suicídio para evitar a execução por alegada participação numa conjura para derrubar o imperador.

Nos 8 anos de exílio, terminou de escrever muitas tragédias, com traços específicos e algumas particularidades que as diferenciam das tragédias que antes haviam sido escritas.<sup>39</sup> Assim, os textos anteriores a Sêneca para esse gênero eram escritos para representação; sobre as obras de Sêneca, há debates acerca das possibilidades de encenação que, segundo alguns autores, é questionável; para outros, é possível<sup>40</sup>. Nas poesias dramáticas anteriores, muitos elementos não eram descritos, como a própria morte, que era somente indicada. Mas em Sêneca, ela toma outras proporções: um grande exemplo encontra-se em *Hercules Oeateus*, em que o autor descreve como a chama consome o herói da mesma forma que o manto que queima em sua pele. Em *Hércules Furens*, os versos 1006-7 detalham o cérebro de seu filho suplicante que impregna o teto e no verso 1025 a cabeça de sua mulher é separada do corpo. Na *Medeia*, de Sêneca, é possível quase sentir o sangue nos detalhamentos do ato, o que na *Medeia* de Eurípides não existe. A capacidade de transmitir a imagem a quem lê é, portanto, um traço muito específico que amadureceu no exílio.

Várias obras que conhecemos<sup>41</sup> desse período demonstram que o isolamento e afastamento de Roma se tornou sua realização literária definitiva, visto que almejava se tornar um sábio. Nesse ínterim, as consolações se destacam como obras em que o autor aborda diretamente o tema do exílio, escritas em linguagem quase poética, porém concisa, carregadas de símiles, *exempla* e *sententiae*. Na *Consolatio ad Heluiam matrem*, por exemplo, Sêneca trabalha com uma

<sup>36</sup> Segundo Habinek (2014, p. 9), o termo preciso é a *relegatio*, uma forma mais branda de punição em que o exilado poderia reter parte de seus bens. As diferenças entre os tipos de exílio serão aprofundadas no desenvolvimento do trabalho.

<sup>37</sup> Sêneca foi acusado por Messalina de adultério com Júlia Livila, sobrinha do imperador, a partir da *Lex Iulia de Adulteriis Coercendis* (DIO, 60. 8).

<sup>38</sup> Sêneca retorna do exílio sob ordem de Agripina, mãe de Nero, para se tornar, junto com Burro, um dos preceptores do futuro imperador.

<sup>39</sup> Diferente das tragédias de Sêneca, para serem lidas, as tragédias da literatura até aquele momento, tanto da Grécia quanto de Roma, eram escritas para a representação, e uma das dificuldades de tradução do teatro que se representa fisicamente reside em grande parte da linguagem não ser verbal.

<sup>40</sup> Em português, há a obra de Ângelo Ricci (1967), *O teatro de Sêneca*, em que o autor defende a impossibilidade de encenação com base no conteúdo altamente filosófico das peças.

<sup>41</sup> *De tranquillitate animi*, *De breuitate uitae*, *De otio*, a última parte do *De clementia*, *De beneficiis* – que a princípio era uma obra política, composta de sete livros, que ele terminou no exílio



composição ordenada, elencando as dores de sua mãe com o objetivo de aplacar a tristeza causada pelo seu próprio exílio, demonstrando que um espírito que passou por tantas provações não deve se abater diante de mais uma. Nessa carta, Sêneca deixa clara a sua visão sobre o afastamento: algo que não pode fazê-lo infeliz, sob nenhuma circunstância (*Consolatio ad Helviam matrem*, IV, 2), definindo-o como uma simples mudança de lugar (*Consolatio ad Helviam matrem*, VI, 1) como ocorre corriqueiramente, concluindo: ‘Nos confins do mundo não há exílio’ (VIII, 5).

Na *Consolatio ad Polybium*, homem influente na política romana junto ao imperador, ele elogia insistentemente Cláudio, com objetivo de obter vantagens políticas e reverter sua condenação<sup>42</sup>:

Governando ele as terras e mostrando quanto melhor por benefícios que por armas o poder é conservado, comandando ele os assuntos humanos, não há risco de que sintas teres perdido algo: nisso apenas há bastante segurança e bastante consolo para ti. Ergue-te e, quantas vezes brotarem lágrimas de teus olhos, tantas os dirige para César: estarão secos pela visão do maior e mais ilustre deus; e o brilho dele, de modo que nada mais possam olhar, vai atingi-los e detê-los fixos sobre si próprio.<sup>43</sup>

Já em *Consolatio ad Marciam*, também se dirige a uma mulher da aristocracia com intenção de consolá-la pela perda do filho, utilizando-se principalmente de *exempla*. A intenção política da carta tem sido cogitada, a partir da menção a personagens políticas<sup>44</sup>, com objetivo de uma tentativa de desvinculação de sua imagem daquela de Sejano.<sup>45</sup>

O exílio para Sêneca é muito importante literária e pessoalmente, diante da conclusão de tantos trabalhos e cartas, da elaboração do seu estilo e por desenvolver-se filosoficamente, o que se estendeu até sua morte, em 65 d.C. As cartas escritas no exílio, em Sêneca, são muito filosóficas em que ele aborda assuntos sempre íntimos, reflexões profundas e que valem para todos os homens. Se nas cartas de Cícero não se observam esperanças diante da situação do exílio, entretanto, o contrário é visto em Sêneca:

Vou empobrecer: serão mais numerosos os meus semelhantes. Vou ser exilado: imaginarme-ei nascido no local do meu exílio. Vou ser amarrado: e então, será que agora tenho os movimentos livres, eu, que a natureza criou amarrado a este peso que é o meu próprio

<sup>42</sup> A extensa lisonja será confrontada em sua obra *Apocolocyntosis diui Claudii*, em que zomba do imperador e demonstra seus reais pensamentos quanto à sua atuação no poder.

<sup>43</sup> *Consolatio ad Polybium*, XII: *illo moderante terras et ostendente quanto melius beneficiis imperium custodiatur quam armis, illo rebus humanis praesidente non est periculum, ne quid perdidisse te sentias; in hoc uno tibi satis praesidi, solaci est. Attolle te et, quotiens lacrimae suboriuntur oculis tuis, totiens illos in Caesarem derige: siccabuntur maximi et clarissimi conspectu numinis; fulgor eius illos, ut nihil aliud possint aspicere, praestringet et in se haerentes detinebit.* (Tradução: Trevizam, 2007)

<sup>44</sup> A carta menciona Cremúcio Cordo, Lívia, Tibério.

<sup>45</sup> Sauer, 2014, p. 138: *When he praises Tiberius, he is detaching him from Sejanus, too, and putting himself firmly in the position of a loyal subject of the emperor.* – “Quando elogia Tibério, ele também o separa de Sejano e se coloca firmemente na posição de súdito leal do imperador.”

corpo? Vou morrer: quer dizer, vou deixar de poder estar doente, de poder ser amarrado, vou deixar de estar sujeito à morte!<sup>46</sup>

Para ele, o exílio se encontra, juntamente com a morte, no campo do indiferente<sup>47</sup>. Por "indiferentes", ele considera as situações nem boas nem más, coisas que não devem impactar a vida, como expressa na carta 82:

Entendo por "indiferentes", isto é, nem boas nem más, coisas como a doença, a dor, a pobreza, o exílio, a morte.<sup>48</sup>

Após o exílio, ficou encarregado da educação de Lúcio Domício Enobarbo, o futuro Nero, filho de Agripina e adotado por Cláudio, quando esse possuía apenas 11 anos. Em 54, após a morte do imperador em circunstâncias questionáveis que envolviam sua esposa, Nero ascende ao governo com 17 anos (HORNBLLOWER e SPAWFORTH, 1999, p. 95). Pouco tempo depois, dá a conhecer sua invectiva satírica, *Apocolocyntosis diui Claudii*, obra em que zomba do processo de apoteose do ex-imperador, ridicularizando-o, além de trazer aspectos políticos do novo governo de Nero, colocando-o como um grande imperador e sucessor de Augusto.

Diante das tentativas de Agripina de conquistar cada vez mais influência e poder, Sêneca, responsável pela formação cultural, e Burro, pela educação militar do imperador, tomam posição de conselheiros na tentativa de enfraquecer os planos da mãe de Nero, e ela acaba por perder influência e poder sobre as decisões do filho após falsas acusações,<sup>49</sup> sendo retirada do palácio e, mais tarde, condenada à morte no ano 59. Nesse período, aproximadamente em 56, havia escrito o tratado *De clementia*, na tentativa de aproximar Nero de Augusto, mencionado como um “príncipe gentil, se alguém começasse a avaliá-lo pelo período do seu principado”<sup>50</sup>.

O governo de Nero foi prolífico durante os anos de influência de Sêneca e Burro, até a morte deste, em 62, em que as crises se iniciaram devido a vários fatores, entre eles o assassinato da mãe do imperador e suas condutas duvidosas. As obras de Sêneca desse período são *De uita beata* e *De beneficiis*, e ele expressa o desejo de se afastar da vida pública para se dedicar à vida particular, o que lhe é negado.

<sup>46</sup> Sêneca, *Epistulae morales*, 14, 17: *Pauper fiam: inter plures ero. Exul fiam: ibi me natum putabo quo mittar. Alligabor: quid enim? nunc solutus sum? ad hoc me natura grave corporis mei pondus adstrinxit. Moriar: hoc dicis, desinam aegrotare posse, desinam alligari posse, desinam mori posse.* (Tradução: Segurado e Campos)

<sup>47</sup> Há muitas outras cartas em que menciona sua visão sobre a indiferença do exílio, como as cartas 24, 66, 85, 91 das *Epistulae morales*.

<sup>48</sup> Sêneca, *Epistulae Morales*, 82, 10: *tamquam indifferentia esse dico (id est nec bona nec mala) morbum, dolorem, paupertatem, exilium, mortem* (Tradução: Segurado e Campos, 2004)

<sup>49</sup> Agripina acusou Burro de conspiração para a queda de Nero e ascensão de Sila.

<sup>50</sup> Sêneca, *De clementia*, IX, 1: *Divus Augustus fuit mitis princeps, si quis illum a principatu suo aestimare incipiat.*

Com a degradação no comportamento de Nero, diante dos gastos, luxúrias e ordenação da morte de Otávia para se casar com sua amante, Sêneca se afasta cada vez mais do posto de conselheiro do imperador. Nesse período, escreveu *Naturales Quaestiones*, *De providentia*, e algumas de suas tragédias. Em busca da tranquilidade, passou um período em suas propriedades próximas a Roma e Nápoles, principalmente em busca de reabilitação de sua saúde, que se deteriora com o passar do tempo. Nesse ínterim, relata em cartas a Lucílio suas debilidades e seu direito ao suicídio<sup>51</sup>.

No ano 65 d.C., Sêneca é definitivamente acusado de ter informações e participação no plano para a derrubada de Nero e escolha de novo imperador. Diante de vários erros e delações entre os partícipes, o plano foi descoberto e Sêneca foi condenado ao suicídio, forma de morte que preservava os direitos aos ritos fúnebres e ao acesso aos bens para a família do morto. A descoberta da conjuração foi pretexto para Nero se livrar de vários políticos com os quais não tinha afinidade.

De acordo com Tácito,

Quando Sêneca pronunciou palavras como essas como se fossem para serem ouvidas por todos, ele abraçou sua esposa e, suavizando-se por um momento diante de sua evidente agitação, pediu e implorou que ela moderasse sua dor e não a aceitasse para sempre, mas, ao refletir sobre uma vida vivida em virtude, ela deveria usar esse honroso consolo para tornar tolerável a perda de seu marido. Em resposta, ela afirmou que ela também tinha planos de morrer e exigiu a mão do agressor. Então Sêneca, não se opondo à sua grandeza e ao mesmo tempo ternamente relutante em abandonar sua única amada ao ferimento, disse: “Eu havia apontado os paliativos da vida a ti, mas preferes o prestígio da morte. Não vou invejar teu exemplo. Num desenlace tão corajoso como este, deixe que a mesma firmeza esteja ao alcance de nós dois, mas que o seu final tenha maior brilho”. Depois disso, eles cortaram os braços com o mesmo golpe de espada.<sup>52</sup>

Segundo o relato, abriu as veias dos braços e pernas, mas, ainda assim, a morte era lenta e dolorosa, tanto para ele como para sua esposa Paulina que o assistia. Tentou tomar um veneno previamente preparado, mas não houve efeito. Por fim, entrou em uma banheira de água quente e ali conseguiu obter o fim ao seu sofrimento. Sua morte pelo suicídio pode ser comparada à morte de Sócrates, e alguns autores a associam, inclusive, à tragédia *Hercules Oetaeus*, obra em que o

<sup>51</sup> Principalmente na carta 70 das *Epistulae Morales*, o autor menciona o tema de suicídio como uma saída muitas vezes honrosa.

<sup>52</sup> Tácito, *Annales*, 15. 63. 1-2: *Ubi haec atque talia uelut in commune disseruit, complectitur uxorem, et paululum aduersus praesentem fortitudinem mollitus rogat oratque temperaret dolori neu aeternum susciperet, sed in contemplatione uitae per uirtutem actae desiderium mariti solaciis honestis toleraret. illa contra sibi quoque destinatam mortem adseuerat manumque percussoris exposcit. tum Seneca gloriae eius non aduersus, simul amore, ne sibi unice dilectam ad iniurias relinqueret, "uitae" inquit "delenimenta monstraueram tibi, tu mortis decus mauis: non inuidebo exemplo. sit huius tam fortis exitus constantia penes utrosque par, claritudinis plus in tuo fine." post quae eodem ictu brachia ferro exsoluunt. Seneca, quoniam senile corpus et parco uictu tenuatum lenta effugia sanguini praebebat, crurum quoque et poplitum uenas abrumpit; saeuisque cruciatibus defessus, ne dolore suo animum uxoris infringeret atque ipse uisendo eius tormenta ad impatientiam delaberetur, suadet in aliud cubiculum abscedere. et nouissimo quoque momento suppeditante eloquentia aduocatis scriptoribus pleraque tradidit, quae in uulgo edita eius uerbis inuertere supersedeo.*

herói alcança a sapiência e atinge a apoteose ao entrar em uma pira, culminando na queima da matéria física, na elevação de seu espírito e na transformação em constelação.

## 1.2 A filosofia

### 1.2a Escolas filosóficas em Roma: o estoicismo

O estoicismo surgiu com Zenão de Cítio, por volta do século III a.C., como uma nova linha filosófica do período helenístico. Denominada por Russel (1957, p. 293) como a menos grega dentre as escolas de filosofia helenística, devido ao fato de os estoicos iniciais serem, na maior parte, sírios e por suas influências caldeias, há poucos materiais supérstites dos primeiros estoicos, sendo consideradas as principais fontes sobre o estoicismo as obras que se preservaram do primeiro e segundo séculos da nossa era em Roma.

Sedley (2003, p.7) ressalta a divisão tradicional do estoicismo em três fases: o estoicismo primário, que vai da fundação da escola estoica por Zenão até o final do segundo século, o estoicismo médio e o estoicismo romano, em que se concentram as obras de Sêneca, Marco Aurélio e Epiteto. Cada uma das fases representa, dentro de suas particularidades, as interpretações e compreensões do que é ser estoico.

Os primórdios da escola, como mencionado, se deram em Atenas, metrópole cultural da Grécia, com Zenão, que teve como sucessores Cleanto e Crisipo, todos provenientes da parte oriental do Mediterrâneo. Chamado de ‘o Fenício’ (SEDLEY, 2003, p. 9), Zenão nasceu em Cítio, em Chipre, e começou seus estudos filosóficos a partir de livros sobre a filosofia de Sócrates, o que explica a influência socrática<sup>53</sup> em suas visões, além do cinismo, levando-o a abominar as convenções sociais como casamento, tradicionalismo e diferenciação entre os sexos em sua fase pré-estoica comoaborda, por exemplo, em sua obra *A República*<sup>54</sup>. Foi orientado por grandes mestres da filosofia, entre eles Polemon, de quem herdou a visão da vida em conformidade com a natureza, e o megárico<sup>55</sup> Estilpo, de quem herdou principalmente a visão cínica e socrática de que o que ocorre com os bens materiais e o corpo físico não pode ser considerado bom ou ruim, nem mesmo influenciar a evolução moral do indivíduo. Daí é possível observar as raízes do estoicismo,

<sup>53</sup> Sedley (2003, p. 11) indica que os estoicos eram chamados genericamente de ‘socráticos’.

<sup>54</sup> Obra de Zenão, em que ele estabelece que a sociedade ideal seria pautada na rejeição das convenções, até mesmo para regras morais básicas. Os estoicos, posteriormente, se afastaram dessa concepção. (HORNBLOWER, SPAWFORTH, 1999, p. 1635)

<sup>55</sup> A escola Megárica de filosofia foi fundada por Euclides de Mégara e era fundamentada em pensamentos socráticos e eleáticos (HORNBLOWER, SPAWFORTH, 1999, p. 951)

que considera os bens físicos e materiais dentro do campo do indiferente, sem valor associado.

Os discípulos dessa escola eram inicialmente chamados de Zenonianos, posteriormente de estoicos devido à *stoa*<sup>56</sup> em que costumavam se reunir. Zenão morreu em 262 a.C., e a escola estoica se tornou uma das mais importantes da época, sobrepujando outros movimentos e, nesse campo, somente a linha filosófica epicurista tinha força e prestígio para se comparar à escola estoica. Posterior à sua morte, a *stoa* foi dirigida por Cleantes e mais tarde por Crisipo<sup>57</sup>, a quem são atribuídas obras em mais de 700 volumes<sup>58</sup> sobre o estoicismo.

A influência socrática no estoicismo é significativa, visto que a ética estoica, a bondade, sabedoria e visão de sábio são inspiradas nas ideias dessa corrente filosófica. Mesmo a morte de Sócrates<sup>59</sup> foi modelo para estoicos romanos como Sêneca e Catão<sup>60</sup>.

Hadot (1999, p. 189) assevera que o discurso estoico é tripartite, dividido em lógica, física e ética, um posicionamento que parece remontar ao próprio Zenão que, segundo Russell (1957, p. 300), comparava a filosofia a um ovo: casca, clara e gema como seus respectivos representantes. Física e ética se interligam, uma vez que a física precisa, assim como no epicurismo, ter uma finalidade ética, sendo a natureza uma fonte de estudos e investigação. No estoicismo, tudo está inter-relacionado, ou seja, no universo, todas as coisas coexistem, homem e natureza, em perfeita ordem. A física estoica parece ter influência de Heráclito no que diz respeito ao papel do fogo como matéria primária e grande fonte de poder. A lógica é ampla e ligada ao que se compreende como epistemologia, além do estudo dos argumentos e dos discursos.

Nesse viés, segundo Hadot (1999, p. 196): “São assim, indiferentes, a vida e a morte, a saúde e a doença, o prazer e o sofrimento, a beleza e a fealdade, a força e a fraqueza, a riqueza e a pobreza, a nobreza e o vulgo (...)”. Portanto, um acontecimento indiferente não deve ser julgado como um mal, visto que só há o mal moral. Importante evidenciar duas teorias: a teoria moral, em que a intenção moral, o que é bom ou mau, é o que depende do indivíduo, sendo o que está além de sua vontade indiferente; e a teoria dos deveres, ou das ações apropriadas, que dita ser possível atribuir um valor relativo às coisas indiferentes com o intuito de guiar a conduta em prol do bem comum (casar, servir à pátria e outras ações da vida social e política) e da conservação humana.

---

<sup>56</sup> Espécie de pórtico aberto, em geral ao redor de ágoras e praças. (HORNBLLOWER, SPAWFORTH, 1999, p. 1445)

<sup>57</sup> Crisipo (280-207 a.C) foi aluno de Cleantes e adotou a postura estoica ortodoxa, explicando todos os pontos do estoicismo de maneira bem fundamentada em suas obras. (HORNBLLOWER, SPAWFORTH, 1999, p. 329)

<sup>58</sup> Fonte: Britannica, The Editors of Encyclopaedia. "Chrysippus". *Encyclopedia Britannica*, 20 Jun. 2017, <https://www.britannica.com/biography/Chrysippus>. Accessed 18 October 2023.

<sup>59</sup> O autor aponta que os hábitos de indiferença, simplicidade e, principalmente, a serenidade diante da morte tornaram-no um dos principais exemplos para os estoicos (RUSSELL, 1957, p. 994).

<sup>60</sup> Marcos Catão de Útica foi um famoso estoico cujo suicídio é recordado, visto que era tido como modelo de virtude, apesar de suas atitudes obstrucionistas em relação à política de César. (GRIFFIN, 1986, p. 194)

Marco Aurélio, em suas *Meditações* (Livro II, 11), destaca a indiferença quanto à morte e a vida, a dor e o prazer, como não sendo nem bens nem males.

Em sua primeira fase, alguns importantes Zenonianos como Aríston de Quio<sup>61</sup> e Hérilos de Cartago<sup>62</sup>, ainda tinham ressalvas quanto à filosofia, com críticas, por exemplo, à física e à lógica, apesar da proximidade com a escola (ARNOLD, 2014, p. 93). Muito do que se estabeleceu como canônico ganhou forças após a morte de Zenão, período em que ele se torna figura central da doutrina estoica e seus escritos tomam autoridade inquestionável. Posteriormente, Russell (1957, p. 300) indica as modificações principalmente estabelecidas por Panécio e Posidônio, período em que houve um abandono do materialismo e uma aproximação com o platonismo no que diz respeito à concepção de morte e ciclo da vida.

No período romano do estoicismo, as três áreas primárias do estoicismo ortodoxo, ética, lógica e física, continuaram como centro dos estudos. No período Júlio-Claudiano, houve um ambiente propício para o desenvolvimento dessa filosofia, com importantes autores como Atenodoro de Tarso<sup>63</sup>, Ário Dídimos<sup>64</sup> e Sêneca como conselheiros de imperadores. Posteriormente, na era dos imperadores Flavianos, ressaltam-se Musônio Rufo, Epiteto e Dião Crisóstomo. Já no reinado de Adriano e dos imperadores Antoninos, as atividades culturais no mundo greco-romano encontraram terreno ainda mais fértil, destacando-se a figura do imperador Marco Aurélio, que escreveu as *Meditações*, fortemente influenciado pelo estoicismo. Os cristãos, posteriormente, absorveram muito das práticas estoicas.

Baltzly (1997) ressalta que “ao considerar as doutrinas dos estóicos, é importante recordar que eles pensam a filosofia não como um passatempo interessante ou mesmo um acervo de conhecimentos, mas como uma forma de viver”<sup>65</sup>. Ele também indica que a filosofia ganhou maior popularidade que o Platonismo e que o Aristotelismo tendo em vista que ensina a lidar, de forma direta e prática, com problemas com os quais a maior parte das pessoas se preocupa, tais como “a morte, o sofrimento, grande riqueza, pobreza, poder sobre outros e escravidão”<sup>66</sup>. É possível mencionar, além de Sêneca, grandes personalidades influenciadas por essa linha filosófica, como

---

<sup>61</sup>Pupilo de Zenão, Aríston de Quio rejeitou física e a lógica, focando na ética, cujos conceitos abarcou também com ressalvas, uma postura pouco ortodoxa. (HORNBLLOWER, SPAWFORTH, 1999, p. 163)

<sup>62</sup> Como Aríston, Hérilos de Cartago também se concentrou na ética, adotando uma postura pouco ortodoxa em relação ao estoicismo após Crisipo. (Ibidem, p. 689)

<sup>63</sup>Filósofo estoico da corte de Augusto, amigo de Cícero e Estrabão. Seus escritos éticos inspiraram Sêneca. (Ibidem, p. 203)

<sup>64</sup> Filósofo estoico e conselheiro de Augusto, escritor de uma consolação perdida a Lúvia Drusilla, escreveu sobre o estoicismo e sobre a ética peripatética. (Ibidem, p. 170)

<sup>65</sup> Disponível em: Baltzly, 1997: BALTZLY, Dirk. "Stoicism", *The Stanford Encyclopedia of Philosophy* (Spring 2019 Edition), Edward N. Zalta (ed.). Disponível em: <<https://plato.stanford.edu/archives/spr2019/entries/stoicism/>>. Acesso em jun/2023.

<sup>66</sup> Ibidem.

Cícero, Epiteto e Marco Aurélio.

Na doutrina estoica, o bem e a virtude (ἀρετή) estão ligados à moralidade: só existe o bem moral, e o mal moral. Os conceitos de bem e mal são restritos a coisas que dependem do indivíduo, e a οἰκείωσις é a definição da autopreservação, uma vez que o conhecimento de si mesmo e do mundo é o que permite delinear os campos de bem e mal, o que é útil e o que afasta o homem da virtude e, portanto, da felicidade (εὐδαιμονία).

Tudo o que é exterior lhe escapa e, portanto, é indiferente (ἀδιάφορος), delineando um dos conceitos fundamentais na filosofia de Epiteto, o de προαιρέσεις, ou a indiferença diante das críticas ou dos elogios, uma vez que a aprovação externa está fora do controle do homem. O indiferente, entretanto, para Zenão, poderia ter certo valor relativo de acordo com a preferência: saúde, por exemplo, é preferível à doença, embora sua conquista possa ser impedida por situações além do controle; assim, esse espectro de situações não deve interferir, de forma alguma, no alcance da felicidade e da virtude. Nesse prisma, outro ponto que tanto Zenão como Sêneca definiam como imprescindíveis para uma vida virtuosa seria a coerência, o uso da própria razão em prol de uma vida harmoniosa.

No período do helenismo tardio e imperial, em especial no estoicismo romano, muito se fala sobre o ecletismo, uma interpretação pessoal de cada estudioso, e mesmo Sêneca menciona, em seus tratados, filósofos e conceitos de diversas linhas filosóficas distintas, como o epicurismo e os peripatéticos. Muito dos pensamentos considerados pouco ortodoxos, entretanto, podem ser explicados nas origens do estoicismo que em si carregam um pouco da filosofia socrática, do cinismo, por exemplo, ou nas pautas em voga na cultura em seus diversos momentos, o que indica positivamente que a filosofia estoica é adaptada em especial para a prática. Exemplos podem ser encontrados na visão de Musônio sobre o valor do casamento e na sua postura sobre a indistinção entre homens e mulheres na busca pela virtude (GILL, 2003, p. 46), posicionamento que pode ser explicado no contexto do valor romano de *pietas*, que ressalta a importância da devoção filial, e na ideia central do estoicismo inicial de que todos têm a prerrogativa de se tornarem sábios a partir do cultivo das virtudes e supressão dos vícios.

O exercício diário do estoico consistia em práticas de aplicação dos ensinamentos, com constante vigília das ações, dos discursos e dos pensamentos, como o que propõe Marco Aurélio. O estoico romano do segundo século, um dos expoentes dessa filosofia, indicou a anotação e a definição de um acontecimento como importante atividade para tornar o abstrato mais palpável e para que, assim, o combate das paixões tenha um norteamento. Unem-se os três campos nesse sentido, visto que observar e pormenorizar os fenômenos (como, por exemplo, colocar em palavras simples o que é o sexo ou o que é uma ofensa proferida de maneira lógica e situando-a no campo

da física) ajuda a combater a paixão (ação decorrente do desejo ou da raiva). Hadot (1999, p. 101) indica, ainda, que exercícios de imaginação para enxergar-se como parte do todo, refletir sobre a metamorfose das coisas e a constante meditação sobre a morte eram essenciais para a aceitação da ordem dos acontecimentos. A *praemeditatio*, exercício famoso de preparação para os males, é mencionado por Fílon de Alexandria em sua obra *Das Leis especiais* como uma previsão dos bons e dos maus acontecimentos. A constante imagem de que qualquer coisa pode acontecer a qualquer pessoa não só evita a surpresa, como também a expectativa, e confere especial sentido ao presente. O estado é de permanente atenção.

Influências do estoicismo podem ser encontradas na literatura romana do período imperial, em poesia e prosa, visto que a literatura era uma das formas importantes de educação desde a república. Gill (2003, p. 56) aponta Sêneca, Horácio,<sup>67</sup> Juvenal,<sup>68</sup> Pérsio<sup>69</sup> e mesmo Virgílio. Sêneca, novamente, destaca-se nesse campo, sendo a morte, as paixões e a fortuna temas presentes em suas obras, com especial foco na filosofia que contém seus tratados e cartas, mas também exposta fortemente em suas tragédias, seja para ilustrar as consequências da inclinação indiscriminada às paixões, como a ira, seja como motivo de reflexão ao chamar a atenção para a grandeza no enfrentamento desse destino inevitável.

Em especial, o estoicismo senequiano distingue-se por seus escritos com ampla gama de conceitos de várias escolas, principalmente o epicurismo, e por seus destaques para a independência filosófica. Lohner aponta que o autor possui uma particularidade doutrinária que fica evidente em vários momentos, como na citação da epístola 33:

Junta a isto o facto de estes que nunca assumem a tutela de si próprios, por um lado reproduzirem os seus antecessores em questões em que cada um sempre se afastou do seu próprio antecessor, e por outro reproduzirem-nos em pontos que ainda estão a ser investigados. Ora nunca faremos novas descobertas se nos contentarmos com o que já foi descoberto. Além disso, quem segue um autor nunca descobre nada, nem sequer tal pretende. Quer isto dizer que eu me recuso a percorrer vias já trilhadas? Não, eu irei pela estrada antiga, mas se descobrir outra mais curta e melhor, aplaná-la-ei. Os autores que nos precederam nesta via filosófica não são nossos donos, são nossos guias. A verdade está à disposição de todos, ninguém tem o exclusivo dela. Grande parte da verdade caberá aos pósteros descobri-la.<sup>70</sup>

<sup>67</sup> Em suas *Odes* e nas *Sátiras*, Horácio menciona os sábios e a associação com o conceito de liberdade.

<sup>68</sup> Na *Sátira XIII*, Juvenal menciona como as paixões, como o prazer da vingança, são dignas de tolos e não de sábios, fala sobre a concepção dos sentimentos e descrença religiosa, indo ao encontro com as concepções estoicas nesse sentido.

<sup>69</sup> Reckford (2009, p. 83) destaca que Aulo Pérsio foi “um poeta moralmente sério e um propagandista estoico”.

<sup>70</sup> Sêneca, *Epistulae morales*, 33, 10-11: *Adice nunc quod isti qui numquam tutelae suae fiunt primum in ea re sequuntur priores in qua nemo non a priore desciiit; deinde in ea re sequuntur quae adhuc quaeritur. Numquam autem inuenietur, si contenti fuerimus inuentis. Praeterea qui alium sequitur nihil inuenit, immo nec quaerit. Quid ergo? non ibo per priorum uestigia? ego vero utar via uetere, sed si propiorem planioremque inuenero, hanc muniam. Qui ante nos ista mouerunt non domini nostri sed duces sunt. Patet omnibus ueritas; nondum est occupata; multum ex illa etiam futuris relictum est.* (Tradução: Segurado e Campos)



É necessário ressaltar, ainda, que o estoicismo não se limitava a um discurso abstrato, mas era praticado, tal como se pode observar no período imperial em escritos de Marco Aurélio e do próprio Sêneca, além de Epiteto, de forma a guiar os pensamentos e ações do estoico por meio de exercícios de meditação e de imaginação a fim de se preparar para qualquer evento, evitando, assim, ser surpreendido. Para compreender essa prática da ética, é possível dividir as ações entre as perfeitas, praticadas somente pelos sábios (κατόρθωματα) e as ações imperfeitas, mas razoáveis, praticadas por aqueles que desejam se tornar melhores ou sábios (καθήκοντα) (GILL, 2003, p. 40-41). As paixões, ao obnubilar a razão, podem colocar ações do campo do indiferente como indispensáveis e levar ao erro.

Para o estoico, viver de acordo com a natureza (*natura*) permitiria seguir um bom fluxo da vida (ευποία βίου) para se atingir a sapiência (HANKINSON, 2003 p. 59). Mais que um ideal inatingível, portanto, o ideal do sábio precisa ser algo alcançável por meio da constante evolução. As percepções são tomadas como formadoras de experiências que preenchem a alma, e são divididas em impressões catapléticas, criadas a partir de coisas que existem e que são captadas pelos sentidos de forma verdadeira, e não-catapléticas, que advêm de algo que não existe. As impressões catapléticas são fundamentais para a formação de um conceito, o que só ocorre nas almas racionais, e as primeiras impressões são fornecidas pelos sentidos desde o nascimento, mas essas devem passar pelo assentimento da mente. O sentido, portanto, é fiel e o que permite a captação dos acontecimentos para promover a compreensão científica e a impressão das concepções na alma. Esse conceito foi abordado anteriormente por Aristóteles, que desenvolveu a teoria da formação do conhecimento a partir da memória, proveniente, primariamente, da percepção. Hankinson (2003, p. 63-64) coloca em evidência o posicionamento de Hume em seu livro *Investigação sobre o entendimento humano*, escrito no século XVIII, que menciona haver várias formas de concepção do conhecimento, a saber: a confrontação, similaridade, analogia, transposição, oposição, transição, naturalmente ou por privação. A morte pode ser compreendida, por exemplo, por meio da oposição.

Aríston de Quio vai além na teorização sobre o campo do indiferente, argumentando que mesmo a morte ou a doença devem ser desejadas acima da vida e da saúde, a depender da circunstância em que a situação se apresenta – como, por exemplo, em uma situação em que viver poderia ferir a dignidade e a honra do homem. Sêneca corrobora essa visão em especial na carta 70, em que defende que a vida não deve ser estendida diante da servidão.<sup>71</sup> Entretanto, somente

---

<sup>71</sup> Sêneca, *Epistulae morales*, 70, 21: *Existimetur de facto hominis acerrimi ut cuique uisum erit, dum hoc constet, praeferebam esse spurcissimam mortem seruituti mundissimae*– “Sobre o acto tão determinado deste homem

um sábio poderia escolher de forma acertada essa via do destino, uma vez que somente a sabedoria leva à verdadeira liberdade. Antíoco sustenta que, apesar das coisas naturais primárias serem indiferentes, sua posse pode beneficiar o homem no caminho para a felicidade, mas nunca suprimir a magnitude da virtude (SANDBACH, 1994, p. 40).

Sobre os conselhos de Sêneca para aplicação do estoicismo e para atingir uma vida virtuosa, Gill (2003, p. 42) destaca que

Sêneca oferece um triplo padrão alternativo de orientação ética: (1) avaliar o valor de cada coisa, (2) adotar um impulso apropriado e controlado em relação aos objetos perseguidos e (3) alcançar consistência entre impulso e ação.<sup>72</sup>

Para se atingir a sabedoria é necessária, portanto, a aceitação do destino, do curso natural das coisas representado pela Fortuna, *Fatum* ou Deus, escolhendo por meio da razão o caminho do bem moral e evitando o mal moral. Como indica Marco Aurélio (Meditações, VIII, 4 - 5), a imperturbabilidade deve decorrer da certeza de que o curso natural está sendo seguido. O que é externo às escolhas do indivíduo deve receber, portanto, um valor relativo dentro do campo de preferências, mas seus desdobramentos, provenientes de causas que não estão sob domínio e controle, não devem ser motivo de sofrimento, visto que representam o curso da vida. Ademais, viver virtuosamente não implicaria, segundo a visão geral do estoico, levar uma vida sem obstáculos e nem mesmo evita-los, uma vez que o caminho para a sabedoria pode acarretar escolhas com o intuito máximo de preservar o bem moral, mesmo que no caminho da morte.

### 1.2b Morte e luto no estoicismo

A morte é, sobretudo, mencionada em diversos exercícios morais no estoicismo, e a busca pela sua aceitação pode ser contemplada em textos meditativos de Marco Aurélio<sup>73</sup> e de Fílon de Alexandria<sup>74</sup>, sendo retratada como a ordem natural do cosmos. Um ponto crucial para a compreensão destes dois pontos, morte e luto, para o estoicismo reside na teoria do conhecimento: para essa filosofia, é importante abster-se dos julgamentos baseados em paixões, e aceitar os

---

cada um pode pensar o que quiser, desde que se assente neste ponto: é preferível o suicídio mais imundo à mais higiênica servidão!...” (Tradução: Segurado e Campos).

<sup>72</sup> Gill, 2003, p. 42: *Seneca offers an alternative threefold pattern of ethical guidance: (1) assessing the value of each thing, (2) adopting an appropriate and controlled impulse toward objects pursued, and (3) achieving consistency between impulse and action.*

<sup>73</sup> No texto *Meditações* (livro VI, 28), Marco Aurélio defende que a morte não é, de forma alguma, contrária à natureza, mas parte dela.

<sup>74</sup> Filósofo, escritor e líder político, sua filosofia se aproximava do estoicismo. (HORNBLLOWER, SPAWFORTH, 1999, p. 1167)

acontecimentos dentro de uma perspectiva objetiva, evitando, assim, a subjetividade que pode levar ao erro.

Outro conceito crucial é a ideia dos ciclos cósmicos no estoicismo, em que tudo retorna à divindade em um movimento de destruição e restauração. Nessa fase divina de transcendência, a ἐκπύρωσις ou conflagração, a existência encontra-se em seu estado mais puro, sendo Deus o fogo inicial e final, ponto de origem e destino de todas as coisas. Ao consumir-se em fogo, portanto, o homem retorna ao ponto seminal, ao cosmos. Baião (2010, p. 209) explica

A conflagração (ἐκπύρωσις) constitui um ponto fundamental neste sistema do Mundo: o mundo inteiro incendiar-se-á quando, esgotados os vapores, não puder mais ser alimentado pela terra e quando, esgotada a água, o ar não puder mais voltar a constituir-se. Desta forma, apenas o fogo restará, mas, por seu meio, operar-se-á infinitamente a renovação do mundo. O Universo viverá outros ciclos absolutamente idênticos, porque este fogo é eterno e invariável na sua essência.

A morte é, pois, indiferente, destino natural de todos os seres, fora do controle e da escolha da razão. Assim, não deve ser desejada nem temida, pois constitui o retorno ao cosmos de forma transcendente e divina, e, nesse ponto, é possível pensar em um retorno a Deus para que o ciclo possa se reiniciar. Sêneca evidencia, em uma de suas *Epistulae Morales*, que

Nada (...) se destrói por completo; as coisas cessam, mas não se perdem; a morte – que nos enche de terror, que nós nos recusamos a aceitar – interrompe a vida, mas não lhe põe termo; (...) Noutra oportunidade explicar-te-ei mais detidamente de que modo tudo aquilo que nos parece ser destruído apenas se transforma. Deve resignar-se a partir de bom grado todo aquele que está certo de um dia regressar. Observa o ciclo dos fenômenos que continuamente se repetem: verás que neste mundo nada se extingue de todo, antes alternadamente tudo se esconde e ressurge.<sup>75</sup>

A morte de Sêneca oferece um exemplo de como o estoicismo era incorporado profundamente à sua vida, uma vez que, de acordo com o que se tem de registros, a aceitou placidamente. Outros exemplos podem ser observados, como destaca Sandbach (1994, p. 36): “Estava, portanto, em consonância com a posição estoica se Zenão e seu sucessor Cleantes, como é relatado, e mais tarde Antípatro acelerassem suas próprias mortes: eles viram que a hora havia chegado e, portanto, não lutaram pela vida.”<sup>76</sup> Aliás, o próprio suicídio é tema que pode ser

<sup>75</sup> Sêneca, *Epistulae morales*, 36, 10-11: *Cogita nihil (...) reconduuntur consumi: desinunt ista, non pereunt, et mors, quam pertimescimus ac recusamus, intermittit uitam, non eripit; (...) Sed postea diligentius docebo omnia quae uidentur perire mutari. Aeque animo debet rediturus exire. Observa orbem rerum in se remeantium: uidebis nihil in hoc mundo exstingui sed uicibus descendere ac surgere.* (Tradução Segurado e Campos)

<sup>76</sup> Sandbach, 1994, p. 36: *It was therefore consonant with the Stoic position if both Zeno and his successor Cleanthes, as is reported, and later Antipater hastened their own deaths: they saw that thei' time had come, and therefore did not fight for life.*

amplamente constatado em vários escritos de estoicos, e Sandbach elabora um capítulo em que aponta diversos autores que analisaram a temática, como Cícero, Sêneca, Marco Aurélio, Epiteto.

### 1.2c A morte e o luto nas obras de Sêneca: visão geral

*Cotidie morimur*: “morremos cotidianamente”<sup>77</sup>. Essa frase escrita por Sêneca é uma entre as várias afirmações que demonstram a clara importância que o autor dava ao assunto, não só representando a sua morte como a de outras personalidades, tonando-se, assim, peça central nesta temática (KER, 2009, p. 3). Vida e morte permeiam grande parte da obra de Sêneca, como motivos de reflexão filosófica e origem de diversos conselhos. Nesse prisma, elucubrações acerca do tópico, com o qual se identifica profundamente, podem ser amplamente encontradas em seus escritos, e já na primeira carta a Lucílio diz ser “um erro imaginar que a morte está à nossa frente: grande parte dela já pertence ao passado, toda a nossa vida pretérita é já do domínio da morte!”<sup>78</sup>

Para Sêneca, a filosofia estoica não deveria se estabelecer somente pelos saberes teóricos, deixando frequentemente clara a importância da concretude dessa linha filosófica, de sua aplicação para além do campo conceitual e abstrato de que se valeu a sofística, por exemplo. É importante, aqui, delinear a influência dessa corrente filosófica na visão do autor sobre os temas em evidência, especialmente nos tratados e cartas, que abordam questões da vida, morte e sofrimento humanos, visto que, apesar de mencionar diversas outras correntes filosóficas e pensadores, Sêneca se declara estoico<sup>79</sup> e grande parte dos conselhos dados por ele partem dessa concepção sobre os acontecimentos. Nessa perspectiva, por exemplo, para Novak (1999, p. 260) “o sábio estoico deve tornar-se passivo e procurar a total conformação diante de fatos que não dependem dele em vista da absoluta necessidade dominante”, o que vai ao encontro das recomendações do filósofo em suas consolações.

A *uoluntas*, a vontade, se evidencia como ponto crucial nos estudos do autor, valor que se torna mais claro diante dos vícios e de seus desdobramentos: em seu tratado *De ira*, explica que o primeiro ímpeto da ira, por exemplo, não se controla, mas o segundo depende da escolha,

<sup>77</sup> Sêneca, *Epistulae morales*, 24,20.

<sup>78</sup> Sêneca, *Epistulae morales*, 1, 2: *In hoc enim fallimur, quod mortem prospicimus: magna pars eius iam praeterit; quidquid aetatis retro est mors tenet.* (Tradução Segurado e Campos).

<sup>79</sup> Na carta 82, 10, utiliza a primeira pessoa do plural ao indicar o conjunto de indivíduos que defendem a teoria estoica do indiferente: *Nam et ipse interrogationem contrariam opposuit ex eo natam quod mortem inter indifferentia ponimus, quae adiaphora Graeci uocant.* – “O mesmo pensador contrapôs a este um silogismo inverso, baseado no facto de nós, estóicos, incluímos a morte no número das coisas indiferentes, ou, como se diz em grego, *adiaphora*.” (Tradução: Segurado e Campos) O mesmo recurso de referir-se ao conjunto de estoicos como ‘nós’ é encontrado em outras cartas, como epístolas 13, v.4, 83, v.9, 120, v.1.

diretamente ligada à vontade.<sup>80</sup> Da mesma forma, a morte não é uma escolha, mas o luto e a maneira de lidar com a ausência dependem da decisão, como ele mesmo menciona nos exemplos dados a Márcia na *Consolatio ad Marciam*, em que expõe duas formas de lidar com a dor a partir de dois exemplos de figuras notáveis em seu tempo, Otávia<sup>81</sup> e Lívía<sup>82</sup>.

Observando a vida de Sêneca, diversas críticas foram tecidas em virtude da discrepância entre seu discurso e algumas de suas atuações. Mas isso em absoluto se mostra uma contradição, uma vez que o próprio filósofo jamais se considerou um sábio e se posicionava como ciente de que muitos de seus atos ainda precisavam ser polidos e adequados para viver verdadeiramente a sapiência. Nesse campo, sua morte certamente não foi contra sua filosofia.

Assim, o estoicismo senequiano deixa claro que encarar a morte pode ser considerado um divisor de águas: a *meditatio mortis*, pensar na morte como algo inevitável, o fim para o qual todos caminhamos, permite compreender o que realmente há de valor e extrair daí o *gaudium*, o prazer de viver, como indicado na carta 4.<sup>83</sup>

Holsinger (1952, p. 15), em seus estudos sobre as cartas a Lucílio, lista os temas comuns da doutrina estoica: “*Ambitio, amicitia, animus, constantia, deus, dissimulatio, dolor, fortitudo, fortuna (fatum, foes), gaudium (uoluptas), ira, iustitia, libertas, mors, natura, necessitas, (uoluntas), paupertas (contentus paruo), philosophia (sapientia), uirtus, uota*”. Os temas se interligam em uma teia que mostra que o constante cultivo de virtudes e combate aos vícios é o caminho seguro para atingir a sapiência.

## 1.2 d O tema da morte nos tratados e epístolas

Sêneca indica que tratar a morte como o curso comum é a ‘lei natural’ das coisas e evidencia que o medo de morrer leva a uma vida miserável (Sêneca, *Ep.* 3). Em diversas cartas, os argumentos se repetem: o de que caminhamos inevitavelmente para a morte desde o nascimento

---

<sup>80</sup> Sêneca, *De ira*, II, 4: *Et ut scias quemadmodum incipiant adfectus aut crescant aut efferantur, est primus motus non uoluntarius, quasi praeparatio adfectus et quaedam comminatio; (...) Primum illum animi ictum effugere ratione non possumus.* – “E para saberes como têm início as paixões ou crescem ou se exacerbam, há um primeiro movimento involuntário, como uma preparação da paixão e certa ameaça. (...) Aquele primeiro impacto na alma não podemos evitar pela razão” (Tradução: Lohner).

<sup>81</sup> Otávia jovem: irmã de Augusto, casou-se primeiramente com Cláudio Marcelo e posteriormente com Marco Antônio como forma de movimentação política de seu irmão. Possuía quatro filhas e como único filho Marcelo, adotado por Augusto. (HORNBLLOWER e SPAWFORT, 1999, p. 1059)

<sup>82</sup> Lívía Júlia (ou Cláudia): Filha de Lívio Druso Claudiano, teve como primeiro esposo Tibério Cláudio Nero, mas foi entregue por ele em uma de suas fugas a seu inimigo. Grávida, tornou-se a terceira esposa de Otaviano. (HORNBLLOWER e SPAWFORT, 1999, p.876)

<sup>83</sup> Sêneca, *Epistulae morales*, 4, 6: *Ergo aduersus haec quae incidere possunt etiam potentissimis adhortare te et indura.* – “Anima-te, pois, e ganha coragem contra aquilo que é inevitável mesmo aos mais poderosos”. (Tradução: Segurado e Campos)

(Sêneca, *Ep.* 3, 24); considerando um bem o desprezo pela morte (Sêneca, *Ep.* 23 e *Ep.* 36), e um mal a esperança de prolongar a vida (Sêneca, *Ep.* 13); o argumento de que a morte deve ser vista como liberdade: “Vou morrer: quer dizer, vou deixar de poder estar doente, de poder ser amarrado, vou deixar de estar sujeito à morte!”<sup>84</sup>; de que a morte é um processo contínuo (Sêneca, *Ep.* 58) e de que é preciso aprender continuamente a morrer (Sêneca, *Sobre a brevidade da vida*, VII, 4).

A morte pode aparecer também como tema secundário, como, por exemplo, associado à *amicitia* nas cartas 26 e 57. Outro conceito estoico associado frequentemente à morte é a dor, *dolor*. Para Sêneca e os estoicos, o sábio eleva-se acima da dor: ela, se possível, deve ser evitada e não deve estar presente em todos os momentos (Sêneca, *Ep.* 58, 36). Esse motivo associa-se à morte também na carta 24.

Os temas *Fortuna* e *Fatum* aparecem com o tema da morte na carta 4. Com *Gaudium*, na epístola 23; na epístola 24 é abordado juntamente com o conceito de *Libertas*. Dessa forma, buscaremos traçar aqui a visão da morte no caminho para a sapiência.

Vida e morte são naturais e, de acordo com a visão estoica, compõem um ciclo:

É supérfluo defender neste momento a causa da natureza, a qual pretendeu que a nossa lei geral fosse igual à sua própria: tudo quanto a natureza formou, ela o decompõe, tudo quanto decompôs, de novo volta a formar.<sup>85</sup>

A morte é a liberação de todas as dores e o fim além do qual nossos males não passam; é a que nos restaura àquela tranquilidade na qual jazíamos antes de nascer.<sup>86</sup>

Nesse sentido, destaca, no tratado *De breuitate uitae*, um dos pontos cruciais sobre o bem viver: “deve-se aprender a viver por toda a vida, e, por mais que tu talvez te espantes, a vida toda é um aprender a morrer”.<sup>87</sup>

E o que é a morte para o autor estoico? A *Consolatio ad Marciam* nos aponta que:

A morte não é nem um bem nem um mal; isto é, pode ser algo bom ou mau o que é alguma coisa; mas, o que por si mesmo não é nada e tudo reconduz ao nada, não nos traz a Fortuna: pois coisas más e coisas boas se voltam a algum ponto.<sup>88</sup>

<sup>84</sup> Sêneca, *Epistulae morales*, 24, 17: *Moriar: hoc dicis, desinam aegrotare posse, desinam alligari posse, desinam mori posse.* (Tradução: Segurado e Campos)

<sup>85</sup> Sêneca, *Epistulae morales*, 30, 11: *Sed nunc superuacuum est naturae causam agere, quae non aliam uoluit legem nostram esse quam suam: quid quid composuit resoluit, et quidquid resoluit componit iterum.* (Tradução: Segurado e Campos)

<sup>86</sup> Sêneca, *Consolatio ad Marciam*, XIX, 5: *Mors dolorum omnium exsolutio est et finis ultra quem mala nostra non exeunt; quae nos in illam tranquillitatem, in qua antequam nasceremur iacuimus, reponit.*

<sup>87</sup> Sêneca, *De breuitate uitae*, VII, 3-4: *Viueretota uita descendum est et, quod magis fortasse miraberis, tota uita descendum est mori.* (Tradução: Lohner)

<sup>88</sup> Sêneca, *Consolatio ad Marciam*, XIX, 5: *Mors nec bonum nec malum est; id enim potest aut bonum aut malum esse quod aliquid est; quod uero ipsum nihil est et omnia in nihilum redigit, nulli nos fortunae tradit: mala enim bonaque circa aliquam uersantur materiam.*

Portanto, a morte é comparada ao nada, retornando o ser ao seu estado natural: “Se sabemos que a morte não é um mal, e por isso nem mesmo a injúria, muito mais facilmente toleraremos outras vicissitudes”<sup>89</sup>. A morte é, ainda, “o não ser; e este estado conheço-o eu perfeitamente: o ‘depois de mim’ será idêntico ao ‘antes de mim’”<sup>90</sup>. Nesse raciocínio, de que o que há antes e depois da vida é o mesmo, e, segundo Sêneca, “A ‘morte’ tanto é o período de tempo que nos precedeu como aquele que se nos seguirá. A morte é todo o tempo que decorreu antes de nós”<sup>91</sup>.

É possível temer o que nada é, e que acontece por ordem do destino, do *Fatum* ou *Fortuna*? O próprio conceito de *Fortuna-Fatum-Fors* é ligado ao ciclo, curso inexorável de eventos tal qual acontecem e afetam a vida do homem: “Ocorria-me apenas que ele era mais novo, muito mais novo do que eu – como se o *destino* se preocupasse em respeitar a ordem de idades!”<sup>92</sup>

Para o autor, não é necessário temer a morte,<sup>93</sup> já que ela nada representa e se inclui na lista de situações consideradas indiferentes para o estoicismo. Nesse termo, seria insensato temer algo que não se pode controlar.<sup>94</sup> Além disso, se esse medo estivesse presente, seria uma constante, pois, “o que tememos não é a morte, mas sim o pensar na morte; dela própria separa-nos sempre uma pequena distância. Por isso, se devemos temer a morte, então devemos temê-la sempre, porque em qualquer idade estamos sujeitos a ela.”<sup>95</sup>

Entretanto, diferente de outros autores estoicos e em consonância com as visões moderadas de Sêneca sobre diversos assuntos, o medo, apesar de não ser necessário, nem ideal,<sup>96</sup> é natural, assim como o pranto – ele pode surgir em um primeiro ímpeto, como a mencionada *ira*, mas deve ser rapidamente controlado. Assim escreve: “para isso foste criado, para perder e morrer, para

<sup>89</sup> Sêneca, *De constantia sapientis*, VIII: (...) *scimus mortem malum non esse, ob hoc ne iniuriam quidem, multo facilius alia tolerabimus.* (Tradução: Lohner)

<sup>90</sup> Sêneca, *Epistulae morales*, 54, 4: (...) *hoc erit post me quod ante me fuit.* (Tradução: Segurado e Campos)

<sup>91</sup> Sêneca, *Epistulae morales*, 54, 5: (...) *illa et praecesserit et secutura sit. Quidquid ante nos fuit mors est.* (Tradução: Segurado e Campos)

<sup>92</sup> Sêneca, *Epistulae morales*, 63, 14: *Hoc unum mihi occurrebat, minorem esse et multo minorem - tamquam ordinem fata seruarent!* (Tradução: Segurado e Campos)

<sup>93</sup> Sêneca, *Epistulae morales*, 24, 11: *Mihi crede, Lucili, adeo mors timenda non est ut beneficio eius nihil timendum sit.* - “Acredita no que te digo, Lucílio: não só não devemos recear a morte, como a ela devemos o termo dos nossos receios!” (Tradução: Segurado e Campos)

<sup>94</sup> Sêneca, *Epistulae morales*, 30, 10: *Viuere noluit qui mori non uult; uita enim cum exceptione mortis data est; ad hanc itur. Quam ideo timere dementis est.* - “Não querer morrer é o mesmo que ter querido não viver: a vida foi-nos dada com a morte como termo para o qual caminhamos. Como não é então insensato temê-la?” (Tradução: Segurado e Campos)

<sup>95</sup> Sêneca, *Epistulae morales*, 30, 17: *Non mortem timemus sed cogitationem mortis; ab ipsa enim semper tantundem absumus. Ita si timenda mors est, semper timenda est: quod enim morti tempus exemptum est?* (Tradução: Segurado e Campos)

<sup>96</sup> Sêneca, *Epistulae morales*, 63, 1: *Illud, ut non doleas, uix audebo exigere; et esse melius scio.* - “Não ousaria exigir de ti que não sentisses o mínimo abalo perante o facto, embora isso fosse o ideal” (Tradução: Segurado e Campos)

esperar e ter medo, te inquietares e aos outros, temer e desejar a morte e, o que é pior, para nunca saber qual é a tua situação.”<sup>97</sup> Há, nesse campo, as situações ideais, atingidas somente pelos sábios, e as situações reais.

A dor do luto, da mesma maneira, precisa ser moderada e rapidamente controlada, visto que é melhor ser evitada; do contrário, deve ser curta:

quando deliberadamente não pomos nós um termo à nossa dor, o tempo o fará por nós. E nada há mais inconveniente para um homem avisado do que deixar o cansaço servir de remédio à dor. Prefiro que sejas tu a afastar de ti a dor do que seja ela a afastar-se de ti.<sup>98</sup>

Coisa alguma se torna aborrecida mais depressa do que a dor; uma dor recente suscita quem a console e provoca a simpatia dos outros, enquanto uma dor demasiado prolongada incorre no ridículo, e com razão, porquanto ou é fingida ou é idiota.<sup>99</sup>

Como o sábio (*sapiens*) lida, então, com a morte, segundo o estoicismo de Sêneca? O autor afirma que “o sábio nunca faz nada contra vontade: ele escapa à lei da necessidade precisamente por querer aquilo a que a necessidade o constrangerá”.<sup>100</sup> O sábio vê a vida como suficiente, independentemente do tempo que foi vivido, “e por isso, quando vier o último dia, o sábio não hesitará em caminhar para a morte com passo firme.”<sup>101</sup>

Sobre esse tópico, é interessante observar os pensamentos do autor inclusive sobre a própria vida, em preparação para a morte:

E há uma coisa que te posso garantir: não tremerei na hora da morte, já me sinto preparado para ela, nunca faço projectos para o dia inteiro... Aplaudes e imita o homem que não hesite em morrer, embora a vida lhe agrade!<sup>102</sup>

Aliás, o sábio carrega em si qualidades, como “coragem” (*Fortitudo*) e “vontade” (*Voluntas*) mesmo – ou principalmente – diante da morte: “É da maior importância, Lucílio, e

<sup>97</sup> Sêneca, *Consolatio ad Marciam*, XVII, 1: (...) *ad hoc genitus es, ut perderes, ut perires, ut sperares metueres, alios teque inquietares, mortem et timeres et optares et, quod est pessimum, numquam scires cuius esses status.*

<sup>98</sup> Sêneca, *Epistulae morales*, 63, 12: (...) *finem dolendi etiam qui consilio non fecerat tempore inuenit. Turpissimum autem est in homine prudente remedium maeroris lassitudo maerendi: malo relinquo dolorem quam ab illo relinquaris* (Tradução: Segurado e Campos)

<sup>99</sup> Sêneca, *Epistulae morales*, 63, 13: *Nulla res citius in odium uenit quam dolor, qui recens consolatorem inuenit et aliquos ad se adducit, inueteratus uero deridetur, nec immerito; aut enim simulatus aut stultus est.* (Tradução: Segurado e Campos)

<sup>100</sup> Sêneca, *Epistulae morales*, 54, 7: *Et ideo numquam eicitur sapiens quia eici est inde expelli unde inuitus recedas: nihil inuitus facit sapiens; necessitatem effugit, quia uult quod coactura est.* (Tradução: Segurado e Campos)

<sup>101</sup> Sêneca, *De breuitate uitae*, XI.2 : (...) *et ideo, quandoque ultimus dies uenerit, non cunctabitur sapiens ire ad mortem certo gradu.* (Tradução: Lohner)

<sup>102</sup> Sêneca, *Ep.* 54, 7: *Hoc tibi de me recipe: non trepidabo ad extrema, iam praeparatus sum, nihil cogito de die toto. Illud tu lauda et imitare quem non piget mori, cum iuuat uiuere.* (Tradução: Segurado e Campos)



deve ser aprendida com tempo, a capacidade de morrer com coragem quando chegar a nossa hora inevitável”<sup>103</sup>.

Se queres ter uma vida agradável deixa de preocupar-te com ela! Nenhum objecto dá bem-estar ao seu possuidor senão quando este está preparado para ficar sem ele; e nenhuma coisa mais facilmente podemos perder do que aquela que é irrecuperável depois de perdida. Anima-te, pois, e ganha coragem contra aquilo que é inevitável mesmo aos mais poderosos.<sup>104</sup>

A firmeza de ânimo também é característica imprescindível ao sábio diante da morte: “Uma tal firmeza de ânimo, contudo, apenas está ao alcance de quem já se alçou muito acima das contingências da fortuna”<sup>105</sup>. Ainda reforça que “aquela morte, inevitável sim, mas que ainda se vem aproximando, exige uma firmeza de ânimo constante, mais rara, e apenas ao alcance do sábio.”<sup>106</sup>

Diante disso, sábios podem ser comparados a heróis:

As minhas exortações tornar-se-ão mais fáceis se te demonstrar que não são apenas os heróis a desprezar o momento de exalar o último suspiro, mas que até mesmo homens pusilânimes são capazes em certas situações de se elevar ao nível dos mais valorosos no momento decisivo.<sup>107</sup>

Desprezar as intempéries, para Sêneca, seria estar acima dos deuses, visto que esses não sofrem coisas terríveis e, portanto, não precisam se esforçar para estar acima do sofrimento. O autor indica isso na obra *De providentia*, VI, 6: “É nisso que superas um deus; aquele está alheio à paciência diante dos males, vós estais acima”<sup>108</sup>. Nesse campo, pode ser invocada a temática da consolação. Isso posto, o papel da consolação para a superação da morte pode ser extraído de suas obras, uma vez que falar sobre o luto e sobre o ente querido que se perdeu é parte do processo de superação:

<sup>103</sup> Sêneca, *Epistulae morales*, 30, 3: *Magna res est, Lucili, haec et diu discenda, cum aduentat hora illa ineuitabilis, aequo animo abire.* (Tradução: Segurado e Campos)

<sup>104</sup> Sêneca, *Epistulae morales*, 4, 6: *Fac itaque tibi iucundam uitam omnem pro illa sollicitudinem deponendo. Nullum bonum adiuvat habentem nisi ad cuius amissionem praeparatus est animus; nullius autem rei facilius amissio est quam quae desiderari amissa non potest. Ergo aduersus haec quae incidere possunt etiam potentissimis adhortare te et indura.* (Tradução: Segurado e Campos)

<sup>105</sup> Sêneca, *Epistulae morales*, 63, 1: *Sed cui ista firmitas animi continget nisi iam multum supra fortunam elato.* (Tradução: Segurado e Campos).

<sup>106</sup> Sêneca, *Epistulae morales ad Lucilium*, 30, 3: *At illa quae in propinquo est utique uentura desiderat lentam animi firmitatem, quae est rarior nec potest nisi a sapiente praestari.* (Tradução: Segurado e Campos)

<sup>107</sup> Sêneca, *Epistulae morales*, 24, 9: *facilius autem exhortabor, si ostendero non fortes tantum uiros hoc momentum efflandae animae contempsisse sed quosdam ad alia ignauos in hac re aequasse animum fortissimorum.* (Tradução: Segurado e Campos)

<sup>108</sup> Sêneca, *De providentia*, V, 6: *Hoc est quo deum anteceditis: ille extra patientiam malorum est, uos supra patientiam.* (Tradução: Pires Vieira)

Por isso permite, ou melhor, incita conversas nas quais se fale dele e deixa os teus ouvidos abertos ao nome e à memória do teu filho; e não consideres isto grave à maneira dos outros, que numa fatalidade dessa natureza consideram parte do sofrimento ouvir consolos.<sup>109</sup>

Em adição, é interessante observar que a visão da morte se realiza no próprio momento derradeiro de Sêneca, conforme já relatado sobre seu suicídio, em ele não se acovardou diante da sentença definitiva que impunha sua partida. Um aspecto chama a atenção: sua atitude final, de consolar os amigos entristecidos antes de partir:

Ao mesmo tempo, parte em forma de conversação, parte cumprindo um papel mais rígido de repreensão, transforma as lágrimas dos amigos em firmeza, perguntando: onde estariam os preceitos da sapiência?<sup>110</sup>.

Tal atitude coincide, por exemplo, com o relato que ele mesmo faz sobre Júlio Cano, confortando os presentes e aceitando seu destino em *De tranquillitate animi*: “Estavam tristes seus amigos por perder um homem como esse. Ele lhes disse: ‘Por que estais abatidos? Vós vos perguntais se as almas são imortais; eu vou sabê-lo já’”.<sup>111</sup> Comparando com o que narra Tácito, em conversa com seus amigos antes do início das tentativas de suicídio, é possível compreender as similaridades de comportamento, que ecoam na narrativa.

Em suma, observando as tantas manifestações sobre o tema nos escritos do autor e em consonância com o que se conclui, Holsinger (1952, p. 40) elenca os pontos principais da visão da morte para Sêneca, de acordo com suas obras, resumindo-os em cinco tópicos: de que a vida é uma preparação para a morte; o tempo é relativo quando se trata do aproveitamento da vida e da chegada da morte; de que a morte não deve ser temida; de que, em alguns casos, pode ser evocada; e de que somente a filosofia leva o homem à sapiência, a ponto de mudar a sua visão da morte.

<sup>109</sup> Sêneca, *Epistulae morales*, 30, 8: *At illa quae in propinquo est utique uentura desiderat lentam animi firmitatem, quae est rarior nec potest nisi a sapiente praestari.* (Tradução: Segurado e Campos)

<sup>110</sup> Tácito, *Annales*, 15, 62, 2: *simul lacrimas eorum modo sermone, modo intentior in modum coercentis ad firmitudinem reuocat, rogitans ubi praecepta sapientiae?*

<sup>111</sup> Sêneca, *De tranquillitate animi*, 14, 8: *Tristes erant amici, talem amissuri uirum: "Quid maesti, inquit, estis? Vos quaeritis an immortales animae sint; ego iam sciam."* (Tradução: Lohner)

## CAPÍTULO II

### A RETÓRICA E A TRADIÇÃO DA CONSOLAÇÃO

#### 2.1 A retórica

##### 2.1a Panorama do sistema da retórica antiga

Para definir a retórica, Quintiliano apresenta uma formulação em seu tratado *Institutio Oratoria*, herdando de Cícero o desejo de ampliar os conhecimentos da retórica pura, uma herança da sofística, para a sua conciliação com a filosofia, em especial a moral. Assim, elevando a retórica ao *status* de arte, afirma que é a “mais nobre e sublime das tarefas”<sup>112</sup> (*Institutio Oratoria*, 2, 17, 3) e que “nenhum dos que estabeleceram regras para a oratória jamais duvidou de que se trata de uma arte. Fica claro até pelos títulos de seus livros que seu tema é a arte da retórica, enquanto Cícero define a retórica como eloquência artística”<sup>113</sup>. Como uma atividade ou uma arte, a retórica concentra-se no campo em que são necessários a desenvoltura e o conhecimento técnico que permitam não só negociar e discutir, como também persuadir e convencer por meio da força da linguagem, despertando a emoção ou pela indução de um pensamento, um desejo. De certa maneira, pode-se pensar na manipulação da opinião e mesmo a vontade do ouvinte, assumindo diversas formas, seja por meio do discurso falado, escrito ou pela poesia, a exemplo do que se encontra em diversas obras literárias, como as tragédias de Sêneca.

A persuasão e a eloquência tomam parte principalmente no discurso público, dentro do campo político, mas também têm seu lugar nas conversas privadas e diálogos, desenvolvendo-se em consonância com a história das sociedades antigas, em especial a sociedade greco-romana que acrescentou a essa forma de falar o rigor conceitual por meio de técnica e método sem precedentes.

Desde antes mesmo do nascimento da retórica enquanto ciência, era possível observar em obras como *Ilíada* e *Odisseia* o desejo de influenciar por meio do discurso, em cenas de pedidos, em orações, exortações, encômios, situações de aconselhamento, e, por outro lado, em manipulações enganosas e ambiguidades. Sua origem, porém, como arte remonta ao filósofo Empédocles de Agrigento<sup>114</sup>, do século V a.C, e o primeiro tratado de retórica é atribuído aos

<sup>112</sup> Quintiliano, *Institutio Oratoria*, II, XVII, 3: *rhetoricen autem, maximum ac pulcherrimum, ut supra diximus, opus.*

<sup>113</sup> Quintiliano, *Institutio Oratoria*, II, XVII, 2: *Quod quidem adeo ex iis, qui praecepta dicendi tradiderunt, nemo dubitauit, ut etiam ipsis librorum titulis testatum sit, scriptos eos de arte rhetorica; Cicero uero eam, quae rhetorice uocetur, esse artificiosam eloquentiam dicat.*

<sup>114</sup> Filósofo siciliano, do qual há fragmentos de obras sobre filosofia natural e religião, poemas além de trabalhos pautados na argumentação, como a *Resposta a Parmênides*. (HORNBLLOWER e SPAWFORT, 1999, p. 1059)

filósofos Córax e seu aluno Tísias<sup>115</sup>.

Um movimento filosófico que deu forças para o desenvolvimento e crescimento da retórica enquanto ciência no cenário grego foi a sofística<sup>116</sup>. Assim, a retórica se potencializou em um contexto em que os discursos judiciais são importantes, bem como os tratados escritos de filosofia e política. Nesse ponto, os sofistas se interessavam pela erística,<sup>117</sup> surgindo a necessidade crescente de se desenvolver as habilidades orais de debate e refutação argumentativa, expansão e redução de um argumento, ou mesmo defesa de pontos de vistas contrários<sup>118</sup> em uma mesma temática por meio de matérias e métodos. Algumas obras de Platão<sup>119</sup>, em que Sócrates dialoga com os sofistas, além de peças de Eurípides<sup>120</sup>, refletem a influência e o impacto dessa linha filosófica na sociedade grega da época, o que atestam as inovações e o sucesso dos filósofos no campo da retórica (STROUP, 2007, p. 26).

As obras de Górgias, sofista dedicado à retórica e de impressionante eloquência, também dão testemunho da ascensão desse campo da ciência, com a lógica de que a linguagem não pode captar o que existe. Suas defesas de casos, como “Elogio a Helena” e “Defesa de Palamedes”, representam seu poder de arguição e de argumentação ao contestar, por exemplo, a responsabilidade atribuída a Helena pela guerra de Troia e a acusação de Palamedes de ser um traidor através do exame de provas. Pode-se dizer que há, aí, as bases de uma teoria da eloquência para a persuasão, além do nascimento de um estilo próprio, ousado, o estilo “Gorgiano”, ornamentado com figuras de estilo, principalmente discutido por McComiskey (2014, p. 32), que as define como uma contribuição consistente para a emergente arte da retórica.

O movimento sofista está, portanto, unido à origem da retórica de maneira indiscutível na Antiguidade, sendo confundidos em alguns momentos, tendo em vista que muitos oradores, por exemplo, evitavam ser chamados de sofistas.<sup>121</sup>

---

<sup>115</sup> É dito ter sido Córax o primeiro professor de retórica, e Tísias seu aluno. Referências são encontradas em Platão, Aristóteles, em *A Retórica*, Cícero e Quintiliano, como tendo sistematizado as instruções sobre proemia, argumentação de probabilidade e epílogos. (Ibidem, p. 388)

<sup>116</sup> McComiskey (2014, p. 9) debate se o termo *retórica* poderia ser usado no contexto dos sofistas do século V a.C., visto que o movimento não era uniforme quanto às técnicas e que a palavra retórica haveria de ser cunhada posteriormente, por Platão.

<sup>117</sup> Debate filosófico em que se levava em conta a técnica argumentativa.

<sup>118</sup> Protágoras escreveu as *Antilogias*, uma coleção de argumentos contraditórios aplicados ao mesmo tema.

<sup>119</sup> Platão e Aristóteles criticaram os sofistas, utilizando o termo em tom de reprovação, mas nem todos os filósofos da época acataram essa visão de que eles eram mais preocupados com o dinheiro e superficiais em relação à sabedoria. (MCCOMISKEY, 2014, p. 3)

<sup>120</sup> De acordo com Rodrigues de Almeida (2015, p. 11), principalmente a visão do divino une Eurípides aos Sofistas. A relação homens/deuses é próxima da visão sofística em peças como *Hipólito*, *Íon*, *As Bacantes*, *Medeia* e *Hécuba*.

<sup>121</sup> Santos (2011, p. 59) evidencia que “Para Platão, as diferenças que separam um sofista de um orador são relevantes, mesmo que por vezes as posições de um e outro coincidam”.

Mais um exemplo de sofista dedicado à retórica foi Antifonte<sup>122</sup>, orador do século V a.C. e autor de diversos discursos para tribunal e exercícios escolares sobre casos fictícios de homicídios, intitulados *Tetralogias*. A mesma época apresenta Tucídides. Historiador grego também do século V a.C. e autor da *História da Guerra do Peloponeso*, obra dividida em oito livros, é um dos primeiros autores a relacionar o discurso com a finalidade de apresentar uma análise de fatos históricos, em uma importante obra que se preservou como documento sobre a relação da eloquência política e a história na Grécia.

Ao final do século V a.C., observou-se o aumento da importância da palestra pública, em especial em contexto jurídico, ou *epideixis*, que se atesta por meio das conferências condensadas na Coleção Hipocrática<sup>123</sup>. Essas atividades ocorriam principalmente em face de um grande público, em assembleias e tribunais em que os oradores deveriam contar com grande poder de persuasão. Os discursos ocorriam dentro e fora de Atenas, seja por parte dos generais em campos de batalhas ou em forma de discursos panegíricos, fúnebres, em votações ou exortações. Em geral, a maior parte das práticas discursivas orais não foi registrada (PERNOT, 2005, p. 21).

Para ilustrar a importância e amplitude da retórica na cultura grega, em especial ateniense, Isócrates e Demóstenes ainda figuram no cenário de grandes filósofos dedicados à oratória e aos estudos retóricos do século IV. Isócrates, orador e professor, tem em seus escritos uma fonte de informações sobre a vida política de Atenas no período. Autor de discursos para serem utilizados nos tribunais, era dedicado também à educação, tendo sido professor de centenas de alunos, entre eles personalidades notáveis, como os historiadores gregos Éforo de Cime<sup>124</sup> e Teopompo<sup>125</sup>. Entre suas obras, destacam-se o *Panegírico*, o *Panatenaico*, *Contra os Sofistas* e *Elogio de Helena*. Sua dedicação ao ensino durou até sua morte (HORNBLOWER e SPAWFORT, 1999, p. 771).

Demóstenes, igualmente orador do século IV, apresenta em seus discursos o cenário político e social de Atenas diante, principalmente, de sua oposição a Felipe da Macedônia e a Alexandre, o Grande. Dedicado, era conhecido por exercitar-se arduamente para aperfeiçoar a voz, além da eloquência. Proferiu discursos diante da Assembleia, processos judiciais públicos, orações privadas e fúnebres, tendo sucesso parcial em seus primeiros processos contra os curadores pela

---

<sup>122</sup> A profissão de Antifonte era logógrafo. É considerado o primeiro estadista a adotar a retórica como profissão, redigindo discursos para homens que precisavam se defender no tribunal. Quinze composições permaneceram. (NARDI, 2015, p. 11)

<sup>123</sup> Tratados “Sobre os Ventos” e “Sobre a Arte”.

<sup>124</sup> Éforo de Cime (405-330 a.C) foi um historiador de grande importância, cujos livros, inspirados por diversas fontes históricas e literárias, inspiraram Diodoro. Especula-se que tenha sido aluno de Isócrates Foi considerado o primeiro historiador universal, combinando as histórias gregas e bárbaras. (HORNBLOWER e SPAWFORT, 1999, p. 529)

<sup>125</sup> Teopompo foi um historiador do IV sec. a.C., um dos principais expoentes da historiografia retórica junto a Éforo. Chegou a trabalhar como orador, e especula-se que também tenha sido aluno de Isócrates. (Ibidem, p. 1505)

má administração de sua herança. Logógrafo, Demóstenes foi reconhecido por suas habilidades para escrever defesas, diante da relevância de seus discursos contra Áfobo e, mais tarde, *Nos Conselhos da Marinha*, além de influenciar a política, em prol da liberdade democrática de Atenas, e a economia. Tinha grande prestígio na Assembleia principalmente por seu temperamento irônico e suas investidas para que o oponente fosse diminuído diante do público. Entre as obras de cunho político, destacam-se as *Filípicas*, em defesa dos gregos contra Filipe II da Macedônia, e as *Olínticas*, reivindicando ajuda de Olintos. Em 346, condena a negociação de um tratado de paz com Filipe, a Paz de Filócrates, em sua obra *Sobre a Paz*, ao final desse mesmo ano, mesmo com o posicionamento de que ele deveria ser respeitado. Outras obras ainda de cunho político podem ser mencionadas, como *Sobre as questões da Quersoneso* e *Oração da Coroa*, esse último sendo reconhecido por sua apresentação de detalhes históricos e por sua eloquência (PERNOT, 2005, p. 30). É marcante, portanto, sua colocação da retórica em prol da política, sua oposição a Filipe da Macedônia e a seu filho, Alexandre o Grande, e seus discursos, que se tornaram inspiração para tantos cidadãos romanos posteriormente, destacando-se Cícero, que nomeou suas obras contra Marco Antônio de *Filípicas* (RAMSEY, 2007, p. 130).

Assim, diferentemente de seu contemporâneo, Isócrates, é possível observar a preocupação de Demóstenes com a aplicação e a eficácia da retórica no contexto da vida pública. Enquanto Isócrates dedicou-se à palavra e à composição, Demóstenes era engajado nas ações políticas da época. Contudo, ambos reconheciam a importância da retórica na educação e exaltavam a força da palavra.

Em Atenas, o número de professores de retórica era considerável, e a busca pelo aprendizado da eloquência se dava tanto pelo *status* artístico quanto pela formação cultural em sociedade (*tékhne* x *paideia*). Esse aprendizado ocorria em forma de lições, exercícios de composição, treinamento de voz e adaptação de modelos (VANDERSPOEL, 2007, p. 127).

A *Retórica*, de Aristóteles<sup>126</sup> é considerada uma das maiores obras nessa especialidade na Grécia clássica, elaborada com finalidade educacional e datada do século IV. Nesse contexto, como tudo o que permeia o ambiente grego, a retórica também passou pelo crivo da crítica dos atenienses. Interessante compreender o posicionamento de Platão, uma vez que esse era um tema amplamente mencionado em seus trabalhos, que contam com a crítica de Sócrates aos sofistas em obras em que o filósofo é colocado em intensos debates, a fim de desnudar o lado negativo da manipulação da palavra e do discurso. Platão busca, em múltiplas obras, enfatizar a separação total

---

<sup>126</sup> Nessa obra, Aristóteles explica a retórica em termos da persuasão, adaptando a técnica a cada caso. Elenca três tipos de persuasão, reconhece a importância da escolha e organização das palavras para a clareza da mensagem. (FORTENBAUGH, 2007, p. 107)

entre Sócrates e os sofistas e ainda condenar a democracia, tão relacionada com a oratória. Destaca Megale (2008, p. 339) que “ambas, a retórica e a política, sofriam severas críticas do fundador da Academia, porque quase sempre o seu exercício se fazia com o esquecimento da ética”.

Em sua obra *Menêxeno*, Platão critica a retórica dos discursos fúnebres. A obra pode ser interpretada como uma paródia da retórica da época, dotada de ironias e julgamentos velados ao que seria uma forma de bajulação e ao elogio vazio do próprio gênero. Em *O Banquete*, critica os encômios a partir da escolha dos temas e da formalidade argumentativa, do excessivo refinamento, mas, diferentemente da obra anterior, menciona a importância da metodologia para a elaboração de um elogio, conhecendo o assunto em prol da espontaneidade própria da verdade, e sugerindo assim uma ligação entre a retórica e a filosofia. (YUNIS, 2007, p. 75)

Já Sócrates coloca a retórica no campo da imitação da arte, justamente por sua natureza persuasiva, o que, para ele, era uma das formas de dominação e imposição de uma visão ao ouvinte, ou de guiar seus sentimentos por meio, por exemplo, dos encômios. Em sua perspectiva, a retórica é oposta à filosofia, uma vez que essa guia o homem para o bem, enquanto aquela pretende conquistar simpatia ou manejar a verdade. A única forma de a retórica ser considerada positiva seria em um contexto de ser utilizada pelo homem virtuoso e com fins de elevação do cidadão. De acordo com Yunis (2007, p. 77-78), Sócrates de Platão, retratado na obra *Górgias*, define a retórica sofística como ferramenta de manipulação das próprias inclinações da audiência, utilizando-as para seu propósito sem distinção, sejam boas ou más.

A ironia presente nas falas de Sócrates em obras diversas, entre elas as platônicas<sup>127</sup>, constitui-se em si um elemento retórico. Megale (2008, p. 246, 339) chama a atenção para a ironia socrática

como um procedimento retórico a serviço da busca da verdade em uma atividade filosófica configurada num discurso literário. Se filosofia, retórica e literatura estão implicadas nesta formulação, é porque cremos que a ironia do Sócrates platônico se situa, de certo modo, no ponto de entroncamento das três. (...) Por paradoxal que pareça, estamos diante de uma mentira que concorre para a busca da verdade.

Foi no diálogo Fedro que Platão tratou da retórica para elevá-la à condição de arte do justo e é nele que o discurso pode ser visto como obra, desde que o orador seja aquinhado com a graça da nobreza e da beleza, como percebera Sócrates, que delas necessitou antes do melhor anúncio.

Platão deixa claro, portanto, seu posicionamento quanto à importância da verdade para a fundamentação da retórica. A mesma autora ainda destaca o valor da obra para a história da

---

<sup>127</sup> Sócrates foi mencionado também em obras de outros autores, como Aristófanes e Xenofonte. (HORNBLLOWER e SPAWFORT, 1999, p. 1420)

retórica para além da indiscutível autoridade do seu autor, ao evidenciar que “o diálogo *Fedro*, por tratar da retórica, tem objetivos que superam a técnica de simplesmente fazer discursos, para alcançar a vida com a arte do *logos*. Remete aos cuidados do discurso as grandes verdades que nele se podem desvelar” (MEGALE, 2008, p. 344). *Fedro* completa o trajeto que distingue, para Platão, a verdadeira retórica, a que em seu mais alto grau é considerada divina.

### 2.1b Retórica e filosofia

É importante refletir sobre a aproximação da retórica com a filosofia, que ocorreu em certo grau, mas que não era necessariamente uma unanimidade, visto que nem todos os oradores e retóricos eram filósofos. Nesse sentido, figuravam entre os oradores advogados, políticos, vendedores e muitos com interesses pessoais e mesmo escusos de manipulação da verdade. Entretanto, a maior parte dos teóricos compreendia a importância de se basear em uma verdade elevada e na justiça para atingir o mais alto grau de persuasão, prezando pelo interesse público e transcendendo os meros benefícios pessoais. É nesse viés que a retórica e a filosofia se aproximam, e há, nesse contexto, um intercâmbio de conceitos.

É importante mencionar alguns autores relevantes nesse intercâmbio, como Aristóteles e, novamente, Isócrates. Aristóteles possuía interesse na persuasão, tendo especial predileção pelo funcionamento da linguagem e pelo uso da palavra para esse propósito, chegando a explicar como defender um mesmo tema sob pontos de vista opostos. Destaca Patriota (2022, p. 54),

A abordagem aristotélica, neste sentido, mostra-se muito mais pragmática e realista comparando-a com a de Platão – ainda que aquele tenha também buscado o estabelecimento de um fundamento último do conhecimento, de uma verdade inabalável. Ele entende que há uma disposição natural das multidões a serem persuadidas por argumentos retóricos, pelas emoções e pela aparência do orador; é preciso lidar com isto, caso se deseje comunicar-se de maneira eficaz com o público.

Sendo um desmembramento da dialética, a retórica, para Aristóteles, é o discurso com força persuasiva oferecido ao público de forma impactante e única, geralmente mais longo e marcado pela ausência da estrutura dialógica que permite e o questionamento intermitente. Patriota (2022, p. 46) menciona ainda que Aristóteles, nesse sentido, tece críticas acerca de “uma visão limitada e reducionista de retórica que circulava em Atenas”, principalmente diante da escola de Isócrates. O autor destaca os quatro níveis de atividade da linguagem no sistema aristotélico: o analítico ou lógico, o dialético, o retórico, e o poético, sendo os mais próximos entre si a dialética e a retórica, e os que mais se distanciam a lógica e a poesia dentro da estrutura de uso da linguagem.



Uma inovação do filósofo na arte retórica é a estruturação da lógica dos argumentos, o silogismo e o entimema (FORTENBAUGH, 2007, p. 110).

Isócrates, como orador e professor de retórica, estabeleceu o vínculo indissolúvel entre a retórica e a virtude, reforçando, assim, a aproximação imprescindível que deveria haver, em sua concepção, entre a oratória e a filosofia. A retórica, para o filósofo, deveria estar ligada à moralidade. No *Discurso a Nicocles*, seu posicionamento é claro, ao dizer que escreve com base na virtude e na justiça. (PAPILLON, 2007, p. 60). Tendo tomado lições com Sócrates (HORNBLOWER e SPAWFORT, 1999, p. 769), conservava a visão de que a palavra e a justiça caminham conjuntamente, criticando, assim como Platão, os sofistas e seus discursos vazios.

Para compreender a visão de Isócrates sobre a cultura, é essencial compreender também a mudança que se iniciava, e que posteriormente marcou a Grécia em 323 a.C., com a morte de Alexandre, o Grande (HORNBLOWER e SPAWFORT, 1999, p. 57) e o início do período helenístico. É nesse período transicional entre o coletivo e o individual que figura Isócrates, filósofo que exalta, com seus discursos epidíticos, a cultura grega das gerações anteriores.

Duas obras de grande importância de Isócrates são o *Panegírico*<sup>128</sup> e o *Panatenaico*<sup>129</sup>. Para diferenciá-las, faz-se necessário recorrer às próprias definições de encômio e elogio do filósofo: o encômio é dedicado a mostrar as coisas positivas e verdadeiras, enquanto o elogio é a arte de falar bem de algo, mas não necessariamente a verdade.<sup>130</sup>

Posteriormente, o estoicismo considerava a verdadeira eloquência como sendo atingida somente pelo sábio, isto é, o orador perfeito seria também o homem que atingiu a sabedoria. Entretanto, os estoicos eram adeptos do discurso em estilo conciso e sucinto, direto e mais contundente, característico, por exemplo, de Sêneca. Já no epicurismo, observa-se uma hostilidade quanto à retórica, bem ilustrada por meio de Filodemos. As obras de Epicuro são diretas, tendo elaborado um manual de estilo que recomendava aos alunos. Braicovich (2017, p. 147) indica que

Embora não se impliquem mutuamente, a ideia de uma retórica frugal, comedida, subordinada sem concessões ao objetivo da clareza e, com ela, da transmissão das ideias que o epicurismo considera o fundamento último da sua própria filosofia, é perfeitamente articulada com a concepção cognitivista das paixões e da ação humana que podemos

<sup>128</sup> Nessa obra de elogio a Atenas, Isócrates discute o que seria o pensamento político adequado, em contraste com os oradores políticos da época. (PAPILLON, 2007, p. 64)

<sup>129</sup> Isócrates faz um elogio a Atenas, além de trazer dados autobiográficos na forma de um encômio. (PAPILLON, 2007, p. 62)

<sup>130</sup> Nesse sentido, o *Panegírico* é considerado um elogio, o que reflete em seu estilo grandiloquente com frases mais longas e focado mais na forma que no conteúdo. Já o *Panatenaico* seria um encômio, com frases mais concisas revelando a emoção do autor. Mas, em suma, ambos são discursos epidíticos que exaltam a Grécia de Atenas, e ele se apropria de um traço já anteriormente desenvolvido por Eurípidés, Sófocles e Aristófanes ao retratar a nação como um corpo biológico, uma criança, ou seja, como um só. Para mais informações sobre as obras, consultar os comentários sobre linguagem e estilo em Isócrates, de Usher (1973, p. 39-67)

reconstruir a partir dos textos de Epicuro, Lucrecio e Filodemo. Se partirmos desta matriz cognitivista, e se aceitarmos que o objetivo último dos tratados epicuristas é persuadir o leitor sobre a veracidade de um conjunto de doutrinas e, conseqüentemente, da necessidade de adotar um determinado estilo de vida, é evidente que uma retórica complexa, sofisticada e erudita torna-se completamente desnecessária no quadro do projeto pedagógico (ou psicogógico) epicurista.<sup>131</sup>

Assim, fica evidente que o epicurismo valoriza um estilo direto e sem necessidade de persuadir, mas de informar, como destaca Cícero (*De finibus*, 1,15): “O que deseje, exprime com palavras, e fala claramente, para que eu o compreenda”<sup>132</sup>. No mesmo campo, há o exemplo de Filodemo que, em sua obra sobre a retórica, reconhece a importância da arte somente no âmbito da sofística e de orações epidíticas (ALLEN, 2007, p. 360). Percebe-se claramente que a Atenas clássica é profundamente importante como base da história da retórica, que se estende e ganha novos contornos no período helenístico.

### 2.1c A retórica no período Helenístico

A morte de Alexandre, o Grande, marca o início do período helenístico e a busca por uma certa sistematização da retórica é uma das grandes atividades intelectuais da época. O sistema educacional tinha como objetivo a preparação para a vida pública – normalmente o orador advinha de famílias influentes e participava da política de forma ativa. O currículo passou a ter como destaque o estudo retórico, que antes era principalmente trabalhado no círculo dos sofistas, tornando-se imprescindível para o percurso educacional do jovem ateniense de elevada posição social, juntamente com o estudo da gramática. A retórica tinha como foco o estudo da composição da escrita e da fala persuasiva – na era helenística, mais teórica do que prática – enquanto a gramática focava nas obras poéticas. Sobre esse percurso, indica Stroup (2007, p. 25) que

no período helenístico, depois que a criança atingia um grau razoável de alfabetização, ela passava para os cuidados intermediários de um gramático, que o apresentaria ao estudo geral da língua e da literatura gregas. Na adolescência, o jovem fez a transição para passar da tutela preparatória do gramático para a direção avançada do retórico profissional, num modelo educacional que vigoraria pelo menos até a época de Quintiliano (*Institutio Oratoria*, 2.4.41), seus estudos incluíam a conclusão do curso de composição retórica básica (*προγυμνάσματα*), bem como investigações sobre teoria

<sup>131</sup> Braicovich, 2017, p. 147: *Aunque no se impliquen mutuamente, la idea de una retórica frugal, medida, subordinada sin concesiones al objetivo de la claridad y, con ello, de la transmisión de las ideas que el epicureísmo considera el fundamento último de su propia filosofía, se articula a la perfección con la concepción cognitivista de las pasiones y de la acción humana que podemos reconstruir a partir de los textos de Epicuro, Lucrecio y Filodemo. Si partimos de esa matriz cognitivista, y si aceptamos que el objetivo último de los tratados epicúreos consiste en persuadir al lector respecto de verdad de un conjunto de doctrinas y, en consecuencia, de la necesidad de adoptar cierto estilo de vida, se hace evidente que una retórica compleja, sofisticada y erudita se vuelve por completo inessential en el marco del proyecto pedagógico (o psicogógico) epicúreo.*

<sup>132</sup> Cícero, *De finibus*, 1, 15: *Complectitur uerbis quod uult et dicit plane quod intellegam.*

retórica e exercícios avançados de imitação dos discursos dos tribunais e assembleias.<sup>133</sup>

Destaca-se, nesse período, a escola peripatética no ensino da retórica, representada em especial por Teofrasto<sup>134</sup> e Demétrio<sup>135</sup> que, embora seguissem os modelos propostos por Aristóteles, foram essenciais para a ampliação dos estudos e são consideradas autoridades por sua importância na área. Teofrasto foi autor de múltiplas obras que inspiraram a posteridade e Demétrio influenciou a criação da biblioteca de Alexandria por Ptolomeu.

Algumas novidades puderam ser observadas nesse ínterim, principalmente no campo de estilo, argumentação e oratória. Para aprofundar a teorização da retórica, os critérios deveriam ser apresentados com mais rigor, em prol da excelência. Nesse ponto, a moderação passou a ser valorizada, uma vez que a clareza deveria estar acima da ornamentação. Os próprios peripatéticos prezavam pela parcimônia, buscando adequar o estilo ao assunto, em oposição ao excessivo refinamento valorizado pelos sofistas. O estilo é mais abrangente que somente a análise da forma, envolvendo desde a escolha de palavras até a melodia.

Diante desses estudos, mudanças significativas se notam, como a definição dos “gêneros” de estilo: o estilo grandioso ou sério, o estilo intermediário e o estilo simples ou contido, que aparecem na *Retórica a Herênio*<sup>136</sup>, além também de estabelecer o uso dos tropos relacionados às figuras de linguagem, como metonímias, prosopopeias, anáforas, e de pensamento, importantes para a compreensão do discurso. O uso dos gêneros de estilo passa a ser visto como um importante campo de domínio do bom orador, que deve saber transitar entre eles a fim de obter o resultado almejado. Acerca do estilo, já o tratado grego *Sobre o Estilo*, de Demétrio de Falero, que se preservou do período helenístico<sup>137</sup>, menciona não três, mas quatro estilos, que são retomados por oradores posteriores como Cícero e Quintiliano, e promovem diretrizes que permitem aprimorar a estilística, por meio do uso razoável de recursos de ornamentação. O estudo relacionado ao estilo,

<sup>133</sup> Stroup, 2007, p. 25: *In the Hellenistic period, after a child had reached a reasonable degree of literacy, he moved to the intermediary care of a grammarian, who would introduce him to a general study of Greek language and literature. By his teenage years, the young man made the transition to move from the preparatory tutelage of the grammarian to the advanced directorship of professional rhetorician. In an educational model that would be in place until at least the time of Quintilian (Inst. 2.4.41), his studies included the completion of the course of basic rhetorical composition (progymnasmata), as well as investigations into rhetorical theory and advanced exercises in imitation of the speeches of the courts and assemblies.*

<sup>134</sup> Autor do tratado *Sobre o Estilo*, onde enumera as quatro qualidades do estilo (correção, clareza, adequação e um quarto, apontado por Cícero (*Orator*, 79), a ornamentação). (HORNBLLOWER e SPAWFORT, 1999, p. 1504-1505)

<sup>135</sup> Mais famoso pupilo de Teofrasto, escreveu obras nos campos da retórica, tratados morais, cartas, fábulas. Notável orador, buscou unir filosofia e retórica. (Ibidem, p. 448)

<sup>136</sup> Obra sobre a arte oratória datada do sec I a.C., de autoria ainda incerta, por muito tempo atribuída a Cícero. A teoria dos três estilos (grave, médio e tênue) aparece no livro IV, 11.

<sup>137</sup> A datação dessa obra ainda é controversa, segundo indica Innes, em *Demetrius. On Style*, p. 313, podendo estar situada entre o sec. II e III a.C. A própria autoria ainda é controversa, já tendo sido atribuída até mesmo a Dionísio de Halicarnaso (CHIRON, *Démétrios. Du style*, p. XIII)

portanto, é normatizado e estruturado nesse período.

A argumentação também sofre significativos avanços na era helenística. Um exemplo disso é o sistema de Hermágoras<sup>138</sup>, *stasis*, por meio da investigação racional em um conjunto de questões que avaliam principalmente casos jurídicos, a fim de escolher uma linha de argumentação, o que ganhou prestígio na sociedade coeva e reconhecimento posterior (VANDERSPOEL, 2007, p. 131).

Outra lacuna preenchida no período foi a estruturação da ação, bem como o estabelecimento de estratégias para a memorização<sup>139</sup>, campo no qual se destaca Teofrasto em seu tratado *Sobre a Ação*, em que desenvolve as técnicas para trabalhar os movimentos do corpo e as expressões faciais durante o discurso. Entre outras teorias, é necessário mencionar a epistolografia de Demétrio em *Sobre o Estilo*, evidenciando a importância da adequação do estilo e da linguagem ao destinatário, prezando a simplicidade.

Portanto, a era helenística foi um período de profundas mudanças no campo teórico da retórica, além do contato entre a retórica e a filosofia que se intensificou, com debates acerca do *status* de arte para esse campo de estudos e da importância tanto de uma como de outra para o desenvolvimento do orador. Pernot (2005, p. 69) explica que os peripatéticos seguiram o modelo de Aristóteles: a Academia restaurou os estudos de retórica e os estoicos possuíam uma visão que associava a retórica à virtude e ao sábio, baseado principalmente na verdade como um dos pilares da lógica, junto à dialética.

A filologia ganhou forças e também influenciou a retórica, observada no campo biográfico de comentários e análises sobre autores e suas obras, em especial Homero, elaborando e compilando biografias de oradores, além de aprofundar os estudos relacionados ao tropos, estilo e normas gramaticais. Um estilo a ser destacado no estudo da retórica desse período é o asianismo, ou estilo asiático, proeminente no século I. Praticado principalmente por oradores da Ásia Menor e de Rodes, é um estilo rebuscado, marcado pelo excesso de ornamentação, neologismos e efeitos. Sobre a oposição dos estilos ático e asiático, Oliva Neto (2017, p. 57) destaca:

Embora os termos digam respeito à Grécia e a oradores gregos, o debate resultou de reflexão feita pelos romanos, mormente Cícero, quer por causa de oradores gregos paradigmáticos que conheciam com os mestres durante a formação retórica, quer por causa da relação entre ideias filosóficas e a retórica. Em breves termos, como aqui é o caso e para o que aqui é relevante, para os romanos *Attici* referia uma prática oratória caracterizada pela brevidade, pela elocução simples, racional e sem adornos, ao passo que *Asiatici* referia por oposição o discurso vasto, abundante, patético, de elocução

<sup>138</sup> Professor influente de retórica, autor do sistema elaborado que especialmente é conhecido por meio de menções de Cícero. Importante no campo da educação retórica, cobrindo assuntos morais e filosóficos. (HORNBLLOWER e SPAWFORT, 1999, p. 689) Para conhecer mais sobre o sistema, consultar Pernot (2005, p. 63-65)

<sup>139</sup> Algumas técnicas de memorização sempre estiveram presentes, visto que os discursos eram recitados de cor.

elevada e adornada.

As opiniões sobre o asianismo eram várias e controversas. Mais tarde, Cícero afirma que esse estilo era considerado juvenil, e observa, em sua obra *Brutus*, que “entretanto, como dito, esses gêneros oratórios são mais adequados aos jovens, entre os mais velhos não têm peso”<sup>140</sup>. Mesmo tecendo críticas ao estilo<sup>141</sup>, não deixava de apreciar quando usado em moderação, mencionando como exemplos de eloquência nesses gêneros Hortênsio, Hiércles de Alabanda e seu irmão Mênecles, Ésquilo de Cnido e o seu contemporâneo Ésquines de Mileto. Mais tarde, também exaltou o estilo asiático Plínio, em sua carta I, 20.

### 2.1d A retórica no contexto Romano

O sintetismo e a densidade da língua latina são subjacentes à retórica no contexto romano, além dos valores próprios dos romanos, como a *grauitas*<sup>142</sup>, a *auctoritas*<sup>143</sup> e a *fides*<sup>144</sup>, conferindo ao discurso um peso associado à palavra e ao *status* de quem o pronuncia. A palavra é importante, poderosa e, por isso mesmo, controlada. Sendo centro de poder, a política tinha forças e, nesse cenário, ascende a retórica com igual potência, principalmente nos séculos II e I a.C. Esse período, marcado por lutas sociais e a mudança do sistema político, ampliou o desejo de ascender a uma carreira política e, para tanto, era necessária a manipulação e a conquista do pensamento popular, o que deu espaço a formas mais enérgicas de manifestação retórica. As constantes batalhas e conflitos civis e políticos em que estavam imersos os romanos eram mais intensos que os dos gregos do século V, e isso moldou também o contexto enérgico do discurso romano.

Um dos valores romanos, o *mos maiorum*<sup>145</sup>, fez com que o início da educação romana se desse em contexto familiar. Durante o império, é possível imaginar que o peso dos oradores na arena política poderia ter se tornado menor que no regime republicano, principalmente diante do senado<sup>146</sup>, mas esse é um posicionamento em questionamento. Tanto o povo como os senadores

<sup>140</sup> Cícero, *Brutus*, 325-326. *Haec autem, ut dixi, genera dicendi aptiora sunt adolescentibus, in senibus grauitem non habent.*

<sup>141</sup> Em *Orator*, 226, Cícero critica o excesso de efeitos em Hegésias, ao afirmar que: *ut non quaerat quem appellet ineptum qui illum cognouerit*: “quem o conhece não procura alguém a quem chamar de inepto.”

<sup>142</sup> Valor romano associado à seriedade moral do cidadão. (PEREIRA, 2001, p. 352-357):

<sup>143</sup> Valor político e social romano associado ao prestígio e à influência. (Ibidem, p. 362-368)

<sup>144</sup> Valor romano associado à força da palavra, à boa-fé e à lealdade. (Ibidem, p. 332-338)

<sup>145</sup> Valor romano que se relaciona com a observância dos costumes antigos e valorização dos antepassados. (PEREIRA, 2001, p. 357-361)

<sup>146</sup> Segundo Habinek (2014, p. 35), com a ascensão do principado, a importância do orador aos poucos foi transferida para a imagem do imperador. É importante mencionar que a elite romana valorizava a aproximação do imperador com a eloquência, e que isso contribuía para a imagem de bom político. Estudiosos, como Mayer (2001, p. 5), corroboram o posicionamento de que houve um enfraquecimento da oratória deliberativa em virtude da autoridade imperial sobre o Senado, mesmo que não fale do total ofuscamento da retórica fora da arena política

tinham uma vida ativa na sociedade romana, seja para eleições ou para aprovação de leis, e nas assembleias, também chamadas de *contiones*, os cidadãos poderiam expressar sua opinião. As grandes reuniões que ocorriam, em especial no Fórum, atraíam grande número de cidadãos que assistiam aos discursos como a um espetáculo pela teatralidade e grandiloquência dos oradores.

Da mesma forma que o logógrafo ateniense redigia discursos para serem lidos nas assembleias, em Roma o patrono possuía grande autoridade para a defesa de um cliente que, em muitos casos, possuía vários defensores. Os patronos tinham que ser eloquentes, dessa maneira se formava sua teia de influência e de prestígio, de onde provinha fama e até mesmo riquezas. O contexto romano, portanto, deixa clara a importância da retórica e o motivo de ter ganhado tanta força em todos os círculos sociais.

Alguns nomes romanos se destacam no estudo da retórica, a começar por Catão, um dos primeiros teóricos nesse campo que reconhece a força da retórica para além da técnica e da linguagem. Nesse sentido, o autor da obra historiográfica *Origines* dedicou-se à oratória e assim alcançou reconhecimento e prestígio. Tibério Graco e seu irmão Caio foram também oradores e membros da aristocracia romana. São exemplos do uso da retórica para fins revolucionários, uma vez que foram assassinados após uma série de propostas de projetos para redistribuição das terras públicas. Do segundo para o primeiro século, com o renascimento da *retórica dos boni*, destacam-se Marco Antônio (143-87 a.C.)<sup>147</sup>, conhecedor do sistema judiciário, e Lúcio Crasso<sup>148</sup>, advogado e político com grandes conhecimentos da lei e da cultura.

A cultura romana, mais voltada para os conhecimentos de agricultura e de guerra, bem como conhecimentos administrativos, destoava da dedicação grega para as artes e para a filosofia, e assim, a absorção de conceitos gregos dá à retórica romana novas concepções. Seguindo a forte valorização da cultura antiga pelo *mos maiorum*, há dois momentos da história em que se observa grande resistência à inserção da retórica no mundo romano: um primeiro, em 161 a.C., em que o senado optou pela expulsão de professores gregos e um segundo, em 92 a.C., com o decreto na tentativa de proibir o ensino de retórica<sup>149</sup>. A resistência era ainda maior quando o ensino era da matéria em latim, uma vez que consideravam a retórica uma arte grega e apelavam, portanto,

---

visto que ainda possuía forças nos tribunais, escolas e palcos. A análise de Mayer se baseia principalmente na obra *Dialogus de oratoribus*, de Tácito, e *Institutio Oratoria*, de Quintiliano. Por outro lado, Dominik (2003, p. 142-143) refuta essa teoria, tendo em vista principalmente o argumento de que pontuar a visão de um autor, como Tácito, a partir de um personagem pode ser questionável, e de que mesmo Quintiliano, em seu livro 10, elogia os oradores de seu tempo. Portanto, indicar se houve ou não uma decadência é algo controverso.

<sup>147</sup> Avô do triúviro Marco Antônio

<sup>148</sup> Restam apenas fragmentos de seus discursos.

<sup>149</sup> Miotti (2010, p. 43) chama a atenção para o posicionamento de Quintiliano acerca dos decretos, explicitado principalmente no *Institutio Oratoria*, apontando que “se é possível julgá-lo pelo que deixou escrito em seus livros, não teria ficado particularmente indignado com tal medida, já que não era grande a sua estima pelos filósofos, ou ao menos por aqueles que naquela época se diziam filósofos.”

sempre para o *mos maiorum*, pois a maior parte dos conceitos e manuais ainda tinham como base a língua grega<sup>150</sup>. Há, ainda, a possibilidade de compreender essas medidas como uma decisão política diante da “popularização” dos conhecimentos que ameaçavam a supremacia da aristocracia, acostumada a ser detentora do *status* político e social. Sobre os editos, Alexander (2007, p. 107) frisa que

É evidente que muita coisa mudou entre 161 e 92 a.C. Enquanto o Senado e o pretor em 161 tentaram remover todos os filósofos e professores de retórica, que deviam ser gregos, em 92 os censores estavam excluindo os professores de retórica de latim (isto é, aqueles que usavam o latim como língua de instrução, e não professores com *status* latino). Com efeito, protegiam os métodos tradicionais de educação que homens como Cícero tinham recebido, métodos que dependiam da língua grega e dos escritos gregos, incluindo a filosofia grega. O decreto não visava ao estatuto de cidadania dos professores, mas sim ao seu novo método de instrução, que aumentou enormemente o número de potenciais alunos, uma vez que a instrução oferecia um atalho para um domínio superficial da retórica.<sup>151</sup>

Enquanto o primeiro edito se opunha à presença de retóricos e filósofos gregos em Roma, o segundo já aponta para o que seria uma espécie de censura ao ensino da retórica em um contexto latino, expressando uma profunda oposição a esse sistema que ganhava sucesso socialmente.

Mas a absorção de vários elementos da cultura grega pelos romanos deu base para toda a cultura ocidental. Nesse campo, mais do que uma simples aceitação da retórica tal como era ensinada em Atenas, os romanos dela se apoderaram e a moldaram de acordo com sua própria necessidade, também se modificando, contudo, nesse processo. Sobre esse desenvolvimento, indica Stroup (2007, p. 23) que

foi precisamente a viril *Latinitas* do intelectualismo romano primitivo que foi capaz primeiro de se impor (e em grande sentido de corrigir) sobre as reflexões teóricas abstratas dos teóricos helenísticos e, eventualmente, de transformar essas reflexões em uma prática concreta e utilitária da República tardia e além.<sup>152</sup>

<sup>150</sup> Suetônio, *De Rhetoribus*, 25,2: *maiores nostri quae liberos suos discere et quos in ludos itare uellent instituerunt: haec noua, quae praeter consuetudinem ac morem maiorum fiunt, neque placent neque recta uidentur.*

<sup>151</sup> Alexander, 2007, p. 107: *Clearly much had changed between 161 and 92 BCE. Whereas the senate and praetor in 161 had sought to remove all philosophers and teachers of rhetoric, who must have been Greek, by 92 the censors were excluding Latin teachers of rhetoric (that is, those who used Latin as the language of instruction, not teachers of Latin status). In effect, they were protecting the traditional methods of education that men such as Cicero had received, ones that depended on the Greek language and Greek writings, including Greek philosophy. The edict was aimed not at the citizenship status of the teachers, but at their novel method of instruction, which vastly increased the number of potential students, since instruction offered a shortcut to a superficial mastery of rhetoric.*

<sup>152</sup> Stroup, 2007, p. 23: *it was precisely the virile Latinitas of early Roman intellectualism that was able first to impose itself upon (and in no small sense to correct) the abstract theoretical musings of the Hellenistic theoreticians, and eventually to transform these musings into the concrete and utilitarian practice of the late republic and beyond.*

A artificialidade teórica grega ganhou maior naturalidade no encontro com a prática romana e, apesar da tentativa de censura e de retirada dos oradores gregos e do ensino de retórica, ela continuou a ganhar forças no contexto romano, levando à criação de um vocabulário baseado no vocabulário grego.

A educação romana iniciava-se em casa, com a mãe tendo papel central na vida dos filhos nos primeiros anos de vida e seguindo os preceitos tradicionais, para que o estudante pudesse depois passar a acompanhar o pai nas atividades da cúria e, por fim, na juventude, a incluir-se entre os cidadãos, por vezes sendo iniciado na carreira militar (PERNOT, 2005, p. 86). O indivíduo se devota à pátria, ao corpo social, ao bem público. Em Roma, o jovem proveniente da aristocracia era ensinado a respeitar a tradição nacional e familiar. A base, portanto, da educação romana era o respeito pelos ancestrais<sup>153</sup>, homens que em algum momento salvaram a pátria – reforçando o ideal do corpo social acima do individual –, diferentemente da Grécia, pautada nos feitos dos grandes heróis, como se lê em Homero. Além disso, a cultura, em geral, latina era mais religiosa e, acima ainda da pátria, vinham os deuses, como canta Horácio<sup>154</sup> e Lucílio<sup>155</sup>.

A cultura romana nunca esteve completamente separada da cultura grega, o que ocorria por meio principalmente de contatos com povos, como os etruscos e da proximidade com a Campânia, profundamente helenizados, por exemplo. O contato com a cultura helenística, avançada e cosmopolita que influenciou tantas outras civilizações tão antigas, como os egípcios e mesopotâmicos, certamente influenciaria a cultura relativamente recente e mais arcaica romana. O grego era uma língua muito importante aos romanos, principalmente em questões diplomáticas.

Logo, adotando a educação grega em muitos aspectos, nas letras e nas artes, a aristocracia latina proporcionava aos filhos uma formação completa principalmente por escravos gregos trazidos para Roma, propiciando o surgimento das escolas primárias e secundárias dos séculos VII ao III a.C. e das escolas superiores no século I a.C., sendo registrada a primeira escola de retores um ano antes do edito de 92 a.C., por Lúcio Plócio Galo, diante do aumento da procura por esse tipo de educação (IRÉNÉE, 1950, p. 387).

---

<sup>153</sup> *Pietas*, como um valor romano, traduzia uma das bases da cultura. Esse valor se estabelece no sentimento de lealdade e obrigação para com os antepassados, os deuses e a pátria. (PEREIRA, 2001, p. 338-342)

<sup>154</sup> Horácio, *Odes*, 3, 6, vv. 5-6: *Dis te minorem quod geris, imperas: hinc omne principium, huc refer exitum*” – “Por te fazeres menor que os deuses, governas: disso todo o princípio, a isso leva o fim.” (Tradução: Moreira Penna).

<sup>155</sup> Lucílio, fr. 23: *uirtus id dare quod re ipsa debetur honori, / hostem esse atque inimicum hominum morumque malorum / contra defensorem hominum morumque bonorum, / hos magni facere, his bene uelle, his uiuere amicis, / commoda praeterea patriae prima putare, / deinde parentum, tertia iam postremaque mostra.* – “virtude é dar aquilo que por si só é devido à honra, / ser adversário e inimigo dos homens de costumes maus, / e, ao invés, defensor dos homens e costumes bons, / a estes prezá-los, a estes querer-lhes bem, ser seu amigo; / e, além disso, pôr em primeiro lugar o bem da pátria, / em segundo o dos pais, e, em terceiro e último, o nosso.” (Tradução: Maria Helena Rocha Pereira)



Muito além da simples tradução, os romanos adaptaram os conceitos de retórica grega a partir de sua própria cultura, com manuais sendo escritos em latim, como o *Rhetorica ad Herennium*, o mais antigo manual de retórica<sup>156</sup>, implicando o surgimento de um vocabulário novo que, primeiramente, foi feito a partir da imediata transcrição do grego e, posteriormente, o processo se complexificou, dando azo a termos especializados a partir da ampliação do campo semântico<sup>157</sup>. A terminologia moderna ocidental se baseia principalmente nos termos latinos<sup>158</sup>.

Um dos locais mais propícios para a manifestação do discurso eloquente eram os comícios públicos, com poderes judiciais, ou seja, a jurisdição criminal era palco para o exercício da retórica por júris especializados. Assim, pode-se falar da romanização da retórica a partir de suas peculiaridades em relação à arte no mundo grego, mais conciso pela própria natureza linguística.

Aqui cabe uma breve biografia de um dos maiores oradores latinos e pai da retórica romana. Nascido em Arpino em 106 a.C., Cícero foi um escritor romano e advogado educado na Grécia, em cidades como Atenas e Rodes, e em Roma, onde iniciou sua carreira como questor após a brilhante defesa de Sexto Róscio Amerino. Tendo estudado direito, arte retórica e poesia, além da filosofia, traduziu Protágoras e Platão. Como pretor, tinha bom relacionamento político com Pompeu e, em 63 a.C., foi eleito cônsul diante das ameaças de ascensão de Catilina. Por considerar inconstitucional o triunvirato composto por César, recusa o convite para participar de sua aliança política. Em 58 a.C. é exilado de Roma, sem a ajuda de Pompeu e em perigo pela oposição a Públio Clódio, retornando em 57 a.C. e, somente em 56 a.C., firmou aliança com César, marcada pelo discurso *De provinciis consularibus*. Em 55, completa o *De oratore*, em 52 a.C. conclui *De republica* e *De legibus*. Governou a Cilícia por um período em que se afastou de Roma, em 51 a.C., retornando aos arredores de Roma quando, em 49 a.C., César cruzou o Rubicão (HORNBLLOWER e SPAWFORT, 1999, p. 1558-1564).

Apesar de não aprovar a ditadura imposta por César, reconhece que seu destino nas mãos dos inimigos do ditador poderia ser a morte. Nesse período se dedica à produção intensa, com obras como *Orator*, *Brutus*, *Paradoxa Stoicorum*, *Tusculanae disputationes*, *De officiis* e *De natura deorum*. Com a morte de César em 44, ele profere um discurso pela anistia e, posteriormente, elabora e profere as 14 *Filípicas*, que receberam esse nome em referência aos

<sup>156</sup> Tratado de retórica, anônimo, que se dedica à invenção, arranjo, estilo, memória e entrega, examinando a elaboração do discurso. (CONNOLLY, 2007, p. 149)

<sup>157</sup> Em latim, o termo *eloquentia* era utilizado para denotar retórica. Para o orador, vários termos eram utilizados, como *orator*, *patronus*, *aduocatus* e *causidicus*. (PERNOT, 2005, p. 102)

<sup>158</sup> Ainda assim, é necessário frisar que alguns termos gregos permaneceram sendo utilizados, como o termo transliterado paranomasia (παρονομασία); alegoria, metáfora e ironia também são classicamente derivados da transliteração de termos gregos, apresentados dessa forma por Quintiliano no *Institutio Oratoria*. (SCATOLIN E MIOTTI, 2020, p. 333, 356)

discursos de Demóstenes contra Filipe II, em que ataca Marco Antônio e tenta declará-lo inimigo público, além de abordar questões relacionadas a história, direito e política. Na batalha pelo poder, portanto, toma o lado de Augusto como sucessor e primeiro imperador de Roma, mas com interesses de que ele fosse eliminado posteriormente. Nesse sentido, sabendo dos planos de Cícero, após a formação do segundo triunvirato, o orador é executado sob ordens de Marco Antônio, em uma lista de dezessete adversários, o que ocorre em 7 de dezembro do mesmo ano, sendo expostas sua cabeça e mãos nos rostros (PERNOT, 2005, p. 105-125).

A obra de Cícero é vasta, em sua carreira prolífica de quase quarenta anos. Das suas cartas, mais de 900 se preservaram e destas, grande parte foi endereçada a seu amigo Tito Pompônio Ático, mas uma parte de sua obra foi suprimida por razões políticas. Escreveu cerca de 150 discursos jurídicos, revisados e reescritos, posteriormente organizados por Ático para edição. Além disso, há poemas seus que se mantiveram e sua importância na história da poesia romana, embora não muito reconhecida, é considerada por alguns significativa<sup>159</sup>. Dentre a vasta obra, se destacam os discursos *Verrinas*, *Catilinárias* e as *Filípicas*.

Sobre seu estilo mais eclético, dentre os asiáticos e aticistas, Cícero não se definia a partir de nenhum deles. Sua capacidade emotiva durante as defesas e a associação entre estilo e ritmo era notável e, por isso, era um dos últimos a se pronunciar nos tribunais. A retórica complexa ciceroniana trabalhava o ritmo e o uso das figuras, *σχήματα*, em especial as metáforas, como uma herança aristotélica em suas composições, um recurso que ele defende principalmente em sua obra *Orator*. O uso das figuras no discurso, portanto, é considerado importante para Cícero como foi para Aristóteles, defendendo sua presença de maneira parcimoniosa e adequada ao gênero de estilo para se atingir a perfeição na oratória.

Retoricamente, as *Catilinárias*, por serem dirigidas a vários públicos, são discursos complexos, e se tornaram memoráveis por vários trechos. Seu estilo elevado, o conhecimento que demonstra e sua linguagem complexa, formada de sentenças longas, representam seu grande poder argumentativo. Defendia o tradicionalismo e a autoridade do Senado, o respeito pelas leis, a *concordia ordinum*<sup>160</sup> e o *consensus bonorum*<sup>161</sup>, além da imparcialidade no discurso do bom advogado (CONTE, 1999, 181).

<sup>159</sup> Marciniak, em seu artigo “Cicerone- Il più grande dei poeti” (2018) aborda essa visão dupla de que as poesias de Cícero são, para alguns, um momento “constrangedor” do poeta; entretanto, menciona alguns estudiosos como Malcovati (1943) e Traglia (1950), que se dedicaram aos estudos das poesias do autor, tratando-as como importantes para a literatura romana.

<sup>160</sup> Conolly (2010, p. 27) define o *concordia ordinum* como sendo uma espécie de aliança de boa vontade estabelecida entre os homens de prestígio.

<sup>161</sup> Nessa obra, o autor indica que o *consensus omnium bonorum* consiste em um projeto político em que todos os cidadãos das mais altas classes, ricos e influentes, os *optimates*, estariam em harmonia em prol da república. (CÍCERO, *Pro Sestio*, 96-98)

Sua obra *De Oratore*, por exemplo, debate o *status* da retórica, enquanto arte completa e complexa ou simples conjunto de técnicas, e Cícero tende para a primeira definição, colocando-a como uma arte diretamente ligada ao conhecimento do orador e à sua capacidade de persuasão. Nesse tratado, personagens como Crasso e Antônio debatem e Crasso defende que deve haver conhecimento nos campos de direito, filosofia, questões gerais, entre outras áreas (CONTE, 1999, p. 186). Já a obra *Orator* é dividida em três partes em que o orador ideal é definido, bem como as regras para estilo e técnica. *Brutus* apresenta o ponto de vista histórico da retórica, sobre a eloquência (CONTE, 1999, p. 187).

Trouxe para a filosofia muitos conceitos e fez sua junção com a retórica, reforçando a ideia de que ambas devem caminhar juntas, ou seja, o filósofo deve ser, antes de tudo, um bom orador. Importante mencionar as cartas, em que seu estilo se afasta do elevado de seus tratados e passa ao *sermo familiaris*, em forma de conversação por vezes distante da formalidade das outras obras. Em *Pro Murena*<sup>162</sup>, ataca o estoicismo em contraponto ao academicismo, colocando esse último como exemplo de moderação do qual se valia. Assim, por meio de Cícero, a retórica ganha forças no contexto romano e se tornaria ainda mais importante no período do Império.

## 2.1e Retórica no período imperial

No período imperial, a retórica sofreu modificações, e algumas críticas são tecidas em obras de autores como Tácito em *Dialogus* e Petrônio, no *Satyricon*, além de Sêneca<sup>163</sup> e Quintiliano, na *Institutio Oratoria*, que falaram principalmente da falta de liberdade marcadamente presente nos regimes ditatoriais. Sêneca, o Velho também tece críticas associadas à falta de amor pelo trabalho e aos vícios que, em sua concepção, tomam conta dos oradores contemporâneos<sup>164</sup>. Mas opiniões não são unânimes, e há quem elogie essa época, como Dionísio de Halicarnasso que, assim como Plínio, o Jovem, vê no período imperial a ascensão da retórica principalmente diante do regime que considerava estável, ordenado e pacífico, exaltando a

<sup>162</sup> Cícero se utiliza da ironia com o intuito de desacreditar Catão, que defendia o adversário de Murena, zombando de seu rigor estoico. (CONTE, 1999, p. 182)

<sup>163</sup> Sêneca, *Epístola* 114, 1-2: *talis hominibus fuit oratio qualis uita. Quemadmodum autem uniuscuiusque actio dicendi similis est, sic genus dicendi aliquando imitatur publicos mores, si disciplina ciuitatis laborauit et se in delicias dedit. Argumentum est luxuriae publicae orationis lasciuiam, si modo non in uno aut in altero fuit, sed adprobata est et recepta.* – “De facto, assim como o modo de agir de cada pessoa se reflecte no modo como fala, também sucede que o estilo literário imita os costumes da sociedade sempre que a moral pública é contestada e a sociedade se entrega a sofisticados prazeres. A corrupção do estilo demonstra plenamente o estado de dissolução social, caso, evidentemente, tal estilo não seja apenas a prática de um ou outro autor, mas sim a moda aceite e aprovada por todos.” (Tradução: Segurado e Campos)

<sup>164</sup> Tais críticas podem ser encontradas em seu livro *Controuersiae*, I, prefácio 6-10. (PERNOT, 2005, p. 130)

promoção da cultura<sup>165</sup>.

Sexto Empírico destaca o que considera ser a decadência da retórica reduzida à declamação, quando afirma que a retórica não é uma arte e que não é capaz de criar uma boa elocução, em sua obra *Contra os retóricos*. Filostrato também critica a retórica declarativa, comparando com a antiga retórica que, para o autor, seria mais próxima da filosofia e fundada por Górgias:

A sofística antiga deve ser considerada uma retórica dedicada à filosofia, pois discute os mesmos pontos que os filósofos; (...) A antiga sofística, mesmo quando apresentava questões filosóficas, expunha-as de forma clara e extensa; argumentava sobre coragem, sobre justiça, sobre heróis e deuses e como a forma do universo foi configurada. Aquela que a seguiu, que não deveria ser chamada de nova, por ser antiga, mas sim segunda sofística, apresentava discursos em que o orador personificava os tipos do pobre e do rico, do nobre e do tirano, e questionava onde ele personificava personagens específicos, para os quais a história é um guia adequado.<sup>166</sup>

Há, portanto, uma dupla interpretação: para alguns, o império foi um período de decadência da arte, ao simplificar o discurso e resumir sua prática a declamações e recitações de forma vazia e superficial, predominando as ordens e o desejo do imperador<sup>167</sup>. Por outro lado, há a tese de que a Segunda Sofística, momento de ascensão dos intelectuais nos séculos II e III d.C. em Roma, segundo denomina Filóstrato, representaria uma ascensão da retórica, principalmente a partir da época de Augusto. Embora ambas as teses sejam relativistas, uma vez que julgam o momento de acordo com o passado, convergem para o mesmo ponto: de que ocorreu uma mudança na retórica nesse período em Roma.

Várias modalidades retóricas tomavam forças nesse momento, como discursos para a concórdia, discursos para julgamentos públicos, assembleias em todos os gêneros (epidítico, judicial e deliberativo), tanto em Roma como nas cidades gregas. Pernot (2005, p. 133) menciona que “o Império não provocou uma mutação radical, mas uma série de transformações, de mudanças de ênfase e de inovação que compõem uma paisagem diferente, ainda que os elementos

<sup>165</sup> De acordo com Kirchner (2007, p. 194), Dionísio de Halicarnasso chegou a afirmar que a corrupção da linguagem havia desaparecido no final do período helenístico.

<sup>166</sup> Filóstrato, *Vit. Sophistarum*, I, 480, 481: *Hay que considerar a la sofística antigua como retórica dedicada a la filosofía, pues discurre sobre los mismos puntos que los filósofos; (...) La antigua sofística, hasta cuando presentaba cuestiones filosóficas, las exponía prolijamente y por extenso; argumentaba sobre el valor, sobre la justicia, sobre héroes y dioses y cómo se había configurado la forma del universo. La que le sucedió, que habría que llamar no nueva, pues es antigua, sino más bien segunda sofística, exponía discursos en los que el orador personificaba los tipos del pobre y el rico, del noble y el tirano, y cuestiones, donde encamaba a personajes concretos, para las que la historia es guía adecuada.* (Tradução ao espanhol: Giner Soria)

<sup>167</sup> Na época de Augusto, houve significativa redução de oportunidades reais. Assim, os oradores se dedicaram a exercícios de declamação e recitação. Mais informações sobre a retórica no período imperial são dadas por Steel (2007, p. 246-248)

possam não ser todos novos”.<sup>168</sup>

Nos trezentos anos do período Augustano até Constantino, a retórica passou por momentos de transformação, como o encontro entre retórica e crítica literária (esse contato se concretiza quando há a utilização de conceitos retóricos na crítica de obras, inevitável diante da importância da retórica para a época, ou na análise de obras com a temática da oratória). Nesse sentido, dois autores se destacam: Dionísio de Halicarnasso e Pseudo-Longino. Dionísio foi escritor das *Histórias Antigas de Roma* e *Ensaio Crítico*, vários ensaios sobre oradores áticos, historiadores e obras de teoria literária. Como objetivos práticos de instrução, sua obra propunha o desenvolvimento da retórica e do estilo, principalmente pautado na imitação dos grandes autores. Inspirado na cultura ateniense dos séculos V e IV a.C., elabora amplo estudo sobre autores e obras desse período e os organiza, destacando em cada um suas qualidades, mas também tecendo críticas<sup>169</sup>, como grande admirador de Demóstenes. O que ele chama de *synthesis onomaton* é, em essência, essa sistematização precisa com foco principalmente na musicalidade, no ritmo que o estudo da fonética proporciona para composição do estilo perfeito. Sua teorização demonstra como a harmonia auditiva era importante na era da retórica grega (CONNOLLY, 2007, p. 155).

Um dos mais importantes tratados da crítica literária é uma obra atribuída a Pseudo-Longino, *Sobre o Sublime*, obra do primeiro século a.C. que se estabelece como um documento de crítica literária antiga. Tece comentários sobre o asianismo, critica a afetação, eleva o sublime acima da persuasão, e, como teórico do gênero elevado, dá especial atenção para a importância da imitação dos antigos, de forma filosófica, espiritual e até sobrenatural (CONNOLLY, 2007, p. 156).

Ambos os autores e suas obras demonstram a importância associada ao classicismo nesse período da retórica imperial, fortemente enraizada nos antigos, dando forças principalmente ao aticismo, com bases nos textos que representavam o uso da linguagem de forma elevada e refinada, com menção a Demóstenes como símbolo da perfeição estilística e afirmação da cultura helenista em Roma.

A era imperial contribuiu para a elaboração de um grande número de tratados e cursos, haja vista a crescente demanda de obras no estilo de manuais, de cunho instrucional, tanto para a formação do indivíduo, como professor e aluno, quanto para a continuação do seu exercício profissional enquanto orador. Uma das principais obras nesse quesito e nessa época é a *Institutio Oratoria*, de Quintiliano, que abrange toda a educação formal desde os anos iniciais até a fase

---

<sup>168</sup> Pernot, 2005, p. 133: *The Empire did not provoke a radical mutation, but a series of transformations, of changes of emphasis and innovation that make up a different landscape, even though the elements may not all be new.*

<sup>169</sup> Crítica, por exemplo, Tucídides e Platão. (PERNOT, 2005, p. 138)

adulta, com definição da retórica e exercícios de preparação, unindo conteúdo e forma na disposição em 12 livros. Detalhando os três gêneros, deliberativo, epidítico, judicial, com importância fundamental ao último, a presença de dados históricos, os elementos morais e culturais nos livros fundamentam desde a organização do discurso e sua memorização, chegando à recepção. Com precisão e certa pessoalidade, Quintiliano sintetiza os conhecimentos sobre o assunto e o sistematiza para propiciar o estudo de forma crítica e criteriosa, unindo moral e retórica na elevação do homem ao modo do classicismo ciceroniano (LÓPEZ, 2007, p. 307-322).

Outro autor da era imperial foi Hermógenes, escritor de tratados retóricos do início do século III d.C. que também buscou organizar a retórica para a elaboração de discursos refinados, esquematizando e classificando a teoria das formas de discurso de maneira organizada e sintética, utilizando matrizes para o estudo do estilo (PERNOT, 2005, p. 163).

Em geral, os imperadores eram ligados à arte da retórica e pela natureza da sua função proferiram diversos discursos. Suas declarações eram importantes e, por isso, recorriam a oradores, como Marco Aurélio, que foi treinado por Frontão, e Nero, que recorria a Sêneca, o que pode levar a dúvidas sobre a autoria de alguns discursos. Alguns oradores eram reconhecidos por sua elevada eloquência, como Calígula e Trajano. Sêneca, em sua *Consolatio ad Polybium*, ressalta a importância da palavra do imperador enquanto autoridade de peso. Principalmente no contexto da consolação diante de situações individuais e coletivas, o governante tinha como missão proferir palavras humanitárias para aplacar a população do sofrimento e encorajá-los a seguir, mesmo diante de catástrofes. Assim, o imperador era, por excelência, o maior orador da pátria, com forte poder de persuasão, exortação e repreensão por sua autonomia vista como quase divina (PERNOT, 2005, p. 171).

### **2.1f A segunda sofística**

Como ocorreu na primeira Sofística, em que se destacaram, na Grécia, Górgias e Hípias, nos primeiros três séculos da Era imperial também floresceram inúmeros oradores importantes, em número significativo para caracterizar o movimento, e foi definida, assim, a chamada Segunda Sofística, como denominado por diversos autores<sup>170</sup>. Foi um período com amplas referências e comparações com o classicismo grego, relacionando principalmente retórica com filosofia.

Esse movimento marca um retorno aos valores e à cultura grega, sendo representado por numerosos estudiosos que tanto se declaravam sofistas quanto retores ou mesmo filósofos. Não

---

<sup>170</sup> Filostrato cunhou o termo em sua obra *Vida dos Sofistas*. (HORNBLLOWER e SPAWFORT, 1999, p. 1377)

houve, entretanto, uma organização formal desse movimento, e sim um fluxo de ideias pautadas no renascimento do esplendor grego do período clássico. Um autor que escreveu sobre a segunda sofística, situando-a no tempo de acordo com a primeira sofística, foi Filostrato, em sua obra *A vida dos Sofistas*, abordando não só características desse movimento como também elencando nomes e biografias de quarenta sofistas da era Imperial, com menções ao estilo, carreira e obras. Sua obra, repleta de informações corroboradas por outros autores da época, como Menandro Retor, tende a ser uma importante fonte de informações sobre a retórica nesse período, em que os considerados ‘sofistas’, excêntricos e trabalhando incessantemente para atingir a perfeição do grego ático em seus discursos, eram, segundo destaca Pernot (2005, p. 189):

primeiramente, professores de retórica e oradores. Ocupavam cadeiras municipais e imperiais, recorriam a escolas privadas e cercavam-se de estudantes, aos quais ensinavam declamação. Eles deram aulas, escreveram tratados teóricos e praticaram os três gêneros oratórios: judicial, deliberativo e epidítico<sup>171</sup>.

Além da retórica, vários papéis eram cumpridos por esses sofistas, nos tribunais, junto à administração e em outros cargos públicos que poderiam ser altos, como no consulado, e até mesmo com acesso ao imperador, em que podiam exercer influente papel como oradores (HORNBLLOWER e SPAWFORT, 1999, p. 1377). Todo o conhecimento adquirido pelos sofistas, em geral pertencentes à aristocracia, dava-lhes uma vantagem e certo tipo de poder persuasivo, que permitia desfrutar de altos postos sociais e políticos. Eles estavam sempre de acordo com os princípios da era clássica grega e buscavam elevar a retórica em associação com a ética, principalmente na filosofia, em referência ao platonismo, inclusive aludindo a uma possível junção das duas ciências<sup>172</sup>.

A retórica, em especial no período imperial, estendeu-se para diversas obras de cunho literário, e ambas, literatura e retórica, se influenciaram mutuamente<sup>173</sup>. Esse fenômeno não foi exclusivo da era imperial romana, mas nela se intensificou devido à expansão da prática de leitura pública, em que diversas obras eram lidas e isso implicava, inevitavelmente, em uma junção entre oralidade e escrita. Outro ponto a ser levado em conta nesse processo é o fato de que diversos

---

<sup>171</sup> Pernot, 2005, p. 189: *first and foremost teachers of rhetoric and orators. They held municipal and imperial chairs, made use of private schools and surrounded themselves with students, to whom they taught declamation. They gave lessons, wrote theoretical treatises, and practiced the three oratorical genres, judicial, deliberative, and epideictic.*

<sup>172</sup> Dio de Prusa é um exemplo, visto que ele se considerava um filósofo e orador que condenava a filosofia abstrata, apontando a prática da retórica como uma forma de proclamar a filosofia para outros, utilizando-se, para isso, particularmente a palavra pública. (PERNOT, 2005, p. 192)

<sup>173</sup> Necessário chamar a atenção para o fato de que a terminologia que estabelece quase uma oposição entre literatura e retórica não era muito clara na antiguidade. A literatura não era categorizada em Roma, e a linha entre essa e a retórica era tênue. (FOX, 2007, p. 373)

oradores eram também escritores e não se limitavam à elaboração de tratados e obras técnicas, mas escreviam poemas, tragédias e comédias, a exemplo de Ovídio, que faz a junção entre retórica e poesia nas *Heroides*, *Arte de Amar*<sup>174</sup> e *Metamorfoses*, em que a persuasão tem papel de destaque no contexto literário, em especial em associação com o amor. Inevitavelmente, a retórica e sua importância nesse período influenciariam outras áreas, por estar presente na educação e por ter se tornado matéria essencial e de elevado interesse. Particularmente, as tragédias de Sêneca contêm passagens em que a retórica se faz fortemente presente em diálogos onde a persuasão é fundamental. Consolação e romance são gêneros em que a retórica penetrou de maneira significativa nesse momento da história romana.

## 2.2 A consolação

### 2.2a A retórica e a consolação

Apesar de o luto ser individual e subjetivo, vivido por cada indivíduo de forma única, a morte e o sofrimento são experiências universais, que, embora vivenciadas em todas as épocas e culturas, estão intimamente moldadas por esses dois aspectos, e se diferenciam, portanto, no espaço e no tempo. A visão acerca da morte é variável, bem como a concepção da vida após a morte se distingue em diferentes momentos culturais, como no paganismo e no cristianismo, além das experiências como guerras, fome, epidemias e até a expectativa de vida não serem uma constante. Dessa forma, a consolação é como uma fonte de evidências que permite olhar para essa experiência buscando compreender como as emoções eram vivenciadas nas épocas remotas, com cuidado para evitar as generalizações, visto que o conjunto de textos dessa natureza ainda é limitado.

Desde Homero, os traços da função consoladora já podem ser observados quando, na *Ilíada*, Aquiles consola Príamo:

Mas agora senta-te num trono; nossas tristezas deixaremos  
que jazam tranquilas no coração, por mais que soframos.  
Pois não há proveito a tirar do frígido lamento.<sup>175</sup>

Mas aguenta: não chores continuamente no teu coração.  
Pois de nada te aproveitará lamentares o teu filho,

<sup>174</sup> Nessa obra, Ovídio dá conselhos para a sedução de forma particularmente irônica, e um dos principais elementos para o empreendimento é a persuasão, que ocorre, em muitos momentos, por meio da palavra magistral, um traço da poesia didática. Nesse poema, Ovídio “forja para si uma espécie de personalidade/*ethos* condizente com as atribuições de um ‘professor’ diante do aluno” (TREVIZAM, 2016, p. 29)

<sup>175</sup> Homero, *Ilíada*, XXIV, 522-24: ἀλλ’ ἄγε δὴ κατ’ ἄρ’ ἕζεο ἐπὶ θρόνου, ἄλγεα δ’ ἔμπτει/ ἐν θυμῷ κατακεῖσθαι ἐάσομεν ἀχνόμενοι περ:/ οὐ γάρ τις πρῆξις πέλεται κρυεροῖο γόοιο. (Tradução: Lourenço)



nem o trará à vida, antes de teres já sofrido outro mal.<sup>176</sup>

Já se observa, nos primórdios da literatura grega, a visão sobre o luto, a exortação à superação e a limitação da tristeza, associadas principalmente ao *fatum*, assim como o uso de *exempla* com o intuito de auxiliar o enlutado, não só em relação aos seus sentimentos, como também com função ética, para a continuidade de seus deveres na guerra<sup>177</sup>.

Assim, a retórica, como apontado, caminha e influencia diferentes campos e nesse meio se encontra, certamente, o ato de consolar – do latim, *consolatio*, e do grego, *paramuthetikos logos*, um espaço, segundo Pernot (2005, p. 199), onde há “interpenetração da retórica, da filosofia e da literatura”<sup>178</sup>. No campo semântico latino, assim como no grego, o espectro era grande para indicar o *luctus*, com vários verbos que se relacionam com as fases do sofrimento: *maereo*, lamentar, *flecto*, comover-se, *labor*, inclinar-se à dor, *patior*, sofrer. No campo literário, suas origens seguem a tradição que se representaria ainda por meio dos epitáfios, elegias<sup>179</sup> e da *laudatio funebris* desde a monarquia. Anteriormente, Platão menciona, em sua obra *Menexenus*, as estruturas de canções fúnebres e epitáfios.

O elogio fúnebre era comum na sociedade romana, em especial voltado para as mortes dos nobres, com discursos proferidos por parentes para prestar homenagem ao morto e à sua família, uma ocasião para a prática da eloquência oratória, o que perdurou até o império. Em 390. a.C, foi concedido às mulheres romanas também o direito a serem homenageadas após a morte. (CRAWFORD, 1941, p. 21).

Kierdorf (2003, p. 297) divide a tradição da *laudatio funebris* em três momentos. Nos meados do séc. 2 a.C., as orações proferidas eram principalmente focadas nos elogios ao morto e de seus antepassados, sem influência da teoria retórica, e as consolações ainda não faziam parte do repertório. Em um segundo momento, iniciado na segunda metade do séc. 2 a.C. até o séc. 3 d.C, novos aspectos foram incrementados, elogios eram combinados com os lamentos e a teoria

<sup>176</sup> Homero, *Ilíada*, XXIV, 549-51: ἄνσχεο, μὴ δ' ἀλίσστον ὀδύρεο σὸν κατὰ θυμόν:/ οὐ γάρ τι πρήξεις ἀκαχήμενος υἱὸς ἕηος,/ οὐδέ μιν ἀνστήσεις, πρὶν καὶ κακὸν ἄλλο πάθῃσθα. (Tradução: Lourenço)

<sup>177</sup> Homero, *Ilíada*, XIX, vv. 228-233: ἀλλὰ χροὶ τὸν μὲν καταθάπτειν ὅς κε θάνῃσι/ νηλέα θυμὸν ἔχοντας ἐπ' ἤματι δακρῦσαντας:/ ὅσοι δ' ἂν πολέμοιο περὶ στυγεροῖο λίπονται/ μεμνήσθαι πόσιος καὶ ἐδητύος, ὄφρ' ἔτι μᾶλλον/ ἀνδράσι δυσμενέεσσι μαχώμεθα νολεμέεσσι αἰεὶ/ ἐσσάμενοι χροὶ χαλκὸν ἀτειρέα. μηδέ τις ἄλλην: “Compete-nos sepultar aquele que morreu./de coração inflexível, chorando só naquele dia./Mas todos os que foram deixados vivos pela guerra detestável/têm de se lembrar da bebida e da comida, para que ainda/ melhor combatam, sempre incessantes, contra os inimigos./revestidos de bronze renitente” (Tradução: Lourenço)

<sup>178</sup> Pernot, 2005, p. 199: interpenetration of rhetoric, philosophy, and literature.

<sup>179</sup> Há vertentes que buscam compreender a origem das elegias pela lamentação, pela análise tanto da própria etimologia do termo quanto da tradição literária, como explica Azevedo (2017, p. 1-2). A autora chama a atenção para o termo *élegos*, que seria derivado do *é legein*, traduzido como ‘dizer ai’, uma das formas de lamentação; ainda, por outro lado, a elegia seria associada ao lamento, resultando na elegia trenódica, que estaria presente em funerais e em honrarias aos mortos.

retórica pode ser observada nessas composições, principalmente nos aspectos biográficos e nas mudanças de estruturação, com menção aos antepassados já no início do discurso. Por fim, o período cristão manifesta as diretrizes do período imperial, mas dá amplo espaço para a consolação, fundindo sua literatura com a literatura cristã.

Havia uma estrutura a ser seguida para a *laudatio* de acordo com a retórica, em seu momento de influência, que consistia em dividir o discurso em duas partes, mencionando os feitos do indivíduo e aqueles que precediam o morto, no que tange à pátria, aos pais e aos antepassados. Quintiliano sugere a separação temporal do discurso, distinguindo o tempo em que ele viveu e o tempo precedente, além do tempo que virá após o morto e seu legado. (Quintiliano, *Institutio Oratoria*, 3, 7, 10-11.) Por vezes, tais orações fúnebres eram publicadas como panfletos, iniciando a tradição escrita com o intuito de elevar os feitos de quem faleceu e de prestar honras a sua família, como pode ser lido em *Brutus*, de Cícero:

E certamente eles [os elogios aos mortos] ainda existem: as próprias famílias conservavam como honrarias, por assim dizer, e como documentos para serem utilizados se alguém da mesma linhagem morre e para a memória das glórias domésticas, bem como para abrilhantar sua própria nobreza.<sup>180</sup>

Juntamente com o discurso privado, o discurso público nessas ocasiões passa a ter força política, em especial para reforçar o poder associado às famílias da aristocracia. Logo, em oposição aos discursos públicos atenienses, voltados para os mortos da cidade de forma conjunta, com elogios aos soldados e aos mortos da guerra, por exemplo, encontravam-se os discursos familiares em honra a personalidades e seus feitos para servir à república, um reflexo da estrutura política que pode ser observado nessa ocasião, a partir dos epitáfios gregos ou dos panegíricos romanos. Dionísio de Halicarnasso aponta a tradição romana e as diferenças culturais em seu texto *Sobre as antiguidades romanas*<sup>181</sup>. Nesse contexto, a *laudatio funebris* perdura, em Roma, até a era imperial, momento em que ganha conteúdo consolador (KIERDORF, 2003, p. 705).

De acordo com Pernot (2007, p. 170),

a consolação era verdadeiramente uma das missões do imperador, o que significava, na visão antiga, cuidar dos seus súditos, individual e coletivamente. Quando ocorreram catástrofes naturais (terremotos, erupções vulcânicas, etc.), ele exerceu sua generosidade

---

<sup>180</sup> Cícero, *Brutus*, 62: *et hercules eae quidem exstant: ipsae enim familiae sua quasi ornamenta ac monumenta seruabant et ad usum, si quis eiusdem generis occidisset, et ad memoriam laudum domesticarum et ad illustrandam nobilitatem suam.* (Tradução: Almeida)

<sup>181</sup> Obra composta de vinte livros, muito retóricos e repleto de grandes discursos, explica a história de Roma desde as origens até a eclosão da Primeira Guerra Púnica. (HORNBLLOWER, SPAWFORTH, 1999, p. 478)

com ajuda humanitária, discursos perante o Senado em nome das populações sofredoras e declarações oficiais de condolências.<sup>182</sup>

Definir a consolação não é fácil, tampouco saber se seus objetivos foram atingidos a partir da leitura do texto. De maneira simplificada, é uma obra redigida a partir da junção entre métodos retóricos e filosóficos, que tem por objetivo principal persuadir um ou mais indivíduos a dissipar a dor, sentimento de certa forma indesejado, ocasionado seja pela perda da morte, seja por outra situação de tragédia ou fatalidade, como aponta Cícero nas *Disputationes Tusculanae*<sup>183</sup>. Uma chave para compreender a consolação, portanto, é pensar no sofrimento. É um plano em que a persuasão precisa ser trabalhada de forma precisa, lançando mão do uso de *topoi* tradicionais na busca por despertar a consciência do sofrimento a partir da racionalização e por ressignificá-lo, como pode ser observado amplamente em trabalhos de Sêneca, Plutarco e Apolônio de Tiana, no período imperial. Tais obras eram, por conseguinte, fortemente filosóficas e retóricas, e a argumentação está presente em todas as suas dimensões, seja em forma de conselhos diretos, seja por advertência ou por meio de exemplos.

## 2.2b O gênero *consolatio*

Apesar da força da *laudatio* no período imperial romano, uma das primeiras obras consolatórias de que se tem registro foi a do acadêmico Crantor de Sólis (c. 325- c. 275 a.C.), que deu à *consolatio* suas características distintivas. Seus textos sobreviveram de forma muito fragmentária, mas sua influência é notada em obras supérstites de autores posteriores, como nas *Disputationes Tusculanae* de Cícero<sup>184</sup> e mesmo em sua consolação pessoal, em que transmitiu a tradição das *consolationes* gregas para os romanos. Outra influência de Crantor se observa em

<sup>182</sup> Pernot, 2005, p. 170: *consolation was truly one of the emperor's missions, which meant, in the ancient view, taking care of his subjects, individually and collectively. When natural catastrophes (earthquakes, volcanic eruptions, etc.) occurred, for example, he exercised his generosity with disaster relief, speeches before the Senate on behalf of the suffering populations, and official declarations of condolence.*

<sup>183</sup> Cícero, *Disputationes Tusculanae*, III, XXXIV, 81: *Sunt enim certa, quae de paupertate, certa, quae de uita inhonorata et ingloria dici soleant; separatim certae scholae sunt de exilio, de interitu patriae, de seruitute, de debilitate, de caecitate, de omni casu, in quo nomen poni solet calamitatis.* – “Pois existem certas doutrinas que costumam tratar da pobreza, certas outras, da vida sem honra e sem glória; isoladamente, certas doutrinas tratam do exílio, da destruição da pátria, da escravidão, da fraqueza, da cegueira e de qualquer situação à qual se pode denominar desgraça (Tradução: Bassetto).

<sup>184</sup> Cícero, *Disputationes Tusculanae*, I, 115: *simile quiddam est in Consolatione Crantoris: ait enim Terinaeum quendam Elysium, cum grauiter filii mortem maereret, uenisse in psychomantium quaerentem, quae fuisset tantae calamitatis causa; huic in tabellis tris huius modi uersiculos datos: 'Igraris homines in uita mentibus errant: Euthynous potitur fatorum numine leto. Sic fuit utilius finiri ipsique tibi que.'* – Algo semelhante é a Consolação de Crantor: diz que certo Elísio Terineu, quando deplorava profundamente a morte do filho, veio procurar saber em um lugar, onde se evocam os mortos, qual teria sido a causa de tão grande desgraça; foram-lhe dados em tabuinhas os três pequenos versos seguintes: “Homens com mente sobrecarregada enganam-se: Eutínoo apossa-se da vontade mortal dos destinos. Ter acabado desse modo foi mais útil para ti e para ele.” (Tradução: Bassetto)

Plutarco<sup>185</sup>, em sua *Consolatio ad Apollonium*. Manning (1981, p. 12) destaca que

Os praticantes Romanos do gênero se voltaram para Crantor, o Acadêmico do terceiro século, como o seu primeiro praticante e atribuíram um grande peso ao seu *περί πένθους πρὸς ἵπποκλέα*<sup>186</sup>. Foi um desenvolvimento natural da era helenística, quando a preocupação primária da filosofia era preparar o indivíduo para lidar com as mudanças e oportunidades da vida (...).<sup>187</sup>

Crantor era um filósofo e, por isso, sua consolação pode ser mais próxima do que seria um tratado filosófico em forma de um livro de conselhos, extrapolando o que seria puramente uma consolação, mas trazendo também palavras para consolo a fim de lidar com a dor. Posteriormente, muitos outros filósofos escreveram indicações de consolações, mesmo que não de forma pura, como o que se entenderia posteriormente pelo gênero literário com máxima importância aos assuntos consolatórios marcados por Cícero.

Retoricamente, a função de consolar é um trabalho no campo persuasivo, com o intuito de convencer o outro a mudar o foco da dor. Filosoficamente, as vertentes mais influentes nesse tipo de produção literária são as que comportam a visão de que a alma sobrevive, em que se destacam Platão, Aristóteles<sup>188</sup>, os autores adeptos do estoicismo<sup>189</sup> e de suas concepções sobre as emoções (BALTUSSEN, 2013, p. xv). O próprio Epicuro escreveu obras com passagens consolatórias, além dos seus discípulos, como Metrodoro.<sup>190</sup> O cristianismo, posteriormente, retoma a concepção de vida após a morte e do reencontro, exortando à caridade como forma de se unir a quem partiu.

As obras de Cícero são fundamentais para a compreensão da tradição consolatória. Apesar de não ter chegado aos dias atuais de maneira direta, é amplamente documentado que ele elaborou uma autoconsolação em decorrência da morte de sua filha Túlia. Essa consolação é, segundo ele, inédita por ser dirigida a si mesmo, em que ele eleva a morte à verdadeira vida<sup>191</sup>. Os fragmentos

<sup>185</sup> Plutarco menciona Crantor diretamente em diversos momentos de sua consolação. (*Consolatio ad Apollonium*, 3, 6, 25, 27)

<sup>186</sup> Obra de Crantor dirigida a Hipócles em decorrência da morte de seu filho, *Sobre o luto a Hipócles*.

<sup>187</sup> Manning, 1981, p. 12: *Roman practitioners of the genre looked back to Crantor the third century Academician as its first practitioner and attributed great weight to his περί πένθους πρὸς ἵπποκλέα. It was a natural literary development of the hellenistic age when the prime concern of philosophy was to equip the individual to meet the changes and chances of life (...)*

<sup>188</sup> *μετριοπάθεια*, de acordo com a visão de Aristóteles seria a moderação das emoções. Diferente da *απάθεια*, é uma visão de que algum grau de sofrimento seria aceitável. (BALTUSSEN, 2013, p. xv)

<sup>189</sup> Principalmente seu conceito de *απάθεια*, em que as emoções devem ser evitadas. Seria a extirpação das emoções, sem moderação. (BALTUSSEN, 2013, p. 72)

<sup>190</sup> Sêneca, *Epistulae Morales*, 98, 9: *Egregie itaque uidetur mihi Metrodorus dixisse in ea epistula qua sororem amisso optimae indolis filio adloquitur: 'mortale est omne mortaliu bonum'* – “Por isto mesmo eu dou toda a razão a Metrodoro quando, numa carta dirigida à irmã por ocasião da morte de um filho de nobre caráter, lhe disse: ‘Todo o bem relativo aos mortais é mortal.’” (Tradução: Segurado e Campos).

<sup>191</sup> Estudos com o intuito de recuperar a estrutura da carta mencionam que Cícero faz reflexões gerais sobre a condição da vida humana e sobre sua crença na imortalidade da alma. (BALTUSSEN, p. 76)

e menções que chegam dessa consolação indicam que foi baseada na consolação de Crantor, e que haveria, ao final, uma apoteose da filha em razão de suas virtudes (BALTUSSEN, 2013, p. 76). Nas *Tusculanae Disputationes*, discute amplamente sobre emoções, dentre elas o luto e a dor, e destaca que “estes são, portanto, os encargos dos que consolam: eliminar completamente, aliviar ou diminuir ao máximo ou suprimir a dor, e não permitir que ela se difunda para mais longe ou atinja outros seres” (Livro 3, 75)<sup>192</sup>. No terceiro livro, Cícero menciona as diversas linhas filosóficas e os remédios para a alma, como as concepções dos estoicos, epicuristas e cirenaicos, dando especial ênfase à racionalidade dos cirenaicos. Essa obra, portanto, é de grande importância ao focar na consolação de forma pura, com máxima atenção à descrição de experiências concretas<sup>193</sup>, partindo da estrutura de Crantor para escrever algo novo, mas conservando as ideias do que era o sofrimento. Além das descrições práticas, outro ponto fundamental em sua consolação é afirmar que a dor sentida não é evidentemente tão relevante, pois se a conhecêssemos antes, não viveríamos.<sup>194</sup>

Aprofundando a concepção desse gênero, Menandro liga a estrutura da consolação aos gêneros retóricos deliberativo e epidítico. No segundo livro de sua obra *Sobre os discursos Epidíticos* (Περὶ ἐπιδεικτικόν), trata a consolação entre os dezesseis tipos de discurso dentro da retórica. Para o autor, a consolação viria após a monodia<sup>195</sup>, lamentando o morto, e antes do epitáfio<sup>196</sup>, que estabelece o elogio ao falecido, considerando que os três provêm de uma mesma tradição. Dividindo o discurso em três partes, a primeira seria reservada a uma ampliação do lamento, dirigindo-se à família para com ela lamentar a partida, para posteriormente mencionar grandes autores e introduzir reflexões filosóficas sobre a natureza humana e a divina, e dar exemplos de que tudo perece, além de reservar uma parte para elogiar os grandes feitos, como

<sup>192</sup> Cícero, *Tusculanae Disputationes*, III, 75: *Haec igitur officia sunt consolantium, tollere aegritudinem funditus aut sedare aut detrahere quam plurimum aut sopprimere nec pati manare longius aut ad alia traducere.*” (Tradução: Bassetto)

<sup>193</sup> Na obra *De diuinatione* 2, 22, Cícero escreve: *Clarissimorum hominum nostrae ciuitatis grauissimos exitus in Consolatione conlegimus.* – “Recolhi nas Consolação os êxitos mais graves dos homens mais importantes da nossa cidade”. Isso permite concluir que ele mencionou, em sua obra, ele menciona exemplos práticos com o objetivo de consolar.

<sup>194</sup> Exemplos são mencionados de Marco Crasso, Pompeu e César. (CÍCERO, *De diuinatione*, 2, 22-23)

<sup>195</sup> Menandro elabora um capítulo sobre a monodia, em que indica seu propósito de lamentação e compadecimento, a partir de encômios e lamentos, com foco especial no lamento e na comisseração por ter perdido um parente, quando isso ocorre. Assim como a consolação, o discurso deve ser dividido em três tempos, passado, presente e futuro, com forte comoção inicial e apelo à família. As monodias ocorrem em geral diante da morte de pessoas mais jovens, e devem ser pronunciadas brevemente. (MENANDRO, II, 434-437)

<sup>196</sup> O epitáfio, segundo o próprio Menandro, era uma tradição ateniense em que discursos eram proferidos anualmente nas tumbas, geralmente de homens que pereceram em combate. Quando muito tempo se passa desde o ocorrido, não há espaço para lamentações, e sim encômios, não desprovidos de sensibilidade mas evitando o tom excessivamente emotivo. A consolação cabe, aí, em um momento apropriado, quando pouco tempo se passou e quando o orador não é parente do falecido. É importante, também no epitáfio, exaltar a beleza do corpo e os dons da alma, grandes feitos e contribuições de quem morreu, de maneira admirável e ilustre. Exorta também as mulheres e filhos a seguirem bons exemplos de virtude no período do luto. (Ibidem, 418-423)

destaques na vida política ou nas artes. Esse segundo momento parece, para Menandro, particularmente importante e mais longo, visto que é onde se concentram os esforços do escritor para evidenciar a filosofia, fazer citações, referências poéticas e mencionar a vida do autor de maneira honrosa, amplificando a grandeza de seus feitos. Por fim, o discurso deve elevar o destino do morto, invocando as divindades com que ele desfrutaria a eternidade. Indica que a extensão não deve ser longa e que o tom pode ser elevado ou não oratório.

Também Cícero, em sua obra *De oratore*, estabelece a ligação entre a consolação e as características do gênero epidítico, como a *uituperatio*, *cohortatio*, *dehortatio*, *laudatio* e *obiurgatio*<sup>197</sup>. Pernot (2005, p. 200) evidencia que

Por sua vez, a própria retórica interessava-se pela consolação, que, sendo conselho, pertencia ao gênero deliberativo. Os exercícios preparatórios treinavam os alunos nele (θεόν, προγυμνάσματα), e os oradores e teóricos usavam-no regularmente, seja como uma oração independente ou como parte obrigatória da oração fúnebre.<sup>198</sup>

Se a junção entre retórica e filosofia é indiscutível quando se trata desses trabalhos, a definição da *consolatio*, entretanto, enquanto gênero não é simples. Pelo fato de poder ser encontrada em diversas estruturas como sermões, poemas, ensaios, cartas, tratados ou discursos para a transmissão da mensagem, dentro de uma composição isolada ou a um conjunto, a consolação ainda rende inúmeras discussões acerca da unificação enquanto categoria literária. Como gênero, sua delimitação é complexa e seus limites são imprecisos, mas, como evidencia Labate (1996, p. 48), pretender que os gêneros literários sejam classificados em sistemas bem definidos é algo ilusório na literatura. Na amplitude dessa categoria, podem ser incluídos, entre as obras consideradas consolação, as três consolações de Sêneca, o poema *Consolatio ad Liuuiam*, atribuído a Ovídio, o tratado perdido de Cícero, o discurso de Ambrósio pela morte de Valentiniano II, entre outros. Mas, nesse sentido, a maior parte do material consolatório da Antiguidade é composto mais próximos do que seriam cartas em prosa. (SCOURFIELD, 2013).

Sobre essa discussão, Kierdorf (2003) e Fern (1941) tratam a consolação como um gênero literário. Há, inegavelmente, uma rotulação quanto a um conjunto de textos com preceitos e propósitos semelhantes, o que se observa já nos títulos de muitas dessas obras<sup>199</sup> Kierdorf (2003,

<sup>197</sup> *Vituperatio* consiste na repreensão ou na crítica, *cohortatio* na exortação, *dehortatio* na dissuasão, *laudatio* consiste no elogio e *obiurgatio* na reprovação. (CÍCERO, *De oratore*, II, 8, 33)

<sup>198</sup> Pernot, 2005, p. 200: *For its part, rhetoric was itself interested in the consolation, which, being advice, belonged to the deliberative genre. The preparatory exercises trained students in it (Theon, Progymnasmata), and the orators and theorists used it regularly, whether as an independent oration or as an obligatory part of the funeral oration.*

<sup>199</sup> Fern escreve a obra *The Latin Consolatio as a Literary Type* (1941) e Kierdorf desenvolveu o artigo *Consolatio as a Literary Genre* para a *Encyclopaedia of the Ancient World* da Brill's New Pauly (2003)

p. 704) indica sua concepção de que as *consolationes*, enquanto gênero, seriam “escritos de tendência filosófica, cujos autores tentam dissuadir os indivíduos de sofrer diante do infortúnio, ou oferecem conselhos gerais sobre como superar a adversidade”, trazendo principalmente como temática a morte e o exílio.

Passando para seu teor, por um lado, a consolação tem uma vertente deliberativa. Segundo Aristóteles (*Retórica*, 1358b), na deliberação há situações de conselho, persuasão ou dissuasão, utilizando principalmente o tempo futuro. Por outro, elementos a aproximam também, em diversos momentos, do gênero epidítico: Menandro define o gênero epidítico como “encomiástico” ou “reprobatório”, com o intuito de proferir louvores ou vitupérios. Divide os louvores em duas classes, aos deuses (os hinos, de maneira geral) e aos mortais (onde entram homens, animais e cidades), explicando em pormenores as subdivisões de todas as classes de louvores. (MENANDRO, I, 331-332). Como parte de uma tradição, a consolação é um gênero literário que possui um *tópos* convencional, mas que permite também certa flexibilidade e singularidade na composição: em alguns momentos, há elogios, em outros, a tentativa de persuadir o leitor para que ele supere o luto.

Além dos objetivos comuns, alguns autores nos mostram como a consolação pode ser usada com objetivos específicos, tal como as *laudationes funebris*, que glorificavam o nome das famílias e, dessa maneira, reafirmavam politicamente a importância de determinada linhagem (CÍCERO, *Brutus*, 62). Um desses seria atender a interesses pessoais, a exemplo de Sêneca, cujas cartas consolatórias são alvo de estudos que apontam seus propósitos políticos ao escrever para figuras importantes como Políbio<sup>200</sup> ou mesmo Márcia, além de finalidades instrutivas, para uma ou para várias pessoas.

Scourfield (2013, p. 3) aponta os elementos centrais identificados em várias consolações de forma geral: o consolo, a partir de uma visão mais filosófica acerca da vida e da morte, e a exortação a uma mudança de postura em relação à perda (moderar, ser grato, mudar o foco da dor). Um dos pontos a ser levado em conta e mencionado frequentemente nas cartas é a extensão da dor do luto: há uma preocupação, diante principalmente da posição social e de acordo com o gênero do destinatário, em manter o *status* e uma certa postura que não demonstre excessivos sentimentalismos. O limite da dor, a partir do ideal de *paideia*, deve ser calculado com bom

---

<sup>200</sup> Políbio era um dos secretários de Cláudio, que ascendeu devido a seus dons literários. Traduziu Homero para o latim e Virgílio para o grego. Fontes indicam que era um liberto. (HORNBLLOWER e SPAWFORTH, 1999, 1211)

senso<sup>201</sup> para demonstrar o autocontrole diante da adversidade. A consolação, portanto, não se limita ao caráter prático de superação da dor no âmbito psicológico, mas se ocupa também dos aspectos externos, de caráter social do indivíduo, assumindo assim uma função ética. Isso pode ser observado, por exemplo, na carta 12 das *Epistulae morales*, de Sêneca.

Na tarefa de compreensão da *consolatio* enquanto gênero, as semelhanças são levadas em conta, uma vez que uma grande gama de textos como os poemas fúnebres denominados epicédios, os discursos funerários e as cartas em prosa trazem certa dificuldade para esse campo. A análise deve ser feita sem uma absoluta rigidez, justamente diante de uma variedade tão grande de formas e conteúdos. Cada meio usado para abordar a consolação implica um objetivo diferente, mas todos se concentram no mesmo contexto de sofrimento: o discurso, dirigido a um público mais amplo, geralmente era pronunciado em cerimônias oficiais; o uso de cartas é um meio mais íntimo de consolar, substituindo a visita pessoal ou cumprindo uma função social, devido ao seu caráter intimista e, em geral, mais informal.

### 2.2c As características da *consolatio*

Definir a consolação, portanto, só é possível dentro de uma análise em espectro, diante da ampla variação de vários aspectos, mas com foco sempre nas obras que têm essa finalidade. Aprofundando a discussão, Scourfield (2013, p. 16) aponta, ainda, outras variáveis, a começar pelo destinatário: uma consolação pode ser privada ou pública, como as consolações de Sêneca, Cícero e Jerônimo. É preciso ter em conta que, mesmo quando o meio utilizado é intimista, como uma estrutura que se assemelha à carta, sendo o ato de consolar um ato social, muitas delas são vistas como tendo sido escritas com intuito de serem dirigidas a um público, aspecto que se conclui pela forte abordagem filosófica para além da consolação encontrada na maioria delas.

Pensadas, geralmente, por grandes autores, as consolações possuem dimensão maior que cartas pessoais. Seu conteúdo contém uma parte filosófica e outra retórica, como já discutido, com reflexões espirituais gerais, primeiramente, e depois particulares, mencionando circunstâncias específicas da vida de quem escreve. São também cartas direcionadas a pessoas sem expectativa de resposta. O estilo é, em geral, de nível médio e alto, outra grande diferença com as cartas. Via de regra, podem ser encontradas nas cartas estilos diferenciados, como familiares, com construções mais simples, como as de Cícero a Ático e à sua família. Nas consolações, entretanto,

---

<sup>201</sup> Plutarco, em sua carta a Apolônio, define que o homem não deve ser nem impassível diante da perda, nem excessivo em sua afetação. Isso remete ao conceito de *metriopatheia* já mencionado, ou a moderação das dores. (BOYS-STONES, 2013 p. 132)



há sempre um nível de escrita médio ou alto, direcionado a pessoas cultas.

As consolações em formas próximas às epistolares são escritas em prosa. Um traço interessante específico presente nas obras nesse estilo é a possibilidade de reconhecer coisas particulares de quem escreveu. Em suma, há considerações gerais sobre o autor, mesmo que se apresente sem muitas especificidades: quando Cícero escreve as *Filípicas* e as *Catilinárias*, discursos em que a sua figura deveria ser mais clara, seu estilo não se compara ao das consolações, momento em que investe em um tom mais confessional.

As tendências nas consolações são as apresentações de *exempla*, aliteração nas perguntas retóricas, uso de tropos médicos.<sup>202</sup> Esses traços específicos dão à consolação um caráter singular. Entretanto, é interessante pensar que, mesmo com todas as características comuns às consolações, pode haver questionamentos quanto a alguns *topoi*, o que é compreensível diante de tantas lacunas de obras que não chegaram aos dias atuais. Como as consolações, da mesma forma que a tradução, não faziam parte dos estudos escolares, muitas se perderam, como a de Cícero e sua tradução do *Timeu*, de Platão, por não serem copiadas com frequência.

Um ponto a se considerar nessa discussão é a profundidade de abordagem do conteúdo consolatório, que pode variar: obras como a de Sulpício Rufo a Cícero são essencialmente consolatórias, enquanto consolações de Sêneca, a Políbio, por exemplo, ou a Márcia, contêm aspectos políticos. Na *Consolatio ad Polybium*, homem influente na política romana junto ao imperador, Sêneca elogia insistentemente Cláudio com objetivos de obter vantagens políticas e reverter sua condenação: “Ergue-te e, quantas vezes brotarem lágrimas de teus olhos, tantas os dirige para César: estarão secos pela visão do maior e mais ilustre deus; e o brilho dele, de modo que nada mais possam olhar, vai atingi-los e detê-los fixos sobre si próprio”<sup>203</sup>. A extensa lisonja será confrontada em sua obra *Apocolocyntosis diui Claudii*, em que zomba do imperador e demonstra seus reais pensamentos quanto à sua atuação no poder<sup>204</sup>. Já a *Consolatio ad Marciam* dirige-se a uma mulher da aristocracia com intenção de consolá-la pela perda do filho, utilizando principalmente *exempla*. A intenção política da carta tem sido cogitada, a partir da menção a

<sup>202</sup> A tendência, diferente da regra, define-se por um traço que é comum, mas não geral, ou seja, comporta muitas exceções.

<sup>203</sup> Sêneca, *Consolatio ad Polybium*, XII: *Attolle te et, quotiens lacrimae suboriuntur oculis tuis, totiens illos in Caesarem dirige: siccabuntur maximi et clarissimi conspectu numinis; fulgor eius illos, ut nihil aliud possint aspicere, praestringet et in se haerentes detinebit.* (Tradução: Trevizam)

<sup>204</sup> Sêneca, *Apocolocyntosis Diui Claudii*, XI: *Hunc nunc deum facere uultis? Videte corpus eius dis iratis natum. Ad summam, tria uerba cito dicat, et seruum me ducat. Hunc deum quis colet? Quis credet? Dum tales deos facitis, nemo uos deos esse credet.* – “Olhai o corpo dele, nascido de deuses irados. Em suma, se ele disser facilmente três palavras, podem me levar como escravo. Quem cultuará este deus? Quem acreditará nele? Enquanto fizerdes tais deuses, ninguém acreditará que vós sois deuses.” (Tradução: Moreira Penna)

personagens políticas<sup>205</sup>, com objetivo de uma aproximação com Calígula.<sup>206</sup>

Há obras em que a dimensão consolatória é quase implícita, secundária, como a carta 127 de Jerônimo para Principia, em que o autor se dedica a elogios a Marcela dois anos após sua morte, sendo, de certa forma, consolado por meio da lembrança das virtudes. Os elogios ao morto são uma forma de consolar, mas não possuem essa função de maneira estrita e, portanto, podem ser considerados como uma forma indireta de consolação. Outros textos ainda podem ser mencionados, que, por sua natureza fictícia ou didática, não se encaixam na tradição consolatória, mas que demonstram a força da consolação no contexto social. Nessa gama de textos, Scourfield (2013, p. 20) cria a categoria dos textos metaconsoladores, que podem sutilmente abordar a temática da morte, do luto, do medo da morte. Tais textos transmitem mensagens que podem ser utilizadas como uma forma de consolo, mas que não apresentam esse objetivo como o principal. Como exemplo, há os epicédios, o texto de pseudo-Demétrio e mesmo as *Disputationes Tusculanae*, em que Cícero aponta suas considerações sobre luto<sup>207</sup>. Um assunto consolatório também pode ser observado na *Eneida*, em que os deuses observam Dido que chora por Eneias e buscam ajudá-la a para que não sofra em excesso, embora sem sucesso.

Uma obra que deixa clara a importância da *consolatio* é *Tipos Epistolares*, atribuída a Demétrio de Falero, na qual aborda o que define como carta consolatória e oferece uma definição e um modelo ideal. A carta 60 de São Jerônimo dedicada a Heliodoro em virtude da morte de seu sobrinho Nepociano também é um material importante na arte da *consolatio*, visto que reúne em si as características gerais elencadas, ao mencionar a antiga *laudatio funebris* e associar claramente a consolação à retórica: “Esqueceste os preceitos da Retórica?”<sup>208</sup> (JERÔNIMO, carta LX, v. 5). Trata da filosofia, ao citar grandes obras e autores, como a carta de Crantor, imitada por Cícero, Platão, Diógenes, Xenofonte, e apresenta exemplos envolvendo a consolação que, segundo ele, poderiam servir de fonte para suas palavras. Ao nomear tantos filósofos e escritos antigos, Jerônimo reafirma a importância da consolação entre os grandes autores da Antiguidade, e como os *topoi* podem ser encontrados tanto nos textos clássicos pagãos como nos textos da era cristã, mesmo com a modificação da visão sobre a vida e a morte.

Em suma, ao olhar para os múltiplos textos considerados consoladores, discute-se a definição do gênero *consolatio* por meio da forma. Nesse caso, a repetição dos *tópoi* pode apontar

<sup>205</sup> A carta menciona Cremúcio Cordo, Lúvia, Tibério e principalmente Sejano.

<sup>206</sup> Sauer, 2014, p.138: *When he praises Tiberius, he is detaching him from Sejanus, too, and putting himself firmly in the position of a loyal subject of the emperor.* – “Quando ele elogia Tibério, ele também se devincula de Sejano e se coloca firmemente na posição de súdito leal do imperador.”

<sup>207</sup> Isso não exclui tais textos do gênero, mas permite aproximá-los de certa forma, visto que eles possuem muitos traços consolatórios.

<sup>208</sup> Jerônimo, carta LX, v. 5: *Excideruntne tibi praecepta Rhetorum?*

para uma unificação em gênero pelo conteúdo, uma vez que somente o conteúdo, isoladamente avaliado, pode levar à exclusão de alguns textos. O caráter filosófico também é frágil se analisado à parte, visto que a consolação extrapola o campo da filosofia, sendo uma prática social anterior. Uma possibilidade de classificação desses textos, em nossa concepção, seria levar em conta o conjunto de características mencionados, considerando os genuinamente consoladores, ou o “núcleo duro” da consolação, aqueles cujo objetivo central seria o consolo, compostos de palavras dirigidas ao consolado com o intuito de promover a superação da dor. Nesse campo, estão as cartas consolatórias de Cícero e Sêneca. Um pouco mais distantes desse centro estariam, por exemplo, obras que abordam a temática de forma indireta, como cartas com encômios aos mortos, dirigidos a familiares e amigos. Distanciando-se mais, os epicédios, as cartas ficcionais e modelos didáticos, ou os textos denominados metaconsoladores.

## CAPÍTULO III

### SÊNECA CONSOLADOR: LINGUAGEM E ESTILO

#### 3.1 Uma visão do estilo e da linguagem de Sêneca

Toda a obra de Sêneca é permeada pela filosofia que, embora majoritariamente estoica, não se limita a ela, sendo invocados frequentemente outros filósofos, o que demonstra de forma irreverente e particular a erudição do autor, seu conhecimento filosófico, retórico e sua extensão cultural. Além do ecletismo ao falar da filosofia, Sêneca também se utiliza de múltiplos gêneros textuais, como cartas, diálogos, consolações, poemas e tragédias, extrapolando, muitas vezes, as características distintivas de cada gênero, em uma miscelânea que certamente incluiria muitos outros, caso mais trabalhos houvessem sobrevivido até os dias atuais, como uma possível biografia de seu pai e mesmo na área da geografia e etnografia (FERRERO, 2014, p.207). Nesse campo, entender o estilo e a linguagem de Sêneca é uma das portas para a compreensão do pensamento do autor. É impossível separar a anatomia da linguagem senequiana, o *modus scribendi*, do seu pensamento filosófico e, para isso, é importante retomar o que diz o próprio autor sobre o que seria a essência da escrita filosófica, principalmente em suas cartas.

Para Sêneca, a artificialidade deve ser evitada ao máximo, sendo essenciais o cultivo do sintetismo e afastamento da retórica vazia, ou retórica de exibição ao concordar o *sermo* com a vida, como defende amplamente em várias cartas, entre elas a 75<sup>209</sup> e a 88 e em oposição ao que se observava, especialmente, nos exercícios declamatórios da época.<sup>210</sup> Ao mesmo tempo, a cautela é importante, visto que escrever de forma descuidada e negligente seria tão ineficaz quanto o uso de um estilo rebuscado, como deixa claro na carta 100 a Fabiano, mencionando que ele não era negligente e escolhia suas palavras com cuidado, sem rebuscamento e de acordo com a sua natureza (*Epistulae Morales*, 100, 5). Seu estilo é fortemente pautado na tradição epigramática

---

<sup>209</sup> Sêneca, *Epistulae Morales*, 75, 1: *Minus tibi accuratas a me epistulas mitti quereris. Quis enim accurate loquitur nisi qui uult putide loqui? Qualis sermo meus esset si una desideremus aut ambularem, inlaboratus et facilis, tales esse epistulas meas uolo, quae nihil habent accersitum nec fictum.* – “Tens-te queixado de receberes cartas minhas escritas sem grandes pruridos de estilo. Mas quem é que escreve com pruridos se não aqueles cuja pretensão se limita a uma eloquência empolada? Se nós nos sentássemos a conversar, se discutíssemos passeando de um lado para o outro, o meu estilo seria coloquial e pouco elaborado; pois é assim mesmo que eu pretendo sejam as minhas cartas, que nada tenham de artificial de fingido!” (Tradução: Segurado e Campos)

<sup>210</sup> O estilo de Sêneca, tanto poético quanto prosaico, deriva de uma época em que a oratória era não era mais a força viva na vida política romana que tinha sido na República e na qual a declamação de *controuersiae* (discursos imaginários de defesa ou acusação) ou *suasoriae* (discursos imaginários de conselhos a figuras míticas ou históricas que devem tomar decisões importantes) veio à tona nas escolas como uma forma cada vez mais elaborada de exibicionismo em si, em vez de uma preparação mais fundamentada para a vida cívica. (WILLIAMS e VOLK, 2006, p. xiii)

que ganhou forças no período Augustano (ALBRECHT, 2014, p. 701), priorizando o sintetismo e a condensação da mensagem filosófica em poucas palavras, o que atraiu muito reconhecimento e popularidade principalmente entre a juventude romana, mas também muitas críticas, como aponta Quintiliano:

se ele tivesse desconsiderado algumas coisas, se não se inclinasse para formas corruptas de expressão, se não amasse todas as suas características, se não tivesse quebrado o peso dos seus conceitos em sentenças curtíssimas, teria sido apreciado pela opinião dos instruídos ao invés da paixão dos infantes<sup>211</sup>

O foco, para o autor, seria o uso eficiente da palavra a fim de atingir o ápice da persuasão e da filosofia. Assim, Sêneca permite a intensificação retórica/estilística em determinadas obras<sup>212</sup>, o que nos mostra que ele podia ser tanto inovador quanto ortodoxo.

Eu não quero que as palavras inspiradas por um tão magno assunto sejam excessivamente frias e secas – pois a filosofia não deve renunciar por completo ao talento literário –, mas também não há que dar demasiada importância às palavras. O nosso objectivo último deve ser este: dizer o que sentimos, sentir o que dizemos, isto é, pormos a nossa vida de acordo com as nossas palavras.<sup>213</sup>

Para o verdadeiro mestre, o uso da palavra deve concordar com os princípios de moralidade e não servir ao deleite do ouvinte pela invocação da superficialidade da beleza pura. O estilo não deve estar acima da mensagem:

Se a impressão que tu sentes contemplando as suas acções é idêntica à que tens ouvindo o seu discurso, esse mestre atingiu o seu propósito. Observemos a qualidade dos seus actos, a fluidez do seu discurso: entre ambos, a mais perfeita unidade! As nossas palavras não visam o prazer literário, mas sim a pertinência. Se a eloquência surge, por assim dizer, naturalmente, sem esforço, ou quase, deixemo-la acompanhar as mais nobres acções e realçar, não a sua presença, mas a acção em si!<sup>214</sup>

---

<sup>211</sup> Quintiliano, *Institutio oratoria*, X 1, 130: *si aliqua contempsisset, si parum non concupisset, si non omnia sua amasset, si rerum pondera minutissimis sententiis non fregisset, consensu potius eruditorum quam puerorum amore comprobaretur.*

<sup>212</sup> Seu estilo é normalmente contido e discreto, mas capaz de subir quando necessário para as capacidades mais enérgicas de contensão oratória. (SETAIOLI, 2000, p. 792)

<sup>213</sup> Sêneca, *Epistulae Morales*, 75, 3-4: *Non mehercules ieiuna esse et arida uolo quae de rebus tam magnis dicentur (neque enim philosophia ingenio renuntiat), multum tamen operae inpendi uerbis non oportet. Haec sit propositi nostri summa: quod sentimus loquamur, quod loquimur sentiamus; concordet sermo cum uita* (Tradução: Segurado e Campos).

<sup>214</sup> Sêneca, *Epistulae Morales*, 75, 4-5: *Ille promissum suum impleuit qui et cum uideas illum et cum audias idem est. Videbimus qualis sit, quantus sit: unus est. Non delectent uerba nostra sed prosint. Si tamen contingere eloquentia non sollicito potest, si aut parata est aut paruo constat, adsit et res pulcherrimas prosequatur: sit talis ut res potius quam se ostendat* (Tradução: Segurado e Campos)

Há, ainda, uma relação clara entre a linguagem e a elevação do espírito, sendo o espírito fonte e espelho das palavras: “assim como o luxo excessivo nos banquetes ou no modo de vestir é sintoma de uma sociedade doente, também o barroquismo do estilo, quando se generaliza, mostra que os espíritos estão decadentes – pois é do espírito que nascem as palavras!”<sup>215</sup> A excelência na escrita estaria associada com a natureza de quem escreve, e definida pelo caráter não só do indivíduo, mas de toda a sociedade.

A aplicação prática da filosofia é uma parte essencial para Sêneca e, nesse sentido, uma de suas preocupações era o uso da palavra para a transmissão desses ensinamentos como conselhos. Para isso, reconhecia tanto o *sermo*, modalidade discursiva mais informal, como uma conversação, quanto a *disputatio*, menos intimista e mais adequada para enunciação de preceitos, como mais apropriadas. Nesse ponto, o *sermo*, segundo o autor, penetra e adere na alma de forma mais eficaz (carta 38). Outra modalidade mencionada e citada por Sêneca é a *admonitio*, de teor mais prescritivo:

A conversação é sobremaneira útil, porquanto se grava no espírito pouco a pouco; os discursos preparados e pronunciados perante um auditório, se se revestem de mais aparato, carecem de familiaridade. Digamos que a filosofia é um bom conselho: ora, ninguém dá conselhos em público! Uma vez por outra pode ser necessário usar um estilo, digamos assim, oratório, quando se trata de obrigar a decidir-se alguém que está hesitante; mas quando pretendemos não inculcar em alguém a vontade de aprender, mas sim transmitir ensinamentos, então é preferível recorrer a palavras mais despreziosas, que penetram e se gravam na ideia com mais facilidade. De facto, o que é necessário não é a abundância, mas sim a eficácia das palavras.<sup>216</sup>

Como um homem erudito, educado em retórica e gramática, Sêneca compreende a importância da palavra e do estilo principalmente na elaboração dos tratados filosóficos e, assim, mesmo evitando e reprovando os arcaísmos e o uso de termos raros, sua linguagem deixa antever sua elevada cultura e pode ser sofisticada até mesmo nas cartas, visto que eram instrumento para levar preceitos filosóficos aos seus leitores. Albrecht (2014, p. 710) destaca que “sublimidade não é alcançada por vocabulário incomum, mas por profundidade de ideias e aparente simplicidade de forma.” Portanto, a simplicidade defendida e observada nos escritos de Sêneca tem como foco a inteligibilidade e a clareza do texto, além de aumentar o alcance e poder de convencimento da

<sup>215</sup> Sêneca, *Epistulae Morales*, 114, 11: *Quomodo conuiuorum luxuria, quomodo uestium aegrae ciuitatis indicia sunt, sic orationis licentia, si modo frequens est, ostendit animos quoque a quibus uerba exeunt procidisse.* (Tradução: Segurado e Campos)

<sup>216</sup> Sêneca, *Epistulae Morales*, 38, 1: *Plurimum proficit sermo, quia minutatim irrepit animo: disputationes praeparatae et effusae audiente populo plus habent strepitus, minus familiaritatis. Philosophia bonum consilium est: consilium nemo clare dat. Aliquando utendum est et illis, ut ita dicam, contionibus, ubi qui dubitat impellendus est; ubi uero non hoc agendum est, ut uelit discere, sed ut discat, ad haec submissiora uerba ueniendum est. Facilius intrans et haerent; nec enim multis opus est sed efficacibus.* (Tradução Segurado e Campos).

mensagem por meio da eloquência, primando pela *brevitas*<sup>217</sup> e a contundência em lugar da verbosidade e do barroquismo. Em diversas cartas, deixa claro que o estilo deve estar a serviço da filosofia (*Epistulae morales* 40, 46, 38, 75), em consonância com o posicionamento platônico de que a retórica e a filosofia precisam estar juntas em função da verdade e da moral.

Nas obras de Sêneca, as palavras eram tanto dirigidas a terceiros como a ele mesmo, no caminho para a sapiência, e muitas passagens podem ser lidas como uma espécie de autoeducação, a fim de se convencer a seguir o caminho da virtude, lidando com os próprios pensamentos e se disciplinando em busca da razão<sup>218</sup>, com frequentes traços de uma escrita introspectiva por meio do uso de pronomes reflexivos:

De todo modo, a alma deve retirar-se de tudo que lhe é externo e voltar-se para si: tenha autoconfiança, alegre-se, valorize seus bens, distancie-se o quanto puder dos bens alheios e consagre-se a si mesma, não se ressinta das perdas, interprete positivamente até os fatos adversos.<sup>219</sup>

Além da concisão do estilo, da brevidade no uso das palavras nos escritos de Sêneca, outros recursos são amplamente observáveis, como forma de demonstrar seu posicionamento sobre a eloquência em favor da filosofia. Alguns podem ser elencados, reunidos em trabalhos como o de Albrecht (2014, p. 699-744) e Wilson (2007, p. 425-438). Ei-los:

**Sintetismo:** seu estilo, calcado em uma tradição epigramática que eleva o uso da linguagem sintética, valorizando a condensação de conhecimentos em poucas palavras, foi construído de forma engenhosa e peculiar, onde frases mais curtas são utilizadas e a partir delas são montadas cartas e tratados mais longos, com poucas subordinadas. O amor aos aforismos, em construções predominantemente paratáticas<sup>220</sup>, é notável em quase toda a sua obra. Isso se manifesta também por meio da presença de antíteses, assíndetos e poliptotos ao longo do texto.

**Repetições:** para alguns, as repetições presentes nas obras podem ser consideradas monótonas; entretanto, pensando de forma ampla, o autor lança mão da estratégia de reiteração dos preceitos filosóficos como um recurso que permite que os leitores que passam pelos mesmos problemas diariamente, lutam contra os mesmos vícios, combatem as paixões ou cultivam as mesmas virtudes, possam se elevar e absorver os ensinamentos. Dentro do texto, as repetições

<sup>217</sup> Dizer o que é necessário e nada mais. (NELSON, 1950, p. 68)

<sup>218</sup> Traina (2011, p. 41) menciona que “O estilo Sêneca reflete, portanto, uma duplo e oposto movimento: de fora para dentro, rumo à liberdade solitária do ego – a linguagem da interioridade; de dentro para fora, para a libertação da humanidade – a linguagem da pregação: *malitia liberatus et liberat*”.

<sup>219</sup> Sêneca, *De tranquillitate animi*, 14, 2: *Vtique animus ab omnibus externis in se reuocandus est: sibi confidat, se gaudeat, sua suspiciat, recedat quantum potest ab alienis, et se sibi applicet; damna non sentiat, etiam aduersa benigne interpretetur*. (Tradução: Lohner)

<sup>220</sup> Sequência de frases justapostas sem o uso de conjunção coordenativa entre elas.

como a anáfora reforçam a mensagem e podem, inclusive, suscitar a emoção do leitor, principalmente quando feita ao final. O ensinamento, assim, pode se estabelecer constantemente e em doses homeopáticas. A repetição tem uma função estrutural, como uma espécie de "refrão" que marca o ritmo da frase em vez das ligações gramaticais.

Que dizer daqueles que se envolveram com a composição, com a audição, com a memorização de canções e, ao mesmo tempo, realizam contorcionismos vocais numa entonação debilíssima, sendo que a natureza fez da vocalização reta a melhor e a mais simples? Que sempre estalam os dedos marcando o compasso de alguma melodia? Que deixam escapar uma discreta entonação mesmo quando chamados a assuntos sérios e muitas vezes até tristes? *Não têm ócio essas pessoas, mas um débil negócio.*<sup>221</sup>

Esse exemplo é encontrado no final da obra *De breuitate uitae*, em contraste com a frase peremptória — e aqui, chamamos a atenção para outro elemento: essa última frase é concisa e condensa um pensamento final. Assim, seguindo o estilo epigramático, em que a última sentença, a resolução, ou a resposta, é geralmente menor que a anterior, por vezes monossilábica (há uma quebra no ritmo, dada pela sentença aguda e final abrupto)<sup>222</sup>, temos que até mesmo a ordem das palavras de Sêneca é reveladora:

Nesse ínterim, enquanto são roubados e roubam, enquanto perturbam a calma uns dos outros, enquanto se fazem mutuamente infelizes, a vida é sem frutos, é sem prazer, é sem qualquer proveito espiritual. Ninguém mantém a morte à vista, ninguém se afasta da esperança, alguns até mesmo planejam coisas que estão para além da vida: túmulos grandiosos e inscrições em obras públicas, jogos fúnebres e exéquias ambiciosas. Mas — por Hércules! — seus funerais deveriam ter à frente tochas e círios, como se tivessem vivido pouquíssimo.<sup>223</sup>

Antítese: par a par com a repetição, a oposição é um dos pilares do pensamento senequiano. O pensamento de Sêneca se apresenta amiúde por meio da antítese, ora condensada por meio de termos, em um jogo de palavras semanticamente opostas, ora por frases inteiras. Podem ser interpretadas, por vezes, na escolha sintática da sentença. Na *Consolatio ad Marciam*: “Verás uma

<sup>221</sup> Sêneca, *De breuitate uitae*, 20, 5: *Quid illi qui in componendis, audiendis, discendis canticis operati sunt, dum uocem, cuius rectum cursum natura et optimum et simplicissimum fecit, in flexus modulationis inertissimae torquent, quorum digiti aliquod intra se carmen metientes semper sonant, quorum, cum ad res serias, etiam saepe tristes adhibiti sunt, exauditur tacita modulatio? Non habent isti otium, sed iners negotium.* (Tradução: Lohner).

<sup>222</sup> A prosa clássica prezava pelo *crescendo*, em oposição ao que faz Sêneca. (QUINTILIANO, *Institutio oratoria*, 4, 2, 45)

<sup>223</sup> Sêneca, *De breuitate uitae*, 12, 4.: *Interim dum rapiuntur et rapiunt, dum alter alterius quietem rumpit, dum mutuo miseri sunt, uita est sine fructu, sine uoluptate, sine ullo profectu animi; nemo in conspicuo mortem habet, nemo non procul spes intendit, quidam uero disponunt etiam illa quae ultra uitam sunt, magnas moles sepulcrorum et operum publicorum dedicationes et ad rogum munera et ambitiosas exsequias. At me hercules istorum funera, tamquam minimum uixerint, ad faces et cereos ducenda sunt.* (Tradução: Lohner. Grifo nosso)



Fortuna concorde entre os colegas mais adversários”<sup>224</sup>, é visível a oposição entre Fortuna concorde x colegas adversários. Na epístola 76, a passagem demonstra uma antítese:

Dito por outras palavras: um homem bom fará aquilo que considera ser conforme a moral embora seja difícil, fá-lo-á ainda que acarrete prejuízo material, fá-lo-á mesmo que seja perigoso; em contrapartida, não fará o que for imoral, mesmo que isso lhe proporcione dinheiro, prazer, poderio; coisa alguma o desviará da moral, coisa alguma o aliciará a praticar uma vileza!”<sup>225</sup>

A contraposição de ideias é clara no *tricolon* que indica o que faz o homem virtuoso, mesmo em condições desfavoráveis, e o que não faz, mesmo em condições vantajosas. Há dois blocos, e a segunda parte contém, ainda, uma estrutura paratática com termos reduzidos em relação à primeira. Outro exemplo de estrutura antitética com homeoteleuto nos termos *citius* e *tardius* está na carta 70, em que Sêneca escreve: “Morrer mais cedo, morrer mais tarde - é questão irrelevante; relevante é, sim, saber se se morre com dignidade ou sem ela”<sup>226</sup>

Imagens<sup>227</sup> (*exempla*, metáforas (tropos), símiles): as obras de Sêneca são permeadas de imagens de diversas naturezas, visto que qualquer ensinamento, quando ilustrado, se torna mais claro e conciso. Muitas vezes, as imagens podem ser colocadas acima da argumentação lógica e retomam o conceito retórico de *eidentia*, ou *enargeia* (QUINTILIANO, *Institutio Oratoria*, 6.2,32), ou seja, descrever vividamente um conceito a fim de que ele possa ser observado. Fortemente presentes nos diálogos, em maior número do que nas tragédias,<sup>228</sup> é evidente o efeito emocional da inserção das imagens, que se fixam na mente do leitor principalmente por fazerem parte de situações de sua realidade, em geral herdadas de uma tradição literária prévia. Algumas vezes, a própria falta de um vocabulário específico para a filosofia exigiu o uso das figuras de linguagem, para além dos empréstimos lexicais principalmente do grego.

Sêneca não se ocupa da teorização do uso de imagens como recurso estilístico, mas menciona a importância da metáfora de maneira breve, contrariamente ao símile, cuja importância

<sup>224</sup> Sêneca, *Consolatio ad Marciam*, XIV.1: *Videbis inter collegas inimicissimos concordem fortunam.*

<sup>225</sup> Sêneca, *Epistulae Morales*, 76, 18: *Quid sit hoc dicam: uir bonus quod honeste se facturum putauerit faciet etiam [sine pecunia] si laboriosum erit, faciet etiam si damnosum erit, faciet etiam si periculosum erit; rursus quod turpe erit non faciet, etiam si pecuniam adferet, etiam si uoluptatem, etiam si potentiam; ab honesto nulla re deterrebitur, ad turpia nulla inuitabitur.* (Tradução: Segurado e Campos)

<sup>226</sup> Sêneca, *Epistulae Morales*, 70, 6: *Citius mori aut tardius ad rem non pertinet, bene mori aut male ad rem pertinent.* (Tradução: Segurado e Campos)

<sup>227</sup> Visto que uma das prioridades de Sêneca é o âmbito prático, a metáfora traz para o campo intuitivo um conhecimento que muitas vezes, seria repassado de maneira abstrata, aproximando-se do campo do leitor neófito para que ele possa abarcar um conceito antes de ter contato profundo com uma doutrina. (ARMISEN-MARCHETTI, 2015)

<sup>228</sup> Nas tragédias, predominam metonímias, ao usar palavras fora de seu contexto normal; e sinédoques, uma variação quantitativa da metonímia; além de antílabes, onde cada falante toma parte de uma linha, em uma conversa incompleta intercalada, e esticomitias, com linhas simples alternadas. (ARMISEN-MARCHETTI, 2015)

e uso não discorre<sup>229</sup>. Ele condena o uso indiscriminado das metáforas no rebuscamento do estilo, como se observa no asianismo de Mecenas<sup>230</sup>. Os termos podem ser observados na carta 59, em que fala de *translationes uerborum*:

Encontro em ti, contudo, algumas metáforas que, sem serem audaciosas, são de certo modo atrevidas; encontro símiles – mas proibirem-nos o uso destas figuras a pretexto de que só nos poetas elas são legítimas, significa que se não leram os autores antigos, de uma época ainda não deformada pela obsessão da eloquência. Tais autores, embora falando com simplicidade e com a única preocupação de se fazerem entender, têm um estilo repleto de comparações, que, aliás, reputo necessárias aos filósofos, não pela mesma razão que aos poetas, mas como meio de superar as limitações da linguagem e de permitir, quer ao orador quer ao auditório, a apreensão direta da matéria em causa.<sup>231</sup>

As imagens mais invocadas podem ser elencadas, entre elas os símiles médicos, tratando o filósofo como o médico da alma. Muito presentes nas obras, refletem o especial apreço do autor por esse assunto, como no livro *De Ira*:

De fato, assim como as feridas doem a um leve toque, e depois até ante a suspeita de um toque, assim também a alma afetada pela paixão ofende-se por ninharias, a ponto de algumas — uma saudação, uma carta, um discurso, uma pergunta — as incitarem à briga. Nunca os doentes são tocados sem que se queixem. Desse modo, o melhor é medicar-se na primeira sensação do mal; e, então, conceder o mínimo de liberdade inclusive a suas próprias palavras e inibir o impulso.<sup>232</sup>

Imagens náuticas e militares também aparecem com frequência, e se aproximam de grande parte da vivência ou, pelo menos, do conhecimento do *uir Romanus*:

Realmente, se alguém considera um indício de paixão e um sintoma do estado da alma a palidez e as lágrimas caindo, a excitação de um desejo obsceno ou um suspiro profundo, um olhar repentinamente mais acerbo ou algo semelhante a tais coisas, engana-se e não entende que estes são impulsos do corpo. Assim, não só o mais bravo guerreiro por vezes empalideceu enquanto se armava, como também, depois de dado o sinal de combate, os joelhos do mais feroz soldado tremeram um pouco e o coração de um grande general

<sup>229</sup> Ele menciona termos ambigualmente, como *similitudo*, *imago*, *parabole*, mas o contexto é questionável, exceto na carta 59 das *Epistulae Morales*. (ARMISEN-MARCHETTI, 2015)

<sup>230</sup> Esse assunto é abordado na carta 114, 5 das *Epistulae Morales*.

<sup>231</sup> Sêneca, *Epistulae Morales*, 59,6: *Inuenio tamen translationes uerborum ut non temerarias ita quae periculum sui fecerint; inuenio imagines, quibus si quis nos uti uetat et poetas illas solis iudicat esse concessas, neminem mihi uidetur ex antiquis legisse, apud quos nondum captabatur plausibilis oratio: illi, qui simpliciter et demonstrandae rei causa eloquebantur, parabolis referti sunt, quas existimo necessarias, non ex eadem causa qua poetas, sed ut imbecillitas nostrae adminicula sint, ut et dicentem et audientem in rem praesentem adducant* (Tradução: Segurado e Campos).

<sup>232</sup> Sêneca, *De ira*, livro 3, 9-10: *Nam ut ulcera ad leuem tactum, deinde etiam ad suspicionem tactus condolescunt, ita animus adfectus minimis offenditur, adeo ut quosdam salutatio et epistula et oratio et interrogatio in litem euocent: numquam sine querella aegra tanguntur. Optimum est itaque ad primum mali sensum mederi sibi tum uerbis quoque suis minimum libertatis dare et inhibere impetum.* (Tradução: Lohner).

palpitou antes que as hostes se entrecocassem, e no mais eloquente orador, enquanto se preparava para falar.<sup>233</sup>

Da mesma forma, as imagens da natureza se apresentam amiúde nos tratados e cartas

Se a república está irremediavelmente corrompida, se foi contaminada pelo mal, o sábio não vai se esforçar em vão, nem se desgastar não sendo de valia em nada. Se tiver pouco prestígio ou influência e assim a república não estiver disposta a incluí-lo, se a saúde o impedir, não vai empreender uma jornada que sabe ser impraticável como não lançaria ao mar um barco avariado, como não se alistaria estando incapacitado.<sup>234</sup>

As passagens foram apontadas a título de exemplificação, mas as imagens são múltiplas e podem ser encontradas em abundância por toda a obra de Sêneca, desde os tratados às cartas e, como mencionado, em menor número nas tragédias.

Por outro lado, outra imagem vívida e muito observada é a invocação de personalidades inspiradoras, sobretudo grandes filósofos e personagens históricas, estimulando o ouvinte ou leitor a aproximar sua ação da conduta, por vezes idealizada, do exemplo indicado. Na *Consolatio ad Marciam*, Sêneca aponta Lúvia e Otávia, ambas como exemplo para a destinatária, que deveria escolher sua forma de lidar com o luto em uma dessas figuras. Na mesma carta consolatória, encontra-se a prosopopeia, no momento em que ele dá voz ao pai de Márcia morto. Ainda podem ser observadas outras figuras, como a descrição dos aspectos físicos de uma paixão no tratado *De ira* (cf. nota 209).

*Sententiae*: Denominado por Traina (2011, p. 78) como “pedra angular do estilo senecano”, esse recurso exortativo poderoso é exaltado por Sêneca como uma maneira de potencializar um ensinamento. É também denominado por Traina como sendo similar ao *fulmen in clausula*, recurso muito presente nas obras de Marcial, uma técnica epigramática em que a conclusão inesperada surpreende o leitor. (BOLDREY, 2020, p. 1). Presente principalmente nas tragédias, representante da *breuitas* já mencionada, as *sententiae* condensam um conceito ou um conselho em uma estrutura densa e simplificada com grande eficácia didática. Exemplos podem ser encontrados nas máximas presentes nas tragédias: “aquele que pode muito quer poder o que não pode”<sup>235</sup> (*Phaedra*,

<sup>233</sup> Sêneca, *De ira*, livro II, 2-3. *Nam si quis pallorem et lacrimas procidentis et iritationem umoris obsceni altumue suspirium et oculos subito aciores aut quid his simile indicium adfectus animique signum putat, fallitur nec intellegit corporis hos esse pulsus. Itaque et fortissimus plerumque uir dum armatur expalluit et signo pugnae dato ferocissimo militi paulum genua tremuerunt et magno imperatori antequam inter se acies arietarent cor exiluit et oratori eloquentissimo dum ad dicendum componitur summa riguerunt.* (Tradução: Lohner).

<sup>234</sup> Sêneca, *De otio*, 3, 3: *Si res publica corruptior est quam ut adiuuari possit, si occupata est malis, non nitetur sapiens in superuacuum nec se nihil profuturus inpendet; si parum habebit auctoritatis aut uirium nec illum erit admissura res publica, si ualetudo illum inpediet, quomodo nauem quassam non deduceret in mare, quomodo nomen in militiam non daret debilis, sic ad iter quod inhabile sciet non accedet.* (Tradução: Lohner).

<sup>235</sup> Sêneca, *Phaedra*, 215: *quod non potest uult posse quid nimium potest.*

215) e “sucumbe feliz aquele que, na queda, esmaga os que odeia”<sup>236</sup> (*Hercules Oeateus*, 350). Outros, ainda, podem ser observados nos tratados: “é necessário dar sempre um tempo: o tempo mostra a verdade”<sup>237</sup> (*De Ira*, 22, 2) e a paradoxal: “vossa felicidade é não se preocupar com a felicidade”<sup>238</sup> (*De prouidentia*, 6, 6). Sobre isso, Sêneca menciona na carta 94 das *Epistulae Morales* que:

(...) os próprios preceitos ministrados podem ter por si só muita força, se vierem, por exemplo, sob forma métrica ou, mesmo em prosa, sob forma de uma sentença concisa. Tal sucede, por exemplo, com as famosas máximas de Catão: "Não compres o necessário, mas apenas o imprescindível; o que não é necessário, mesmo por um tostão já é caro" ou então com as não menos célebres sentenças oraculares, ou semelhantes: "aproveita o tempo", "conhece-te a ti mesmo".<sup>239</sup>

Em geral, as *sententiae* são escritas em metros e, com efeito, são facilmente memorizáveis. Fischer (2014, p. 750) chama a atenção para o fato de que as *sententiae* podem tanto ser utilizadas para memorizar um ensinamento positivo quanto para o negativo, como as famosas palavras de Atreu na tragédia de Lúcio Ácio: “Que me odeiem, contanto que me temam”<sup>240</sup>, criticadas em *De ira*, 20, 4 e *De clementia*, 2, 2.

Uso discreto da fala cotidiana: frequentemente, são encontradas nas obras colocações seguidas de *Quid?*, correções com *immo*, pronomes acumulados, uso de expressões como *mehercules!*, *sermocinatio*, com simulação de diálogos. Mesmo não utilizando o ‘baixo estilo’, e em muitas vezes sendo até elevado em suas profundas colocações, pontuais coloquialismos têm espaço nas obras de Sêneca justamente por sua desejada aproximação com o *sermo* e pelo frequente uso do gênero epistolar, sendo inseridas de forma harmônica.

As características mencionadas, mesmo não sendo exclusivas, isoladamente, dos escritos de Sêneca, quando analisadas conjuntamente permitem identificar o estilo senequiano tão reconhecido por outros escritores, desenvolvido em sua longa carreira literária e de acordo com sua própria teoria do estilo, de que a excelência da linguagem é alcançada somente em consonância com a natureza (MERCHANT, 1905, p. 45).

<sup>236</sup> Sêneca, *Hercules Oeateus*, 350: *Felix iacet quicumque, quos odit premit.*

<sup>237</sup> Sêneca, *De Ira*, 22, 2: *Dandum semper est tempus: ueritatem dies aperit.*

<sup>238</sup> Sêneca, *De prouidentia*, 6, 6: *non egere felicitate felicitas uestra est.*

<sup>239</sup> Sêneca, *Epistulae Morales*, 94, 27-8: *Praeterea ipsa quae praecipuntur per se multum habent ponderis, utique si aut carmini intexta sunt aut prosa oratione in sententiam coartata, sicut illa Catoniana: 'emas non quod opus est, sed quod necesse est; quod non opus est asse carum est', qualia sunt illa aut reddita oraculo aut similia: 'tempori parce', 'te nosce'.* (Tradução: Segurado e Campos).

<sup>240</sup> Lúcio Ácio, *Atreu*, 203-04: *oderint, dum metuant.*

### 3.2 Sêneca e a consolação pela morte

Para compreender as características da consolação, é importante observar como os traços distintivos se apresentam em algumas dessas obras. Em especial, as consolações de Sêneca são modelos interessantes para avaliar as particularidades do gênero e do estilo, e algumas cartas com intuito de consolar em decorrência da morte, como as dirigidas a Lucílio, em especial a 63, 93 e 99, que apresentam os mesmos *topoi* consolatórios do autor.

Como já abordado, seus escritos possuem finalidade pedagógica sem perder a elegância do estilo. Como é habitual em Sêneca, ele se expressa por meio do sintetismo e busca uma aproximação com o destinatário por meio de uma escrita que se relaciona com o *sermo*, ao passo que não abre mão da densidade do conteúdo. Importante mencionar a aproximação das mensagens transmitidas e das reflexões proporcionadas com outras, como o pode ser lido em *De breuitate uitae*, tratado em que o autor menciona como a vida pode ser vivida de maneira breve, mesmo quando muitos anos são contabilizados, como na passagem 7,7: “Avalia, digo, e reconta os dias de tua vida: Verás que restaram poucos e inúteis anos a ti.”<sup>241</sup>

#### 3.2a *Consolatio ad Marciam*

Essa consolação, dirigida a Márcia, filha de Cremúcio Cordo, foi escrita em decorrência do luto passado por ela pela morte de seu filho, pouco tempo após o suicídio de seu pai. A data da obra é incerta, principalmente deduzida a partir de referências internas, como menções a eventos e a personalidades pelo autor, tendo sido provavelmente escrita no início de seu exílio (Sauer, 2014, p. 135). Três anos após a morte de Metílio, Márcia ainda sofre com a dor e não encontra consolo nem mesmo nas leituras e nas artes.<sup>242</sup>

A motivação para a produção dessa consolação também tem sido tema de discussão. Primariamente, o objetivo seria consolar a destinatária, porém, autores como Sauer (2014, p. 136) sugerem também uma leitura secundária com intenções políticas, visando a uma possível tentativa de dissociação da política de Sejano<sup>243</sup>. Essa visão, entretanto, não pode ser confirmada com absoluta certeza, visto que a datação da obra não é precisa. A finalidade consolatória, nesse

<sup>241</sup> Sêneca, *De breuitate uitae*, 7, 7: *Dispunge, inquam, et recense uitae tuae dies: uidebis paucos admodum et reiculos apud te resedisse.*

<sup>242</sup> Sêneca, *Consolatio ad Marciam*, I.6.

<sup>243</sup> Manning (1981, p. 5) sugere que o círculo social de Sêneca, incluindo sua família e amigos, mantinha relações de aproximação com Sejano. A partir de sua queda, o distanciamento parecia o caminho mais adequado, para que não fosse completamente prejudicado devido a essas relações.

sentido, domina todo o trabalho, mas não exclusivamente a Márcia: o uso de participios no masculino sugere que era intuito de Sêneca atingir um público mais amplo (*Consolatio ad Marciam*, IX.3).

Na primeira parte, o autor elenca as qualidades de Márcia, evidenciando sua força de espírito (*Consolatio ad Marciam*, I.1.), sua ação para preservar os escritos de seu pai (*Consolatio ad Marciam*, I.2-3), o que seria benéfico não só a ele, como à pátria (*Consolatio ad Marciam*, I.4), e se posiciona como aquele que vai trazer a ela palavras que intentem aplacar a dor (*Consolatio ad Marciam*, I.5-8). Esse traço é característico do gênero epidítico.

Nessa consolação, Sêneca opta, ainda, por uma adaptação estrutural em função da consolada, o que aponta no texto (*Consolatio ad Marciam*, II.1). A partir da própria psicologia de Márcia, que considera grande de espírito (*Consolatio ad Marciam*, I.5.), apresenta primeiramente os *exempla*, e depois introduz os *praecepta* e, dentre esses primeiros, dois se destacam: o de Lívia e o de Otávia (*Consolatio ad Marciam*, II.3.), com o objetivo de, a princípio, encorajar Márcia a escolher seu posicionamento e a moderar o sofrimento, adotando a *metriopatheia*, como o primeiro passo.

Após a exposição inicial e as apresentações dos *exempla*, uma estratégia utilizada é o uso de perguntas, o que aproxima a *consolatio* ao gênero deliberativo. Com interpelações diretas ou imaginárias, e perguntas de teor pessoal, filosófico ou mesmo com perguntas retóricas, Sêneca se apresenta como um professor induzindo o aluno a seguir uma linha de raciocínio ao responder questões ora simples, ora profundas. Os questionamentos, em determinados momentos, são o fio condutor que permite que Sêneca apresente conceitos da filosofia sem o peso de uma longa exposição. Um exemplo está contido na passagem em que aborda o conceito de *Natura*:

O fogo queimará todas as eras e os cidadãos de todas as cidades, tanto varões quanto mulheres; o ferro exibirá em todo corpo seu poder de cortar. Por quê? Porque as propriedades lhes foram dadas pela natureza, que nada estabeleceu contra a pessoa.<sup>244</sup>

Perguntas diretas são feitas, em geral, em segunda pessoa, como se observa em:

A tua dor, contudo, se há alguma razão para ela, está voltada às tuas desgraças ou à daquele que morreu? Acaso o que te perturba, em relação ao filho perdido, é não teres recebido dele nenhuma alegria, ou que poderias receber maiores, se ele tivesse vivido mais tempo?<sup>245</sup>

<sup>244</sup> Sêneca, *Consolatio ad Marciam*, VII.4: *Ignis omnes aetates omniumque urbium ciues, tam uiros quam feminas uret; ferrum in omni corpore exhibebit secandi potentiam. Quare? quia uires illis a natura datae sunt, quae nihil in personam constituit.*

<sup>245</sup> Sêneca, *Consolatio ad Marciam*, XII.1: *Dolor tuus, si modo ulla illi ratio est, utrum sua spectat incommoda an eius qui decessit? Vtrum te in amisso filio mouet quod nullas ex illo uoluptates cepisti, an quod maiores, si diutius uixisset, percipere potuisti?*

Já as intervenções imaginárias, que partiriam da própria leitora, buscam antecipar e diminuir as possibilidades de que os preceitos do autor sejam refutados. Colocações como: “Não pensei que haveria de acontecer”<sup>246</sup>, “esqueceste que tu consolavas uma mulher, trazes exemplos de homens”<sup>247</sup>, “é penoso perder um jovem a quem se tenha educado, uma fortaleza e honra tanto para a mãe quanto para o pai”<sup>248</sup> são respondidas em seguida. Interessante observar que muitas vezes, após essas intervenções, são introduzidas perguntas que guiam o assunto. Além de induzir o posicionamento da consolada e suprimir os dilemas, essa “metodologia” ajuda a dar à consolação um tom de *sermo*, tão característico do estilo senequiano ao acrescentar elementos que ocorreriam pessoalmente, em uma conversa privada. Da mesma forma, interjeições e exclamações estão amplamente presentes no decorrer de sua exposição, invocando o uso discreto da fala cotidiana, como uso corretivo do *immo*, e frequentemente uso de *mehercules*.

Para além, outros *exempla* invocam a dor sofrida pela perda, demonstrando que o luto é comum aos seres vivos, como Sila (*Consolatio ad Marciam*, XII.6.), que perdera o único filho, e Lúcio Emílio Paulo (*Consolatio ad Marciam*, XIII.3.), que, confiando a posteridade a dois filhos após entregar outros dois à adoção, perdeu-os em datas próximas ao seu triunfo. Outros grandes exemplos, como César (*Consolatio ad Marciam*, XIV.3.), Augusto (*Consolatio ad Marciam*, XV.2) e Tibério (*Consolatio ad Marciam*, XV.3) são mencionados e, mesmo recebendo o status de divinos, passaram pela tristeza. Na obra, a argumentação pela autoridade é uma constante.

De fato, Sêneca apresenta tom professoral ao utilizar amiúde o imperativo ou subjuntivo exortativo: “Elege assim, qual dos dois exemplos julgas mais digno”<sup>249</sup>, “permite, ou melhor, incita conversas nas quais se fale dele”<sup>250</sup> e “nos controlemos e que essa força não nos leve ao descaminho”<sup>251</sup>. Além disso, as construções de perífrases deônticas do gerundivo são frequentes: *frangendus est, agendum est, festinandum est, moderandum est*.

Os *praecepta*, então, trazem diversas reflexões filosóficas, comparações com a natureza, símiles e metáforas, médicas e náuticas, todos recursos com intenção de convencer Márcia à

<sup>246</sup> Sêneca, *Consolatio ad Marciam*, IX.5: 'Non putavi futurum.'

<sup>247</sup> Sêneca, *Consolatio ad Marciam*, XVI.1: 'oblitus es feminam te consolari, uirorum refers exempla.'

<sup>248</sup> Sêneca, *Consolatio ad Marciam*, XVII.1: 'Graue est quem educaueris iuuenem, iam matri iam patri praesidium ac decus amittere.'

<sup>249</sup> Sêneca, *Consolatio ad Marciam*, III.3: 'Elige itaque utrum exemplum putes probabilius.'

<sup>250</sup> Sêneca, *Consolatio ad Marciam*, V.3: 'arcesse sermones quibus ille narretur.'

<sup>251</sup> Sêneca, *Consolatio ad Marciam*, VI.3: 'regamur nec nos ista uis transuersos auferat.'

supressão do sofrimento, à *apatheia*<sup>252</sup>. Um símile apresentado compara as tristezas e infelicidades aos vícios (I.7), e uma metáfora é vista em:

Indigno é o comandante de um navio de quem a onda tomou os lemes, que abandonou as velas soltas, entregou a embarcação à tempestade; contudo até mesmo num naufrágio deve ser louvado aquele que o mar encobriu segurando o leme e obstinado.<sup>253</sup>

Os elogios ao morto, característicos da *consolatio*, são outro elemento do gênero epidítico e usados por Sêneca, como na passagem:

Preferirias ter tido alguém degenerado e que preenchesse somente as obrigações e o nome de teu filho, ou um de índole tão grande quanto foi o teu filho, um jovem precocemente prudente, precocemente virtuoso, precocemente marido, precocemente pai, precocemente diligente em todos os deveres, precocemente sacerdote, como que se apressando em tudo?<sup>254</sup>

Por fim, na *peroratio*, ao dar voz ao próprio Cremúcio Cordo para exortar Márcia a aceitar a morte de Metílio, a *consolatio* apresenta ainda uma imagem que remete ao *Somnium Scipionis*, de Cícero (TOMBOLILLO, 2008, p. 44). Nesse fragmento do *De Re Publica*, é narrado o sonho em que Públio Cornélio Cipião conversa com Cipião Africano e, quando o questiona sobre a morte, ouve: “Mas ao contrário, vivem estes que voaram dos vínculos dos corpos como de cárcere; a vossa que se diz vida é morte”<sup>255</sup>. Nesse sonho, assim como na *Consolatio ad Marciam*, os mortos descobrem os segredos do funcionamento da natureza, como os astros, a lua e os planetas.

Na *consolatio*, o conceito de *libertas* fica claro para Cordo e para seu neto, livres finalmente do peso do corpo, das amarras do tempo (*Consolatio ad Marciam*, XXVI.5) e das adversidades da existência (*Consolatio ad Marciam*, XXVI.4), liberdade que deve ser cara também a Márcia. A força do fogo, presente nos preceitos estoicos, também é invocada nos dois excertos: na *Consolatio ad Marciam*, a partir de uma exposição sobre os ciclos naturais, em que Sêneca menciona que o tempo

<sup>252</sup> Em sua carta 9 das *Epistulae Morales*, Sêneca chama a atenção para esse conceito, evidenciando que se refere a alguém capaz de repelir a dor. Nesse sentido, para Sêneca e para o estoicismo, o sábio domina completamente a dor.

<sup>253</sup> Sêneca, *Consolatio ad Marciam*, VI.3: *Turpis est nauigii rector cui gubernacula fluctus eripuit, qui fluuitantia uela deseruit, permisit tempestati ratem; at ille uel in naufragio laudandus quem obruit mare clauum tenentem et obnixum.*

<sup>254</sup> Sêneca, *Consolatio ad Marcia*, XII.3: *Vtrumne malles degenerem aliquem et numerum tantum nomenque filii expleturum habuisse, an tantae indolis quantae tuus fuit, iuuenis cito prudens, cito pius, cito maritus, cito pater, cito omnis officii curiosus, cito sacerdos, omnia tamquam properans?*

<sup>255</sup> Cícero, *De Re Publica*, VI.14: *'Immo uero', inquit, 'hi uiuunt, qui e corporum uinculis tamquam e carcere euolauerunt, uestra uero, quae dicitur, uita mors est.* (Tradução: Maia Júnior)



Suprimirá montanhas por completo e elevará ao alto novos rochedos, em outros lugares; engolirá os mares, desviará rios e, tendo cortado as relações entre as gentes, dissipará a sociedade e o agrupamento do gênero dos homens; em outros lugares, soterrará cidades com enormes fendas, agitará com tremores e enviará, do fundo, o vento da pestilência, e tudo o que for habitado cobrirá com inundações e matará todo animal, submergindo o mundo, e com volumosas chamas queimará e incendiará os mortais. E, ao vir o tempo no qual o mundo se extinguirá para que seja renovado, tais coisas entrarão em colapso pelas suas próprias forças, e as constelações colidirão contra constelações e, estando toda a matéria abrasada, em uma única chama arderá tudo o que agora reluz ordenadamente.<sup>256</sup>

Igualmente, no *Somnium Scipionis*, Paulo revela a Cipião que

Se esse deus de quem é todo este templo que avistas não te tenha liberado dessas cadeias do corpo, aqui não pode estar aberta entrada a ti. De fato, os homens foram gerados por esta lei, que guardassem aquela esfera que vês no meio deste templo, a qual se diz terra, e a eles foi dado alma a partir daqueles fogos eternos que chamais astros e estrelas, que, esféricas e redondas animadas por mentes divinas, perfazem seus circuitos e órbitas com celeridade admirável.<sup>257</sup>

Na *Consolatio ad Marciam*, Sêneca se coloca como um professor para a consolada ao suscitar a reflexão sobre a morte utilizando da autoridade de grandes personalidades e mesmo de seu pai, para que a perda seja vista de forma natural e o sofrimento possa ser cessado.

### 3.2b Carta consolatória 63 (*Epistulae Morales ad Lucilium*)

A carta consolatória 63 foi dirigida a Lucílio em razão da morte de seu amigo, Flaco, com o objetivo de oferecer a ele palavras de consolo. De conteúdo filosófico, invoca a atenção para que o luto não seja nem excessivo nem cultivado, e promove a reflexão sobre a amizade e o prazer de ter desfrutado o tempo com os amigos perdidos.

Da mesma forma que a *Consolatio ad Marciam*, aqui Sêneca apresenta os *exempla* e *praecepta*. O exemplo inicial invoca Homero, ao mencionar Níobe e sua lamentação que teria durado somente um dia. As perguntas são também frequentes aqui, ao questionar constantemente Lucílio, de forma direta: “Queres saber de onde vêm as lamentações, de onde os lutos

<sup>256</sup> Sêneca, *Consolatio ad Marcia*, XVI.6: *Totos supprimet montes et alibi rupes in altum nouas exprimet; maria sorbebit, flumina auertet et, commercio gentium rupto, societatem generis humani coetumque dissoluet; alibi hiatibus uastis subducet urbes, tremoribus quatiet et ex infimo pestilentiae halitus mittet, et inundationibus quicquid habitatur obducet necabitque omne animal orbe submerso, et ignibus uastis torrebit incendetque mortalia. Et, cum tempus aduenerit quo se mundus renouaturus exstinguat, uiribus ista se suis caedent, et sidera sideribus incurrent, et, omni flagrante materia, uno igni quicquid nunc ex disposito lucet ardebit.*

<sup>257</sup> Cícero, *De Re Publica*, VI.15: *'Nisi enim deus is, cuius hoc templum est omne, quod conspicias, istis te corporis custodiis liberauerit, huc tibi aditus patere non potest. Homines enim sunt hac lege generati, qui tuerentur illum globum, quem in hoc templo medium uides, quae terra dicitur, iisque animus datus est ex illis sempiternis ignibus, quae sidera et stellas uocatis, quae globosae et rotundae, diuinis animatae mentibus, circulos suos orbesque conficiunt celeritate mirabili.* (Tradução: Maia Júnior)

excessivos?”<sup>258</sup> ou indireta: “Que mulher, entretanto, poderás me mostrar, de todas as pobres mulheres, a custo afastadas da pira fúnebre, dificilmente do cadáver arrancadas, cujas lágrimas tenham durado um mês inteiro?”<sup>259</sup>.

Outro traço presente na carta é o uso das intervenções imaginárias, em que o autor antecipa as ressalvas a serem feitas pelo consolado: “E então?” dizes “devo esquecer o amigo?”<sup>260</sup>, indicando já uma linha argumentativa que o exorta a refletir sobre isso, de maneira didática e aproximando-se do leitor como em uma conversa informal. Esse efeito também é observado por meio de exclamações, como “Oh, infeliz estultícia!”<sup>261</sup>.

Segundo Sêneca, se a Fortuna nos priva de uma amizade feita, privamo-nos de muito mais por aquelas não cultivadas, e não buscar outros amigos é como se abster de procurar nova vestimenta, se a que temos nos é roubada. Essa imagem é inserida com dois propósitos: apresentar uma metáfora sobre a perda dos amigos, e fomentar a reflexão pela pergunta, utilizando a estrutura condicional: “Se algum homem prefere chorar uma única vestimenta perdida por ter sido roubado do que buscar ao redor uma forma de fugir do frio e procurar algo com que cubra os ombros, não parecerá a ti o mais estúpido?”<sup>262</sup>

O uso de imperativos e subjuntivos exortativos também são indicativos da postura magistral do consolador em relação ao consolado: *fac, desine, cogitemos, fruamur*. Da mesma forma, as perifrásticas passivas com gerúndio de aspecto deôntico indicam também os preceitos para a moderação da dor: é necessário chorar um pouco, mas não lamentar.<sup>263</sup> Há uma ausência de encômios ao falecido, o que pode indicar um distanciamento e, aqui, se concentra na deliberação acerca da vida e da morte, do tempo e da memória dos que se foram.

Por fim, aponta a força do tempo na cura para o sofrimento, indicando que é melhor abandonar a dor conscientemente do que por ela ser vencido pelo cansaço: “certamente, o tempo traz o fim do sofrimento, que a sabedoria não havia trazido”<sup>264</sup>. Essa situação ocorreu com o próprio Sêneca, como admite, em virtude da perda de seu amigo Aneu Sereno, o que não seria conveniente para ninguém, principalmente para o varão. Ao se colocar como exemplo a ser evitado, reforça a ideia de que não se considera ainda um sábio: “Essas coisas te escrevo; eu, que

<sup>258</sup> Sêneca, *Epistulae morales*, 63.2: *Quaeris unde sint lamentationes, unde immodici fletus?*

<sup>259</sup> Sêneca, *Epistulae morales*, 63.13: *Quam tamen mihi ex illis mulierculis dabis uix retractis a rogo, uix a cadauere reuulsis, cui lacrimae in totum mensem durauerint?*

<sup>260</sup> Sêneca, *Epistulae morales*, 63.3: *'Quid ergo?' inquis 'obliuiscar amici?'*

<sup>261</sup> Sêneca, *Epistulae morales*, 63.2: *O infelicem stultitiam!*

<sup>262</sup> Sêneca, *Epistulae morales*, 63.11: *Si quis despoliatus amissa unica tunica conplorare se malit quam circumspicere quomodo frigus effugiat et aliquid inueniat, quo tegat scapulas, nonne tibi uideatur stultissimus?*

<sup>263</sup> Sêneca, *Epistulae morales*, 63.1: *lacrimandum est, non plorandum.*

<sup>264</sup> Sêneca, *Epistulae morales*, 63.12: *finem dolendi etiam qui consilio non fecerat, tempore inuenit.*

sem medida chorei Aneu Sereno”<sup>265</sup>, condenando, em seguida, a própria atitude. É necessário, portanto, segundo o estoicismo, pensar na morte a todo momento e se preparar para ela.

### 3.2c Carta consolatória 93 (*Epistulae Morales ad Lucilium*)

Escrita em decorrência da morte de Metronax, essa carta se inicia de forma direta, em primeira pessoa, já abordando o assunto geral do texto, e Sêneca afirma nas primeiras linhas: “senti falta da tua moderação”<sup>266</sup>. Os objetivos de Sêneca na carta consolatória 93 para Lucílio são dois: repreender o amigo pela falta de moderação (*aequitas*) em seu sofrimento, e consolá-lo por meio de ponderações sobre a vida e a morte, a diferença entre o viver e o existir, e novamente a importância de estar preparado para o fim.

De estrutura mais breve que as demais, essa carta condensa vários *topoi* da *consolatio*: perguntas frequentes, diretas e indiretas, como “Qual dos dois, eu te suplico, julgas mais justo, que tu obedças a natureza ou que a natureza te obedça?”<sup>267</sup> e “Entretanto, até quando vivemos?”<sup>268</sup>; e uso de *exempla* e comparações, como a invocação de Tanúsio e sua obra:

Há livros que contêm poucos versos e certamente são elogiáveis e úteis: sabes o quão pesados são os *Anais* de Tanúsio, e o que é dito deles. Assim é a longa vida de alguns, e que segue como os *Anais* de Tanúsio.<sup>269</sup>

Ao se colocar como exemplo, Sêneca reafirma uma aproximação com o consolado:

não recusaria que se adicionassem mais anos a mim; entretanto, não direi que me faltou nada para uma vida feliz, se o espaço da minha vida for reduzido; pois não me preparei para aquele dia que me prometera minha gananciosa esperança ser o último, mas olhei cada qual como se fosse o último. Por que perguntas quando nasci, ou se ainda sou computado entre os mais jovens? Tenho o que é meu.<sup>270</sup>

<sup>265</sup> Sêneca, *Epistulae morales*, 63.14: *Haec tibi scribo is, qui Annaeum Serenum, carissimum mihi, tam immodice fleui.*

<sup>266</sup> Sêneca, *Epistulae morales*, 93.1: *aequitatem tuam desideravi.*

<sup>267</sup> Sêneca, *Epistulae morales*, 93.2: *Utrum, obsecro te, aequius iudicas, te naturae an tibi parere naturam? quid autem interest quam cito exeas unde utique exeundum est?*

<sup>268</sup> Sêneca, *Epistulae morales*, 93.9: *Et tamen quousque uiuimus?*

<sup>269</sup> Sêneca, *Epistulae morales*, 93.11: *Et paucorum uuersuum liber est et quidem laudandus atque utilis: annales Tanusii scis quam ponderosi sint et quid uocentur. Hoc est uita quorundam longa, et quod Tanusii sequitur annales.*

<sup>270</sup> Sêneca, *Epistulae morales*, 93.6: *ideo mihi plures annos accedere recusauerim; nihil tamen mihi ad beatam uitam defuisse dicam si spatium eius inciditur; non enim ad eum diem me aptaui quem ultimum mihi spes auida promiserat, sed nullum non tamquam ultimum aspexi. Quid me interrogas quando natus sim, an inter iuniores adhuc censear? habeo meum.*

Nessa carta, o autor ainda tece encômios ao assinalar que uma pessoa jovem pode ter uma vida mais prolífica, visto que o tempo não é determinante: “Cumpriu, entretanto, os deveres de bom cidadão, bom amigo, bom filho; não foi infértil em nenhuma tarefa; embora sua idade tenha sido imperfeita, foi perfeita sua vida.”<sup>271</sup> Os preceitos seguem o mesmo traço das *consolationes*: “É necessário cuidar não para que vivamos muito, mas de forma satisfatória.”<sup>272</sup> E “meçamo-la [a vida] pela ação, não pelo tempo.”<sup>273</sup>

Essa carta consolatória tem teor filosófico ao explicar o verdadeiro sentido da vida e mencionar que a sabedoria deve ser o objetivo primordial da existência humana: “Perguntas, qual é a mais vasta amplitude da vida? Viver até alcançar a sabedoria; aquele que chega a ela alcançou não o objetivo mais distante, mas o mais importante.”<sup>274</sup> Uma vida longa, portanto, não é indicativo de uma vida melhor, da mesma forma que obras com poucos versos podem ser mais elogiáveis que grandes e pesadas obras. É interessante perceber a visão de que a morte aproxima o homem dos mistérios da natureza, como se observa na *Consolatio ad Marciam* e no *Somnium Scipionis* de Cícero:

Desfrutamos do conhecimento de todas as coisas: sabemos de qual princípio a natureza se eleva, de que forma se ordena o universo, por meio de quais vicissitudes faz retornar os anos, de que forma pôs fim a todas as coisas que algum dia existiram e se estabeleceu como o seu próprio fim; sabemos que os astros avançam por seu próprio curso, que nada é estático além da terra, que as outras coisas correm com contínua velocidade; sabemos de que forma a lua ultrapassa o sol, por que o que é mais lento deixa para trás o que é mais veloz, de que forma se recebe ou se perde a luz, o que introduz a noite, o que reconduz o dia: debes ir ali, onde podes observar essas coisas mais de perto.<sup>275</sup>

Ao final, Sêneca se apresenta tão direto quanto no início da carta, com a inserção de um questionamento ao consolado: “O que, pois, importa por quanto tempo evitas o que não podes evitar?”<sup>276</sup> Tal pergunta retórica resume a reflexão sobre a vida, a morte e o tempo, temas centrais nessa carta que, tão breve quanto densa, possui intensidade filosófica e capacidade consolatória que podem ser comparadas às *consolationes*.

<sup>271</sup> Sêneca, *Epistulae morales*, 93.4: *Sed officia boni ciuis, boni amici, boni filii executus est; in nulla parte cessauit; licet aetas eius imperfecta sit, uita perfecta est.*

<sup>272</sup> Sêneca, *Epistulae morales*, 93.2: *Non ut diu uiuamus curandum est, sed ut satis.*

<sup>273</sup> Sêneca, *Epistulae morales*, 93.4: *actu illam metiamur, non tempore.*

<sup>274</sup> Sêneca, *Epistulae morales*, 93.8: *Quaeris quod sit amplissimum uitae spatium? usque ad sapientiam uiuere; qui ad illam peruenit attingit non longissimum finem, sed maximum.*

<sup>275</sup> Sêneca, *Epistulae morales*, 93.9: *Omnium rerum cognitione frui sumus: scimus a quibus principiis natura se attollat, quemadmodum ordinet mundum, per quas annum uices reuocet, quemadmodum omnia quae usquam erunt cluserit et se ipsam finem sui fecerit; scimus sidera impetu suo uadere, praeter terram nihil stare, cetera continua uelocitate decurrere; scimus quemadmodum solem luna praetereat, quare tardior uelociorem post se relinquat, quomodo lumen accipiat aut perdat, quae causa inducat noctem, quae reducat diem: illuc eundum est ubi ista propius aspicias.*

<sup>276</sup> Sêneca, *Epistulae morales*, 93.12: *Quid autem ad rem pertinet quam diu uites quod euitare non possis?*

### 3.2d Carta consolatória 99 (*Epistulae Morales ad Lucilium*)

Essa carta consolatória aborda as reflexões de Sêneca a partir de uma situação de perda vivida por Marulo, decorrente da morte de seu filho pequeno, em que o autor envia a Lucílio não só as repreensões feitas àquele por ter sofrido em excesso e aceitado a dor, como o consolo a ele dirigido a fim de encorajá-lo para o futuro.

Iniciada em primeira pessoa, essa carta consolatória destaca a adaptação de Sêneca em função do destinatário, assim como deixa claro na *Consolatio ad Marciam*: “carta na qual não segui o costume usual nem pensei que deveria tratá-lo com brandura, sendo ele mais merecedor de reprovação que de consolo.”<sup>277</sup> A repreensão inicial se segue, e as perguntas interpostas objetivam incitar a reflexão sobre a extensão da dor: “Esperas consolações? Aceita insultos. Suportas tão fracamente a morte do filho? O que farias se tivesses perdido um amigo?”<sup>278</sup>. Sêneca muda o foco do filho para uma situação hipotética e, segundo ele, mais grave: a perda de um amigo. Ademais, o autor salienta a ingratidão associada ao apego ao sofrimento e demonstra o conforto que as lembranças deveriam suscitar, pelo fato de poder ter convivido com o ente querido. A dor e a lamentação, como paixões que devem ser extirpadas, nada apresentam de útil ou sensato, e reclamar do destino de um, mas que é comum a todos, é um ato injusto, visto que naturalmente o nascimento precede a morte. Como na *Consolatio ad Marciam*, destaca os exemplos de homens que enterraram seus filhos e retornaram à vida pública (*Epistulae morales*, 99.6).

Novamente, invoca o tempo de vida como não sendo determinante, e intensifica seus argumentos ao utilizar uma série de superlativos e comparativos:

Observa a celeridade do tempo velocíssimo, pensa na brevidade desse espaço pelo qual corremos apressadíssimos, observa esse conjunto de pessoas indo na mesma direção, com intervalos mínimos que as separam, mesmo quando parecem os maiores: quem pensa que faleceu passou adiante. O que é, entretanto, mais insensato do que chorar aquele que precedeu, quando o mesmo caminho deverá ser atravessado?<sup>279</sup>

<sup>277</sup> Sêneca, *Epistulae morales*, 99.1: *in qua non sum solitum morem secutus nec putavi leniter illum debere tractari, cum obiurgatione esset quam solacio dignior.*

<sup>278</sup> Sêneca, *Epistulae morales*, 99.2: *'Solacia expectas? conuicia accipe. Tam molliter tu fers mortem filii? quid faceres si amicum perdidisses?*

<sup>279</sup> Sêneca, *Epistulae morales*, 99.7: *Respice celeritatem rapidissimi temporis, cogita breuitatem huius spatii per quod citatissimi currimus, obserua hunc comitatum generis humani eodem tendentis, minimis interuallis distinctum etiam ubi maxima uidentur: quem putas perisse praemissus est. Quid autem dementius quam, cum idem tibi iter emetiendum sit, flere eum qui antecessit?*

As intervenções imaginárias novamente aqui são vistas, como na interpelação: “Mas morreu menino”<sup>280</sup>, e é interessante observar do próprio Sêneca, como se respondesse a uma intervenção do consolado, ao dizer: “O quê? Acaso eu exorto que sejas firme agora, e desejo que enrijeças o semblante no próprio cortejo fúnebre e não admito nem mesmo que te entristeças? De modo algum.”<sup>281</sup> Ao fazer isso, como salientamos, Sêneca busca se aproximar do destinatário como em uma conversa pessoal.

Os preceitos seguem a linha magistral de Sêneca e das consolações, com uso de imperativos e subjuntivos exortativos:

O que há, então? Permitamos que caiam; não ordenemos; que fluam na medida em que os sentimentos sobrevierem, não o quanto demandar a aparência. Nada, de fato, acrescentemos ao sofrimento nem juntemos ao exemplo alheio.<sup>282</sup>

Perguntas também são frequentes, diretas e indiretas: “Diante disso, quanto tempo gastam em lágrimas, quanto em inquietudes? Quanto tempo em apelos antes que venha a morte, quanto em doença, quanto em temor? Quanto tempo tomam os anos inexperientes ou inúteis?”<sup>283</sup>. Outrossim, exclamações são colocadas ao longo do texto, como *mehercules*, e *o dementiam nostram!*

A ideia de que o primeiro impulso de uma paixão não pode ser controlado é indicada aqui também para a tristeza e para as lágrimas. Essa ideia é discutida no tratado *De ira*, e na carta, Sêneca a estende também para a dor inicial do luto:

Quando a primeira notícia de uma morte amarga nos abateu, quando seguramos em nosso abraço o corpo a ser levado para a pira, as lágrimas são lançadas pela necessidade da natureza. O espírito, abalado pelo golpe da dor, assim como o corpo inteiro, perturba os olhos, pressiona e lança para fora a umidade adjacente. Tais lágrimas caem por pressão, não desejadas por nós: outras são as que deixamos sair quando retorna a memória daqueles que perdemos, e há certa tristeza apazível quando vêm à mente suas falas agradáveis, a conversa ridente, o afeto cortês; então, os olhos se soltam como em alegria. Esse choro permitimos; pelo primeiro, somos vencidos.<sup>284</sup>

<sup>280</sup> Sêneca, *Epistulae morales*, 99.10: ‘*Sed puer decessit.*’

<sup>281</sup> Sêneca, *Epistulae morales*, 99.15: ‘*Quid? nunc ego duritiam suadeo et in funere ipso rigere uultum uolo et animum ne contrahi quidem patior? Minime.*’

<sup>282</sup> Sêneca, *Epistulae morales*, 99.15: *Quid ergo est? permittamus illis cadere, non imperemus; fluat quantum adfectus eiecerit, non quantum poscet imitatio. Nihil uero maerori adiciamus nec illum ad alienum augeamus exemplum.*

<sup>283</sup> Sêneca, *Epistulae morales*, 99.11: *Ex hoc quantum lacrimae, quantum sollicitudines occupant? quantum mors antequam ueniat optata, quantum ualetudo, quantum timor? quantum tenent aut rudes aut inutiles anni?*

<sup>284</sup> Sêneca, *Epistulae morales*, 99.18-19: *Cum primus nos nuntius acerbi funeris perculit, cum tenemus corpus e complexu nostro in ignem transiturum, lacrimas naturalis necessitas exprimit et spiritus ictu doloris impulsus quemadmodum totum corpus quatit, ita oculos, quibus adiacentem umorem perpremit et expellit. Hae lacrimae per elisionem cadunt nolentibus nobis: aliae sunt quibus exitum damus cum memoria eorum quos amisimus retractatur, et inest quidam dulce tristitiae cum occurrunt sermones eorum iucundi, conuersatio hilaris, officiosa pietas; tunc oculi uelut in gaudio relaxantur. His indulgemus, illis uincimur.*

De fato, um dos focos da carta é censurar o comportamento de Marulo que, após passado esse primeiro impulso, continua a cultivar a dor. Sêneca expõe esse processo de assentimento à paixão de maneira detalhada ao usar a ira como exemplo. Indica Lohner (2014, p. 42,43) que “esse segundo julgamento consiste em um assentimento de que a alma assumira determinado estado, sucedendo, por fim, a expressão da emoção” e, ainda, que “tal impulso distingue-se, portanto, daquele primeiro por ser voluntário e é comparativamente complexo por implicar várias operações de julgamento por parte da alma.”

Constantemente, Sêneca reafirma que não é necessário se privar da memória ou mesmo desse primeiro impulso da dor: isso seria desumano, ou irracional, e mais próximo do comportamento dos animais (*Epistulae morales*, 99.24). Mas, similar a essa irracionalidade seria o cultivo da tristeza, visto que “isso não convém a um varão prudente: ele deveria continuar a lembrar, mas parar de chorar.”<sup>285</sup>

Ao falar sobre a dor e o prazer, uma passagem de Metrodoro, filósofo epicurista, é citada e criticada:

E de forma alguma aprovo aquilo que diz Metrodoro, que há certo prazer semelhante à tristeza, que isso deve ser perseguido simultaneamente, dessa forma. Registre as próprias palavras de Metrodoro: ‘Carta de Metrodoro à sua irmã’: ‘Há evidentemente um prazer conexo com a dor, que temos que procurar neste momento.’<sup>286</sup>

Na carta 63, Sêneca cita Átalo, concordando sobre o prazer de lembrar os amigos falecidos (*Epistulae morales*, 63.7), prazer que não comportaria nem mesmo o amargor da dor; já nessa carta, afirma que “o que é mais inacreditável ou desumano, não sentir dor pelo amigo perdido ou procurar o prazer na própria dor?”<sup>287</sup> Há, claramente, uma diferença no posicionamento do autor sobre o prazer. Nesse sentido, uma possível razão de não concordar com a segunda colocação pode ser uma divergência filosófica, algo mencionado na própria carta, quando explica que: “Esses homens são os que nos censuram por excesso de rigor e acusam de dureza nossos princípios, porque declaramos que a dor não deve ser admitida no espírito ou deve ser rapidamente dissipada.”<sup>288</sup> Ademais, na carta 63, Sêneca relaciona o prazer especificamente com a memória

<sup>285</sup> Sêneca, *Epistulae morales*, 99.24: *Hoc prudentem uirum non decet: meminisse perseueret, lugere desinat.*

<sup>286</sup> Sêneca, *Epistulae morales*, 99.25: *Illud nullo modo probo quod ait Metrodorus, esse aliquam cognatam tristitiae uoluptatem, hanc esse captandam in eiusmodi tempore. Ipsa Metrodori uerba subscripsi. Μητροδωρου επιστολων προς την αδελφην. εστιν γαρ τις ηδονη λυπη συγγενης, ην χρη θηρευειν κατα τουτον τον καιρον.*

<sup>287</sup> Sêneca, *Epistulae morales*, 99.26: *Utrum tandem est aut incredibilius aut inhumanius, non sentire amisso amico dolorem an uoluptatem in ipso dolore aucupari?*

<sup>288</sup> Sêneca, *Epistulae morales*, 99.26: *Hi sunt qui nobis obiciunt nimium rigorem et infamant praecepta nostra duritiae, quod dicamus dolorem aut admittendum in animum non esse aut cito expellendum.*

dos entes queridos, enquanto na carta 99, ele menciona o prazer associado à dor da perda, fortemente apreendida no contexto por ser incitada por Marulo. Por fim, conclui: o prazer não pode curar a dor, é um remédio brando, ou mesmo inadequado (*Epistulae morales*, 99.29).

Por fim, adiciona que não necessariamente viveu uma vida melhor aquele que viveu uma vida mais longa. Sêneca chama aqui a atenção para o fato de que o tempo vivido já é mínimo à maior parte dos homens diante de tantas obrigações e intempéries da existência, portanto, lamentar-se é perder ainda mais vida. A moderação, entretanto, é essencial ao sábio: chorar e sentir a perda do ente querido é natural quando sincero, torna-se um vício quando irracional e ostentativo. Como conselhos, o autor indica falar e rememorar com constância aquele que morreu, e invocar a calma do espírito permitindo que a natureza se manifeste, sem a ela oferecer resistência ou dar forças. O retorno ao tema inicial fecha a composição em forma de anel, a *ring composition*, ao recordar a forma de consolação adaptada ao consolado, visto que a carta busca repreender Marulo, exortando-o à mudança.

### 3.3 As características gerais da *consolatio* em Sêneca

#### 3.3a Análise das consolações senequianas

Após a compreender a estrutura geral de uma *consolatio* na tradição literária e do estilo senequiano, a análise das obras se faz necessária e, para iniciá-la, tomemos como exemplo o início da consolação a Márcia:

Se eu não soubesse, Márcia, que tu te desviaste tanto da fraqueza de espírito das mulheres quanto dos outros vícios, e que teus costumes são vistos como modelo antigo das virtudes, não ousaria ir ao encontro da tua dor, a que os homens também aderem de bom grado e se inclinam, nem teria concebido esperanças em um tempo tão iníquo, com um juiz tão funesto, com um crime tão odioso, de que eu pudesse fazer que relevasses tua sorte. A força de espírito já reconhecida e tua virtude demonstrada com grande prova tornaram-me confiante.<sup>289</sup>

Tal excerto, juntamente com as informações já apresentadas sobre as cartas consolatórias, foi considerado para complementar a análise sobre as particularidades do gênero, guiando a investigação, visto que vários elementos significativos podem ser observados de maneira muito

---

<sup>289</sup> Sêneca, *Consolatio ad Marciam*, I, 1: *Nisi te, Marcia, scirem tam longe ab infirmitate muliebris animi quam a ceteris uitii recessisse et mores tuos uelut aliquod antiquum exemplar aspici, non auderem obuiam ire dolori tuo, cui uiri quoque libenter haerent et incubant, nec spem concepissem tam iniquo tempore, tam inimico iudice, tam inuidioso crimine, posse me efficere ut fortunam tuam absolueres. Fiduciam mihi dedit exploratum iam robur animi et magno experimento approbata uirtus tua*



similar. Para corroborar as conclusões, vale ilustrar a reflexão com as cartas selecionadas e, eventualmente, com outras obras de outros autores já mencionados, como a de Jerônimo, com o intuito de validar seus traços distintivos:

**Conteúdo filosófico:** de teor ético e filosófico, as consolações buscam levar preceitos de como viver a vida após a perda. Sêneca, por exemplo, se utiliza de vários conceitos principalmente consonantes com a teoria estoica.

Tomando como exemplos as cartas selecionadas, a visão estoica da morte é invocada a todo momento: ela está declarada desde o nascimento (*Consolatio ad Marciam*, X.5) a todos os mortais, aos grandes generais, aos imperadores e até mesmo aos deuses (*Consolatio ad Marciam*, XII.4). O autor afirma que “a morte é a liberação de todas as dores e o fim além do qual nossos males não passam; é a que nos restaura àquela tranquilidade na qual jazíamos antes de nascer”<sup>290</sup>, em consonância com o estoicismo, cujo conceito de conflagração universal liga o princípio e o fim ao fogo, a *ekpurosis*: “O fogo queimará todas as eras e os cidadãos de todas as cidades, tanto varões quanto mulheres”. A morte, destino de todos (*Epistulae morales*, 63.12) e evento que a todos iguala (*Epistulae morales*, 99, 9) está, ainda, no campo do indiferente “nem um bem nem um mal; isto é, pode ser algo bom ou mau o que é alguma coisa”<sup>291</sup>, e em muitos momentos propícia (*Consolatio ad Marciam*, XX.4) para afastar sofrimentos (*Consolatio ad Marciam*, XX.6).

A liberdade também é elogiada como belíssima (*Consolatio ad Marciam*, I.4.) e elemento que, quando associado à morte, pode esclarecer a perspectiva de Sêneca sobre o suicídio, visto afirmar que “não é molesto servir quando, caso se esteja desgostoso do senhor, é permitido, com um único passo, ir em direção à liberdade.”<sup>292</sup>

A poucos benigna e fácil (*Consolatio ad Marciam*, XXVI.2), a *Fortuna* é invocada constantemente nas obras, sendo o curso de eventos que afeta os homens de maneira incontrolável: Sêneca enfatiza que a *Fortuna* a todo momento toma e concede (*Epistulae morales*, 63.7). Somente o caminho da sapiência pode dar ao homem firmeza de espírito para que ele se eleve acima dos desígnios da *Fortuna* (*Epistulae morales*, 63.1) e evite seus golpes repentinos (*Epistulae morales*, 63.15).

<sup>290</sup> Sêneca, *Consolatio ad Marciam*, XIX.5: *Mors dolorum omnium exsolutio est et finis ultra quem mala nostra non exeunt; quae nos in illam tranquillitatem, in qua antequam nasceremur iacuimus, reponit.*

<sup>291</sup> Sêneca, *Consolatio ad Marciam*, XIX.5: *mors nec bonum nec malum est; id enim potest aut bonum aut malum esse quod aliquid est.*

<sup>292</sup> Sêneca, *Consolatio ad Marciam*, XX.3: *Non est molestum seruire, ubi, si dominii pertaesum est, licet uno gradu ad libertatem transire.*

Sobre a sapiência e os sábios, o autor traz a visão platônica de que “o espírito do sábio se dirige inteiro para a morte, isso ele deseja, sobre isso medita, é levado sempre por esse desejo, inclinando-se para as coisas externas.”<sup>293</sup> Ainda de acordo com seus preceitos, o sábio tem controle sobre as paixões e seus impulsos (*Epistulae morales*, 99.18), principalmente sua manifestação.

**Léxico familiar:** muitas palavras são escolhidas para gerar uma aproximação quase familiar com o consolado. Na passagem iniciais, como a mencionada da *Consolatio ad Marciam*, o uso de *exemplar*, e não *exemplus*, é um indicativo interessante, visto que a terminação -ar é típica de nomes neutros que os relaciona com algo da comunidade. Isso pode ser observado de maneira similar nos nomes terminados em -ter, como *minister*, *magister*; o mesmo ocorre com os nomes relacionados à família, o mais importante grau de comunidade: *pater*, *mater*, *frater*. *Exemplar* indica um exemplo para a comunidade, não simplesmente um modelo geral. Igualmente, os verbos compostos com *cum* e *circum*, como no excerto (*consurrexissem*, *circumlucentem*, *circumfremuerunt*) indicam uma aproximação com o destinatário. Assim, as escolhas das palavras, em uma *consolatio*, devem almejar uma afinidade com o consolado.

**Pessoalidade:** o autor a expressa, por exemplo, pelo uso da primeira pessoa logo no início das obras, justificando seu posicionamento em relação ao consolado. Isso ocorre tanto na consolação dirigida a Márcia (*Consolatio ad Marciam*, I.1.), em que ele se coloca como alguém que vai ao encontro da dor de forma consciente, sabendo da força de sua destinatária, quanto na consolação à sua mãe (Sêneca, *Consolatio ad Heluiam matrem*, I.1). Na carta consolatória 63, Sêneca se dirige a Lucílio: “Lamento, com pesar, que teu amigo Flaco tenha morrido; entretanto, da mesma forma não desejo que sofras mais que o necessário”.<sup>294</sup> Na carta consolatória 93, indica: “senti falta da tua moderação”.<sup>295</sup> Na carta consolatória 99, enfatiza: “Envio-te a carta consolatória que eu escrevi a Marulo”.<sup>296</sup> São Jerônimo também se utiliza da primeira pessoa logo ao início da carta consolatória 60, ao dizer que “No que quer que eu diga, pareço mudo, pois ele não ouve.”<sup>297</sup>.

Esse recurso pode indicar que a consolação busca a personalidade, em geral que se manifesta já inicialmente, dando à obra um caráter íntimo tal qual faria se estivessem em uma conversa, indo também ao encontro do que o próprio Sêneca fala sobre a aproximação com um *sermo*.

<sup>293</sup> Sêneca, *Consolatio ad Marciam*, XXIII.2: *sapientis animum totum in mortem prominere, hoc uelle, hoc meditari, hac semper cupidine ferri, in exteriora tendentem.*

<sup>294</sup> Sêneca, *Epistulae morales*, 63.1: *Molesto fero decessisse Flaccum, amicum tuum, plus tamen aequo dolere te nolo.*

<sup>295</sup> Sêneca, *Epistulae morales*, 93.1: *aequitatem tuam desideravi.*

<sup>296</sup> Sêneca, *Epistulae morales*, 99.1: *Epistulam quam scripsi Marullo (...) misi tibi.*

<sup>297</sup> Jerônimo, carta 60, 1: *Quidquid dixero, quia ille non audit, mutum uidetur.*

**Indicação do destinatário:** Mesmo nas obras escritas para um público pretendido mais amplo, havia em geral a indicação particular de um leitor específico, usualmente uma só pessoa, e um elemento importante para identificá-lo seria o uso do vocativo e da segunda pessoa do singular<sup>298</sup>. Tanto na *Consolatio ad Marciam* quanto na *Consolatio ad Helviam matrem*, o autor se dirige diretamente às mulheres, Márcia e Hélvia, e na carta de São Jerônimo há, ainda, uma ampliação desses destinatários para a divindade, a fim de realizar agradecimentos pessoais<sup>299</sup>. Outras referências se encontram nas *Epistulae morales*, 63.7; 93.4. Embora não esteja presente em todas as cartas<sup>300</sup>, o vocativo pode ser considerado um elemento que expressa o destinatário da *consolatio*, visto que os momentos em que se dirige ao consolado ou em que manifesta seu pensamento podem passar a impressão intimista (embora as análises indiquem elementos que corroboram a tese de que as obras também poderiam ser direcionadas a públicos mais amplos).

**Tom magistral:** o autor de uma *consolatio* se propõe a ensinar a lidar com o luto como um professor que se dirige a um aluno a fim de transmitir conhecimentos sobre o assunto de maneira didática. Como autoridade que se coloca, dispõe da filosofia para embasar seus preceitos e escolhe uma estratégia que se adeque ao destinatário, da mesma forma que se observa em Sêneca, que ora realiza a adaptação estrutural de apresentação dos *praecepta* e dos *exempla* como uma estratégia didática explicitamente mencionada ao se dirigir a Márcia, (*Consolatio ad Marciam* II, 1), ora intensifica seu tom nos exemplos a Lucílio (*Epistulae Morales* 99, 24). Isso pode ser moldado linguisticamente pelo emprego de algumas formas, como:

**Imperativos:** um dos traços comuns nos escritos consolatórios é o uso de imperativo. Seja para a exortação, seja com o intuito magistral, o imperativo se faz presente em toda a obra consolatória: *aspice, renuntia, exple, discrimine*, o que traz não só a indicação já mencionada de um destinatário particular, como o senso de ordem, proveniente de uma autoridade. O autor da consolação por vezes se apresenta como um *magister*, um mestre do bem-viver, com intenções de ensinar como aplacar o sofrimento. Amplas referências são encontradas nas *Epistulae Morales*.

<sup>298</sup> Em algumas obras, o destinatário específico pode ser identificado de outras maneiras, como indicações de terceiros e sua parentalidade, por exemplo, como se observa na menção a Nepotiano, sobrinho de seu amigo e alvo da consolação, Heliodoro, na carta 60 de Jerônimo.

<sup>299</sup> Jerônimo, carta 60, 3.: *Gratias tibi, Christe Saluator, tua agimus creatura, quod tam potentem aduersarium nostrum dum occideris, occidisti.* – “A ti, oh Cristo Salvador, damos graças, nós que somos tuas criaturas, pois mataste tão potente adversário nosso quando morreste.” Essa obra de São Jerônimo também apresenta o uso de vocativo, mesmo que em outro contexto, mas denotando igualmente uma intimidade decorrente da religiosidade do autor e um agradecimento que dirige aos céus, ampliando e abarcando a própria divindade no espectro a que se dirige.

<sup>300</sup> Muitas cartas do conjunto de *Epistulae morales* não possuem vocativo. O fato de ser uma coletânea escrita para o mesmo destinatário pode explicar a ausência de menção em cada uma.

**Uso de perífrases do gerundivo na modalidade deôntica:** é constante, nas obras consolatórias, o uso da perifrástica passiva composta pelo gerundivo (essa construção é um indicativo de obrigatoriedade (ALMEIDA, 2000, p. 205))<sup>301</sup>. Visto que Sêneca se coloca como professor, a construção perifrástica com modalidade deôntica é uma forma de indicar a necessidade ou a urgência de uma atitude determinada ou mudança, em vários momentos. Além de estarem constantemente presentes, essas formas são observadas principalmente nos períodos finais, em *sententiae* que possuem maior senso moral. Na *Consolatio ad Marciam I*, lê-se: “deve-se lutar mais veementemente contra os males arraigados”<sup>302</sup>, indicando a força do conselho, uma vez que sua recomendação se mostra como uma necessidade.

**Perguntas retóricas e exclamações hipotéticas:** as perguntas e exclamações permeiam toda a reflexão em uma consolação e são apresentadas em diversos momentos das obras. Em Sêneca, temos a presença constante desse recurso, com o objetivo de promover a meditação sobre o assunto e aproximar o autor do destinatário, como em uma conversa (*sermo*), tornando o texto quase dialógico: “quem alguma vez observou os seus pertences como se estivesse prestes a morrer? Quem de vós alguma vez ousou pensar sobre o exílio, sobre a indignância, sobre o luto?”<sup>303</sup>, “a quem tocará tal firmeza de espírito senão ao já elevado muito acima da Fortuna?”<sup>304</sup>, “por que questionas por quanto tempo viveu?”<sup>305</sup>, “enterras a amizade com o amigo? E por que lamentas que o perdeste, se não é útil que o possuístes?”<sup>306</sup>. Perguntas também estão presentes na carta consolatória de Jerônimo.

**Apresentação de *exempla*:** na consolação a Márcia, dois exemplos se tornam marcantes, o de Lúvia e Otávia, bem como o exemplo do pai da consolada, como modelos a serem analisados e, se pertinente, seguidos. Estudos da reconstrução da consolação escrita por Cícero sugere a utilização de *exempla* nas primeiras partes do texto, com nomes de romanos que superaram seu luto (BALTUSSEN, 2013, p. 74). Na carta 63, há o exemplo de Níobe. São Jerônimo, na Carta 60 menciona múltiplos exemplos, inclusive os de Púlvilo e de Lúcio Paulo, ambos presentes na *Consolatio ad Marciam*. Nesse panorama, é possível colocar os exemplos como uma parte

<sup>301</sup> Cícero, nas *Partitiones Oratoriae*, chama a atenção para o fato de que o uso do gerúndio é diferente do uso do gerundivo, mantendo o primeiro o foco sobre o verbo, enquanto esse segundo mantém o foco sobre o nome.

<sup>302</sup> Sêneca, *Consolatio ad Marciam*, I. 8: (...) *uehementius contra inueterata pugnandum est*.

<sup>303</sup> Sêneca, *Consolatio ad Marciam*, IX, 4: *Quis unquam res suas quasi periturus aspexit? Quis unquam uestrum de exilio, de egestate, de luctu cogitare ausus est?*

<sup>304</sup> Sêneca, *Epistulae morales*, 63.1: *cui ista firmitas animi continget nisi iam multum supra fortunam elato?*

<sup>305</sup> Sêneca, *Epistulae morales*, 93.5: *Quid quaeris quamdiu uixerit?*

<sup>306</sup> Sêneca, *Epistulae morales*, 99.4: *Cum amico effers amicitiam? Et quid doles amisisse, si habuisse non prodest?*

importante da consolação, não só senequiana, embora esse traço seja observado vastamente nas obras do autor.

**Metáforas e símiles:** Setaioli (2014, p. 240) indica que “a metáfora médica é difundida na filosofia antiga e em Sêneca é generalizada”<sup>307</sup>. Em especial, nas consolações e cartas consolatórias, as metáforas relacionadas à cura da alma, à natureza e as militares se encontram particularmente mais presentes, visto sua clara relação com os temas, em que o consolador busca inspirar a superação de uma paixão, do sentimento de luto excessivo, por meio da disciplina, tão cara à formação do soldado. Na consolação a Márcia (*Consolatio ad Marciam*, 1.VI), Sêneca compara o tempo ao remédio (*naturale remedium temporis*). Na carta consolatória 93, comenta a aproximação de quem morre com os mistérios da natureza, por meio de uma imagem que aborda os astros (*Epistulae morales*, 93.9), além de mencionar a vida das árvores (*Epistulae morales*, 93.4). Na carta consolatória 99, encontram-se imagens sobre a natureza, comparando o amor humano com o amor das feras, por exemplo (*Epistulae morales*, 99.24). Na carta consolatória 63, retoma a imagem de Átalo que compara as memórias dos amigos mortos com as frutas agradavelmente ácidas (*Epistulae morales*, 63,5).

**Encômios e vitupérios:** os elogios e as repreensões estão presentes nas consolações, sendo elementos que as aproximam ao gênero epidítico. Dessa forma, Sêneca deixa clara sua posição de repreensão, por exemplo, no início da *Consolatio ad Marciam*, que não será brando em suas colocações para que a dor seja dilacerada (*Consolatio ad Marciam*, I.8). Na carta 99 das *Epistulae morales*, afirma ter repreendido Marulo por seu comportamento, e na carta 63, repreende seus próprios atos passados, quando chorou sem medida pela morte de um amigo. Em outros momentos, invoca as boas memórias dos falecidos por meio de elogios, e chama a atenção para a importância de recordá-los frequentemente (*Epistulae morales*, 99.23) como bons cidadãos, filhos e amigos (*Epistulae morales*, 93.4), um ato doce e prazeroso (*Epistulae morales*, 63.7). Elogia Cremúcio Cordo (*Consolatio ad Marciam*, I.3), pai de Márcia, e seu filho Metílio (*Consolatio ad Marciam*, XII.3), além da própria Márcia logo no início da carta (*Consolatio ad Marciam*, I.1).

Eis outros traços de estilo identificados em especial na consolação senequiana:

**Amplio uso do período hipotético:** na primeira parte da consolação a Márcia, há um grupo de hipóteses, como o período hipotético contínuo da irrealidade no presente: “Se eu não soubesse, Márcia, que tu te desviaste tanto da fraqueza de espírito das mulheres quanto dos outros

---

<sup>307</sup> Setaioli, 2014, p. 240: *The medical metaphor is widespread in ancient philosophy and in Seneca it is absolutely pervasive.*

vícios(...)”<sup>308</sup> o que também se observa quando se dirige à mãe: “se eu mesmo me erguesse com você”<sup>309</sup>. Na carta consolatória 63: “A nós, por outro lado, pode ser perdoado que as lágrimas caiam, se não caíram excessivamente, se nós mesmos as contivemos.”<sup>310</sup>. Outras referências: *Epistulae morales*, 93.2; 99.1. Portanto, na retórica das *consolationes*, em geral de teor filosófico, as condicionais são um traço em comum. Utilizando esse recurso, Sêneca aborda as possibilidades tanto para ele, como consolador, quanto para o consolado, a partir de reflexões tais como: “Acaso deveria nomear a ti os reis que haveriam de ser felicíssimos, se a morte os subtraísse mais cedo de males iminentes? Ou líderes romanos aos quais nenhuma grandeza faltaria, caso se subtraísse um pouco de sua vida?”<sup>311</sup>

**Simetria:** observam-se traços específicos de *concinntitas*, ou seja, simetria do período, que parece uma simetria clássica, muito presente nas obras de Cícero, já na primeira parte da consolação a Márcia: “em um tempo tão iníquo, com um juiz tão funesto, com um crime tão odioso”<sup>312</sup>. O adjetivo se apresenta antes, e o nome depois, o que difere do estilo que em geral é adotado por Sêneca, que muitas vezes emprega o quiasmo, uma figura que transpõe as palavras como que em um espelho imperfeito, como na Carta 63.13 e 99.15. Outras referências de *concinntitas* se encontram nas *Epistulae morales*, 63.15; 93.4; 99.2. Portanto, a simetria dos períodos parece um traço associado ao estilo do autor.

**Anáfora:** Similarmente, a anáfora permeia toda a obra consolatória de Sêneca. A repetição do termo *tam* é notável nessa passagem inicial. Na *Consolatio ad Heluam matrem*, I. 1 salienta: “Muitas vezes, ótima mãe, acolhi o ímpeto de consolá-la, muitas vezes o contive.”<sup>313</sup> Outras referências são vistas nas *Epistulae morales*, 93. 9; 99.5. As anáforas são um traço do estilo sintético de Sêneca e, como tal, estão também presentes em suas consolações.

**Escolha dos pronomes:** nesse trecho, quando fala dos vícios, ele utiliza *ceterus*, ao invés de *reliquus* ou *alius*, três pronomes indefinidos que possuem o mesmo significado, “outros”, mas de maneira diferente: *reliquus* significaria outros, mas em um nível menor de importância que o primeiro, enquanto *alius* significaria outros sem especificação, e *ceterus* coloca ambos no mesmo nível, ou seja, os vícios mais graves são como os vícios das mulheres. Essa é uma indicação que

<sup>308</sup> Sêneca, *Epistulae morales*, 63.1: *Nisi te, Marcia, scirem tam longe ab infirmitate muliebris animi quam a ceteris uitiiis recessisse (...)*.

<sup>309</sup> *Consolatio ad Heluam matrem*, I.1: *si prior ipse consurrexissem.*

<sup>310</sup> Sêneca, *Epistulae morales*, 63.1: *Nobis autem ignosci potest prolapsis ad lacrimas, si non nimiae decucurrerunt, si ipsi illas repressimus.*

<sup>311</sup> Sêneca, *Consolatio ad Marciam*, XXVI, 2: *Regesne tibi nominem felicissimos futuros, si maturius illos mors instantibus subtraxisset malis? an romanos duces, quorum nihil magnitudini deerit si aliquid aetati detraxeris?*

<sup>312</sup> Sêneca, *Epistulae morales*, 63.1: *tam iniquo tempore, tam inimico iudice, tam inuidioso crimine.*

<sup>313</sup> Sêneca, *Consolatio ad Heluam matrem*, I.1: *Saepe iam, mater optima, impetum cepi consolandi te, saepe continui.*

pode ser identificada também como moral nessa primeira parte, onde os elementos são hierarquizados.

**Verbos similares:** para enfatizar uma ideia, verbos similares podem aparecer juntos, como *haerent et incubant*: tais verbos parecem, a princípio, sinônimos. São dois verbos semanticamente muito próximos, mas que não se traduzem como sinônimos, visto que um deles adquire a força de um advérbio de reforço. Na *Consolatio ad Heluiam matrem*, também se observam, já no início, dois verbos similares que são colocados de forma aproximada: *capio* e *contineo*. Na *Consolatio ad Polybium*, VI, observam-se *inquirat ac perspicit*. Pode ser considerado um traço estilístico com intuito de enfatizar uma ideia.

**Sententiae ou aforismos morais:** Sêneca termina com uma frase final concisa, significativamente presente nas tragédias e nos contos, como uma espécie de conclusão ou moral. Na consolação a Márcia I.1, lê-se, ao final: “A força de espírito já reconhecida e tua virtude demonstrada com grande prova tornaram-me confiante.”<sup>314</sup> No início da Consolação a Hélvia, “receava que a sorte conquistada vencesse algum dos meus amados”<sup>315</sup> se apresenta como uma frase de impacto final, em geral uma frase gnômica em construção paratática, favorecendo a memorização de elementos importantes da mensagem. Outras referências se encontram nas *Epistulae morales*, 93.13; 63.1; 63.7.

**Aspectos culturais sobre a força masculina x feminina:** há ainda um aspecto cultural a ser considerado: o ânimo das mulheres é visto, pelo autor, como mais propenso a determinados vícios, como expressa, por exemplo, em *De clementia* (I,5,5), em que a raiva é associada à natureza feminina. Isso se repete em outros momentos de seus escritos, como na consolação a Políbio (VI), em que o autor indica que a situação de luto deve ser enfrentada com virilidade (*uiriliter*). Outras referências: *Epistulae morales*, 99.17, pareando um particípio associado ao feminino com uma palavra relacionada à fraqueza (*effeminatum et eneruem*); *Consolatio ad Marciam* VII.3; X.7.

Assim, conclui-se que não só a temática da perda está presente nos quatro trabalhos selecionados, em especial pela morte, como as características avaliadas como essenciais em uma consolação se encontram em todos eles, como a filosofia, o léxico familiar e o posicionamento do consolador como autoridade. Outrossim, as seleções apresentadas também foram elementares para a compreensão do estilo de escrita de Sêneca, onde é possível reconhecer todos os seus principais traços, como seu sintetismo, seus aforismos, o amplo uso de *exempla* e metáforas, além de perguntas e intervenções, dentre os outros já mencionados. Nesse sentido, consideramos que tais

<sup>314</sup> Sêneca, *Consolatio ad Marciam*, I. 1: *Fiduciam mihi dedit exploratum iam robur animi et magno experimento approbata uirtus tua.*

<sup>315</sup> Sêneca, *Consolatio ad Heluiam matrem*, I.1: *timebam ne a me uicta fortuna aliquem meorum uinceret.*

obras constituem um *corpus* essencial para a tradição dos escritos consolatórios em decorrência da morte.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sêneca foi um autor de extrema relevância nos campos retórico, literário e filosófico romano. Escreveu diversas obras, que se conservaram até os dias atuais e que, em sua maior parte, apresentam conteúdo filosófico, em especial o estoico. Entre elas, as obras de teor consolatório se destacam, principalmente o consolo pela morte, visto ser esse um dos assuntos ao qual dedicava especial importância. Suas três consolações, a *Consolatio ad Marciam*, *Consolatio ad Heuiam matrem* e *Consolatio ad Polybium*, além das cartas 63, 93 e 99 das *Epistulae Morales ad Lucilium*, nesse panorama, se tornaram exemplos que marcaram não só as obras senequianas, como a história da tradição consolatória antiga.

A arte de consolar não era uma novidade e não se restringia às manifestações literárias: trata-se de uma tradição oral que se apoiava nas *laudationes funebres* e a temática esteve presente de diversas formas na literatura, como na *Ilíada* e na *Odisseia*, de Homero, e na *Eneida*, de Virgílio. Nesse sentido, o desenvolvimento da retórica e as influências filosóficas, incluindo o imbricamento entre ambas na história, propiciou o surgimento e o desenvolvimento de um novo gênero, a *consolatio*, que se iniciou nos períodos clássicos, em especial dentro do contexto grego, ganhou forças na Roma imperial, continuando a ser produzida na Idade Média.

Dentro dessa temática, com o intuito de levar palavras de consolo por razões várias, desde o exílio, catástrofes e, o mais comum, a morte, encontram-se tratados, poemas, discursos em funerais, cartas, epicédios, ou seja, a arte de consolar pode assumir diversas formas. Como gênero específico, destacamos a *consolatio*, que abrange um conjunto de escritos com características distintivas, cujas origens remontam a Crantor de Sólis, autor grego do século IVa.C. Sua *περί πένθους*, *Sobre o luto*, se torna o principal modelo para as obras seguintes. Com os sofistas e com o desenvolvimento do poder da palavra, a consolação se intensifica, e autores começam a traçar suas particularidades: Menandro Retor coloca a *consolatio* como um híbrido entre os gêneros retóricos epidítico e deliberativo, principalmente em função de suas características de persuadir o consolado a superar a dor, e, para isso, tecer elogios ao morto.

No contexto romano, a introdução da *consolatio* ocorre por meio de Cícero, que elabora uma autoconsolação, baseada na consolação de Crantor, em razão da morte de sua filha Túlia. Seu trabalho não se conserva diretamente, e dele só restam fragmentos e citações indiretas em cartas e tratados, além de menções breves de outros autores, mas sua importância é reconhecida e apontada por estudiosos que ainda tentam compreender as particularidades desse texto, que é um marco na *consolatio* romana.

Entretanto, o mais célebre de todos os escritores de consolação é, certamente, Sêneca. Sendo filósofo, Sêneca não só se ocupa dos temas que permeiam as consolações, como a morte, a vida, o tempo, a natureza, como é um autor prolífico do primeiro século. Suas obras, em geral muito literárias, refletem seu estilo único e sua aproximação com as várias linhas filosóficas, o que lhe permite oferecer uma análise deveras peculiar que não se prende à convenção de uma só escola, embora sua base seja evidentemente estoica.

Nesse trabalho, tomamos principalmente a cartas do autor como modelos para os *topoi* característicos do gênero consolatório, e os traços distintivos para abarcar a forma como Sêneca consola. De maneira geral, a *consolatio* é uma obra de teor filosófico, com intuito primário de consolar alguém por uma situação de adversidade, que pode se dar em contextos diversos, mas, principalmente, foca na perda pela morte. Na consolação, o autor se porta como uma autoridade ou um professor, e visa em geral persuadir e aconselhar o consolado. Em diversos momentos, apresenta encômios ao morto e utiliza exemplos de autoridade para corroborar sua colocação, exortando o destinatário da obra a se posicionar em face dos grandes exemplos. Um dos traços mais característicos da escrita senequiana é o amplo uso de imagens, metáforas e símiles, o que fica claro em praticamente todas as suas obras, estando comumente relacionados com a natureza, a vida militar, com viagens náuticas ou com a medicina, pontos sobre os quais Sêneca, como outros escritores, apresenta interesse.

O estilo de Sêneca é sintético, com tendência aos aforismos e, nesse sentido, as obras apresentam as *sententiae*, máximas curtas ao final de uma reflexão e que em geral condensam um pensamento, um conselho ou uma exortação. Enfático e didático, a linguagem reflete a postura magistral do autor, com uso de imperativos, subjuntivos exortativos e perífrases do gerúndio. Dirigir-se diretamente ao consolado também é traço distintivo das consolações senequianas, com presença do vocativo que se apresenta em quase todas as cartas.

Muitos traços nas obras de teor consolatório são inseridos para gerar uma sensação de aproximação, como em uma conversa pessoal, ou *sermo*, visto que essa abordagem permitiria um posicionamento mais íntimo e, conseqüentemente, mais persuasivo. Um dos reflexos disso é a constância das perguntas e intervenções imaginárias, e Sêneca busca ora perguntar diretamente ao leitor sobre algum aspecto ou posicionamento pessoal, ora as utiliza indiretamente para inserir alguma linha de raciocínio que permita a exposição de um conceito, ora as faz sem pretensão de que sejam respondidas, somente como um ponto de reflexão. Algumas cartas deixam em aberto essa reflexão, possivelmente para nenhuma conclusão seja definitiva, como se observa na carta 93. Sobre as intervenções, o autor busca antecipar possíveis objeções do consolado para, assim, responder a elas, como réplicas e tréplicas.

Esse estilo que busca, de certa maneira, informalidade mistura-se com a densidade filosófica dos conteúdos apresentados, gerando, assim, obras singulares. Portanto, é inegável o entrelaçamento entre os textos de Sêneca, que conversam e dialogam entre si retórica, estilística e filosoficamente, transparecendo o teor ético e didático do próprio autor.

**TRADUÇÕES E NOTAS:**

***CONSOLATIO AD MARCIAM***

***EPISTVLAE MORALES AD LVCILIVM 63, 93 E 99***

## CONSOLATIO AD MARCIAM

### I.

[1] Nisi te, Marcia, scirem tam longe ab infirmitate muliebris animi quam a ceteris uitii recessisse et mores tuos uelut aliquod antiquum exemplar aspici<sup>316</sup>, non auderem obuiam ire dolori tuo, cui uiri quoque libenter haerent et incubant, nec spem concepissem tam iniquo tempore, tam inimico iudice, tam inuidioso crimine<sup>317</sup>, posse me efficere ut fortunam tuam absolueres. Fiduciam mihi dedit exploratum iam robur animi et magno experimento approbata uirtus tua.

[2] Non est ignotum qualem te in persona patris tui gesseris, quem non minus quam liberos dilexisti, excepto eo quod non optabas superstitem. Nec scio an et optaueris; permittit enim sibi quaedam contra bonum morem magna pietas. Mortem A. Cremuti Cordi parentis tui quantum poteras inhibuisti; postquam tibi apparuit inter Seianianos satellites illam unam patere seruitutis fugam, non fauisti consilio eius, sed dedisti manus uicta, fudistique lacrimas palam et gemitus deuorasti quidem, non tamen hilari fronte texisti, et haec illo saeculo quo magna pietas erat nihil impie<sup>318</sup> facere.

---

<sup>316</sup> De início, dois infinitivos se observam: *recessisse*, infinitivo perfeito, e *aspici*, infinitivo presente. São relações específicas que estabelecem o que ela fez no passado (ter se desviado) e seu reflexo no presente (ser visto).

<sup>317</sup> *Concinnitas*: traço característico do estilo de Sêneca, encontra-se logo no início da carta, em uma harmonia entre os termos: *tam iniquo tempore, tam inimico iudice, tam inuidioso crimine*

<sup>318</sup> A antítese aqui é feita com duas palavras opostas, mas decorrentes do mesmo radical, *pius*.

## Consolação a Márcia

### I.

[1] Se eu não soubesse, Márcia, que tu te desviaste tanto da fraqueza de espírito das mulheres quanto dos outros vícios, e que teus costumes são vistos como modelo antigo das virtudes, não ousaria ir ao encontro da tua dor, a que os homens também aderem de bom grado e se inclinam, nem teria concebido esperanças em um tempo tão iníquo, com um juiz tão funesto, com um crime tão odioso, de que eu pudesse fazer que relevasses tua sorte. A força de espírito já reconhecida e tua virtude demonstrada com grande prova tornaram-me confiante.

[2] Não é desconhecido como tu te comportaste para com a pessoa do teu pai, a quem não amaste menos que teus filhos, exceto que não escolherias aquele para sobreviver-te. Nem sei se o desejava: um grande amor se permite, pois, algo contra a boa moral. Impediste tanto quanto pudeste a morte do teu pai, A. Cremúcio Cordo<sup>319</sup>. Depois que ficou claro para ti que, entre os auxiliares de Sejano<sup>320</sup>, aquela única fuga da escravidão se oferecia, não favoreceste o plano dele, mas te rendeste, e derramaste lágrimas publicamente, e certamente engoliste os gemidos, entretanto não o encobriste com uma frente risonha. E isso em um tempo no qual a maior dedicação era nada fazer contra a piedade filial<sup>321</sup>.

---

<sup>319</sup> Cremúcio Cordo, pai de Márcia, foi acusado de crime de lesa-majestade e suicidou-se em 25 a.C. Tanto Sêneca quanto Tácito escreveram sobre a acusação, além de serem encontradas referências ao caso em Dio e Suetônio (*Tiberius* 61.3). Tácito (*Annales* 4.34-35) escreve que participaram da acusação Sátrio Segundo e Nata Pinário, asseclas de Sejano, e oferece um dos mais completos relatos sobre uma acusação baseada na censura por trabalhos literários. Dio (57.24.2) menciona que a pena estava ligada a elogios a Cássio e Bruto em escritos que, segundo as fontes, já haviam sido lidos pelo próprio Augusto, mas que levaram à sua morte e posterior destruição de suas obras. Sêneca corrobora o fato de ele ter sido condenado por seus trabalhos literários. Devido a divergências sobre detalhes do processo e sobre a ordem da morte e acusação, entre outros fatores, Rogers (1965) indica a possibilidade de que os escritos de Cremúcio Cordo tenham sido utilizados como pretexto para uma incriminação mais relacionada ao crime de *maiestas*, traição e conspiração. (HORNBLOWER, SPAWFORTH, 1999, p. 407-408)

<sup>320</sup> Sejano, nascido na Etrúria e filho de Lúcio Seio Estrabão, é tido como um dos maiores influenciadores de Tibério. As principais fontes bibliográficas sobre sua vida são Tácito, Dio Cássio, Suetônio e Tibério. Segundo consta, obteve o comando das tropas pretorianas como acompanhante do filho de Tibério, Druso. De acordo com Tácito, ele participa de várias conspirações para obter poder junto a Tibério (Suetônio chega a mencionar um possível envenenamento de Druso) e acusa Agripina de conspiração. Tendo sido descobertos seus anseios, foi exposto no senado por uma carta de Tibério e morto. Sêneca fala sobre sua morte em *De tranquillitate animi* (XI, 24-25), indicando que de seu corpo, após ser condenado pelo Senado e esquartejado pelo povo, não sobrou nada para ser recolhido. (HORNBLOWER, SPAWFORTH, 1999, p. 19)

<sup>321</sup> A devoção filial invoca o conceito romano de *pietas*, pode ser descrito como um valor de lealdade e reverência para com aqueles a quem se está ligado pela natureza. (PEREIRA, 2001, p. 338). Essa passagem também pode representar a valorização do *mos maiorum*, dos antigos costumes.

[3] Vt uero aliquam occasionem mutatio temporum dedit, ingenium patris tui, de quo sumptum erat supplicium, in usum hominum reduxisti et a uera illum uindicasti morte, ac restituisti in publica monumenta libros quos uir ille fortissimus sanguine suo scripserat . Optime meruisti de Romanis studiis: magna illorum pars arserat; optime de posteris, ad quos ueniet incorrupta rerum fides, auctori suo magno imputata; optime de ipso, cuius uiget uigebitque memoria quamdiu in pretio fuerit Romana cognosci, quamdiu quisquam erit qui reuerti uelit ad acta maiorum, quamdiu quisquam qui uelit scire quid sit uir Romanus, quid subactis iam ceruicibus omnium et ad Seianianum iugum adactis indomitus, quid sit homo ingenio animo, manu liber.<sup>322</sup>

[4] Magnum mehercules detrimentum res publica ceperat, si illum ob duas res pulcherrimas in obliuionem coniectum, eloquentiam et libertatem, non eruisses legitur, floret, in manus hominum, in pectora receptus uetustatem nullam timet; at illorum carnificum cito scelera quoque, quibus solis memoriam meruerunt, tacebuntur.

---

<sup>322</sup> Essa passagem apresenta características fortes do estilo de Sêneca: não somente as anáforas são marcantes, com repetição de termos em sequência, como a *concinnitas*, a harmonia entre os termos. Observa-se, por exemplo, uma clara simetria nos trechos: *optime de Romanis, optime de posteris, optime de ipso*.

[3] Mas, quando a mudança dos tempos ofereceu uma oportunidade, tu reconduziste para usufruto dos homens o talento do teu pai, pelo qual havia sido estabelecido o suplício, e o vindicaste da verdadeira morte, e restauraste às lembranças públicas os livros que esse homem corajosíssimo escrevera com seu sangue. Excelente serviço prestaste em relação às obras romanas<sup>323</sup>: grande parte delas ardera<sup>324</sup>; excelente à posteridade, à qual chegará incorrupta a fidelidade dos fatos, imputada a seu grande autor; excelente a ele mesmo, cuja memória floresce e florescerá enquanto tiver valor que as coisas romanas sejam conhecidas; enquanto houver alguém que deseje voltar aos feitos dos antepassados, enquanto houver alguém que deseje saber o que é o varão romano, o que é um ser indômito, submetidos já os colos de todos e forçados ao jugo de Sejano, o que é um varão livre em seu talento, espírito e mãos.

[4] A república, por Hércules, teria padecido grande dano se não tivesses trazido à luz aquele que, por duas belíssimas coisas, a eloquência e a liberdade, foi lançado ao esquecimento. É lido, tem sucesso: recebido nas mãos, no peito dos homens, nenhuma velhice teme; mas até os crimes daqueles algozes, pelos quais unicamente mereceram ser recordados, sem demora serão esquecidos.

---

<sup>323</sup> Dio (57.24.2-4) também menciona o fato de Márcia ter escondido cópias das obras de seu pai.

<sup>324</sup> Tácito fala sobre os livros queimados de Cremúcio Cordo e adiciona que a memória não pode ser extinta dessa forma. (TÁCITO, *Annales*, 4, 35)



[5] Haec magnitudo animi tui uetuit me ad sexum tuum respicere<sup>325</sup>, uetuit ad uultum, quem tot annorum continua tristitia, ut semel obduxit, tenet. Et uide<sup>326</sup> quam non subrepam tibi nec furtum facere adfectibus tuis cogitem: antiqua mala in memoriam reduxi et, ut scires hanc quoque plagam esse sanandam, ostendi tibi aequae magni uulneris cicatricem. Alii itaque molliter agant et blandiantur, ego conflagere<sup>327</sup> cum tuo maerore constitui et defessos exhaustosque oculos, si uerum uis magis iam ex consuetudine quam ex desiderio fluentis, continebo, si fieri potuerit, fauente te remediis tuis, si minus,<sup>328</sup> uel inuita, teneas licet et amplexeris dolorem tuum, quem tibi in filii locum superstitem fecisti.

[6] Quis enim erit finis? Omnia in superuacuum temptata sunt: fatigatae adlocutiones amicorum, auctoritates magnorum et adfinium tibi uirorum; studia, hereditarium et paternum bonum, surdas aures irrita et uix ad breuem occupationem proficiente solacio transeunt; illud ipsum naturale remedium<sup>329</sup> temporis, quod maximas quoque aerumnas componit, in te una uim suam perdidit.

[7] Tertius iam praeterit annus, cum interim nihil ex primo illo impetu cecidit: renouat se et corroborat cotidie luctus et iam sibi ius mora fecit eoque adductus est ut putet turpe desinere. Quemadmodum omnia uitia penitus insidunt nisi dum surgunt oppressa sunt, ita haec quoque tristitia et misera et in se saeuientia ipsa nouissime acerbitate pascuntur et fit infelicis animi praua uoluptas dolor.

[8] Cupissem itaque primis temporibus ad istam curationem accedere; leniore medicina fuisset oriens adhuc restringenda uis; uehementius contra inueterata pugnandum est<sup>330</sup>. Nam uulnerum quoque sanitas facilis est, dum a sanguine recentia sunt; tunc et uruntur et in altum reuocantur et digitos scrutantium recipiunt, ubi corrupta in malum ulcus uerterunt. Non possum nunc per obsequium nec molliter assequi tam durum dolorem: frangendus est.<sup>331</sup>

---

<sup>325</sup> Um traço muito comum nas consolações é a comparação entre o ânimo feminino e masculino. Isso se apresenta em outros escritos de Sêneca, como na *Consolatio ad Polybium*, (VI), em que a escolha vocabular remete à força masculina para enfrentar as adversidades: *et aduersas possis uiriliter ferre*: e as adversidades possam enfrentar virilmente .

<sup>326</sup> O uso de imperativo é traço distintivo dos escritos consolatórios. Aqui, apresenta-se com intenção de amenizar as ações do mestre, para que as palavras dirigidas à consolada não sejam compreendidas como uma repreensão dura. A passagem seguinte exprime a postura magistral de Sêneca.

<sup>327</sup> *conflagere*: O uso do verbo composto com a preposição *cum* busca aproximar o autor da leitora, em uma luta conjunta contra a dor do luto.

<sup>328</sup> Períodos hipotéticos que estabelecem a autoridade do autor frente à consolada.

<sup>329</sup> Os símiles médicos são comuns nos escritos filosóficos de Sêneca, e em especial nas cartas consolatórias.

<sup>330</sup> Muitas frases resumem um posicionamento anteriormente exposto. A perifrástica passiva é utilizada com frequência nesses períodos, indicando a força da palavra final e também do conselho dado.

<sup>331</sup> Novamente, um conselho com ênfase no que deve ser feito, pelo uso da perifrástica passiva.

[5] Tal grandeza do teu espírito me privou de reparar em teu sexo, não permitiu reparar em teu semblante, o qual a tristeza contínua de tantos anos, uma vez que enevoou, domina. E vê que não tento surpreender-te nem penso em roubar teus sentimentos: fiz retornar à lembrança males antigos, para que soubesses que também essa chaga deve ser curada, mostrei a ti, da mesma forma, a cicatriz de uma grande ferida. Dessa forma, que outros ajam com suavidade e adulem: eu mesmo decidi lutar contra tua tristeza, e contarei os olhos cansados e exaustos que, se queres a verdade, já choram mais pelo hábito que por pesar. Se puder ocorrer, favorecendo tu a tua cura; em caso contrário, até contrariada, mesmo que contenhas e enlaces tua dor, a qual deixaste supérstite, para ti, em lugar do teu filho.

[6] Qual será, então, o fim? Tudo foi tentado inutilmente: as palavras de consolo fatigadas dos amigos, o prestígio dos homens importantes e aparentados a ti, os estudos, o bem hereditário e o paterno atravessam teus ouvidos surdos com consolação vã e mal servindo para distrair um pouco. Aquele próprio remédio natural do tempo, o qual também acalma os maiores sofrimentos, apenas sobre ti perdeu sua força.

[7] Já se passaram três anos, não se tendo quebrado nada daquele primeiro abalo: cotidianamente o luto se renova e se fortifica e, por causa da demora, já adquiriu direitos, e foi levado a tal ponto que considera torpe cessar. Assim como todos os vícios se enraízam profundamente se não foram destruídos à medida que surgem, também essas tristezas e infelicidades, que incorrem em violência contra si próprias, alimentam-se da amargura derradeira, e a dor se torna um prazer insensato de um espírito infeliz<sup>332</sup>.

[8] Dessa forma, teria desejado contribuir para essa cura nos primeiros momentos; a violência ainda nascente teria sido reprimida com um remédio mais brando; deve-se lutar mais veementemente contra os males arraigados. De fato, do mesmo modo, a cura das feridas é fácil enquanto estão com o sangue fresco; depois disso são cauterizadas e reparadas a fundo, e recebem os dedos dos que as examinam quando, com corrupção, transformaram-se em uma chaga maligna. Agora não me é possível, através da complacência ou da suavidade, perseguir uma dor tão cruel: deve ser dilacerada.

---

<sup>332</sup> Essa passagem invoca a associação desaprovada por Sêneca entre prazer e a dor, mencionada na Carta a Lucílio 99, 27.

## II.

[1] Scio a praeceptis incipere omnes qui monere aliquem uolunt, in exemplis desinere. Mutari hunc interim morem expedit. Aliter enim cum alio agendum est: quosdam ratio ducit, quibusdam nomina clara opponenda sunt et auctoritas quae liberum non relinquat animum.

[2] Ad speciosa stupenti duo tibi ponam ante oculos maxima et sexus et saeculi tui exempla: alterius feminae quae se tradidit ferendam dolori, alterius quae pari adfecta casu, maiore damno, non tamen dedit longum in se malis suis dominium, sed cito animum in sedem suam reposuit.

[3] Octauia et Liuia, altera soror Augusti, altera uxor, amiserunt filios iuuenes, utraque spe futuri principis certa: Octauia Marcellum, cui et auunculus et socer incumbere coeperat, in quem onus imperii reclinare, adulescentem animo alacrem, ingenio potentem,<sup>333</sup> frugalitatis continentiaeque in illis aut annis aut opibus non mediocriter admirandae, patientem laborum, uoluptatibus alienum, quantumcumque inponere illi auunculus et, ut ita dicam, inaedificare uoluisset laturum; bene legerat nulli cessura ponderi fundamenta.

[4] Nullum finem per omne uitae suae tempus flendi gemendique fecit, nec ullas admisit uoces salutare aliquid adferentes; ne auocari quidem se passa est, intenta in unam rem et toto animo affixa. Talis per omnem uitam fuit qualis in funere: non dico non est ausa consurgere, sed alleuari recusans, secundam orbitatem iudicans lacrimas amittere. Nullam habere imaginem filii carissimi uoluit, nullam sibi de illo fieri mentionem.

---

<sup>333</sup> A ordem harmônica da descrição, *concinnitas*, é um traço do estilo de Sêneca: *adulescentem animo alacrem, ingenio potentem*

## II.

[1] Sei que todos os que desejam aconselhar alguém começam pelos preceitos, e terminam pelos exemplos. É conveniente que esse costume por vezes seja modificado<sup>334</sup>. Deve-se agir diferentemente com pessoas diferentes: a razão conduz alguns, nomes ilustres devem ser apresentados a outros, e uma autoridade que não deixe o espírito livre.

[2] Para ti que te admiras diante da beleza, exporei aos olhos os dois maiores exemplos do teu sexo e da tua época: um de uma mulher que se entregou em sofrimento à dor<sup>335</sup>, e outro de uma que, abalada por desventura semelhante, com uma perda maior, não deu, entretanto, um longo domínio sobre si a seus males, mas rapidamente restabeleceu o espírito a seu lugar de hábito.

[3] Otávia<sup>336</sup> e Lívía<sup>337</sup>, uma, irmã de Augusto, outra, esposa, perderam filhos jovens, uma e outra tendo esperança certa de virem a ser imperadores: Otávia perdeu Marcelo<sup>338</sup>, em quem o tio materno e sogro tinha começado a apoiar-se, em quem o ônus do Império a depor-se, um jovem com espírito alegre, com inteligência poderosa, de temperança e de moderação não pouco admiráveis tanto para aqueles anos quanto para aquelas riquezas, resistente aos esforços, alheio às volúpias, suportando o quanto quer que o tio quisesse impor a ele, e, por assim dizer, edificar; havia escolhido bem as bases que não cederiam sob peso algum.

[4] Por todo o tempo de sua vida, não colocou fim ao choro e aos gemidos, nem admitiu palavras que traziam qualquer cura, nem mesmo tolerou ser distraída, preocupada com um só fato e com todo o espírito atenta. Assim, por toda a vida esteve tal como estava no funeral: não digo que não ousou se levantar, mas que se recusa a ser consolada, considerando uma segunda perda renunciar às lágrimas. Não quis ter nenhuma imagem do filho muito estimado, nem quis que fosse feita alguma menção dele a si.

---

<sup>334</sup> Aqui, o autor dá uma pista da estrutura que se encontra na própria carta, em contraposição ao modelo que ele considera tradicional. Já na segunda parte, ele apresenta os exemplos com o objetivo de promover a reflexão, adequando-se à consolada. Os *exempla* são amplamente encontrados nos escritos consolatórios de Sêneca.

<sup>335</sup> Da mesma forma que expõe exemplos a serem seguidos, Sêneca também oferece exemplos do que não seguir. Na carta 63, 2 o exemplo a não ser seguido é o próprio Sêneca.

<sup>336</sup> Otávia jovem: irmã de Augusto, casou-se primeiramente com Cláudio Marcelo e posteriormente com Marco Antônio como forma de movimentação política de seu irmão. Possuía quatro filhas e como único filho Marcelo, adotado por Augusto. (HORNBLLOWER, SPAWFORTH, 1999, p.1059)

<sup>337</sup> Lívía Júlia (ou Cláudia): Filha de Lívio Druso Claudiano, teve como primeiro esposo Tibério Cláudio Nero, mas foi entregue por ele em uma de suas fugas a seu inimigo. Grávida, tornou-se a terceira esposa de Otaviano. (HORNBLLOWER, SPAWFORTH, 1999, p.876)

<sup>338</sup> Marcelo: Filho de Otávia e de Cláudio Marcelo, casou-se com Júlia, filha de Augusto. Morre jovem (os relatos de Sérvio apontam para os dezoito anos). (HORNBLLOWER, SPAWFORTH, 1999, p.341)

[5] Oderat omnes matres et in Liuiam maxime furebat, quia uidebatur ad illius filium transisse sibi promissa felicitas. Tenebris et solitudini familiarissima, ne ad fratrem quidem respiciens, carmina celebrandae Marcelli memoriae composita aliosque studiorum honores reiecit et aures suas aduersus omne solacium clausit. A sollemnibus officiis seducta et ipsam magnitudinis fraternae nimis circumlucentem fortunam exosa, defodit se et abdidit. Assidentibus liberis, nepotibus, lugubrem uestem non deposuit, non sine contumelia omnium suorum, quibus saluis orba sibi uidebatur:

### III.

[1] Liuia amiserat filium Drusum, magnum futurum principem, iam magnum ducem.<sup>339</sup> intrauerat penitus Germaniam et ibi signa Romana fixerat ubi uix ullos esse Romanos notum erat. In expeditione decesserat ipsis illum hostibus aegrum cum ueneratione et pace mutua prosequentibus nec optare quod expediebat audentibus. Accedebat ad hanc mortem, quam ille pro re publica obierat, ingens ciuium prouinciarumque et totius Italiae desiderium, per quam, effusis in officium lugubre municipiis coloniisque, usque in Urbem ductum erat funus triumpho simillimum.

[2] Non licuerat matri ultima filii oscula gratumque extremi sermonem oris haurire. Longo itinere reliquias Drusi sui prosecuta, tot per omnem Italiam ardentibus rogis, quasi totiens illum amitteret, irritata, ut primum tamen intulit tumulo, simul et illum et dolorem suum posuit, nec plus doluit quam aut honestum erat Caesare aut aequum altero filio saluo. Non desiit denique Drusi sui celebrare nomen, ubique illum sibi priuatim publiceque repraesentare, libentissime de illo loqui, de illo audire: cum memoria illius uixit, quam nemo potest retinere et frequentare, qui illam tristem sibi reddidit.

---

<sup>339</sup> A ordem harmônica, *concinnitas*, é utilizada novamente na elevação moral e física do jovem: *magnum futurum principem, magnum ducem*

[5] Odiava todas as mães e enfurecia-se principalmente com Lívía, porque parecia-lhe que ao filho dela passara felicidade prometida a si. Intimíssima das trevas e da solidão, nem sequer prestando atenção ao irmão, rejeitou os poemas compostos para celebrar a memória de Marcelo e outras homenagens literárias<sup>340</sup>, e cerrou seus ouvidos contra toda consolação. Distanciada dos deveres cerimoniosos e detestando a própria felicidade muito resplandecente da grandeza fraterna, afastou-se e se escondeu. Assentando-se próximos a ela os filhos, os netos, não abandonou a veste lúgubre, não sem afrontar todos os seus, dos quais, estando sãos e salvos, entendia estar privada.

### III.

[1] Lívía perdera o filho Druso<sup>341</sup>, futuro grande imperador, já um grande general: transpusera completamente a Germânia e ali fixara os estandartes romanos onde mal se sabia que romanos existiam. Morrera na expedição, honrando-o os próprios inimigos, na doença, com respeito e com paz mútua, e não ousando desejar o que lhes trazia benefício. Acrescia a essa morte, à qual ele se oferecera em favor da república, enorme pesar dos cidadãos, das províncias e de toda a Itália, pela qual uma cerimônia fúnebre, muito similar a um triunfo<sup>342</sup> – com grande número de pessoas vindas dos municípios e colônias para as exéquias –, fora conduzida até a Cidade.

[2] Não fora permitido à mãe beber os últimos beijos do filho e a grata palavra de sua boca morrente. Tendo acompanhado pelo longo caminho os restos mortais de seu Druso, ardendo tantas piras pela Itália inteira, e aguilhoada como se tantas vezes o perdesse, no entanto, logo que o levou ao túmulo, junto depôs a ele mesmo a própria dor; e não sofreu mais do que era recomendável, estando César vivo, ou justo, estando o outro filho. Em suma, não deixou de honrar o nome de seu Druso, e de torná-lo presente para si em qualquer lugar, privadamente e em lugares públicos, de falar sobre ele de muito bom grado, de ouvir sobre ele: viveu com a memória dele, a qual não pode conservar e celebrar alguém que a transformou em tristeza para si.

---

<sup>340</sup> Manning (1981, p. 38) chama a atenção tanto para os versos da *Eneida* (VI, 861-883) quanto para o poema de Propércio (Prop. *Eleg.* III, 18) como homenagens a Marcelo. Gontijo Flores (2014, p. 484) também traz uma nota salientando a poesia mencionada como sendo um epicéδιο para Marcelo.

<sup>341</sup> Druso: Filho de Lívía e Tibério Cláudio Nero, nasceu em 38 a.C. morreu na Germânia em 9 d.C. Após a morte de Tibério, foi criado por Otaviano, tendo participado de campanhas militares na Alemanha, tendo alcançado vitórias e recebido honras. Em razão de sua morte, sua mãe recebeu uma elegia consolatória de autoria desconhecida. (HORNBLLOWER, SPAWFORTH, 1999, p.877)

<sup>342</sup> O triunfo era uma procissão oferecida aos generais romanos vitoriosos até o templo de Júpiter, localizado no cume do Capitolino, em uma carruagem, passando por uma longa rota para que várias pessoas pudessem acompanhar e prestar homenagens. Na época clássica, a procissão entrava pela porta triunfal, com o homenageado junto a seus filhos, cativos, prisioneiros de guerra, o exército, despojos e animais para sacrifício. Posteriormente, o triunfo foi perdendo sua conexão com os feitos militares, sendo uma celebração ligada ao imperador, ao poder e à influência. (HORNBLLOWER, SPAWFORTH, 1999, p.1554)

[3] Elige itaque utrum exemplum putes probabilius. Si illud prius sequi uis, eximes te numero uiuorum: auersaberis et alienos liberos et tuos, ipsumque quem desideras; triste matribus omen occures; uoluptates honestas, permissas, tamquam parum decoras fortunae tuae reicies; inuisa haerebis in luce, et aetati tuae, quod non praecipitet te quamprimum et finiat, infestissima eris; quod turpissimum alienissimumque est animo tuo in meliorem noto partem, ostendes te uiuere nolle, mori non posse.

[4] Si ad hoc maximae feminae te exemplum applicueris moderatius, mitius, non eris in aerumnis nec te tormentis macerabis. Quae enim, malum! amentia est, poenas a se infelicitatis exigere et mala sua manu augere! Quam in omni uita seruasti morum probitatem et uerecundiam, in hac quoque re praestabis: est enim quaedam et dolendi modestia. Illum ipsum iuuenem, dignissimum qui te laetam semper nominatus cogitatusque faciat, meliore pones loco, si matri suae, qualis uiuus solebat, hilaris et cum gaudio occurret.

#### IV.

[1] Nec te ad fortiora ducam praecepta, ut inhumano ferre humana iubeam modo, ut ipso funebri die oculos matris exsiccem. Ad arbitrium<sup>343</sup> tecum ueniam: hoc inter nos quaeretur, utrum magnus dolor esse debeat an perpetuus.

---

<sup>343</sup> Sêneca aqui utiliza um termo jurídico, como se fosse um advogado pronto a defender uma causa.

[3] Elege assim, qual dos dois exemplos julgas mais digno. Se desejas seguir aquele primeiro, suprimir-te-ás do número dos vivos: repelirás os filhos dos outros e os teus, e mesmo aquele de quem sentes falta; apresentar-te-ás como um triste presságio às mães; recusarás os prazeres honestos, permitidos, como pouco convenientes à tua Fortuna; ficarás presa de uma vida detestada e serás bastante hostil para tua existência, pois não te finda logo nem acaba; e, o que é muito torpe e muito impróprio a teu espírito, famoso em melhor sentido, demonstrarás que não desejas viver nem podes morrer.

[4] Se te aproximares deste exemplo mais moderado, mais sereno de excelente mulher, não estarás em sofrimento nem te abaterás pelos tormentos. Pois, ó desgraça! Que loucura é infligir-se penas pela própria infelicidade e aumentar o castigo voluntariamente! A probidade de costumes e a modéstia que preservaste por toda a vida, mostrarás também neste caso: pois há certo limite até no sofrer. Aquele mesmo jovem digníssimo, que nomeado e lembrado sempre te faz alegre, porás num lugar melhor se ele ocorrer à sua mãe, como costumava em vida, contente e com alegria.

#### IV.

[1] Não te levarei a ditames mais enérgicos, de modo que eu te ordene suportar o que é humano de maneira desumana, que eu seque os olhos maternos no próprio dia fúnebre. Chegarei a uma decisão contigo: isto entre nós será indagado, se a dor deve ser grande ou perpétua.



[2] Non dubito quin Iuliae Augustae, quam familiariter coluisti, magis tibi placeat exemplum: illa te ad suum consilium uocat. Illa in primo feruore, cum maxime impatientes ferocesque sunt miseriae, consolandam se Areo, philosopho uiri sui, praebuit, et multum eam rem profuisse sibi confessa est: plus quam populum Romanum, quem nolebat tristem tristitia sua facere, plus quam Augustum, qui subducto altero adminiculo titubabat nec luctu suorum inclinandus erat; plus quam Tiberium filium, cuius pietas efficiebat ut in illo acerbo et defleto gentibus funere nihil sibi nisi numerum deesse sentiret.

[3] Hic, ut opinor, aditus illi fuit, hoc principium apud feminam opinionis suae custodem diligentissimam: 'usque in hunc diem, Iulia, quantum quidem ego sciam, assiduus uiri tui comes, cui non tantum quae in publicum emittuntur nota, sed omnes sunt secretiore animorum uestrorum motus, dedisti operam ne quid esset quod in te quisquam reprehenderet; nec id in maioribus modo obseruasti, sed in minimis, ne quid faceres cui famam, liberrimam principum iudicem, uelles ignoscere.

[4] Nec quicquam pulchrius existimo quam in summo fastigio conlocatos multarum rerum ueniam dare, nullius petere. Seruandus itaque tibi in hac quoque re tuus mos est, ne quid committas quod minus aliterue factum uelis.

[2] Não duvido que mais agrade a ti o exemplo de Júlia Augusta<sup>344</sup>, à qual familiarmente te afeiçoaste: ela te chama ao seu comportamento. Ela no primeiro arrebatamento, quando os infortúnios são sobretudo violentos e ferozes<sup>345</sup>, apresentou-se a Areu<sup>346</sup>, filósofo do seu marido, para ser consolada e reconheceu que isso foi muito útil para si: mais que o povo romano, ao qual não queria entristecer com a sua tristeza, mais do que Augusto, que, com a perda do outro apoio, hesitava, e não devia atentar-se para o luto dos seus; mais do que o filho Tibério<sup>347</sup>, cuja devoção fazia com que naquela morte cruel e lamentada pelos povos nada sentisse faltar a si além do número [de filhos].<sup>348</sup>

[3] Esta, como julgo, foi a aproximação a ela, este o exórdio junto a uma mulher que guardava com muita diligência sua própria reputação: ‘até esse dia, Júlia, tanto quanto eu saiba como assíduo companheiro do teu esposo – eu de quem não somente as coisas que são reveladas ao público foram conhecidas, mas todos os sentimentos mais secretos dos vossos espíritos –, tu te esforçaste para que não houvesse qualquer ato que alguém repreendesse em ti; não só o observaste nas situações mais relevantes, mas nas ínfimas, para que não fizesses algo que quisesses que perdoasse a fama, a mais livre juíza dos príncipes.

[4] E nada julgo mais belo que os colocados no alto topo darem o perdão de muitas situações, e não o pedir de nenhum. E assim deve ser conservado por ti também nessa circunstância o teu costume, de modo que não empreendas algo que queiras desfeito ou feito de outra forma.

---

<sup>344</sup> Lívía adota o nome Júlia após a morte de seu esposo. (MANNING, 1981, p. 46)

<sup>345</sup> A ideia do impulso inicial, inconsciente, na manifestação de uma paixão (*primus motus non uoluntarius*) é defendida por Sêneca, em especial no tratado *De ira*, II, 3, 5. O segundo movimento deve ser consentido e, nesse caso, entra a ação da razão para refreá-lo.

<sup>346</sup> Arieu, ou Ário Dídimo, foi um filósofo estóico do século 1 a.C., considerado um conselheiro de Augusto. Escreveu uma consolação perdida a Lívía Drusilla em decorrência da morte de Nero. (HORNBLLOWER, SPAWFORTH, 1999, p. 170)

<sup>347</sup> Tibério: (42 a.C.- 37 d.C), filho de Ti. Claudius Nero e Lívía, tornou-se quaestor em 23 a.C. e teve uma carreira militar bem sucedida. Casou-se com a filha de Augusto, Júlia. Adotado por Augusto, tornou-se imperador do ano 14 a.C. (Tiberius Iulius Caesar Augustus) até sua morte. Como medidas políticas, destacam-se a incidência de julgamentos relacionados ao crime de *maiestas*, aqui especialmente importante por ser a acusação teoricamente relacionada ao pai de Márcia, conforme nota ao parágrafo I.1. (HORNBLLOWER, SPAWFORTH, 1999, p.1523)

<sup>348</sup> Sêneca utiliza o mesmo argumento na *Consolatio ad Heluiam matrem* 18,3: *nihil tibi deerit praeter numerum* – “Nada falte para ti, exceto o número [de filhos]”.

## V.

[1] Deinde oro atque obsecro ne te difficilem amicis et intractabilem praestes. Non est enim quod ignores omnes hos nescire quemadmodum se gerant, loquantur aliquid coram te de Druso an nihil, ne aut obliuio clarissimi iuuenis illi faciat iniuriam aut mentio tibi.

[2] Cum secessimus et in unum conuenimus, facta eius dictaque quanto meruit suspectu celebramus; coram te altum nobis de illo silentium est. Cares itaque maxima uoluptate, filii tui laudibus, quas non dubito quin uel inpendio uitae, si potestas detur, in aeuum omne sis prorogatura.

[3] Quare patere, immo arcesse sermones quibus ille narretur, et apertas aures praebe ad nomen memoriamque filii tui; nec hoc graue duxeris ceterorum more, qui in eiusmodi casu partem mali putant audire solacia.

[4] Nunc incubuisti tota in alteram partem et oblita meliorum fortunam tuam qua deterior est aspicias. Non conuertis te ad conuictus filii tui occursusque iucundos, non ad pueriles dulcesque blanditias, non ad incrementa studiorum: ultimam illam faciem rerum premis; in illam, quasi parum ipsa per se horrida sit, quidquid potes congeris. Ne, obsecro te, concupieris peruersissimam gloriam, infelicissima uideri.

[5] Simul cogita non esse magnum rebus prosperis fortem se gerere, ubi secundo cursu uita procedit: ne gubernatoris quidem artem tranquillum mare et obsequens uentus ostendit, aduersi aliquid incurrat oportet quod animum probet.

[6] Proinde ne sum miseris te, immo contra fige stabilem gradum et quidquid onerum supra cecidit sustine, primo dumtaxat strepitu conterrita. Nulla re maior inuidia fortunae fit quam aequo animo.' Post haec ostendit illi filium incolumem, ostendit ex amisso nepotes.

## V.

[1] Em seguida, peço e suplico que não te apresentes difícil e intratável aos amigos. Com efeito, não é o caso de ignorares que todos esses não sabem de que maneira se comportar, se falam algo diante de ti sobre Druso ou nada, para que o esquecimento do ilustríssimo jovem não faça uma ofensa a ele ou a menção uma ofensa a ti.

[2] Quando nos distanciamos e nos reunimos em um só lugar, celebramos os feitos e os ditos dele com quanto respeito ele mereceu; diante de ti há um profundo silêncio entre nós em relação a ele. E assim, careces do maior prazer das loas do teu filho, as quais não duvido que mesmo a custo da tua vida, se te fosse dado o poder, haverias de prorrogar por toda a eternidade.

[3] Por isso permite, ou melhor, incita conversas nas quais se fale dele e deixa os teus ouvidos abertos ao nome e à memória do teu filho; e não consideres isto grave à maneira dos outros, que numa fatalidade dessa natureza consideram parte do sofrimento ouvir consolos.

[4] Agora te reclinaste toda sobre a outra parte e esquecida de coisas melhores vês tua Fortuna por onde é pior. Não te voltas para a convivência com teu filho e os encontros agradáveis, nem para os seus infantis e doces afagos, nem para o progresso dos seus estudos: tu te apegas àquela última face das circunstâncias; a ela, como se por si própria fosse pouco horrível, juntas tudo o que consegues. Não almejes, eu te imploro, a glória mais perversa: parecer a mais infeliz.

[5] Ao mesmo tempo pensa que não é nobre se fazer de forte nas situações prósperas, quando a vida segue num curso favorável: nem mesmo o mar tranquilo e o vento propício revelam o talento do timoneiro, é necessário que aconteça algo de adverso<sup>349</sup> para testar o seu espírito.<sup>350</sup>

[6] Sendo assim, não te sujeites, muito pelo contrário, firma o passo e aguenta tudo o que cair de peso sobre ti, assustada apenas ao primeiro estrépito. Nada aguça mais a inveja da Fortuna do que um espírito equilibrado.’ Após estas palavras mostrou-lhe o filho incólume, mostrou-lhe os netos por parte do filho perdido.

---

<sup>349</sup> Em *De providentia*, IV, 3, Sêneca enfatiza a ideia de que as adversidades testam o espírito e forjam o homem no caminho da sabedoria.

<sup>350</sup> As metáforas e símiles náuticas são muito presentes nas obras de Sêneca. Há uma obra em que as comparações e metáforas são apresentadas em lista completa: *Étude sur les métaphores et les comparaisons dans les oeuvres en prose de Sénèque le philosophe* (GAND, 1906).

**VI.**

[1] Tuum illic, Marcia, negotium actum, tibi Areus adsedit; muta personam — te consolatus est. Sed puta, Marcia, ereptum tibi amplius quam ulla umquam mater amiserit — non permulceo te nec extenuo calamitatem tuam: si fletibus fata uincuntur, conferamus;

[2] eat omnis inter luctus dies, noctem sine somno tristitia consumat; ingerantur lacerato pectori manus et in ipsam faciem impetus fiat atque omni se genere saeuitiae profecturus maeror exerceat. Sed si nullis planctibus defuncta reuocantur, si sors inmotam et in aeternum fixam nulla miseria mutatur et mors tenuit quidquid abstulit, desinat dolor qui perit.

[3] Quare regamur nec nos ista uis transuersos auferat. Turpis est nauigii rector cui gubernacula fluctus eripuit, qui fluitantia uela deseruit, permisit tempestati ratem; at ille uel in naufragio laudandus quem obruit mare clauum tenentem et obnixum.

**VI.**

[1] Foi resolvido ali, Márcia, o teu assunto, sentou ao teu lado Areu; muda a personagem — ele te consolou. Mas imagina, Márcia, que te foi arrancado bem mais do que alguma mãe jamais tenha perdido — não te tranquilizo nem amenizo a tua desgraça: se com choros os fados são vencidos, tenhamos-los;

[2] que passe todo dia entre lutos, a tristeza consuma a noite sem sono; as mãos sejam lançadas contra o peito dilacerado e contra a própria face se faça violência e se exercite em todo tipo de crueldade o pesar que há de ser útil. Mas, se com nenhum pranto os defuntos são chamados de volta, se a sorte imóvel e para sempre fixa por nenhuma miséria é mudada e a morte reteve tudo o que tomou, que acabe a dor evanescente.

[3] Por isso nos controlemos e que essa força não nos leve ao descaminho. Indigno é o comandante de um navio de quem a onda tomou os lemes, que abandonou as velas soltas, entregou a embarcação à tempestade; contudo até mesmo num naufrágio deve ser louvado aquele que o mar encobriu segurando o leme e obstinado.

## VII.

[1] 'At enim naturale desiderium suorum est.' Quis negat, quam diu modicum est? Nam discessu, non solum amissione carissimorum necessarius morsus est et firmissimorum quoque animorum contractio. Sed plus est quod opinio adicit quam quod natura imperavit.

[2] Aspice mutorum animalium quam concitata sint desideria et tamen quam breuia: uaccarum uno die alteroue mugitus auditur, nec diutius equarum uagus ille amensque discursus est; ferae cum uestigia catulorum consecratae sunt et siluas peruagatae, cum saepe ad cubilia expilata redierunt, rabiem intra exiguum tempus extinguunt; aues cum stridore magno inanes nidos circumfremuerunt, intra momentum tamen quietae uolatus suos repetunt; nec ulli animali longum fetus sui desiderium est nisi homini, qui adest dolori suo nec tantum quantum sentit sed quantum constituit afficitur.

[3] Vt scias autem non esse hoc naturale, luctibus frangi, primum magis feminas quam uiros, magis barbaros quam placidae eruditaque gentis homines, magis indoctos quam doctos eadem orbitas uulnerat. Atqui quae a natura uim acceperunt eandem in omnibus seruant: apparet non esse naturale quod uarium est.

[4] Ignis omnes aetates omniumque urbium ciues, tam uiros quam feminas uret<sup>351</sup>; ferrum in omni corpore exhibebit secandi potentiam. Quare? quia uires illis a natura datae sunt, quae nihil in personam constituit. Paupertatem luctum ambitionem alius aliter sentit prout illum consuetudo infecit, et inbecillum impatientemque reddit praesumpta opinio de non timendis terribilis.

---

<sup>351</sup> Aqui, pode-se observar uma menção ao conceito estoico de conflagração universal, ou *ekpurosis*, a destruição total e o recomeço, em um ciclo infinito. Zenão acreditava que o fogo era o fim e o começo de tudo, através do conceito de “fogo criativo” (WHITE, 2014, p. 129)

## VII.

[1] ‘Porém, de fato é natural a saudade dos seus’<sup>352</sup>. Quem o nega, desde que seja moderada?<sup>353</sup> Na verdade, pelo afastamento, não só pela perda dos mais queridos, é necessária uma dor e também uma angústia nos mais firmes espíritos. Mas é mais o que a opinião acrescenta do que o que a natureza ordenou.

[2] Observa quão intensas são as saudades dos animais mudos e todavia quão breves: o mugido das vacas é ouvido por um dia ou dois, e não é mais duradoura aquela vaga e frenética corrida das éguas; quando as feras perseguiram os rastros das crias e vagaram pelas florestas, quando voltaram frequentemente aos seus covis saqueados, em tempo exíguo extinguem a sua raiva; quando aves com grande estridência grasnaram ao redor de ninhos vazios, num momento, todavia, retomam sossegadas os seus voos; e para nenhum animal a saudade de sua prole é tão longa a não ser para o homem, que se apega a sua própria dor e não aguenta tanto quanto sente, mas quanto decidiu aguentar.<sup>354</sup>

[3] Mas saibas, porém, que isso não é natural, ser dilacerado pelo luto; em primeiro lugar a mesma perda fere mais as mulheres que os varões, mais os bárbaros que as pessoas dos povos pacíficos e cultos, mais os ineptos que os sábios<sup>355</sup>. Mas o que recebeu sua força da natureza<sup>356</sup> preserva-a igual em tudo: é evidente que o que é mutável não é natural.

[4] O fogo queimará todas as eras e os cidadãos de todas as cidades, tanto varões quanto mulheres; o ferro exhibirá em todo corpo seu poder de cortar. Por quê? Porque as propriedades lhes foram dadas pela natureza, que nada estabeleceu contra a pessoa. A pobreza, o luto, a ambição, cada um os sente à sua maneira, à medida que o costume o instruiu, e uma opinião presumida sobre as coisas terríveis que não devem ser temidas tornam-no fraco e impaciente.

<sup>352</sup> A objeção hipotética é uma das técnicas retóricas de Sêneca, com o objetivo de antecipar possíveis argumentos da consolada, e promover, a partir disso, novas linhas de reflexão. Esse recurso traz à obra uma atmosfera de conversa íntima, como em um *sermo*.

<sup>353</sup> A *metriopatheia*, um passo para a *apatheia*, consiste na moderação das paixões e está relacionada à escola peripatética. Sêneca menciona em seu tratado *De ira* I, 9, 2 o posicionamento de Aristóteles em moderar as paixões, refutando que isso se aplique à ira. Aqui, parece retomar a ideia de que a moderação pode ser útil no caso da saudade. Nas *Epistulae morales* 63 e 99, essa ideia é corroborada ao mencionar a natureza do luto.

<sup>354</sup> Sobre essa nota, importante recordar a explicação dada por Habinek (2014, p. 5), o qual destaca que: *For Seneca and the Stoics, humans are both rational and social beings. Their exercise of reason and their sociability toward one another differentiate them from other species and mark them for a higher and more god-like destiny.* – “Para Sêneca e os estoicos, os humanos são seres racionais e sociais. O exercício da razão e a sociabilidade mútua os diferenciam das outras espécies e os marcam para um destino mais elevado e mais divino”.

<sup>355</sup> Novamente, Sêneca coloca a postura psicológica feminina como inferior à masculina, comparando-a, em sequência, com os bárbaros (*barbaros*) e ineptos (*indoctos*). Essa postura pode ter origem no pensamento peripatético sobre a inferioridade da natureza feminina. (MANNING, 1981, p. 56)

<sup>356</sup> Para Sêneca, conduzir a vida de acordo com a natureza é primordial ao homem, como indica na Carta a Lucílio 5, 4: *propositum nostrum est secundum naturam uiuere.* – “Nosso propósito é viver de acordo com a natureza”.



**VIII.**

[1] Deinde quod naturale est non decrescit mora: dolorem dies longa consumit. Licet contumacissimum, cotidie insurgentem et contra remedia efferuescentem, tamen illum efficacissimum mitigandae ferociae tempus eneruat.

[2] Manet quidem tibi, Marcia, etiamnunc ingens tristitia et iam uidetur duxisse callum, non illa concitata qualis initio fuit, sed pertinax et obstinata; tamen hanc quoque tibi aetas minutatim eximet: quotiens aliud egeris, animus relaxabitur.

[3] Nunc te ipsa custodis; multum autem interest utrum tibi permittas maerere an imperes. Quanto magis hoc morum tuorum elegantiae conuenit, finem luctus potius facere quam expectare, nec illum opperiri diem quo te inuita dolor desinat! ipsa illi renuntia.

**IX.**

[1] 'Vnde ergo tanta nobis pertinacia in deploratione nostri, si id non fit naturae iussu?' Quod nihil nobis mali antequam eueniat proponimus, sed ut immunes ipsi et aliis pacatius ingressi iter alienis non admonemur casibus illos esse communes.

[2] Tot praeter domum nostram ducuntur exequiae: de morte non cogitamus; tot acerba funera: nos togam nostrorum infantium, nos militiam et paternae hereditatis successionem agitamus animo; tot diuitum subita paupertas in oculos incidit: et nobis numquam in mentem uenit nostras quoque opes aequae in lubrico positas. Necesse est itaque magis corruamus: quasi ex inopinato ferimur; quae multo ante prouisa sunt languidius incurrunt.

[3] Vis tu scire te ad omnis expositum<sup>357</sup> ictus stare et illa quae alios tela fixerunt circa te uibrasse! Velut murum aliquem aut obsessum multo hoste locum et arduum ascensu semermis adeas, expecta uulnus et illa superne uolantia cum sagittis pilisque saxa in tuum puta librata corpus. Quotiens aliquis ad latus aut pone tergum ceciderit, exclama: 'Non decipies me, fortuna, nec securum aut negligentem opprimes. Scio quid pares: alium quidem percussisti, sed me petisti.'

---

<sup>357</sup> O uso do particípio masculino sugere que a carta não seria exclusivamente dirigida a Márcia.

### VIII.

[1] Portanto, o que é natural não diminui com o tempo: um longo dia consome a dor. Ainda que seja a mais contumaz, que todo dia se insurja e se inflame contra remédios, ainda assim o tempo, muito eficaz em mitigar a ferocidade, a enfraquece.

[2] Certamente permanece para ti, Márcia, ainda agora uma ingente tristeza e já parece ter criado uma calosidade, não aquela intensa do tipo que foi no início, mas sim persistente e obstinada; porém, esta também o tempo gradativamente te arrebatará: toda vez que fizeres outra coisa, o teu espírito terá repouso.

[3] Agora, tu mesma te defendes; importa muito, entretanto, se te permites ficar triste ou se te impões. Quanto convém isto mais à elegância dos teus costumes, antes pôr fim ao teu luto do que esperá-lo, e não aguardar aquele dia em que a dor te abandone contrariada! Renuncia tu mesma a ela.

### IX.

[1] ‘Donde nos [vem], portanto, tamanha persistência no nosso lamento, se isso não é feito por ordem da natureza?’ De que não pomos à nossa frente nada de mal antes que nos aconteça, mas como se fôssemos nós mesmos imunes e percorrêssemos um caminho mais pacato do que os outros, não somos advertidos pelas desgraças alheias de que elas são comuns.

[2] Diante da nossa casa são conduzidos tantos funerais: não pensamos em morte; tantas mortes prematuras: nós temos em mente a toga de nossas crianças, o serviço militar e a sucessão da herança paterna; a repentina pobreza de tantos ricos incide em nossos olhos: e nunca nos vem ao espírito que as nossas riquezas também estão postas, igualmente, em terreno escorregadio. Por isso, é forçoso que nada seja mais grave que nossa queda: somos feridos como que de improviso; as coisas que foram previstas muito antes ocorrem mais languidamente.

[3] Queres tu saber que te encontras exposto a todos os golpes e que aqueles dardos que trespassaram os outros vibraram ao teu redor? Como se, mal armado, fosses para algum muro ou lugar ocupado por muitos inimigos e difícil de escalar, espera a ferida e considera aquelas pedras, voando por cima com setas e lanças, arremessadas contra o teu corpo. Toda vez que alguém cair ao teu lado ou por trás das tuas costas, exclama: ‘Não me enganarás, Fortuna, nem me assaltarás confiante ou negligente. Sei o que me preparas: abateste outro, mas buscaste a mim.’<sup>358</sup>

---

<sup>358</sup> As imagens relacionadas a temas militares são comuns nas obras de Sêneca.

[4] Quis umquam res suas quasi periturus aspexit? Quis umquam uestrum de exilio, de egestate, de luctu cogitare ausus est? Quis non, si admoneatur ut cogitet, tamquam dirum omen respuat et in capita inimicorum aut ipsius intempestiui monitoris abire illa iubeat?

[5] 'Non putauit futurum.' Quicquam tu putas non futurum quod scis posse fieri, quod multis uides euenisse? Egregium uersum et dignum qui non e pulpito exiret:

*cuius potest accidere quod cuiquam potest!*

Ille amisit liberos: et tu amittere potes; ille damnatus est: et tua innocentia sub ictu est. Error decipit hic, effeminat, dum patimur quae numquam pati nos posse prouidimus. Aufert uim praesentibus malis qui futura prospexit.

## X.

[1] Quidquid est hoc, Marcia, quod circa nos ex aduenticio fulget, liberi honores opes, ampla atria et exclusorum clientium turba referta uestibula, clarum nomen, nobilis aut formosa coniux ceteraque ex incerta et mobili sorte pendentia alieni commodatique apparatus sunt; nihil horum dono datur. Colaticiis et ad dominos redituris instrumentis scaena adornatur: alia ex his primo die, alia secundo referentur, pauca usque ad finem perseuerabunt.

[2] Itaque non est quod nos suspiciamus tamquam inter nostra positi: mutua accepimus. Vsus fructusque noster est, cuius tempus ille arbiter muneris sui temperat: nos oportet in promptu habere quae in incertum diem data sunt et appellatos sine querella reddere; pessimi debitoris est creditori facere conuicium.

[4] Quem alguma vez observou os seus pertences como se estivesse prestes a morrer? Quem de vós alguma vez ousou pensar sobre o exílio, sobre a indignidade, sobre o luto? Quem, caso fosse aconselhado a pensar sobre tais coisas, não as rejeitaria tal como um presságio assustador e as mandaria ir embora em direção às cabeças dos inimigos ou do próprio conselheiro inoportuno?

[5] ‘Não pensei que haveria de acontecer’. Tu pensas que não há de acontecer algo que sabes que pode acontecer, que vês ter ocorrido a muitos? Egrégio verso e digno de que não saísse do palco:

*a qualquer um pode acontecer o que pode a cada um!*<sup>359</sup>

Aquele perdeu os filhos: também tu podes perder os teus; aquele foi condenado: também a tua inocência está sob ataque. Este erro nos engana, nos enfraquece, enquanto suportamos as coisas que nunca previmos que nós pudéssemos suportar. Remove a força dos presentes males quem previu o que aconteceria.

## X.

[1] Todas essas coisas, Márcia, que de fora fulguram ao nosso redor, filhos, honras, riquezas, os amplos pórticos e os pátios cheios de uma multidão de clientes excluídos, um nome famoso, uma esposa nobre ou formosa, e outras coisas que dependem de uma sorte incerta e flexível são pompas alheias e emprestadas; nenhuma dessas coisas é dada como presente. O palco é adornado com instrumentos emprestados e que devem retornar aos donos: alguns deles no primeiro dia, outros serão devolvidos no segundo, poucos continuarão até o fim.<sup>360</sup>

[2] Assim, não há motivo para nos admirarmos, como se postos entre nossas coisas: recebemo-las como emprestadas. É nosso o uso e o proveito cuja duração regula o árbitro de sua dádiva: é mister que tenhamos ao alcance das mãos as coisas que foram dadas por tempo incerto e que os bens solicitados restituamos sem queixas; insultar um credor é próprio de um péssimo devedor.

---

<sup>359</sup> Versos de Publílio Siro. (MANNING, 1981, p. 63) É mencionado também no tratado *De tranquillitate animi* 11, 8.

<sup>360</sup> As imagens relacionadas ao teatro também são encontradas, às vezes em alusão por meio de uma só palavra, como na *Consolatio ad Polybium* VI, em que utiliza o termo *persona* em alusão ao papel atribuído a Políbio na vida política.

[3] Omnes ergo nostros, et quos superstites lege nascendi optamus et quos praecedere iustissimum ipsorum uotum est, sic amare debemus tamquam nihil nobis de perpetuitate, immo nihil de diuturnitate eorum *promissum sit*. Saepe admonendus est animus, amet ut recessura, immo tamquam recedentia: quidquid a fortuna datum est, tamquam exempto auctore possideas.

[4] Rapite ex liberis uoluptates, fruendos uos in uicem liberis date et sine dilatione omne gaudium haurite: nihil de hodierna nocte promittitur. Nimis magnam aduocationem dedi: nihil de hac hora. Festinandum est, instatur a tergo: iam disicietur iste comitatus, iam contubernia ista sublato clamore soluentur. Rapina rerum omnium est: miseri nescitis in fuga uiuere!<sup>361</sup>

[5] Si mortuum tibi filium doles, eius temporis quo natus est crimen est: mors enim illi denunciata nascenti est. In hanc legem erat datus, hoc illum fatum ab utero statim prosequabatur.

[6] In regnum fortunae et quidem durum atque inuictum peruenimus, illius arbitrio digna atque indigna passuri. Corporibus nostris impotenter contumeliose crudeliter abutetur: alios ignibus peruret uel in poenam admotis uel in remedium; alios uinciet: id nunc hosti licebit, nunc ciui; alios per incerta nudos maria iactabit et luctatos cum fluctibus ne in harenam quidem aut litus explodet, sed in alicuius immensae uentrem beluae decondet; alios morborum uariis generibus emaceratos diu inter uitam mortemque medios detinebit. Vt uaria et libidinosa mancipiorumque suorum neglegens domina et poenis et muneribus errabit.

[7] Quid opus est partes deflere? Tota flebilis uita est: urgebunt noua incommoda, priusquam ueteribus satisfeceris. Moderandum est itaque uobis maxime, quae inmoderate fertis, et in multos dolores humani pectoris uis dispensanda.

---

<sup>361</sup> Essa construção paratática expressa o sintetismo senequiano, ao usar várias estruturas seguidas no mesmo período. (MANNING, 1981, p. 22)

[3] Portanto, todos os nossos, e os que pela lei da vida desejamos que nos sobrevivam, e aqueles cujo justíssimo desejo é preceder-nos, devemos amar como se nada tivesse sido prometido a nós sobre a perpetuidade, ou melhor, nada sobre a diuturnidade deles. Frequentemente, o espírito deve ser advertido, para que ame como se fossem deixar-nos, ou melhor, como se estivessem nos deixando: o que é dado pela Fortuna, possuas como se não houvesse garantia.

[4] Aproveitai o prazer que vem dos filhos, dai aos filhos, por sua vez, o prazer que desfrutam de vós, e consumi sem dilação toda a alegria: nada está garantido em relação à noite de hoje. Dei um prazo excessivamente longo: nada está garantido em relação a esta hora. Perseguidos pelas costas, é necessário ter pressa: já será dispersada essa comitiva, já será dissipada essa companhia, elevando-se um clamor. Tudo é um roubo: não sabeis, míseros, viver em fuga!

[5] Se tu sofres pelo filho morto, a culpa está no tempo em que nasceu: a morte, pois, lhe foi declarada ao nascer. Nessa condição foi dado, logo, era acompanhado por este destino já desde o ventre.

[6] Atingimos o reino da Fortuna, certamente duro e invencível, para que soframos, a seu arbítrio, o justo e o injusto. Abusará dos nossos corpos tiranicamente, afrontosamente, cruelmente: consumirá uns aproximando o fogo ou por castigo ou por remédio; outros prenderá: isso será ora permitido ao inimigo, ora ao cidadão; outros lançará, abandonados, ao mar incerto, e tendo lutado contra as ondas não repelirá à areia ou ao litoral, mas os esconderá no ventre de alguma imensa fera; outros, debilitados por vários tipos de enfermidades, reterá durante muito tempo entre a vida e a morte. Como uma senhora instável, arbitrária e negligente de seus escravos, será errante em relação às penas e às graças.

[7] Que necessidade há de chorar as partes da vida? Toda a vida é digna de ser chorada: novos incômodos te perseguirão, antes que estejas quite dos antigos. Assim, deveis moderar-vos sobretudo vós<sup>362</sup>, mulheres, que sofreis imoderadamente, e a força do coração humano deve ser administrada a muitas dores.

---

<sup>362</sup> O uso de *uobis* indica que Sêneca escreve não só para Márcia, em particular.

**XI.**

[1] Quae deinde ista suae publicaeque condicionis obliuio est? Mortalis nata es, mortales peperisti: putre ipsa fluidumque corpus et causis repleta, sperasti tam imbecilla materia solida et aeterna gestasse?

[2] Decessit filius tuus: id est decucurrit ad hunc finem ad quem quae feliciora partu tuo putas properant. Hoc omnis ista quae in foro litigat, in theatris spectat, in templis precatur turba dispari gradu uadit: et quae diligis et quae despicias unus exaequabit cinis.

[3] Hoc indicat illa Pythicis oraculis ascripta uox: NOSCE TE. Quid est homo? quolibet quassu uas et quolibet fragile iactatu. Non tempestate magna ut dissiperis opus est: ubicumque arietaueris, solueris. Quid est homo? inbecillum corpus et fragile, nudum, suapte natura inerme, alienae opis indigens, ad omnis fortunae contumelias proiectum: cum bene lacertos exercuit, cuiuslibet ferae pabulum, cuiuslibet uictima; ex infirmis fluidisque contextum et lineamentis exterioribus nitidum; frigoris aestus, laboris impatiens, ipso rursus situ et otio iturum in tabem; alimenta metuens sua, quorum modo inopia deficit, modo copia rumpitur; anxiae sollicitaeque tutelae, precarii spiritus et male haerentis, quem ex inprouiso sonus auribus grauis excutit, periculi semper sibi nutrimentum, uitiosum et inutile.

[4] Miramur in hoc mortem, quae unius singultus opus est? Numquid enim, ut concidat, magni res molimenti est? odor illi saporque et lassitudo et uigilia et umor et cibus et sine quibus uiuere non potest mortifera sunt; quocumque se mouit, statim infirmitatis suae conscium; non omne caelum ferens, aquarum nouitatibus flatuque non familiaris aerae et tenuissimis casibus atque offensionibus morbidum; putre causarium, fletu uitam auspicatum, cum interim quantos tumultus hoc tam contemptum animal mouet, in quantas cogitationes oblitum condicionis suae uenit!

[5] Inmortalia, aeterna uoluntat animo et in nepotes pronepotesque disponit, cum interim longa conantem eum mors opprimit: et hoc quod senectus uocatur paucissimorum est circumitus annorum.

## XI.

[1] Portanto, que esquecimento é esse da sua própria condição e da condição geral? Tu nasceste mortal, deste à luz mortais: tu mesma, um corpo frágil e mutável e repleta de mazelas, esperaste que tivesse gerado algo sólido e eterno de uma matéria tão fraca?

[2] Teu filho faleceu, isto é, foi para este fim para o qual se precipitam as coisas que julgas mais felizes que tua cria. Para aí vai, com passo dissimilar, toda essa multidão que disputa no foro, assiste nos teatros, suplica nos templos: e uma única cinza, nivelará aquilo que amas e o que desprezas.

[3] A isto alude aquela expressão atribuída ao oráculo de Delfos<sup>363</sup>: CONHECE A TI MESMO. O que é o homem? Um vaso frágil por qualquer abalo e por qualquer batida. Não é preciso uma grande calamidade para que sejas destruído: onde quer que o tenhas atingido, o terás destroçado. O que é o homem? Um corpo instável e frágil, nu, inerte por sua própria natureza, carente da ajuda alheia, lançado a todos os ultrajes da Fortuna: quando bem exercitou os músculos, forragem e vítima de qualquer fera; composto de partes moles e fluidas, belo só na fisionomia, intolerante ao frio, ao calor, ao esforço; de outro modo, prestes a ir ao encontro da podridão por sua própria apatia e ócio, receoso de seus próprios alimentos, por cuja falta ora se esgota, por cuja abundância ora se rompe; de defesa ansiosa e sem sossego, de alento incerto e mal constante, a que um som alto, ouvido de repente pelos ouvidos, agita, sempre alimento de inquietação para si mesmo, vicioso e inútil.

[4] Admiramos nele a morte, que é questão de um único estertor? Por acaso, é mister grande esforço para que sucumba? Um odor e um sabor, um cansaço e uma vigília, uma bebida e uma comida e aqueles itens sem os quais não consegue viver lhes são mortíferos; para onde se move, fica imediatamente consciente de sua própria instabilidade; não suportando todo clima, doente pela novidade das águas e pelo sopro de uma brisa não familiar, pelos acidentes e distúrbios mais frívolos; frágil inválido, tendo inaugurado a vida com choro. Enquanto isso, quão grandes motins este animal tão desprezível promove, a quão grandes pensamentos chega, esquecido de sua própria condição!

[5] Revolve no espírito coisas imortais, eternas, e faz planos para os netos e bisnetos; enquanto isso, a morte o oprime enquanto empreende coisas duradouras: e aquilo que é chamado velhice abrange pouquíssimos anos.

---

<sup>363</sup> De Pitos, antigo nome de Delfos; refere-se ao oráculo délfico de Apolo. (MANNING, 1981, p. 69)



**XII.**

[1] Dolor tuus, si modo ulla illi ratio est, utrum sua spectat incommoda an eius qui decessit? Vtrum te in amisso filio mouet quod nullas ex illo uoluptates cepisti, an quod maiores, si diutius uixisset, percipere potuisti? Si nullas percepisse te dixeris, tolerabilius efficies detrimentum tuum: minus enim homines desiderant ea ex quibus nihil gaudii laetitiaeque perceperant.

[2] Si confessa fueris percepisse magnas uoluptates, oportet te non de eo quod detractum est queri, sed de eo gratias agere quod contigit. Prouenerunt enim satis magni fructus laborum tuorum ex ipsa educatione, nisi forte ii qui catulos auesque et friuola animorum oblectamenta summa diligentia *nutriunt* fruuntur aliqua uoluptate ex uisu tactuque et blanda adulatione mutorum, liberos nutrientibus non fructus educationis ipsa educatio est. Licet itaque nihil tibi industria eius contulerit, nihil diligentia custodierit, nihil prudentia suaserit, ipsum quod habuisti, quod amasti, fructus est.

**XII.**

[1] A tua dor, contudo, se há alguma razão para ela, está voltada às tuas desgraças ou às daquele que morreu? Acaso o que te perturba, em relação ao filho perdido, é não teres recebido dele nenhuma alegria, ou que poderias receber maiores, se ele tivesse vivido mais tempo? Se disseres que tu não recebeste nenhuma, tornarás mais tolerável tua perda: os homens, de fato, sentem menos saudade das coisas das quais não receberam nenhuma alegria e satisfação.

[2] Se confessares que recebeste grandes alegrias, não convém que lamentes aquilo que foi tirado de ti, mas que agradeças aquilo que alcançaste. Provieram, com efeito, recompensas suficientemente grandes de teus esforços a partir de sua própria educação, a não ser que aqueles que criam cachorrinhos, aves e os prazeres frívolos do espírito com suma diligência desfrutem de algum prazer pela visão, pelo contato ou pela doce adulação desses seres mudos, e para os que criam filhos o fruto da educação não seja a própria educação. Assim, ainda que nada da aplicação dele tenha chegado a ti, que nada tenha aproveitado a sua diligência, nada tenha persuadido a sua prudência, o próprio fato de que o tiveste, de que o amaste, é a recompensa.

[3] 'At potuit esse maior.' Melius tamen tecum actum est quam si omnino non contigisset, quoniam, si ponatur electio utrum satius sit non diu felicem esse an numquam, melius est discessura nobis bona quam nulla contingere. Vtrumne malles degenerem aliquem et numerum tantum nomenque filii expleturum habuisse, an tantae indolis quantae tuus fuit, iuuenis cito prudens, cito pius, cito maritus, cito pater, cito omnis officii curiosus, cito sacerdos, omnia tamquam properans? Nulli fere et magna bona et diuturna contingunt; non durat nec ad ultimum exit nisi lenta felicitas: filium tibi dii immortales, non diu daturi, statim talem dederunt qualis diu effici potest.

[4] Ne illud quidem dicere potes, electam te a diis cui frui non liceret filio: circumfer per omnem notorum, ignotorum frequentiam oculos, occurrent tibi passi ubique maiora. Senserunt ista magni duces, senserunt principes; ne deos quidem fabulae immunes reliquerunt, puto, ut nostrorum funerum leuamentum esset etiam diuina concidere. Circumspice, inquam, omnes: nullam tam miseram nominabis domum, quae non inueniat in miseriore solacium.

[5] Non mehercules tam male de moribus tuis sentio, ut putem posse te leuius pati casum tuum, si tibi ingentem lugentium<sup>364</sup> numerum produxero: maliuolum solacii genus est turba miserorum. Quosdam tamen referam, non ut scias hoc solere hominibus accidere (ridiculum est enim mortalitatis exempla colligere) sed ut scias fuisse multos qui lenirent aspera placide ferendo.

[6] A felicissimo incipiam. L. Sulla filium amisit, nec ea res aut malitiam eius et acerrimam uirtutem in hostes ciuesque contudit, aut effecit ut cognomen illud usurpasse falso uideretur, quod amisso filio assumpsit, nec odia hominum ueritus, quorum malo illae nimis secundae res constabant, nec inuidiam deorum, quorum illud crimen erat, Sulla tam felix. Sed istud inter res nondum iudicatas abeat, qualis Sulla fuerit (etiam inimici fatebuntur bene illum arma sumpsisse, bene posuisse), hoc, de quo agitur, constabit, non esse maximum malum quod etiam ad felicissimos peruenit.

---

<sup>364</sup> O uso do participio presente substantivado é um traço típico de Sêneca. (MANNING, 1981, p. 21)

[3] ‘Mas poderia ser maior.’ É melhor, entretanto, que isso tenha se passado contigo do que, em verdade, se não tivesse ocorrido, porque se nos for colocado em escolha qual dos dois é mais satisfatório, não ser feliz por muito tempo ou nunca, é melhor que nos caiba um bem passageiro do que nenhum. Preferirias ter tido alguém degenerado e que preenchesse somente as obrigações e o nome de teu filho, ou um de índole tão grande quanto foi o teu filho, um jovem precocemente prudente, precocemente virtuoso, precocemente marido, precocemente pai, precocemente diligente em todos os deveres, precocemente sacerdote, como que se apressando em tudo? As grandes e diuturnas benesses não ocorrem a quase ninguém; não dura nem chega até seu fim senão uma felicidade fraca: os deuses imortais, que não haveriam de dar a ti por muito tempo um filho, deram-no imediatamente e tal como demoraria para se aperfeiçoar.

[4] Nem isso, na verdade, podes dizer, que foste eleita pelos deuses como pessoa a quem não fosse permitido desfrutar do filho: corre os olhos por toda a multidão de conhecidos e desconhecidos, e a ti se apresentarão, em todos os lugares, aqueles que sofreram coisas maiores. Experimentaram isso grandes generais, os imperadores experimentaram; nem as fábulas, de fato, deixaram imunes os deuses, penso, para que fosse uma consolação da morte dos nossos o fato de que os seres divinos também sucumbem a isso. Observa todos em volta, repito: não encontrarás nenhuma casa tão infeliz que não descubra conforto em uma mais infeliz.

[5] Por Hércules, não penso tão mal de teus costumes para julgar que possas suportar tua desventura mais facilmente se eu te revelar o enorme número de pessoas que choram: uma multidão de infelizes é um tipo malévolos de consolação. Apresentarei, entretanto, alguns, não para que saibas que isso costuma acontecer aos homens (é ridículo, pois, reunir exemplos de mortalidade), mas para que saibas que houve muitos que abrandaram as adversidades tolerando-as placidamente.

[6] Começarei pelo mais feliz. L. Sila<sup>365</sup> perdeu o filho, mas isso não abateu sua malícia e obstinado vigor contra os inimigos e concidadãos, nem fez parecer que adquirisse erroneamente aquele cognome, o qual assumiu após a morte do filho, nem temeu o ódio dos homens, por cuja infelicidade aquela grande fortuna se estabeleceu, nem a inveja dos deuses, cuja acusação era que Sila estava tão feliz. Mas, qual tipo de homem foi Sila, que isso fique entre as coisas ainda não esclarecidas (até mesmo os inimigos reconhecerão que ele bem pegou as armas, e bem as depôs). Isto, de que se trata, ficará evidente: que não é o mal maior aquele a atingir também os mais felizes.

---

<sup>365</sup> Referência ao sobrenome adotado por Lúcio Cornélio Sila: *Lucius Cornelius Sulla Felix* (138 a.C- 78 a.C). Foi um distinto militar e político romano. Perdeu um filho, morto ainda infante. (MANNING, 1981, p. 74)

**XIII.**

[1] Ne nimis admiretur Graecia illum patrem qui, in ipso sacrificio nuntiata filii morte, tibicinem tantum iussit tacere et coronam capiti detraxit, cetera rite perfecit, Puluillus effecit pontifex, cui postem tenenti et Capitolium dedicanti mors filii nuntiata est. Quam ille exaudisse dissimulans, sollemnia pontificii carminis uerba concepit, gemitu non interrumpente precationem et ad filii sui nomen Ioue propitiato.

[2] Putasses eius luctus aliquem finem esse debere, cuius primus dies et primus impetus ab altaribus publicis et fausta nuncupatione non abduxit patrem? Dignus mehercules fuit memorabili dedicatione, dignus amplissimo sacerdotio, qui colere deos ne iratos quidem destitit. Idem tamen, ut rediit domum, et inpleuit oculos et aliquas uoces flebiles misit, et, peractis quae mos erat praestare defunctis, ad Capitolinum illum rediit uultum.

[3] Paulus circa illos nobilissimi triumphi dies, quo uinctum ante currum egit Persen duos filios in adoptionem dedit, quos sibi seruauerat extulit. Quales retentos putas, cum inter commodatos Scipio fuisset? Non sine motu uacuum Pauli currum populus Romanus aspexit. Contionatus est tamen, et egit diis gratias quod compos uoti factus esset: precatum enim se ut, si quid ob ingentem uictoriam inuidiae dandum esset, id suo potius quam publico damno solueretur.

[4] Vides quam magno animo tulerit: orbitati suae gratulatus est. Et quem magis poterat permouere tanta mutatio? Solacia simul atque auxilia perdidit. Non contigit tamen tristem Paulum Persi uidere.

### XIII.

[1] Que a Grécia não se admire demais daquele pai<sup>366</sup> que, tendo-lhe sido anunciada a morte do filho durante o próprio sacrifício, apenas mandou o flautista se calar, tirou a coroa da cabeça<sup>367</sup> e terminou o restante conforme os ritos; o pontífice Pulvilo<sup>368</sup> procedeu assim, ele a quem, segurando o batente e consagrando o Capitólio, a morte do filho foi anunciada. Ele, ocultando tê-la ouvido, recitou as palavras solenes do carne pontifício, não interrompendo a súplica com um gemido e oferecendo um sacrifício a Júpiter junto ao nome de seu filho.

[2] Acaso julgas que devia ter algum fim aquele luto, cujo primeiro dia e primeiro ímpeto não afastou o pai dos altares públicos e de uma propícia dedicação? Por Hércules, foi digno dessa memorável dedicação, digno desse admirável sacerdotício, ele que não deixou de cultuar os deuses nem sequer quando irados. Entretanto, retornado à casa, encheu os olhos de água e lançou algum flébil lamento, e, cumprido o que era costume prestar aos defuntos, retornou àquele semblante do Capitólio.

[3] Paulo<sup>369</sup>, por volta daqueles dias de seu nobilíssimo triunfo, em que conduziu diante do carro Perseu acorrentado, deu dois filhos em adoção, levou para a cova os que havia guardado para si. Que qualidade achas que tinham os mantidos, tendo estado um Cipião entre aqueles dados? Não sem comoção, o povo romano observou o carro de Paulo vazio. Contudo discursou, e deu graças aos deuses porque seu voto tinha sido atendido: de fato suplicara que, se algo devesse ser cedido à inveja devido à ingente vitória, fosse pago com seu próprio prejuízo mais do que com o do Estado.

[4] Vês com quão grande espírito suportou: agradeceu pela sua perda. E a quem tamanha mudança podia abalar mais? Perdeu ao mesmo tempo o alívio e o auxílio. Entretanto, não aconteceu de Perseu ver Paulo triste.

---

<sup>366</sup> O filho de Xenofonte, Grilo, foi morto ao lutar na cavalaria ateniense em 362 a.C. (HORNBLLOWER, SPAWFORTH, 1999, p. 1629). Tendo sido avisado da morte de seu filho, Xenofonte não interrompeu o sacrifício que havia começado. (MANNING, 1981, p. 77)

<sup>367</sup> Esse ato pode demonstrar o orgulho paterno, ao invés da pura tristeza pela morte. (MANNING, 1981, p. 78)

<sup>368</sup> Marco Horácio Púlvilo. Tito Lívio comenta essa passagem relativa à morte de seu filho em *Ab urbe condita*, II. 8. São Jerônimo, em sua Carta 60, 5 traz esse exemplo.

<sup>369</sup> Lúcio Emílio Paulo foi um político e cônsul romano, que entregou seus primeiros filhos para serem criados pelos Fábios e Cipiões, concentrando-se na criação dos dois filhos mais novos. Porém, ambos morreram na época de seu triunfo. (HORNBLLOWER, SPAWFORTH, 1999, p. 22)

#### XIV.

[1] Quid nunc te per innumerabilia magnorum uirorum exempla ducam et quaeram miseros, quasi non difficilius sit inuenire felices? Quota enim quaeque domus usque ad exitum omnibus partibus suis constitit? Vnum quemlibet annum occupa et ex eo magistratus cita: Lucium si uis, Bibulum et C. Caesarem. Videbis inter collegas inimicissimos concordem fortunam<sup>370</sup>.

[2] L. Bibuli, melioris quam fortioris uiri, duo simul filii interfecti sunt, aegyptio quidem militi ludibrio habiti, ut non minus ipsa orbitate auctor eius digna res lacrimis esset. Bibulus tamen, qui toto honoris sui anno ob inuidiam collegae domi latuerat, postero die quam geminum funus renuntiatum est processit ad solita imperii officia. Quis minus potest quam unum diem duobus filiis dare? Tam cito liberorum luctum finiuit qui consulatum anno luxerat.

[3] C. Caesar cum Britanniam peragraret nec Oceano continere felicitatem suam posset, audiit decessisse filiam, publica secum fata ducentem. In oculis erat iam Cn. Pompeius non aequo laturus animo quemquam alium esse in re publica magnum et modum inpositurus incrementis quae grauia illi uidebantur, etiam cum in commune crescerent. Tamen intra tertium diem imperatoria obiit munia, et tam cito dolorem uicit quam omnia solebat.

---

<sup>370</sup> Aqui, observam-se duas figuras da retórica: o quiasmo, presente em vários escritos de Sêneca e parte do seu estilo (*collegas inimicissimos x concordem fortunam*) e a antítese, presente no par *inimicissimos concordem*. (MANNING, 1981, p. 80)

#### XIV.

[1] Por que agora eu te conduziria por inumeráveis exemplos de grandes homens e buscaria os infelizes, como se não fosse mais difícil encontrar os felizes? De fato, quantas e quais casas perduraram até o fim, conservados todos os seus membros? Toma um ano qualquer e a partir dele cita os magistrados: por exemplo, Lúcio Bíbulo e C. César. Verás uma Fortuna concorde entre os colegas mais adversários.

[2] Dois filhos de L. Bíbulo<sup>371</sup>, um homem mais idôneo que corajoso, foram mortos ao mesmo tempo<sup>372</sup>, servindo decerto à zombaria dos soldados egípcios, de modo que o autor não fosse menos motivo de lágrimas que o próprio luto. Entretanto, Bíbulo, que por todo o ano de sua magistratura permanecera escondido em casa por causa da má vontade de seu colega, no dia seguinte àquele em que lhe foi informada a morte dupla, dirigiu-se aos habituais deveres públicos. Quem pode dedicar menos que um único dia a dois filhos? Tão rapidamente findou o choro pelos filhos aquele que chorara<sup>373</sup> o consulado por um ano.

[3] Percorrendo C. César a Bretanha e não podendo conter a sua felicidade o Oceano, ouviu que sua filha havia morrido, levando consigo os destinos do Estado<sup>374</sup>. Evidentemente, Cn. Pompeu já estava pronto a não tolerar com tranquilidade que qualquer outro fosse grande<sup>375</sup> na República e a impor um limite aos avanços que lhe pareciam mais danosos, mesmo quando tivessem incremento em comum. Contudo, dentro de três dias se encarregou das funções de general, e tão cedo venceu a dor como costumava vencer a tudo.

---

<sup>371</sup> Lúcio Calpúrnio Bíbulo, filho de Marco Calpúrnio Bíbulo, foi um político romano que se aliou a Bruto na guerra civil, tornou-se pretor e governou a Síria. (HORNBLLOWER, SPAWFORTH, 1999, p. 279)

<sup>372</sup> Dois filhos de Bíbulo com sua primeira esposa foram assassinados em Alexandria (HORNBLLOWER, SPAWFORTH, 1999, p. 280)

<sup>373</sup> O uso de cognatos no original (*luctus* e *luxerat*) potencializa a antítese, com uma construção em poliptoto quiástico, e por isso optamos por adaptar os dois vocábulos igualmente.

<sup>374</sup> Passagem relativa à morte de Júlia, única filha de César, cujo matrimônio com Pompeu fortaleceu seu pai politicamente. Júlia morreu durante o parto de seu filho, o qual seguiu o destino da mãe alguns dias depois. (HORNBLLOWER, SPAWFORTH, 1999, p. 776)

<sup>375</sup> Um dos sobrenomes de Pompeu era Magno.



**XV.**

[1] Quid aliorum tibi funera Caesarum referam? quos in hoc mihi uidetur interim uiolare fortuna ut sic quoque generi humano prosint, ostendentes ne eos quidem qui dis geniti deosque genituri dicantur sic suam fortunam in potestate habere quemadmodum alienam.

[2] Diuus Augustus amissis liberis, nepotibus, exhausta Caesarum turba, adoptione desertam domum fulsit: tulit tamen tam fortiter quam cuius iam res agebatur cuiusque maxime intererat de diis neminem queri.

[3] Ti. Caesar et quem genuerat et quem adoptauerat amisit: ipse tamen pro rostris laudauit filium stetitque in conspectu posito corpore, interiecto tantummodo uelamento quod pontificis oculos a funere arceret, et, flente populo Romano, non flexit uultum. Experiendum se dedit Seiano ad latus stanti quam patienter posset suos perdere.

[4] Videsne quanta copia uirorum maximorum sit quos non exceptit hic omnia prosternens casus, et quibus tot animi bona, tot ornamenta publice priuatimque congesta erant? Sed uidelicet it in orbem ista tempestas et sine dilectu uastat omnia agitque ut sua. Iube singulos conferre rationem: nulli contigit impune nasci.

## XV.

[1] Por que eu te mencionaria os lutos de outros Césares? Nisto me parece às vezes que a Fortuna os viola, de modo que assim também sejam úteis ao gênero humano, mostrando que nem mesmo eles, que se dizem gerados por deuses e aptos a gerar deuses<sup>376</sup>, têm em poder a sua própria Fortuna como têm a alheia.

[2] O Divino Augusto, tendo perdido os filhos, os sobrinhos, extinta a multidão de Césares<sup>377</sup>, ilustrou sua casa deserta com a adoção<sup>378</sup>: suportou, entretanto, com tanta firmeza quanto alguém cujo assunto era tratado e a quem especialmente interessava ninguém se queixar dos deuses.

[3] Ti. César perdeu quem gerara e quem adotara<sup>379</sup>: ele mesmo, entretanto, pronunciou o elogio fúnebre ao filho diante dos rostros e, em face do corpo disposto, ficou de pé, separado somente por um véu que afastasse os olhos do pontífice do cadáver; e, chorando o povo romano, não mudou a fisionomia. Ele mostrou a Sejano<sup>380</sup>, de pé ao seu lado, o quão pacientemente poderia suportar a perda dos seus.

[4] Vês quão grande é o número de homens importantes os quais não poupou essa desgraça que tudo destrói, eles que possuíam tantos bens espirituais, tantas glórias públicas e privadas? Mas claramente esta tempestade se espalha pelo mundo e sem distinção devasta todas as coisas, e as agita como se fossem suas. Ordena a cada um prestar contas: a ninguém é dada a sorte de nascer impunemente.

---

<sup>376</sup> Acreditava-se que a linhagem dos *Iulii* remetia a Vênus, mãe de Eneias, tendo, portanto, origens divinas. Júlio César e Augusto receberam o título de *Diuus*, divino. (HORNBLLOWER, SPAWFORTH, 1999, p. 780)

<sup>377</sup> Sêneca pode ter se referido a herdeiros sanguíneos de Augusto, que teve somente uma filha, Júlia, exilada sob acusação de adultério. (HORNBLLOWER, SPAWFORTH, 1999, p. 777)

<sup>378</sup> Augusto adotou seu enteado Tibério em 4 d.C. (HORNBLLOWER, SPAWFORTH, 1999, p. 1523)

<sup>379</sup> O filho de Tibério morreu na infância, e ele adotou seu sobrinho Júlio César Germânico, que morreu aos 33 anos. (HORNBLLOWER, SPAWFORTH, 1999, p. 1523)

<sup>380</sup> As constantes menções a Sejano são indício de que a carta teria, também, uma motivação política. (MANNING, 1981, p. 5)

**XVI.**

[1] Scio quid dicas: 'oblitus es feminam te consolari, uirorum refers exempla.' Quis autem dixerit naturam maligne cum mulierum ingeniis egisse et uirtutes illarum in artum retraxisse? Par illis, mihi crede, uigor, par ad honesta, dum libeat, facultas est; dolorem laboremque ex aequo, si consueuere, patiuntur.

[2] In qua istud urbe, di boni! loquimur? in qua regem Romanis capitibus Lucretia et Brutus deiecerunt: Bruto libertatem debemus, Lucretiae Brutum; in qua Cloeliam, contempto et hoste et flumine, ob insignem audaciam tantum non in uiros transcripsimus: equestri insidens statuae in Sacra Via, celeberrimo loco, Cloelia exprobrat iuuenibus nostris puluinum escendentibus in ea illos urbe sic ingredi, in qua etiam feminas equo donauimus.

[3] Quod tibi si uis exempla referri feminarum quae suos fortiter desiderauerint, non ostiatim quaeram. Ex una tibi familia duas Cornelias dabo: primam Scipionis filiam, Gracchorum matrem. Duodecim illa partus totidem funeribus recognouit: et de ceteris facile est, quos nec editos nec amissos ciuitas sensit; Tiberium Gaiumque, quos etiam qui bonos uiros negauerit magnos fatebitur, et occisos uidit et insepultos. Consolantibus tamen miseramque dicentibus: 'Numquam, inquit, non felicem me dicam, quae Gracchos peperit.'

## XVI.

[1] Sei o que dirás: ‘esqueceste que tu consolas uma mulher, trazes exemplos de homens’. Quem, entretanto, diria que a natureza agiu mesquinhamente com a inteligência das mulheres e limitou as suas virtudes ao corpo? É igual para elas, assim acredito, o vigor, é igual a força para as coisas honestas, enquanto têm vontade; suportam a dor e o esforço igualmente, caso a isso se habituem.<sup>381</sup>

[2] Em qual cidade falamos sobre isso, oh bons deuses? Na cidade na qual Lucrecia<sup>382</sup> e Bruto<sup>383</sup> afastaram um rei da vida romana: a Bruto, devemos a liberdade, a Lucrecia, Bruto; lugar onde, tendo Clélia<sup>384</sup> desprezado o inimigo e o rio devido à insigne audácia, por pouco não a incluímos entre os homens: montando uma estátua equestre na Via Sacra<sup>385</sup>, local apinhado, Clélia censura em nossos jovens, reclinados em liteiras almofadadas, o fato de que eles entram assim nesta cidade, onde até as mulheres homenageamos com um cavalo.

[3] Se queres que a ti sejam trazidos exemplos de mulheres que corajosamente suportaram a perda dos seus, não procurarei de porta em porta. De uma só família, dar-te-ei duas Cornélias: a primeira<sup>386</sup>, filha de Cipião, mãe dos Gracos<sup>387</sup>. Teve doze filhos, no funeral de outros tantos tomou parte<sup>388</sup>: e, de resto, é fácil, o Estado não percebeu nem seus nascimentos nem suas perdas; mas Tibério e Caio, os quais até aquele que negar terem sido bons homens reconhecerá que foram grandes, viu assassinados e insepultos. Entretanto, aos consoladores que a chamavam infeliz, disse: ‘Nunca direi que não sou feliz, eu que gerei os Gracos’.

---

<sup>381</sup> Interessante chamar a atenção aqui para uma colocação que vai de encontro ao que Sêneca aborda em muitos trabalhos, ao elogiar a força da mulher colocando-a em um patamar psicológico similar ao dos homens em força. Em geral, o autor menciona a ideia oposta, tratando a natureza feminina como inferior à masculina.

<sup>382</sup> Lucrecia, esposa de Colatino, foi violada por Sexto Tarquínio, filho do rei Tarquínio, Soberbo, e cometeu suicídio em virtude do ocorrido. (TITO LÍVIO, I, LVII) É tida como exemplo de pudicícia.

<sup>383</sup> Bruto, amigo de Colatino, presenciou a morte de Lucrecia e articulou a queda de Tarquínio como justiça. (TITO LÍVIO, I, LIX)

<sup>384</sup> Mulher romana levada como refém a Porsena. Tendo escapado nadando ou a cavalo, foi recapturada e, diante do reconhecimento de sua bravura, foi liberada junto de outros reféns. (HORNBLLOWER, SPAWFORTH, 1999, p. 351)

<sup>385</sup> Uma estátua foi erigida na Via Sacra e, inicialmente, atribuída a Clélia. Posteriormente, estudiosos associaram a homenagem à Vênus Equestre, e não a Clélia. (HORNBLLOWER, SPAWFORTH, 1999, p. 351)

<sup>386</sup> Cornélia, filha de Cornélio Cipião Africano, casou-se com Tibério e teve doze filhos, dos quais somente três chegaram à fase adulta. Após a morte de seu esposo, dedicou-se à educação dos filhos. Manteve correspondências e conversas com homens distintos, tendo seus escritos sido reconhecidos por Cícero. (HORNBLLOWER, SPAWFORTH, 1999, p. 392)

<sup>387</sup> Tibério Graco e seu irmão Caio Graco, filhos de Cornelia, foram oradores e membros da aristocracia romana que viveram no século II a.C. Foram condenados e mortos após uma série de propostas de projetos para redistribuição das terras públicas. (HORNBLLOWER, SPAWFORTH, 1999, p. 1384)

<sup>388</sup> Em sentido literal: Inventariou/passou em revista doze partos com outros tantos funerais.

[4] Cornelia Liui Drusi clarissimum iuuenem, illustris ingenii, uadentem per gracchana uestigia imperfectis tot rogationibus intra penates interemptum suos, amiserat, incerto caedis auctore. Tamen et acerbam mortem filii et inultam tam magno animo tulit quam ipse leges tulerat.

[5] Iam cum fortuna in gratiam, Marcia, reuerteris, si tela quae in Scipiones Scipionumque matres ac filias exegit, quibus Caesares petiit, ne a te quidem continuit. Plena et infesta uariis casibus uita est, a quibus nulli longa pax, uix indutiae sunt.

[6] Quattuor liberos sustuleras, Marcia. Nullum aiunt frustra cadere telum quod in confertum agmen immissum est: mirum est tantam turbam non potuisse sine inuidia damnoue praeteruehi?

[7] –At hoc iniquior fortuna fuit quod non tantum eripuit filios sed elegit. - Numquam tamen iniuriam dixeris ex aequo cum potentiore diuidere: duas tibi reliquit filias et harum nepotes; et ipsum quem maxime luges, prioris oblita, non ex toto abstulit: habes ex illo duas filias, si male fers, magna onera, si bene, magna solacia. In hoc te perduc ut illas cum uideris admonearis filii, non doloris.

[8] Agricola euersis arboribus quas aut uentus radicitus euulsit aut contortus repentino impetu turbo praefregit, subolem ex illis residuam fouet et amissarum semina statim plantasque disponit; et momento (nam ut ad damna, ita ad incrementa rapidum ueloxque tempus est) adulescunt amissis laetiora.

[9] Has nunc Metilii tui filias in eius uicem substitue et uacantem locum exple, et unum dolorem geminato solacio leua. Est quidem haec natura mortalium, ut nihil magis placeat quam quod amissum est: iniquiores sumus aduersus relictam ereptorum desiderio. Sed si aestimare uolueris quam ualde tibi fortuna, etiam cum saeuiret, pepercerit, scies te habere plus quam solacia: respice tot nepotes, duas filias.

[10] Dic illud quoque, Marcia: 'Mouerer, si esset cuique fortuna pro moribus et numquam mala bonos sequerentur; nunc uideo, exempto discrimine, eodem modo malos bonosque iactari.'

[4] Cornélia, esposa de Lívio Druso, perdera o filho, jovem distinto, de inteligência célebre e que, seguindo os passos dos Gracos, foi morto em sua casa, permanecendo incerto o autor da morte, inconclusos tantos projetos de lei. Entretanto, suportou a acerba morte do filho e a impunidade com espírito tão grande quanto ele mesmo propusera leis.

[5] Tu já voltarás a reconciliar-te com a Fortuna, Márcia, se nem mesmo a ti, de fato, poupou das ofensivas que atirou contra os Cipiões, as mães dos Cipiões e as filhas<sup>389</sup>, com os quais atacou os Césares. A vida está cheia e infestada de várias desventuras, das quais ninguém tem longa paz, havendo apenas uma trégua.

[6] Tu geraras quatro filhos, Márcia. Nenhum dardo, dizem, que foi lançado contra um esquadrão compacto cai em vão: seria admirável que uma família tão grande não pudesse transcorrer sem a inveja e o dano?

[7] –Mas a Fortuna foi mais iníqua nisto, que não somente tirou os meus filhos, mas ainda os elegeu. –Nunca, entretanto, dirás que é uma injustiça dividir por igual com o que é mais poderoso: deixou-te duas filhas e delas, netos; e o próprio filho, que sobretudo choras, esquecendo do primeiro, não o tomou por inteiro: tens dele duas filhas: um grande peso, se suportas mal; um grande consolo, se bem. Vai tu em direção a isso, para que, quando as vires, recordes do teu filho, não de tua dor.

[8] O agricultor, derrubadas as árvores as quais ou o vento extirpou desde a raiz, ou um redemoinho impetuoso com repentina violência rompeu, cultiva o broto proveniente delas e, no lugar das perdidas, imediatamente ordena as sementes e as plantas; e em um instante (pois, assim como para o dano, da mesma forma para o desenvolvimento o tempo é ágil e veloz), crescem mais férteis que as perdidas<sup>390</sup>.

[9] Coloca no lugar dele, agora, tais filhas do teu Metílio, preenche o lugar vago, e mitiga uma só dor com duplo consolo. Esta é, em verdade, a natureza dos mortais, a quem nada mais apraz do que o perdido: somos um tanto injustos contra o que nos foi deixado, pela saudade daqueles que perdemos. Mas, se desejas estimar quão abundantemente a Fortuna te foi misericordiosa, mesmo quando se enfurecia, saberás que tens mais que consolos: olha tantos netos, as duas filhas.

[10] Dize também isso, Márcia: ‘Eu me perturbaria se a Fortuna fosse dada a cada um de acordo com o seu caráter, e o que é ruim nunca perseguisse as pessoas boas; agora vejo, sem distinção, maus e bons serem atingidos do mesmo modo’.

---

<sup>389</sup> Faz menção aqui ao que ocorreu à linhagem dos Cipiões, como a mencionada Cornélia, mãe dos Gracos e filha de Cipião Africano Maior. Cf. notas 317, 318

<sup>390</sup> A ideia de que uma perda pode ser mitigada pelo cultivo da amizade com outras pessoas é amplamente mencionada por Sêneca, como nas *Epistulae morales* 63 e 99

**XVII.**

[1] 'Graue est tamen quem educaueris iuuenem, iam matri iam patri praesidium ac decus amittere.' Quis negat graue esse? sed humanum est: ad hoc genitus<sup>391</sup> es, ut perderes, ut perires, ut sperares metueres, alios teque inquietares, mortem et timeres et optares et, quod est pessimum, numquam scires cuius esses status.

[2] Si quis Syracusas petenti diceret: 'omnia incommoda, omnes uoluptates futurae peregrinationis tuae ante cognosce, deinde ita nauiga. Haec sunt quae mirari possis: uidebis primum ipsam insulam ab Italia angusto interscissam freto, quam continenti quondam cohaesisse constat; subitum illo mare inrupit et

Hesperium Siculo latus abscidit.

Deinde uidebis (licebit enim tibi auidissimum maris uerticem perstringere) stratam illam fabulosam Charybdin quam diu ab austro uacat, at, si quid inde uehementius spirauit, magno hiatu profundoque nauigia sorbentem.

[3] Videbis celebratissimum carminibus fontem Arethusam, nitidissimi ac perlucidi ad imum stagni, gelidissimas aquas profundentem, siue illas ibi primum nascentes inuenit, siue illapsum terris flumen integrum subter tot maria et a confusione peioris undae seruatum reddidit.

[4] Videbis portum quietissimum omnium quos aut natura posuit in tutelam classium aut adiuuit manus, sic tutum ut ne maximarum quidem tempestatum furori locus sit. Videbis ubi, Athenarum potentia fracta, tot milia captiuorum ille excisis in infinitam altitudinem saxi natiuus carcer incluserat; ipsam ingentem ciuitatem, et laxius territorium quam multarum urbium fines sunt; tepidissima hiberna et nullum diem sine interuentu solis.

---

<sup>391</sup> O uso do participio masculino sugere que a carta não é exclusivamente dirigida a Márcia.

## XVII.

[1] ‘Entretanto, é penoso perder um jovem a quem se tenha educado, uma fortaleza e honra tanto para a mãe quanto para o pai.’ Quem nega que isso é penoso? Mas é humano. Para isso foste criado, para perderes e morreres, para esperares e teres medo, para te inquietares e aos outros, para temeres e desejares a morte e, o que é pior, para nunca saberes qual é a tua situação.

[2] Se alguém dissesse ao que se dirige a Siracusa: ‘todas as coisas incômodas, todos os prazeres da tua futura viagem conhece antes; então, pois, navega. Essas são as coisas que podes admirar: verás, em um primeiro momento, a própria ilha dividida da Itália por um curto estreito, a qual é sabido que esteve outrora conectada ao continente; subitamente, o mar o invadiu e

*Separou a costa Hespéria da Sicília.*<sup>392</sup>

Depois, verás (te será permitido, pois, roçar o mais ávido redemoinho do mar) aquela fabulosa Caribdes<sup>393</sup> parada até que esteja livre do Austro; mas, algo soprou mais forte dali, sorvendo com grande e funda abertura os navios’.

[3] Verás a fonte Aretusa<sup>394</sup>, muito celebrada na poesia, até o fundo do lago limpíssimo e translúcido, que verte águas muito frias, seja se as encontrou nascendo ali pela primeira vez, seja se devolveu íntegro um rio inculcado nas terras sob tantos mares e salvo da mistura com uma água pior.

[4] Verás o porto mais tranquilo de todos aqueles que a natureza ofereceu para a proteção das esquadras ou que as mãos construíram, tão seguro que não há espaço nem ao menos para o furor das maiores tempestades. Verás onde, desfeita a potência de Atenas, aquele cárcere natural retivera tantos milhares de prisioneiros nas rochas escavadas em enormes profundidades; verás a própria cidade ingente, e um território mais vasto que as fronteiras de muitas cidades; invernos tepidíssimos e nenhum dia sem aparecer o sol.

---

<sup>392</sup> Referência à *Eneida*, canto III, v. 418

<sup>393</sup> Turbilhão marítimo, mencionado inicialmente em Homero, canto XII da *Odisseia*. (MANNING, 1981, p. 98)

<sup>394</sup> A fonte é mencionada por alguns poetas, como Ovídio e Virgílio, como estando situada em Ortígia, ilha no porto de Siracusa, fornecendo a essa água potável. (MANNING, 1981, p. 98)



[5] Sed cum omnia ista cognoueris, grauis et insalubris aestas hiberni caeli beneficia corrumpet; erit Dionysius illic tyrannus, libertatis, iustitiae, legum exitium, dominationis cupidus etiam post Platonem, uitae etiam post exilium: alios uret, alios uerberabit, alios ob leuem offensam detruncari iubebit; arcesset ad libidinem mares feminasque, et inter foedos regiae intemperantiae greges parum erit simul binis coire. Audisti quid te inuitare possit, quid absterrere: proinde aut nauiga aut resiste.'

[6] Post hanc denuntiationem si quis dixisset intrare se Syracusas uelle, satisne iustam querellam de ullo nisi de se habere posset, qui non incidisset in illa sed prudens sciensque uenisset?

[7] Dicit omnibus nobis Natura: 'neminem decipio. Tu si filios sustuleris, poteris habere formosos, et deformes poteris; fortasse multi nascentur. Esse aliquis ex illis tam seruator patriae quam proditor poterit. Non est quod desperes tantae dignationis futuros, ut nemo tibi propter illos male dicere audeat; propone tamen et tantae futuros turpitudinis, ut ipsi maledicta sint.

[8] Nihil uetat illos tibi suprema praestare et laudari te a liberis tuis, sed sic te para tamquam in ignem inpositurus uel puerum uel iuuenem uel senem: nihil enim ad rem pertinent anni, quoniam nullum non acerbum funus est quod parens sequitur.' Post has leges propositas si liberos tollis, omni deos inuidia liberas, qui tibi nihil certi sponponderunt.

[5] Mas quando conheceres todas estas coisas, um verão pesado e insalubre assolará as vantagens do clima invernal; será Dionísio ali um tirano<sup>395</sup>, ruína da liberdade, da justiça, das leis, desejoso de dominação mesmo após Platão<sup>396</sup>, de vida mesmo após o exílio: uns ele queimará, outros fustigará, outros mandará ser desmembrados por uma ofensa leviana; chamará à devassidão machos e fêmeas, e entre os vergonhosos bandos para a intemperança régia, será pouco satisfazer-se com dois ao mesmo tempo<sup>397</sup>. Ouviste o que te possa incitar, o que te pode dissuadir: portanto, ou navega ou resiste.’

[6] Depois desse aviso, se alguém tivesse dito que gostaria de entrar em Siracusa, poderia justamente se queixar de alguém a não ser de si, que não se achara nisso por acaso, mas viera prudente e conscientemente?

[7] Diz a nós todos a Natureza: ‘não engano ninguém. Tu, se gerares teus filhos, poderás tê-los formosos, e poderás tê-los deformados; talvez muitos te nascerão. Alguém dentre eles poderá ser tanto um salvador da pátria quanto um traidor. Não há razão para não esperares que venham a gozar de tamanha estima, de modo que ninguém ouse te maldizer por causa deles; prevê, porém, que também venham a gozar de tamanha desonra, que eles mesmos sejam insultos.

[8] Nada veta que eles prestem as homenagens fúnebres a ti e que nisso te elogiem os teus filhos, mas assim te prepares como para colocar na pira um menino, um jovem ou um ancião: pois os anos, neste caso, nada importam, visto que todo funeral que os pais acompanham é acerbo.’ Após a proposição desses preceitos, se geras filhos, isentas os deuses de toda raiva, os quais nada de certo garantiram a ti.

---

<sup>395</sup> Dionísio II, tirano de Siracusa no período de 367-357 a.C, filho de Dionísio I. Casou-se com sua meia-irmã (HORNBLLOWER, SPAWFORTH, 1999, p. 477)

<sup>396</sup> Dionísio concebeu uma paixão pela filosofia, encorajado por Platão e Dio. (HORNBLLOWER, SPAWFORTH, 1999, p. 477)

<sup>397</sup> É dito que Dionísio II foi encorajado à devassidão por seu pai. As referências são refutadas, bem como a imagem denegrada de déspota e tirano. (HORNBLLOWER, SPAWFORTH, 1999, p. 477)

## XVIII.

[1] Hanc imaginem aedum totius uitae introitum referamus. An Syracusas uiseres deliberanti tibi quicquid delectare poterat, quicquid offendere exposui; puta nascenti me tibi uenire in consilium:

[2] 'Intraturus es urbem diis hominibusque communem, omnia complexam, certis legibus aeternisque deuinctam, indefatigata caelestium officia uoluentem. Videbis illic innumerabiles stellas diuerse micare, uno sidere omnia impleri. Videbis solem cotidiano cursu diei noctisque spatia signantem, annuo aestates hiemesque aequali uice diudentem. Videbis nocturnam lunae successionem, a fraternis occursibus lene remissumque lumen mutuantem et modo occultam modo toto ore terris imminentem, accessionibus damnisque mutabilem, semper proximae dissimilem.

[3] Videbis quinque sidera diuersas agentia uias et in contrarium praecipiti mundo nitentia: ex horum leuissimis motibus fortunae populorum dependent et maxima ac minima proinde formantur prout aequum iniquumue sidus incessit. Miraberis collecta nubila et cadentis aquas et obliqua fulmina et caeli fragorem.

[4] Cum, satiatus<sup>398</sup> spectaculo supernorum, in terram oculos deieceris, excipiet te alia forma rerum aliterque mirabilis: hinc camporum *in infinitum patentium* fusa planities, hinc montium magnis et niualibus surgentium iugis erecti in sublime uertices; deiectus fluminum et ex uno fonte in Occidentem Orientemque diffusi amnes, et summis cacuminibus nemora nutantia et tantum siluarum cum suis animalibus auiumque concentu dissono;

---

<sup>398</sup> O uso do participío masculino sugere que a carta não é exclusivamente dirigida a Márcia.

**XVIII.**

[1] Eia, apliquemos este exemplo ao ingresso da vida inteira. Mostrei, se visitasses Siracusa, o que quer que te podia deleitar ao decidires, o que quer que podia ofender-te: imagina que eu venha a ti em conselho, enquanto nasces:

[2] ‘Estás para entrar na cidade comum aos deuses e aos homens, que une todas as coisas, ligada a leis certas e eternas, que faz transcorrer os deveres infatigáveis dos corpos celestes. Verás ali inumeráveis estrelas reluzirem de diversas formas, e tudo ser preenchido por um só astro. Verás o sol a marcar com o curso cotidiano a duração do dia e da noite, ele que divide com a alternância anual igualmente os verões e os invernos. Verás a sucessão noturna da lua, placidamente tomando emprestado dos encontros com o irmão a luz suave e o reflexo; e ora oculta, ora com a órbita inteira sobranceira às terras, mutável ao aproximar-se e ao diminuir, sempre distinta da vez anterior.

[3] Verás cinco planetas que percorrem órbitas divergentes e que brilham em sentido contrário ao céu veloz: dos mais leves movimentos desses dependem as Fortunas dos povos, e as coisas maiores e as menores são formadas, à medida que um planeta avançou propício ou adverso. Admirarás as nuvens acumuladas, as águas que caem, os raios sinuosos e o estrondo do céu.

[4] Quando, saciado pelo espetáculo dos céus, desviares teus olhos para a terra, uma outra forma das coisas, e diversamente admirável, te surpreenderá: de um lado, uma vasta planície de campos abertos ao infinito; de outro, vértices elevados ao alto, de montes que se alçam com grandes e nevados cimos; quedas de rios e largos cursos d’água provenientes de uma só fonte, correndo ao Ocidente e ao Oriente, e bosques que balançam nos mais altos cumes, e tamanha quantidade de florestas com seus animais e com o dissonante canto das aves;

[5] uarii urbium situs et seclusae nationes locorum difficultate, quarum aliae se in erectos subtrahunt montes, aliae ripis lacunalibus pauidae circumfunduntur; obruta fructu seges et arbusta sine cultore ferentia et riuorum lenis inter prata discursus et amoeni sinus et litora in portum recedentia; sparsae tot per uastum insulae, quae interuentu suo maria distinguunt.

[6] Quid lapidum gemmarumque fulgor et nitor rapidorum torrentium aurum harenis interfluens et in mediis terris medioque rursus mari aerae ignium faces, et uinculum terrarum Oceanus, continuationem gentium triplici sinu scindens et ingenti licentia exaestuans?

[7] Videbis hic inquietis et sine uento fluctuantibus aquis innare excedenti terrestria magnitudine animalia, quaedam graua et alieno se magisterio mouentia, quaedam uelocia et concitatis perniciores remigiis, quaedam haurientia undas et magno praenauigantium periculo efflantia; uidebis hic nauigia quas non nouere terras quaerentia. Videbis nihil humanae audaciae intentatum erisque et spectator et ipse pars magna conantium: disces docebisque artes alias quae uitam instruant, alias quae ornent, alias quae regant.

[8] Sed istic erunt mille corporum, animorum pestes, et bella et latrocinia et uenena et naufragia et intemperies caeli corporisque et carissimorum acerba desideria, et mors, incertum facilis an per poenam cruciatumque. Delibera tecum et perpende quid uelis: ut ad illa uenias, per illa exeundum est.' Respondebis uelle te uiuere: quidni? Immo, puto, ad id non accedes ex quo tibi aliquid decuti doles! Viue ergo ut conuenit. -Nemo, inquis, nos consuluit.- Consulti sunt de nobis parentes nostri, qui, cum condicionem uitae nossent, in hanc nos sustulerunt.

[5] várias localizações de cidades e nações isoladas pela dificuldade dos lugares, algumas das quais se retiram para os elevados montes, outras, temerosas, se circundam com margens, com um lago; a seara recoberta pelos frutos e os arbustos rendosos sem um cultivador; o suave curso dos riachos por entre os prados, agradáveis enseadas e praias que se afastam para o porto; tantas ilhas espalhadas pelo mar-alto, dividindo, por sua própria intercalação, os mares.

[6] E o fulgor das pedras preciosas e das gemas, e o esplendor das rápidas torrentes, o ouro correndo em mistura às areias, e os elevados feixes de fogo em meio à terra, e eventualmente em meio ao mar, e o Oceano, ligação das terras que cinde a continuidade dos povos em três baías e agita com enorme arrebatamento?

[7] Verás aqui, nas águas inquietas e que flutuam sem vento, nadarem animais cuja magnitude excede os terrestres, alguns pesados e que se movem por direção alheia, outros velozes e mais ágeis do que remadores impetuosos, outros que sorvem as ondas e as expõem com grande perigo para os que navegam por perto; verás aqui navios que buscam terras desconhecidas. Verás que não há nada que não tenha sido tentado pela ousadia humana e serás tu mesmo tanto espectador quanto parte significativa dos que tentam: aprenderás e ensinarás artes, umas que instruem a vida, outras que a adornem, outras que a governem.

[8] Mas ali mesmo estarão milhares de pestes dos corpos e dos espíritos, e guerras, roubos, venenos, naufrágios e intempéries do clima e do corpo, as perdas acerbadas dos mais caros e a morte, sendo incerto se será fácil ou por meio de um castigo excruciante. Delibera contigo e examina o que queres: para que chegues àquelas coisas, é necessário passar por estas.' Responderás que queres viver: por que não? Pelo contrário, penso, não buscarás algo por que sofras se uma parte te foi tirada! Vive, então, como convém – Ninguém, dizes, nos consultou.– Consultaram sobre nós nossos pais, os quais, cientes das condições da vida, para ela nos geraram.

**XIX.**

[1] Sed, ut ad solacia ueniam, uideamus primum quid curandum sit, deinde quemadmodum. Mouet lugentem desiderium eius quem dilexit. Id per se tolerabile esse apparet: absentes enim afuturosque dum uiuent non flemus, quamuis omnis usus nobis illorum cum aspectu ereptus sit. Opinio est ergo quae nos cruciat, et tanti quodque malum est, quanti illud taxauimus. In nostra potestate remedium habemus: iudicemus illos abesse et nosmet ipsi fallamus. Dimisimus illos, immo consecuturi praemisimus.

[2] Mouet et illud lugentem: 'Non erit qui me defendat, qui a contemptu uindictet.' Vt minime probabili, sed uero solacio utar, in ciuitate nostra plus gratiae orbitas confert quam eripit, adeoque senectutem solitudo, quae solebat destruere, ad potentiam ducit, ut quidam odia filiorum simulent et liberos eiurent et orbitatem manu faciant.

[3] Scio quid dicas: 'non mouent me detrimenta mea.' Etenim non est dignus solacio qui filium sibi decessisse sicut mancipium moleste fert, cui quicquam in filio respicere praeter ipsum uacat. Quid igitur te, Marcia, mouet? utrum quod filius tuus decessit, an quod non diu uixit? Si quod decessit, semper debuisti dolere: semper enim scisti moriturum.

[4] Cogita nullis defunctum malis affici, illa quae nobis inferos faciunt terribiles fabulas esse, nullas imminere mortuis tenebras, nec carcerem, nec flumina igne flagrantia, nec Obluionem amnem, nec tribunalia et reos et in illa libertate tam laxa ullos iterum tyrannos: luserunt ista poetae et uanis nos agitauere terroribus.

**XIX.**

[1] Mas, para que eu chegue até os consolos, primeiramente vejamos o que deve ser tratado, depois de que modo. Comove aquele que está em luto a saudade de quem ele amou. Isso por si só é evidente que é tolerável; de fato não choramos pelos ausentes ou pelos que estarão ausentes enquanto viverem, embora toda relação de amizade nos tenha sido tirada com a visão deles; a nossa suposição é, portanto, o que nos tortura, e cada mal é de tanta importância quanto nós o avaliamos. Em nosso poder temos o remédio: julguemos que estão ausentes e enganemos a nós mesmos; nós os expedimos, ou melhor, enviamos previamente para segui-los.

[2] Também isto comove aquele que chora: ‘Não haverá quem me defenda, quem me liberte do desprezo’. Para que eu tenha como consolo, bem pouco louvável, mas verdadeiro: na nossa sociedade, a perda traz mais benefícios do que tira, a tal ponto que a solidão, que costumava destruir a velhice, a conduz ao poder, que alguns finjam ódio aos filhos e neguem-nos, e provoquem a perda com as próprias mãos.

[3] Sei o que dirás: ‘minhas próprias perdas não me comovem’. Na realidade, não é digno de consolo aquele que suporta com relutância ter perdido um filho, como se houvesse perdido um servo, aquele que carece de ver, no filho, qualquer coisa além dele próprio. O que, pois, te comove, Márcia? O fato de que faleceu o teu filho, ou que ele não viveu por longo tempo? Se o fato de que faleceu, sempre devias sofrer: pois sempre soubeste que morreria.

[4] Pensa que o morto não é afligido por mal algum, que são histórias aquilo que a nós faz os infernos serem terríveis, que nenhuma treva ameaça os mortos, nem o cárcere, nem rios flamejantes de fogo, nem as águas do Esquecimento, nem os tribunais e réus, nem quaisquer tiranos de novo naquela tão vasta liberdade: os poetas cantaram essas coisas e com vãos terrores nos atormentaram.



[5] Mors dolorum omnium exsolutio est et finis ultra quem mala nostra non exeunt; quae nos in illam tranquillitatem, in qua antequam nasceremur iacuimus, reponit. Si mortuorum aliquis miseretur, et non natorum misereatur. Mors nec bonum nec malum est; id enim potest aut bonum aut malum esse quod aliquid est; quod uero ipsum nihil est et omnia in nihilum redigit, nulli nos fortunae tradit: mala enim bonaque circa aliquam uersantur materiam. Non potest id fortuna tenere quod natura dimisit, nec potest miser esse qui nullus est.

[6] Excessit filius tuus terminos intra quos seruitur, excepit illum magna et aeterna pax. Non paupertatis metu, non diuitiarum cura, non libidinis per uoluptatem animos corrumpentis stimulis incessitur; non inuidia felicitatis alienae tangitur, non suae premitur; ne conuiciis quidem ullis uerecundae aures uerberantur. Nulla publica clades prospicitur, nulla priuata. Non sollicitus futuri pendet ex euentu semper incertiora spondente. Tandem ibi constitit, unde nil eum pellat, ubi nihil terreat.

[5] A morte é a liberação de todas as dores e o fim além do qual nossos males não passam; é a que nos restaura àquela tranquilidade na qual jazíamos antes de nascer.<sup>399</sup> Se alguém se compadece dos mortos, que se compadeça dos que não nasceram. A morte não é nem um bem nem um mal; isto é, pode ser algo bom ou mau o que é alguma coisa; mas, o que por si mesmo não é nada e tudo reconduz ao nada, não nos traz a nenhuma Fortuna: pois o que é mau e o que é bom retornam a algum ponto<sup>400</sup>. Não pode a Fortuna dominar aquilo que a natureza deixou, nem pode ser infeliz aquele que não é nada.

[6] Teu filho excedeu os limites da servidão, uma grande e eterna paz o recebeu. Não é afligido pelo medo da pobreza, pelo afã da riqueza, pelos estímulos libidinosos que corrompem o espírito pelo desejo; não é tocado pela inveja da felicidade alheia, nem pressionado pela sua própria; nem mesmo seus ouvidos modestos são insultados com xingamentos. Não vê desgraça pública alguma, nem privada. Não, preocupado com o futuro, depende de eventos a garantirem algo sempre um tanto incerto. Finalmente, ali se firmou, de onde nada pode expulsá-lo, onde nada o aterroriza.

---

<sup>399</sup> Essa passagem invoca novamente o conceito estoico da conflagração universal, onde o cosmos se destrói e se renova continuamente, se transformando por meio do fogo. Gauly (2014, p. 371) ainda chama a atenção para o fato de que a consolação, nessa passagem, concentra-se nas imagens da natureza para mostrar que esse processo ocorre em todas as partes do mundo e universo.

<sup>400</sup> Similarmente, aponta esse pensamento em uma carta: “A morte é o não ser. O que é a morte, eu sei: será depois de mim o que antes de mim foi.” (*Epistulae morales*, LIV, 4)

## XX.

[1] O ignaros malorum suorum, quibus non mors ut optimum inuentum naturae laudatur expectaturque, siue felicitatem includit, siue calamitatem repellit, siue satietatem ac lassitudinem senis terminat, siue iuuenile aeuum, dum meliora sperantur, in flore deducit, siue pueritiam ante duriores gradus reuocat, omnibus finis, multis remedium, quibusdam uotum, de nullis melius merita quam de iis ad quos uenit antequam inuocaretur!

[2] Haec seruitutem inuito domino remittit; haec captiuorum catenas leuat; haec e carcere educit quos exire imperium inpotens uetuerat; haec exsulibus in patriam semper animum oculosque tendentibus ostendit nihil interesse infra quos quis iaceat; haec, ubi res communes fortuna male diuisit et aequo iure genitos alium alii donauit, exaequat omnia. Haec est post quam nihil quisquam alieno fecit arbitrio; haec est in qua nemo humilitatem suam sensit; haec est quae nulli non patuit; haec est, Marcia, quam pater tuus concupit. Haec est, inquam, quae efficit ut nasci non sit supplicium, quae efficit ut non concidam aduersus minas casuum, ut seruare animum saluum ac potentem sui possim: habeo quod appellem.

[3] Video istic cruces, non unius quidem generis sed aliter ab aliis fabricatas: capite quidam conuersos in terram suspendere, alii per obscena stipitem egerunt, alii brachia patibulo explicuerunt; uideo fidiculas, uideo uerbera; et singulis articulis singula texuerunt machinamenta. Sed uideo et mortem. Sunt istic hostes cruenti, ciues superbi: sed uideo istic et mortem. Non est molestum seruire, ubi, si dominii pertaesum est, licet uno gradu ad libertatem transire. Caram te, uita, beneficio mortis habeo.

[4] Cogita quantum boni opportuna mors habeat, quam multis diutius uixisse nocuerit. Si Gnaeum Pompeium, decus istud firmamentumque imperii, Neapoli ualetudo abstulisset, indubitus populi Romani princeps excesserat: at nunc exigui temporis adiectio *fastigio* illum suo depulit: uidit legiones in conspectu suo caesas et ex illo proelio in quo prima acies senatus fuit, quae infelices reliquiae sunt, ipsum imperatorem superfuisse; uidit Aegyptium carnificem et sacrosanctum uictoribus corpus satelliti praestitit, etiam si incolumis fuisset paenitentiam salutis acturus: quid enim erat turpius quam Pompeium uiuere beneficio regis?

## XX.

[1] Oh, ignorantes dos seus males, por quem a morte, como a melhor criação da natureza, não é elogiada nem esperada, quer introduza a felicidade ou rechace a calamidade, quer termine o desgosto e a lassidão da velhice, quer subtraia os anos juvenis em flor – enquanto se esperam eventos melhores –, quer reclame a infância antes dos passos mais duros; para todos, o fim, para muitos, remédio, para alguns um desejo, de ninguém mais digna de receber louvores do que daqueles aos quais vem antes de ser invocada!

[2] Ela retira a servidão contra a vontade do senhor; ela remove as correntes dos cativos; ela conduz para fora do cárcere aqueles que uma ordem tirânica impedira de sair; ela mostra aos exilados, que sempre dirigem os olhos e o espírito à pátria, que não importa abaixo de qual solo se jaz; quando a Fortuna dividiu mal as coisas comuns e deu domínio de um sobre o outro, ainda que nascidos com o mesmo direito, ela tudo iguala. É aquela após a qual ninguém fez algo por vontade alheia; é aquela na qual ninguém sentiu a própria humildade; é aquela que se expôs a todos; é aquela, Márcia, que teu pai almejou. É aquela, digo, que faz com que nascer não seja um suplício, que faz com que eu não tombe diante dos problemas, que eu possa conservar o espírito salvo e sob seu poder: tenho a quem apelar.

[3] Vejo ali torturas, não de um só tipo mas sem dúvida fabricadas de várias formas por vários homens: alguns suspenderam indivíduos virados de cabeça para o chão, outros fincaram uma estaca pelo ânus, outros estenderam os braços em uma cruz; vejo cordas de tortura, vejo chicotes; e para cada membro conceberam peculiar instrumento de tortura. Mas também vejo a morte. Estão ali inimigos cruentos, cidadãos arrogantes: mas também vejo ali a morte. Não é molesto servir quando, caso se esteja desgostoso do senhor, é permitido, com um único passo, ir em direção à liberdade. Eu te considero cara, ó vida, pelo benefício da morte.

[4] Pensa no quão bom é a morte propícia, a quantos prejudicou ter vivido por longo tempo. Se a enfermidade houvesse arrebatado em Nápoles Cneu Pompeu<sup>401</sup>, aquela honra e alicerce do Império, seguramente teria morrido como homem mais importante do povo romano: mas, agora, a adição de um exíguo tempo o afastou do seu fastígio: viu as legiões massacradas diante de seus olhos, e daquela batalha, em que o senado atuou na linha de frente – que infelizes são as relíquias! –, ter restado o próprio general; viu o carrasco egípcio e ofereceu ao guarda o corpo sacrossanto para os vitoriosos; mesmo que tivesse ficado incólume, haveria de arrepender-se de sua salvação: o que, pois, seria mais torpe do que Pompeu viver por benefício de um rei?

---

<sup>401</sup> Cneu Pompeu Magno, político romano da república e três vezes cônsul, participou do Primeiro Triunvirato e lutou contra César pela liderança de Roma, após estabelecer aliança com os *optimates*. Foi derrotado na Batalha de Farsalos, e foi assassinado no Egito em 48 a.C. (HORNBLLOWER, SPAWFORTH, 1999, p. 1215)

[5] M. Cicero, si illo tempore quo Catilinae sicas deuitauit, quibus pariter cum patria petitus est, concidisset, si, liberata re publica, seruator eius, si denique filiae suae funus secutus esset, etiamtunc felix mori potuit: non uidisset strictos in ciuilia capita mucrones nec diuisa percussoribus occisorum bona, ut etiam de suo perirent, non hastam consularia spolia uendentem nec caedes, nec locata publice latrocinia, bella, rapinas, tantum Catilinarum.

[6] M. Catonem si a Cypro et hereditatis regiae dispensatione redeuntem mare deuorasset, uel cum illa ipsa pecunia quam afferebat ciuili bello stipendium, nonne illi bene actum foret? Hoc certe secum tulisset, neminem ausurum coram Catone peccare. Nunc annorum adiectio paucissimorum uirum libertati non suae tantum, sed publicae natum coegit Caesarem fugere, Pompeium sequi. Nihil ergo illi mali immatura mors attulit: omnium etiam malorum remisit patientiam.

[5] M. Cícero, se tivesse sucumbido naquele tempo em que se furtou aos punhais de Catilina<sup>402</sup>, com os quais foi atacado da mesma forma que a pátria; se, liberta a república, como salvador dela; se, por fim, houvesse seguido sua filha<sup>403</sup> na morte, ainda então teria podido morrer feliz: não teria visto armas sacadas contra as cabeças dos cidadãos, nem os bens dos mortos divididos entre os assassinos, para que morressem por si mesmos, nem os espólios consulares sendo vendidos em leilão público, nem carnificinas, nem latrocínios estabelecidos publicamente, guerras, rapinas, outros tantos Catilinas.

[6] Se o mar tivesse devorado M. Catão<sup>404</sup> em retorno do Chipre e da distribuição de uma herança régia, ou com o próprio dinheiro que trazia como contribuição para a guerra civil, acaso não lhe teria sido bem realizado? Certamente, teria levado isto consigo: ninguém ousar incorrer em uma falta diante de Catão. Agora, a adição de pouquíssimos anos induziu o homem, nascido não somente para sua liberdade, mas ainda para a pública, a abandonar César e a seguir Pompeu. Logo, nada de mau a morte prematura trouxe ao teu: ainda, afastou o sofrimento de todos os males.

---

<sup>402</sup> Cícero denunciou Catilina e escreveu um conjunto de quatro discursos, os mais célebres de sua carreira. Neles, expôs a corrupção e os planos subversivos de Catilina, ao passo que justificou sua decisão de uma execução sem julgamento. (CONTE, 1999, p. 181)

<sup>403</sup> Cícero perdeu sua filha Túlia, e escreveu uma consolação a si mesmo, uma obra que não se preservou.

<sup>404</sup> Marco Pórcio Catão Uticense foi um político romano do século I a.C., célebre por seus discursos e conhecido por se opor a Júlio César e por seguir a doutrina estoica, tendo inclusive se suicidado após a vitória de César na Batalha de Tapso. (HORNBLLOWER, SPAWFORTH, 1999, p. 1225)

**XXI.**

[1] -Nimis tamen cito periit et immaturus.- Primum puta illi superfuisse... comprehendere quantum plurimum procedere homini licet: quantum est? Ad breuissimum tempus editi, cito cessuri loco uenienti impacato, hoc prospicimus hospitium. De nostris aetatibus loquor, quas incredibili celeritate conuolui constat. Computa urbium saecula: uidebis quam non diu steterint etiam quae uetustate gloriantur. Omnia humana breuia et caduca sunt et infiniti temporis nullam partem occupantia.

[2] Terram hanc cum urbibus populisque et fluminibus et ambitu maris puncti loco ponimus, ad uniuersa referentes: minorem portionem aetas nostra quam puncti habet, si omni tempori comparetur, cuius maior est mensura quam mundi, utpote cum ille se intra huius spatium totiens remetiatur. Quid ergo interest id extendere, cuius quantumcumque fuerit incrementum non multum aberit a nihilo? Vno modo multum est quod uiuimus: si satis est.

[3] Licet mihi uiuaces et in memoriam traditae senectutis uiros nomines, centenos denosque percenseas annos: cum ad omne tempus dimiseris animum, nulla erit illa breuissimi longissimique aeuī differentia, si, inspecto quanto quis uixerit spatio, comparaueris quanto non uixerit.

[4] Deinde sibi maturus decessit: uixit enim quantum debuit uiuere; nihil illi iam ultra supererat. Non una hominibus senectus est, ut ne animalibus quidem: intra quattuordecim quaedam annos defetigauit, et haec illis longissima aetas est, quae homini prima. Dispar cuique uiuendi facultas data est.

[5] Nemo nimis cito moritur, quia uicturus diutius quam uixit non fuit. Fixus est cuique terminus; manebit semper ubi positus est nec illum ulterius diligentia aut gratia promouebit. Sic habe, te illum aeterno diuinae mentis ex consilio perdidisse: tulit suum

*metasque dati peruenit ad aeuī.*

## XXI.

[1] Entretanto, morreu muito antes da hora, e prematuro. – Primeiramente, pensa que ele sobreviveu... entende a maior quantia de anos que é permitido aos homens envelhecer: quanto é? Gerados para um brevíssimo tempo, prestes a ceder precocemente o lugar imparável ao que virá depois, guardamos esta paragem. Falo sobre os nossos anos, que, como é claro, se desenrolam com extraordinária celeridade. Estima os séculos das cidades: verás quão pouco permaneceram, até mesmo aquelas que se vangloriam da longa existência. Todas as coisas humanas são breves e frágeis, ocupando uma parte insignificante do tempo infinito.

[2] Comparando com o todo, avaliamos esta terra, com as cidades, povos, rios e com o contorno do mar, como um ponto; nosso lapso de vida abrange porção menor que um ponto caso se compare com todo o tempo, cuja medida é maior do que a do universo, dado que este se repete tantas vezes no espaço temporal. Em que, por conseguinte, importa estender aquilo cujo incremento, por maior que seja, não estará muito distante do nada? Um só modo há para que vivamos muito: se é o suficiente.

[3] Convém que me elenques homens longevos e de uma senectude memorável, que enumeres homens de cento e dez anos: quando voltares teu espírito para a eternidade, essa diferença entre a brevíssima e a longuíssima existência não será nada, se, examinado quanto tempo alguém viveu, comparares com quanto não viveu.

[4] Depois, morreu no tempo correto para si: viveu, pois, o quanto deveu viver; nada lhe restava além disso. A velhice não é uma só para os homens, como não é, certamente, para os animais: a alguns, consumiu em quatorze anos e, para eles, é longuíssima essa idade, sendo o início para o homem. A cada um foi dada uma capacidade singular de viver.

[5] Ninguém morre muito cedo, porque não haveria de viver mais tempo que viveu. Um limite foi estabelecido a cada um; permanecerá sempre onde foi posto e não o moverá mais além a prudência ou a graça. Saiba isto, que pelo propósito eterno da mente divina o perdeste: suportou o que lhe pertencia

*e atingiu as metas do tempo dado.*<sup>405</sup>

---

<sup>405</sup> Referência à *Eneida*, canto X, 472



[6] Non est itaque quod sic te oneres: 'Potuit diutius uiuere'. Non est interrupta eius uita, nec umquam se annis casus intericit. Soluitur quod cuique promissum est; eunt uia sua fata, nec adiciunt quicquam nec ex promisso semel demunt. Frustra uota ac studia sunt: habebit quisque quantum illi dies primus adscripsit. Ex illo quo primum lucem uidit, iter mortis ingressus est accessitque fato propior, et illi ipsi qui adiciebantur adulescentiae anni uitae detrahebantur.

[7] In hoc omnes errore uersamur, ut non putemus ad mortem nisi senes inclinatosque iam uergere, cum illo infantia statim et iuuenta et omnis aetas ferat. Agunt opus suum fata: nobis sensum nostrae necis auferunt, quoque facilius obrepat, mors sub ipso uitae nomine latet: infantiam in se pueritia conuertit, pueritiam pubertas, iuuenem senex abstulit. Incrementa ipsa, si bene computes, damna sunt.

## **XXII.**

[1] Quereris, Marcia, non tam diu filium tuum uixisse quam potuisset. Vnde enim scis an diutius illi expedierit uiuere, an illi hac morte consultum sit? Quemquam inuenire hodie potes, cuius res tam bene positae fundataeque sint ut nihil illi procedente tempore timendum sit? Labant humana ac fluunt, neque ulla pars uitae nostrae tam obnoxia aut tenera est quam quae maxime placet; ideoque felicissimis optanda mors est, quia in tanta inconstantia turbaque rerum nihil nisi quod praeterit certum est.

[6] Não há, portanto, por que assim te molestes: 'Poderia viver mais'. Não foi interrompida a vida dele, nem em momento algum se interpôs o acaso aos anos. É pago o que foi prometido a cada um; o destino segue seu curso e não adiciona, nem subtrai, coisa alguma daquilo que uma vez foi prometido. Em vão são as promessas e a devoção: cada um terá tudo quanto o primeiro dia lhe atribuiu. Desde que viu pela primeira vez a luz, foi iniciado no percurso da morte e chegou mais perto do destino, e os próprios anos, que lhe eram acrescentados à juventude, eram retirados da vida.

[7] Neste erro todos incorremos: não pensamos que estão propensos à morte exceto os velhos e os abatidos, quando a infância, a juventude e toda idade logo levam a isso. O destino faz seu trabalho: retira de nós o pensamento da nossa morte, e, para que também se insinue com mais facilidade, a morte se oculta sob o próprio nome de vida: a puerícia rouba em si a infância; a puberdade, a puerícia; e o velho subtrai o jovem. Os próprios crescimentos, se pensas bem, são perdas.

## **XXII.**

[1] Lamentas, Márcia, que teu filho não tenha vivido tanto tempo quanto poderia. Como, de fato, sabes se lhe seria conveniente viver por maior tempo, ou se esta morte lhe foi um desígnio divino? Podes, hoje, encontrar alguém cujos assuntos estejam tão bem determinados e consolidados que nada lhe deva ser temido, com a passagem do tempo? Cambaleiam e se esvaem os assuntos humanos, e nenhuma parte da nossa vida é tão vulnerável ou fraca quanto aquela que mais apraz; por isso, a morte deve ser desejada pelos mais felizes, pois, entre tamanha inconstância e perturbação dos eventos, nada, senão o que passou, é certo.

[2] Quis tibi recipit illud filii tui pulcherrimum corpus et summa pudoris custodia inter luxuriosae urbis oculos conseruatum potuisse tot morbos ita euadere, ut ad senectutem illaesum perferret formae decus? Cogita animi mille labes; neque enim recta ingenia qualem in adulescentia spem sui fecerant usque in senectutem pertulerunt, sed interuersa plerumque sunt: aut sera eoque foedior luxuria inuasit coepitque dehonestare speciosa principia, aut in popinam uentremque procubuerunt toti summaque illis curarum fuit quid essent, quid biberent.

[3] Adice incendia, ruinas, naufragia, lacerationesque medicorum ossa uiuis legentium et totas in uiscera manus demittentium et non per simplicem dolorem pudenda curantium. Post haec exsilium: non fuit innocentior filius tuus quam Rutilius; carcerem: non fuit sapientior quam Socrates; uoluntario uulnere transfixum pectus: non fuit sanctior quam Cato. Cum ista perspexeris, scies optime cum iis agi, quos natura, quia illos hoc manebat uitae stipendium, cito in tutum recepit. Nihil est tam fallax quam uita humana, nihil tam insidiosum; non mehercules quisquam illam accepisset, nisi daretur inscientibus. Itaque, si felicissimum est non nasci, proximum est, puto, breui aetate defunctos cito in integrum restitui.

[4] Propone illud acerbissimum tibi tempus, quo Seianus patrem tuum clienti suo Satrio Secundo congiarium dedit. Irascebatur illi ob unum aut alterum liberius dictum, quod tacitus ferre non potuerat Seianum in ceruices nostras ne imponi quidem, sed escendere. Decernebatur illi statua in Pompei theatro ponenda, quod exustum Caesar reficiebat: exclamauit Cordus tunc uere theatrum perire.

[2] Quem te assegura que aquele corpo do teu filho, belíssimo e conservado pela suma custódia do pudor em meio aos olhos de uma cidade devassa, pudesse salvar-se de tantas enfermidades, de modo que a graça de sua imagem chegasse ilesa à velhice? Pensa nos mil defeitos do espírito; certamente, nem as boas índoles levaram até a senectude a esperança tal qual a suscitaram de si na juventude, mas, na maior parte das vezes, foram desviadas: ou tomou conta uma luxúria tardia e mais funesta e começou a desonrar os ilustres princípios, ou se inclinaram completamente à bebedeira e ao ventre, e a maior preocupação foi, para eles, o que comeriam, o que beberiam.

[3] Acrescenta os incêndios, as ruínas, os naufrágios e os cortes dos médicos que extraem os ossos dos vivos e que inserem as mãos completamente nas vísceras, e que curam as partes pudendas por meio de uma dor complexa. Após isso, o exílio: teu filho não foi mais inocente que Rutílio<sup>406</sup>; o cárcere: não foi mais sábio que Sócrates; o peito trespassado por um golpe voluntário: não foi mais íntegro que Catão. Quando tiveres examinado cuidadosamente essas coisas, saberás ter agido a natureza muito bem com aqueles que logo acolheu em segurança, pois tal tributo da vida os aguardava. Nada é tão enganoso quanto a vida humana, nada tão insidioso; por Hércules, ninguém a teria recebido, se não fosse dada a um insciente. Assim, se não nascer é a maior felicidade, é muito próximo, penso, ser restituído celeremente à forma original, morrendo com pouca idade.

[4] Lembra-te daquele tempo acerbíssimo, no qual Sejano entregou como presente teu pai a seu cliente, Sátrio Secundo. Enfurecia-se com ele por um ou outro dito mais licencioso, porque não pudera suportar quieto que Sejano fosse imposto sobre nossa cerviz, nem sequer que ele próprio subisse. Tinha sido estabelecido que uma estátua deveria ser erigida a ele no teatro em Pompeu, o qual César refez depois de consumido pelo fogo: Cordo exclamou que, então, o teatro estava realmente destruído.<sup>407</sup>

---

<sup>406</sup> Rutílio Rufo (160 a.C.), político e estoico, condenado ao exílio em 92 a.C. por controlar o trabalho dos *publicani*. Escreveu nesse período uma autobiografia. (HORNBLLOWER, SPAWFORTH, 1999, p. 1340)

<sup>407</sup> Referência ao incêndio ocorrido em 22 d.C (TÁCITO, *Annales*, 3,72), em que o teatro de Pompeu foi incendiado. Nessa ocasião, Tibério homenageia Sejano por seus serviços para impedir que o incêndio se espalhasse e tomasse maiores proporções, decretando que uma estátua fosse erigida em um dos prédios restaurados. Segundo Sêneca, Cremúcio Cordo criticou essa atitude. (MANNING, 1981, p. 126)

[5] Quid ergo? non rumperetur supra cineres Cn. Pompei constitui Seianum et in monumentis maximi imperatoris consecrari perfidum militem! Consignatur subscriptio, et acerrimi canes, quos ille, ut sibi uni mansuetos, omnibus feros haberet, sanguine humano pascebat, circumlatrare hominem etiamtum imperturbatum incipiunt.

[6] Quid faceret? Si uiuere uellet, Seianus rogandus erat, si mori, filia, uterque inexorabilis. Constituit filiam fallere. Vsus itaque balineo, quo plus uirium poneret, in cubiculum se quasi gustaturus contulit et, dimissis pueris, quaedam per fenestram, ut uideretur edisse, proiecit; a cena deinde, quasi iam satis in cubiculo edisset, abstinuit. Altero quoque die et tertio idem fecit. Quartus ipsa infirmitate corporis faciebat indicium. Complexus itaque te: 'Carissima, inquit, filia et hoc unum tota celata uita, iter mortis ingressus sum et iam medium fere teneo; reuocare me nec debes nec potes.' Atque ita iussit lumen omne praecludi et se in tenebras condidit.

[7] Cognito consilio eius, publica uoluptas erat, quod e faucibus auidissimorum luporum educeretur praeda. Accusatores, auctore Seiano, adeunt consulum tribunalia; queruntur mori Cordum ut interpellarent quod coeperant: adeo illis Cordus uidebatur effugere. Magna res erat in quaestione, *an mortem rei perderent*. Dum deliberatur, dum accusatores iterum adeunt, ille se absoluerat.

[8] Videsne, Marcia, quantae iniquorum temporum uices ex inopinato ingruant? Fles, quod alicui tuorum mori necesse fuit: alicui paene non licuit.

[5] E então? não se exaltaria porque Sejano era posto sobre as cinzas de Gn. Pompeu e, no monumento do maior general, era consagrado um pérfido soldado! Foi montada uma acusação, e os cães muito violentos que ele alimentava com sangue humano, para que a si somente fossem mansos, aos outros os tivesse ferozes, começam a ladrar em torno do homem, ainda assim imperturbado.

[6] O que deveria fazer? Se quisesse viver, deveria rogar a Sejano, se morrer, à filha, ambos inexoráveis. Decidiu enganar a filha. Tendo-se banhado para gastar mais forças, recolheu-se ao quarto como que para comer e, tendo despedido os jovens escravos, lançou parte pela janela, a fim de parecer ter comido; depois, absteve-se do jantar, como se já o suficiente tivesse comido no quarto. No segundo dia e no terceiro, fez a mesma coisa. O quarto, com a própria debilidade do corpo, dava indício. Abraçando-te, assim, disse: ‘Caríssima filha, esta é a única coisa ocultada de ti em toda a minha vida: ingressei no caminho da morte e agora estou quase na metade; resgatar-me não deves, nem podes’. E assim, ordenou que toda luz fosse obstruída e se escondeu na escuridão.

[7] Sabido o propósito dele, a satisfação era geral, por ser retirada a presa das mandíbulas de avidíssimos lobos. Os acusadores, sendo Sejano instigador, vão ao tribunal dos cônsules; reclamam que Cordo morreu, para que interrompessem o que começaram: a tal ponto Cordo parecia, a eles, fugir. Estava em questão algo importante, se perderiam o direito à morte de um réu. Enquanto se deliberava, enquanto os acusadores novamente se apresentavam, ele se libertara.

[8] Vês, Márcia, quantas vicissitudes dos tempos iníquos se abatem inesperadamente? Choras, porque foi necessário que um dos teus morresse: a outro quase não foi permitido.

**XXIII.**

[1] Praeter hoc, quod omne futurum incertum est et ad deteriora certius, facillimum ad superos iter est animis cito ab humana conuersatione dimissis: minimum enim faecis pondus traxerunt. Antequam obdurescerent et altius terrena conciperent liberati, leuiiores ad originem suam reuolant et facilius quicquid est illud obsoleti inlitique eluunt.

[2] Nec umquam magis ingeniis cara in corpore mora est: exire atque erumpere gestiunt, aegre has angustias ferunt, uagari per omne sublimes et ex alto assueti humana despiciere. Inde est quod Platon clamat: sapientis animum totum in mortem prominere, hoc uelle, hoc meditari, hac semper cupidine ferri, in exteriora tendentem.

[3] Quid? tu, Marcia, cum uideres senilem in iuvene prudentiam, uictorem omnium uoluptatum animum, emendatum, carentem uitio, diuitias sine auaritia, honores sine ambitione, uoluptates sine luxuria appetentem, diu tibi putabas illum sospitem posse contingere? Quicquid ad summum peruenit ab exitu prope est. Eripit se aufertque ex oculis perfecta uirtus, nec ultimum tempus expectant quae in primo maturuerunt.

[4] Ignis, quo clarior fulsit, citius extinguitur; uiuacior est qui cum lenta ac difficili materia commissus fumoque demersus ex sordido lucet; eadem enim detinet causa, quae maligne alit. Sic ingenia, quo illustriora, breuiora sunt; nam ubi incremento locus non est, uicinus occasus est.

[5] Fabianus ait, id quod nostri quoque parentes uidere, puerum Romae fuisse staturae ingentis, uidentem; sed hic cito decessit, et moriturum breui nemo non prudens dixit: non poterat enim ad illam aetatem peruenire, quam praeceperat. Ita est: indicium imminentis exitii nimia maturitas est; appetit finis, ubi incrementa consumpta sunt.

**XXIII.**

[1] Ademais, porque todo futuro é incerto e mais certo para situações piores, é fácilimo o caminho aos deuses para os espíritos que de pronto renunciaram às companhias humanas: certamente, carregaram o mínimo peso da escória. Libertados antes que se insensibilizassem e se manchassem ainda mais profundamente pelas coisas terrenas, tornam a voar mais leves para a sua origem, e mais facilmente se purificam daquilo que é obsoleto e impuro.

[2] Nunca, aos de grande caráter, é cara a demora no corpo; impacientam-se por sair e irromper, tais angústias penosamente suportam, acostumados a vagar sublimes pelo universo e a menosprezar do alto o que é humano. É daí que Platão proclama que o espírito do sábio se dirige inteiro para a morte, isso ele deseja, sobre isso medita, é levado sempre por esse desejo, inclinando-se para as coisas externas.

[3] O quê? Tu, Márcia, vendo a prudência senil em um jovem, um espírito vencedor de todos os desejos, sem defeitos, isento de vício, desejando riquezas sem avareza, honras sem ambição, prazeres sem luxúria, pensavas que poderias mantê-lo a salvo, por muito tempo? Tudo aquilo que chega ao ponto máximo está perto do fim. A perfeita virtude escapa e se distancia dos olhos, e as coisas que amadurecem prematuramente não esperam o último momento.

[4] O fogo, quanto mais claro fulgura, mais brevemente é extinto; é mais vivaz aquele que, unido a uma madeira lenta e difícil de queimar e submerso na fumaça, brilha na treva; pois a mesma causa, que a custo alimenta a chama, a conserva. Assim, as vidas talentosas, quanto mais nobres, mais breves são; pois, onde não há espaço para crescimento, a morte está próxima.

[5] Fabiano conta aquilo que viram também nossos pais, haver em Roma um menino de grande estatura, com força célebre; mas ele morreu de maneira prematura, e toda pessoa sensata disse que ele logo haveria de morrer: não poderia, pois, chegar àquela idade que já tinha alcançado. E assim é: demasiada maturidade indica morte iminente; aproxima-se o fim, quando as evoluções se dissipam.



**XXIV.**

[1] Incipe uirtutibus illum, non annis aestimare: satis diu uixit. Pupillus relictus sub tutorum cura usque ad quartum decimum annum fuit, sub matris tutela semper. Cum haberet suos penates, relinquere tuos noluit et in materno contubernio, cum uix paternum liberi ferunt, perseuerauit adulescens. Statura, pulchritudine, latere castris natus, militiam recusauit, ne a te discederet.

[2] Computa, Marcia, quam raro liberos uideant quae in diuersis domibus habitant; cogita tot illos perire annos matribus et per sollicitudinem exigi, quibus filios in exercitu habent: scies multum patuisse hoc tempus, ex quo nil perdidisti. Numquam e conspectu tuo recessit; sub oculis tuis studia formauit excellentis ingenii et aequaturi auum, nisi obstitisset uerecundia, quae multorum profectus silentio pressit.

[3] Adulescens rarissimae formae in tam magna feminarum turba uiros corrumpentium nullius se spei praebuit, et, cum quarundam usque ad tentandum peruenisset improbitas, erubuit, quasi peccasset, quod placuerat. Hac sanctitate morum effecit ut, puer admodum, dignus sacerdotio uideretur, materna sine dubio suffragatione, sed ne mater quidem nisi pro bono candidato ualuisset.

[4] Harum contemplatione uirtutum filium gere quasi sinu! Nunc ille tibi magis uacat, nunc nihil habet quo auocetur; numquam tibi sollicitudini, numquam maerori erit. Quod unum ex tam bono filio poteras dolere, doluisti; cetera, exempta casibus, plena uoluptatis sunt, si modo uti filio scis, si modo quid in illo pretiosissimum fuerit intellegis.

[5] Imago dumtaxat filii tui periit et effigies non simillima; ipse quidem aeternus meliorisque nunc status est, despoliatus oneribus alienis et sibi relictus. Haec quae uides circumdata nobis, ossa, neruos et obductam cutem uultumque et ministras manus et cetera quibus inuoluti sumus, uincula animorum tenebraeque sunt. Obruitur his, offocatur, inficitur, arcetur a ueris et suis, in falsa coiectus. Omne illi cum hac graui carne certamen est, ne abstrahatur et sidat; nititur illo unde demissus est: ibi illum aeterna requies manet, ex confusis crassisque pura et liquida uisentem.

**XXIV.**

[1] Começa a estimá-lo pelas virtudes, não por seus anos: viveu um tempo suficientemente longo. Deixado órfão, esteve sob cuidado dos tutores até o décimo quarto ano; sob tutela da mãe, sempre. Tendo seus Penates, não quis abandonar os teus e, em sua juventude, obstinou-se na convivência materna, quando os filhos dificilmente suportam a paterna. Pela estatura, beleza e vigor, nasceu para o serviço militar, mas recusou a milícia para não se separar de ti.

[2] Considera, Márcia, quão raro veem os filhos aquelas que moram em casas diferentes; entende que estão perdidos para as mães e que transcorrem com ansiedade todos aqueles anos, durante os quais têm seus filhos no exército: saberás que foi muito extenso esse tempo, do qual nada perdeste. Nunca se afastou da tua presença; sob tua guarda, completou os estudos de um brilhante talento, e que o igualaria ao avô, se não o impedisse a timidez, tendo oprimido o avanço de muitos pelo silêncio.

[3] Jovem de beleza muito rara entre uma multidão tão grande de mulheres que corrompem os homens, à esperança de nenhuma delas ele se entregou; e, como a improbidade de algumas o tivesse levado à tentação, envergonhou-se como se tivesse cometido uma falta, porque aprovou. Com essa integridade de costumes conseguiu, ainda menino, que parecesse ser digno do sacerdócio, sem dúvida com a aprovação materna, mas nem sequer a mãe teria tido influência, senão por um bom candidato.

[4] Pela contemplação dessas virtudes, carrega consigo o filho como se estivesse em teu peito! Agora ele está mais livre para ti, agora não há nada que o afaste; nunca será para ti uma causa de preocupação, nunca de tristeza. Sofreste a única dor que poderias sofrer de um filho tão bom; as demais, isentas de infortúnios, são plenas de prazer, se ao menos souberes apreciar teu filho, se ao menos compreenderes o que ele teve de mais precioso.

[5] Somente a imagem do teu filho pereceu, e figura não muito semelhante; ele próprio, agora eterno, certamente está em uma condição melhor, despido de todas as responsabilidades alheias e entregue a si mesmo. Isso, que vês nos circundarem, ossos, nervos e uma pele que cobre, e o rosto e as mãos prestativas e outras partes com as quais somos envoltos, são grilhões e prisões do espírito. Por elas é eclipsado, sufocado, infectado, afastado da verdade e de si mesmo, lançado ao erro. Tudo isso é uma batalha contra a carne densa, para que não seja trucidado nem se abata; anseia pelo lugar de onde se originou: ali o espera o descanso eterno, contemplando o que há de puro e límpido a partir do que é confuso e obtuso.

**XXV.**

[1] Proinde non est quod ad sepulcrum filii tui curras: pessima eius et ipsi molestissima istic iacent, ossa cineresque, non magis illius partes quam uestes aliaque tegimenta corporum. Integer ille nihilque in terris relinquens sui fugit et totus excessit; paulumque supra nos commoratus, dum expurgatur et inhaerentia uitia situmque omnem mortalis aevi excutit, deinde ad excelsa sublatus inter felices currit animas.

[2] Exceptit illum coetus sacer, Scipiones Catonesque, interque contemptores uitae et beneficio suo liberos parens tuus, Marcia. Ille nepotem suum (quamquam illic omnibus omne cognatum est) applicat sibi noua luce gaudentem et uicinorum siderum meatus docet, nec ex coniectura sed omnium ex uero peritus, in arcana naturae libens ducit, utque ignotarum urbium monstrator hospiti gratus est, ita sciscitanti caelestium causas domesticus interpret. Et in profunda terrarum permittere aciem iubet: iuuat enim ex alto relicta respicere.

[3] Sic itaque te, Marcia, gere, tamquam sub oculis patris filique posita, non illorum quos noueras, sed tanto excelsiorum et in summo locatorum: erubescere quicquam humile aut uulgare agere et mutatos in melius tuos flere. Aeternarum rerum per libera et uasta spatia dimissos, non illos interfusa maria discludunt nec altitudo montium aut inuiae ualles aut incertarum uada Syrtium; omnia in plano habent, et ex facili mobiles et expediti et in uicem peruii sunt intermixtique sideribus.

**XXV.**

[1] Portanto, não há motivo para correres ao túmulo do teu filho: o pior dele e as coisas mais molestas ali jazem, os ossos e as cinzas, não mais partes dele do que as vestes e outras indumentárias dos materiais. Ele se evadiu íntegro e nada deixando de seu na terra, partiu por inteiro; tendo ficado um pouco entre nós, enquanto se purifica e afasta os vícios inerentes e toda mácula da vida mortal; elevado, depois, aos céus, corre entre os espíritos felizes.

[2] Recebeu-o uma convenção sagrada, os Cipiões e os Catões, e entre os desdenhosos da vida e os livres pelo suicídio está teu pai, Márcia. Ele traz junto a si seu neto (embora, ali, todos sejam parentes de todos), que se alegra com a nova luz, e ensina a órbita das constelações vizinhas; especialista não por conjectura, mas pela verdade de tudo, conduz, complacente, aos mistérios da natureza; assim como é grato ao convidado o guia das cidades desconhecidas, é um intérprete familiar ao que pergunta as causas dos fenômenos celestes. E exorta o aluno a lançar os olhos às profundezas da terra: pois apraz observar, do alto, as coisas deixadas.

[3] Assim, da mesma forma tu, Márcia, te portes como se colocada sob os olhares de teu pai e de teu filho – não daqueles que conhecias, mas dos excelsos e elevados a um lugar superior: envergonha-te de cometer qualquer ato humilde ou ordinário e de lamentar os teus, mudados para melhor. Deixados a vagar pelos livres e vastos espaços da eternidade, não os separam os esparsos mares, nem a altura dos montes, nem as profundezas dos vales, nem os baixios das inconstantes Sirtes<sup>408</sup>; todas as coisas estão no plano, movem-se com facilidade e rápidas, e sucessivamente penetram-se e misturam-se aos astros.

---

<sup>408</sup> Localizado no norte da África, faixa notoriamente baixa da plataforma continental oferecia perigos para a viagem costeira, principalmente devido às marés incomuns do Mediterrâneo e aos bancos de areia, além dos frequentes baixios. É chamada *inhospita Syrtis* (inóspita Sirte) por Virgílio em sua obra *Eneida*, IV.41

**XXVI.**

[1] Puta itaque ex illa arce caelesti patrem tuum, Marcia, cui tantum apud te auctoritatis erat quantum tibi apud filium tuum, non illo ingenio quo ciuilia bella defleuit, quo proscribentes in aeternum ipse proscripsit, sed tanto elatiore quanto est ipse sublimior, dicere:

[2] 'Cur te, filia, tam longa tenet aegritudo? Cur in tanta ueri ignorance uersaris, ut inique actum cum filio tuo iudices, quod integro domus statu, integer ipse ad maiores se recepit suos? Nescis quantis fortuna procellis disturbet omnia? quam nullis benignam facilemque se praestiterit, nisi qui minimum cum illa contraxerant? Regesne tibi nominem felicissimos futuros, si maturius illos mors instantibus subtraxisset malis? an romanos duces, quorum nihil magnitudini deerit si aliquid aetati detraxeris? an nobilissimos uiros clarissimosque ad ictum militaris gladii composita ceruice seruatos?

[3] Respice patrem atque auum tuum: ille in alieni percussoris uenit arbitrium; ego nihil in me cuiquam permisi et, cibo prohibitus, ostendi tam magno me quam uiuebam animo scripsisse. Cur in domo nostra diutissime lugetur qui felicissime moritur?

[4] Coimus omnes in unum uidemusque, non alta nocte circumdati, nihil apud uos, ut putatis, optabile, nihil excelsum, nihil splendidum, sed humilia cuncta et grauia et anxia et quotam partem luminis nostri cernentia! Quid dicam nulla hic arma mutuis furere concursibus, nec classes classibus frangi, nec parricidia aut fingi aut cogitari, nec fora litibus strepere dies perpetuos, nihil in obscuro, detectas mentes et aperta praecordia et in publico medioque uitam, et omnis aeui prospectum notitiamque?

[5] 'Iuuabat unius me saeculi facta componere, in parte ultima mundi et inter paucissimos gesta: tot saecula, tot aetatum contextam seriem, quicquid annorum est, licet uisere; licet surrectura, licet ruitura regna prospicere, et magnarum urbium lapsus, et maris nouos cursus.

**XXVI.**

[1] Pensa, assim, que teu pai fala, Márcia, a partir daquele cume celeste, ele que para ti tinha tanta autoridade quanto tu para teu filho, não com aquela disposição com a qual lamentou as guerras civis, com a qual ele mesmo proscreeu para sempre os proscritores, mas com uma tanto mais elevada quanto mais sublime é ele próprio:<sup>409</sup>

[2] ‘Por que, filha, conservas tão duradoura melancolia? Por que persistes em uma ignorância tamanha da realidade, de modo que julgues injusto o ocorrido com teu filho, pois, estando incólume a situação de sua casa, ele mesmo incólume, retirou-se para junto dos antepassados? Não sabes com quantos turbilhões a Fortuna destrói tudo? A quão poucos ela se manteve benigna e fácil, senão aos que tiveram com ela um mínimo trato? Acaso deveria nomear a ti os reis que haveriam de ser felicíssimos, se a morte os subtraísse mais cedo de males iminentes? Ou líderes romanos aos quais nenhuma grandeza faltaria, caso se subtraísse um pouco de sua vida? Ou os homens nobilíssimos e famosíssimos, preservados de cabeça posta para os golpes da espada de um guerreiro?’

[3] Observa teu pai e teu avô: este ficou à mercê de um assassino estrangeiro; eu nada permiti a ninguém contra mim e, privado de alimento, mostrei que escrevi com espírito tão grande quanto vivia. Por que, na nossa família, longamente se chora aquele que morreu com a maior felicidade?’

[4] Reunimo-nos todos no mesmo lugar, e vemos, não circundados por uma grande escuridão, que nada junto a vós, como pensais, é desejável, nada é excelso, nada esplêndido, mas tudo é pusilânime, pesado e doloroso, e compreende ínfima parte de nossa luz! Por que diria que nenhum exército se enfurece aqui em ataques mútuos, nem são esquadras esmagadas por esquadras, nem são assassinatos de pais maquinados ou premeditados, nem as praças ressonam com querelas por dias intermináveis, nada está escondido, as mentes estão reveladas e os corações abertos, e a vida está exposta e no meio de todos, e que há providência e conhecimento de todas as eras?’

[5] ‘Aprazia-me compor os acontecimentos de um único século, transcorridos nas regiões mais remotas da terra e entre pouquíssimos: agora tantos séculos, tanta série ininterrupta das eras e o que há dos anos é-me permitido ver; é permitido que eu veja os reinos a surgir e a ruir, e a queda das grandes cidades, e os novos cursos do mar.’

---

<sup>409</sup> A consolação culmina nessa prosopopeia, dando voz ao pai de Márcia morto, em um final potente que exorta a consolada a superar a morte dos seus a partir de uma visão da natureza da morte e da libertação do corpo.

[6] Nam, si tibi potest solacio esse desiderii tui commune fatum, nihil quo stat loco stabit, omnia sternet abducatque secum uetustas. Nec hominibus solum (quota enim ista fortuitae potentiae portio est?), sed locis, sed regionibus, sed mundi partibus ludet. Totos suppresset montes et alibi rupes in altum nouas exprimet; maria sorbebit, flumina auertet et, commercio gentium rupto, societatem generis humani coetumque dissoluet; alibi hiatibus uastis subducat urbes, tremoribus quatiet et ex infimo pestilentiae halitus mittet, et inundationibus quicquid habitatur obducat necabitque omne animal orbe submerso, et ignibus uastis torrebit incendetque mortalia. Et, cum tempus aduenerit quo se mundus renouaturus exstinguat, uiribus ista se suis caedent, et sidera sideribus incurrent, et, omni flagrante materia, uno igni quicquid nunc ex disposito lucet ardebit.

[7] Nos quoque felices animae et aeterna sortitae, cum deo uisum erit iterum ista moliri, labentibus cunctis, et ipsae parua ruinae ingentis accessio, in antiqua elementa uertemur.'

Felicem filium tuum, Marcia, qui ista iam nouit!

[6] Assim, se o curso da vida comum pode ser, para ti, o conforto da falta que sentes, nada ficará no lugar em que agora está, o decorrer do tempo abaterá e enterrará tudo consigo. E não brincará apenas com os seres humanos (o quão pequena, pois, é essa porção do poder fortuito?), mas com os lugares, com as regiões, com as partes do mundo. Suprimirá montanhas por completo e elevará ao alto novos rochedos, em outros lugares; engolirá os mares, desviará rios e, tendo cortado as relações entre as gentes, dissipará a sociedade e o agrupamento do gênero dos homens; em outros lugares, soterrará cidades com enormes fendas, agitará com tremores e enviará, do fundo, o vento da pestilência, e tudo o que for habitado cobrirá com inundações e matará todo animal, submergindo o mundo, e com volumosas chamas queimará e incendiará os mortais. E, ao vir o tempo no qual o mundo se extinguirá para que seja renovado, tais coisas entrarão em colapso pelas suas próprias forças, e as constelações colidirão contra constelações e, estando toda a matéria abrasada, em uma única chama arderá tudo o que agora reluz ordenadamente.

[7] Também nós, espíritos felizes e ganhadores da eternidade, quando a um deus aprouver reedificar tais coisas, a partir do desaparecimento de tudo, nós mesmos, como elemento insignificante da ingente ruína, voltaremos aos elementos do princípio.’

Feliz é teu filho, ó Márcia, que já conhece tais fatos!



### LXIII. SENECA LVCILIO SVO SALVTEM

[1] Moleste<sup>410</sup> fero decessisse Flaccum, amicum tuum, plus tamen aequo dolere te nolo. Illud, ut non doleas, uix audebo exigere: et esse melius scio. Sed cui ista firmitas animi continget nisi iam multum supra fortunam elato? Illum quoque ista res uellicabit, sed tantum uellicabit. Nobis autem ignosci potest prolapsis ad lacrimas, si non nimiae decucurrerunt, si ipsi illas repressimus. Nec sicci sint oculi amisso amico nec fluant: lacrimandum est, non plorandum.

[2] Duram tibi legem uideor ponere, cum poetarum Graecorum maximus ius flendi dederit in unum dumtaxat diem, cum dixerit etiam Niobam de cibo cogitasse? Quaeris unde sint lamentationes, unde immodici fletus? Per lacrimas argumenta desiderii quaerimus et dolorem non sequimur, sed ostendimus. Nemo tristis sibi est: O infelicem stultitiam! est aliqua et doloris ambitio.

[3] 'Quid ergo?' inquis 'obliuiscar amici?' Breuem illi apud te memoriam promittis, si cum dolore mansura est: iam istam frontem ad risum quaelibet fortuita res transferet. Non differo in longius temporis; quo desiderium omne mulcetur, quo etiam acerrimi luctus residunt. Cum primum te obseruare desieris, imago ista tristitiae discedet: nunc ipse custodis dolorem tuum; sed custodienti quoque elabatur, eoque citius, quo est acrior, desinit.

---

<sup>410</sup> Sêneca começa algumas cartas com advérbios, pouco frequente nas cartas não literárias. É como um elemento para concentrar a atenção sobre um estado de ânimo.

### LXIII.

[1] Lamento, com pesar, que teu amigo Flaco tenha morrido; entretanto, da mesma forma não desejo que sofras mais que o necessário. Isso, que não sofras, mal ousarei exigir: mas penso ser melhor. Entretanto, a quem tocará tal firmeza de espírito senão ao já elevado muito acima da Fortuna? E mesmo esse, também, será pinçado, mas somente pinçado. A nós, por outro lado, pode ser perdoado que as lágrimas caiam, se não caíram excessivamente, se nós mesmos as contivemos. Que não estejam nem secos os olhos diante do amigo perdido, nem se inundem; é necessário chorar um pouco, mas não prantear.

[2] Pareço impor a ti uma dura regra, quando o maior dentre os poetas da Grécia<sup>411</sup> concedeu direito ao choro somente por um dia<sup>412</sup>, tendo sido dito que até mesmo Níobe pensou em sua alimentação?<sup>413</sup> Queres saber de onde vêm as lamentações, de onde os lutos excessivos? Buscamos provas do luto através das lágrimas e não perseguimos a dor, mas a expomos; ninguém é triste para si. Oh, infeliz estultícia! Há, de certa forma, a ostentação da dor.

[3] ‘E então?’ dizes ‘devo esquecer o amigo?’ Uma curta memória dele tens junto a ti, se o que é duradouro trazes com a lamentação: qualquer situação fortuita levará um sorriso a esse rosto. Não prevejo que demore para que toda essa saudade diminua, pois, com o tempo, até os lutos mais acerbos diminuem. Logo que deixares de observar a ti mesmo, esta imagem da tristeza se dispersará: neste momento, tu próprio cultivas tua dor; mas ela escapará, ainda que cultivada, e cessa tanto mais rapidamente quanto mais acerba.

<sup>411</sup> Referência a Homero.

<sup>412</sup> Homero, *Ilíada* XIX, 228-229: ἀλλὰ χρὴ τὸν μὲν καταθάπτειν ὅς κε θάνησι νηλέα θυμὸν ἔχοντας ἐπ’ ἡμασι δακρῦσαντας: “Compete-nos sepultar aquele que morreu, de coração inflexível, chorando só naquele dia.” (Tradução: Lourenço)

<sup>413</sup> Homero, *Ilíada*, XXIV, 602-604: καὶ γάρ τ’ ἠῦκομος Νιόβη ἐμνήσατο σίτου, τῆ περ δώδεκα παῖδες ἐνὶ μεγάροισιν ὄλοντο ἕξ μὲν θυγατέρες, ἕξ δ’ υἱέες ἠβώοντες: “Nem Níobe de belas tranças descurou a comida, apesar de doze filhos lhe terem morrido no palácio: seis filhas e seis filhos vigorosos.” (Tradução: Lourenço)

[4] Id agamus ut iucunda nobis amissorum fiat recordatio: nemo libenter ad id redit, quod non sine tormento cogitaturus est. Sic et illud<sup>414</sup> fieri necesse est, ut cum aliquo nobis morsu amissorum<sup>415</sup>, quos amauius nomen occurrat; sed hic quoque morsus habet suam uoluptatem.

[5] Nam, ut dicere solebat Attalus noster, 'sic amicorum defunctorum memoria iucunda est, quomodo poma quaedam sunt suauiter aspera, quomodo in uino nimis ueteri ipsa nos amaritudo delectat: cum uero interuenit spatium, omne, quod angebat, exstinguitur et pura ad nos uoluptas uenit'.

[6] Si illi credimus, 'amicos incolumes cogitare melle ac placenta frui est: eorum, qui fuerunt, retractatio non sine acerbitate quadam iuuat. Quis autem negauerit haec acria quoque et habentia austeritatis aliquid stomachum excitare?'

[7] Ego non idem sentio: mihi amicorum defunctorum cogitatio dulcis ac blanda est. Habui enim illos tamquam amissurus amisi tamquam habeam.

Fac ergo, mi Lucili, quod aequitatem tuam decet, desine beneficium fortunae male interpretari: abstulit, sed dedit.

[8] Ideo amicis auide fruamur quia quamdiu contingere hoc possit, incertum est. Cogitemus quam saepe illos reliquerimus in aliquam peregrinationem longinquam exituri, quam saepe eodem morantes loco non uiderimus: intellegemus plus nos temporis in uiuis perdidisse.

[9] Feras autem hos, qui neglegentissime amicos habent, miserrime lugent, nec amant quemquam, nisi perdidierunt, ideoque tunc effusius maerent, quia uerentur, ne dubium sit, an amauerint? Sera indicia affectus sui quaerunt.

[10] Si habemus alios amicos, male de iis et meremur et existimamus, qui parum ualent in unius elati solacium: si non habemus, maiorem iniuriam ipsi nobis fecimus quam a fortuna accepimus: illa unum abstulit, nos quemcumque non fecimus.

---

<sup>414</sup> O uso do pronome de forma proléptica, ou seja, antecipação do pronome da oração subordinada, aqui, estabelece uma estrutura que invoca uma pausa, significativa em uma carta com teor filosófico e moral. É usada, também, como intuito de enfatizar a ideia, que será apresentada depois.

<sup>415</sup> Uso do participio perfeito nominal, traço comum no estilo de Sêneca.

[4] Façamos com que a recordação dos que perdemos se faça agradável para nós: ninguém se volta com prazer para o que há de ser evocado com sofrimento. Desta forma, é inevitável que assim ocorra, que o nome dos mortos, os quais amamos, volte para nós com certa dor;<sup>416</sup> mas até essa dor tem seu prazer.

[5] Na verdade, como costumava dizer nosso amigo Átalo, ‘é prazerosa a memória dos amigos mortos assim como certas frutas são agradavelmente ácidas, e como nos deleita o próprio amargor do vinho extremamente velho: de fato, após certo tempo, toda memória que angustiava é extinta, e chega a nós o prazer puro’.

[6] Se acreditamos nele, ‘pensar nos amigos sãos e vivos é degustar o mel e pães<sup>417</sup>: a recordação daqueles que se foram é agradável, não sem uma certa amargura. Quem negará, entretanto, que também essas amarguras, contendo algo de ácido, estimulam o estômago?’<sup>418</sup>

[7] Eu não penso dessa forma: para mim, o pensamento nos amigos falecidos é doce e prazeroso. Eu os tive, pois, como se fosse perdê-los, e perdi como se os tivesse.

Faz portanto, meu amigo Lucílio, o que convém a teu equilíbrio, deixa de interpretar mal os privilégios da Fortuna: ela tomou, mas também concedeu.

[8] Por isso, desfrutemos avidamente dos amigos, pois é incerto por quanto tempo assim pode suceder. Pensemos quão frequentemente os deixaremos, partindo em alguma viagem longínqua, quão frequentemente cessaremos de vê-los, morando no mesmo lugar: compreenderemos que perdemos mais tempo enquanto eles estavam vivos.

[9] Suportarias acaso aqueles que, muito negligentes com os amigos, pranteiam de maneira desprezível, não amam ninguém senão os que perderam, sendo a razão por que sofrem demais neste momento temerem que haja dúvidas se amaram? Procuram indícios do seu afeto tardiamente.

[10] Se temos outros amigos, merecemos e pensamos pouco deles, que pouco valem pelo consolo de um único perdido: se não temos, causamos nós mesmos maior dano do que recebemos da Fortuna; ela nos privou de um, nós, de qualquer um que não fizemos.

---

<sup>416</sup> Uma visão que posteriormente ganharia forças no cristianismo, assim como o martírio.

<sup>417</sup> Tipo de pão em camadas feito com aveia, farinha, azeite, queijo, mel e folhas de louro. Referências sobre essa iguaria, ingredientes e formas de preparo são encontradas no tratado *De agri cultura*, de Marco Pórcio Catão.

<sup>418</sup> Metáfora que retoma a ideia do prazer misturado com o amargor, mencionado na parte 4.

[11] Deinde ne unum quidem nimis amavit, qui plus quam unum amare non potuit. Si quis despoliatus amissa unica tunica conplorare se malit quam circumspicere quomodo frigus effugiat et aliquid inueniat, quo tegat scapulas, nonne tibi uideatur stultissimus? Quem amabas, extulisti: quaere quem ames. Satius est amicum reparare quam flere.

[12] Scio pertritum iam hoc esse, quod adiecturus sum, non ideo tamen praetermittam quia ab omnibus dictum est: finem dolendi etiam qui consilio non fecerat, tempore inuenit. Turpissimum autem est in homine prudente remedium maeroris lassitudo maerendi: malo relinquo dolorem quam ab illo relinquare, et quam primum id facere desiste, quod etiam si uoles, diu facere non poteris.

[13] Annum feminis ad lugendum constituere maiores, non ut tam diu lugerent, sed ne diutius; uiris nullum legitimum tempus est, quia nullum honestum. Quam tamen mihi ex illis mulierculis dabis uix retractis a rogo, uix a cadauere reuulsis<sup>419</sup>, cui lacrimae in totum mensem durauerint? Nulla res citius in odium uenit quam dolor, qui recens consolatorem inuenit et aliquos ad se adducit, inueteratus uero deridetur, nec inmerito: aut enim simulatus aut stultus est.

[14] Haec tibi scribo is, qui Annaeum Serenum, carissimum mihi, tam immodice fleui, ut, quod minime uelim, inter exempla sim eorum, quos dolor uicit. Hodie tamen factum meum damno et intellego maximam mihi causam sic lugendi fuisse, quod numquam cogitaueram mori eum ante me posse. Hoc unum mihi occurrebat, minorem esse et multo minorem, tamquam ordinem fata seruarent!

[15] Itaque assidue cogitemus tam de nostra quam omnium, quos diligimus, mortalitate. Tunc ego debui dicere: 'minor est Serenus meus: quid ad rem pertinet? Post me mori debet, sed ante me potest'<sup>420</sup>. Quia non feci, inparatum subito fortuna percussit. Nunc cogito omnia et mortalia esse et incerta lege mortalia: hodie fieri potest, quidquid umquam potest.

[16] Cogitemus<sup>421</sup> ergo, Lucili carissime, cito nos eo peruenturos quo illum peruenisse maeremus. Et fortasse, si modo uera sapientium fama est<sup>422</sup> recipitque nos locus aliquis, quem putamus perisse praemissus est.<sup>423</sup> VALE.

<sup>419</sup> Quiasmo: há aqui a troca dos termos, como em um espelho: *uix retractis a rogo, uix a cadauere reuulsis*.

<sup>420</sup> *Concinnitas*: simetria dos termos do período: *Post me debet, ante me potes*.

<sup>421</sup> Subjuntivo exortativo no afirmativo.

<sup>422</sup> Talvez, Sêneca se refira aqui ao Cânon dos sete sábios: Pítaco de Mitilene, Periandro de Corinto, Tales de Mileto, Sólon de Atenas, Quílon de Esparta, Cleóbulo de Lindos e Bias de Priene, mencionado por Higino, Plutarco e Platão. (LEÃO, 2010, p. 56)

<sup>423</sup> Tácito: *Agricola* 46, 1 menciona o mesmo assunto.

[11] E depois, sequer amou demasiado um único amigo aquele que não pôde amar mais de um. Se algum homem prefere chorar uma única vestimenta perdida por ter sido roubado do que buscar ao redor uma forma de fugir do frio e procurar algo com que cubra os ombros, não parecerá a ti o mais estúpido? Quem amavas, sepultaste: procura alguém para que ames. Encontrar um amigo é mais importante que sofrer.

[12] Sei que já é algo banal isto que estou prestes a acrescentar; entretanto, não deixarei de mencionar apenas porque foi dito por todos: certamente, o tempo traz o fim do sofrimento, que a sabedoria não havia trazido. Por outro lado, a cura mais torpe do sofrimento é, para o homem prudente, o cansaço de sofrer: prefiro que abandones a dor, não que sejas abandonado por ela, e cesses de sofrer o quanto antes, pois, mesmo que quiseses, não poderás prolongar isso por muito tempo.

[13] Os nossos antepassados estabeleceram um ano para o luto das mulheres, não para que sofressem por tanto tempo, mas para que não sofressem mais; aos homens, não há um tempo legítimo, porque nenhum é conveniente. Que mulher, entretanto, poderás me mostrar, de todas as pobres mulheres, dificilmente afastadas da pira fúnebre, dificilmente do cadáver arrancadas, cujas lágrimas tenham durado um mês inteiro? Nada se torna odioso mais depressa que a dor, a qual, recente, encontra consolo e atrai a si outras pessoas; mas, inveterada é zombada, não sem razão: assim, pois, ou é fingida ou é estúpida.

[14] Essas coisas te escrevo; eu, que sem medida chorei Aneu Sereno<sup>424</sup>, tão caro para mim; eu, que, por mais que não queira, estou entre os exemplos daqueles que a dor venceu. Hoje, entretanto, condeno meu ato e entendo que, para mim, a maior causa desse sofrimento foi o fato de que eu nunca havia pensado que a morte dele poderia anteceder a minha. Somente me ocorria que ele era mais jovem, e muito mais jovem, como se a morte observasse a ordem das idades!

[15] E assim, assiduamente pensemos tanto na nossa mortalidade quanto na dos demais, que amamos. Antes, eu deveria dizer: ‘Meu Sereno é mais novo que eu: e o que importa esse fato? Deve morrer depois de mim, mas pode morrer antes’. Porque não o fiz, a Fortuna me deu um golpe repentino. Agora, penso que tudo é mortal e que a mortalidade não obedece uma lei: hoje pode ocorrer o que a qualquer momento pode ocorrer.

[16] Pensemos, pois, caríssimo Lucílio, que em breve haveremos nós de chegar ao lugar a que chegou esse por quem choramos. E talvez, se ao menos for verdadeira a tradição dos sábios de que nos acolhe algum lugar, quem pensamos ter perdido foi enviado com antecedência. Adeus!

---

<sup>424</sup> Sêneca dirigiu a Aneu Sereno as obras *De tranquillitate animi*, *De otio* e *De constantia sapientis*. Interessante observar que Sêneca se coloca entre os exemplos a não serem seguidos nessa passagem, o que vai ao encontro da visão do autor de que não se considera um sábio.

### XCIIL. SENECA LVCILIO SVO SALVTEM

[1] In epistula qua de morte Metronactis philosophi querebaris<sup>425</sup>, tamquam et potuisset diutius uiuere et debuisset, aequitatem tuam desideravi, quae tibi in omni persona, in omni negotio superest, in una re deest<sup>426</sup>, in qua omnibus: multos inueni aequos aduersus homines, aduersus deos neminem. Obiurgamus cotidie fatum: 'quare ille in medio cursu raptus est? quare ille non rapitur? quare senectutem et sibi et aliis grauem extendit?'

[2] Utrum, obsecro te, aequius iudicas, te naturae an tibi parere naturam? quid autem interest quam cito exeas unde utique exeundum est? Non ut diu uiuamus curandum est, sed ut satis; nam ut diu uiuas fato opus est, ut satis, animo. Longa est uita si plena est; impletur autem cum animus sibi bonum suum reddidit et ad se potestatem sui transtulit.

[3] Quid illum octoginta anni iuuant per inertiam exacti? non uixit iste sed in uita moratus est, nec sero mortuus est, sed diu. 'Octoginta annis uixit.' Interest mortem eius ex quo die numeres. 'At ille obiit uiridis.'

[4] Sed officia boni ciuis, boni amici, boni filii executus est; in nulla parte cessauit; licet aetas eius imperfecta sit, uita perfecta est. 'Octoginta annis uixit.' Immo octoginta annis fuit, nisi forte sic uixisse eum dicis quomodo dicuntur arbores uiuere.<sup>427</sup> Obsecro te, Lucili, hoc agamus ut quemadmodum pretiosa rerum sic uita nostra non multum pateat sed multum pendeat; actu illam metiamur, non tempore. Vis scire quid inter hunc intersit uegetum contemptoremque fortunae functum omnibus uitae humanae stipendiis atque in summum bonum eius euectum et illum cui multi anni transmissi sunt? alter post mortem quoque est, alter ante mortem perit.<sup>428</sup>

[5] Laudemus<sup>429</sup> itaque et in numero felicium reponamus eum cui quantulumcumque temporis contigit bene conlocatum est. Vidit enim ueram lucem; non fuit unus e multis; et uixit et uiguit. Aliquando sereno usus est, aliquando, ut solet, ualidi sideris fulgor per nubila emicuit. Quid quaeris quamdiu uixerit? uiuit: ad posteros usque transiuit et se in memoriam dedit.

<sup>425</sup> Sêneca inicia entrando diretamente no assunto da carta, diferentemente da carta anterior em que foca no sentimento expresso por um advérbio.

<sup>426</sup> Aqui, há outra figura retórica utilizada por Sêneca, o homeoteleuto, espécie de rima próxima.

<sup>427</sup> *De breuitate uitae* traz um questionamento similar, como na passagem 3,2: *Peruenisse te ad ultimum aetatis humanae uidemus, centesimus tibi uel supra premitur annus: agedum, ad computationem aetatem tuam reuoca.* – “Vemos que chegou a ti o ultimato da idade humana, cem anos ou mais o pressionam: eia, retoma a contagem dos teus anos.” . Após, Sêneca apresenta as situações que tomam o tempo de vida.

<sup>428</sup> *Concinnitas*: simetria entre os termos do período: *alter post mortem est, alter ante mortem perit.*

<sup>429</sup> Subjuntivo exortativo, presente em várias cartas.

**XCIII.**

[1] Na carta em que lamentavas a morte do filósofo Metronax<sup>430</sup>, como se ele tivesse podido e devido viver mais, senti falta da tua moderação, que a ti é abundante para todas as pessoas, para todos os negócios, mas para uma única coisa falta, o que ocorre em geral: encontrei muitos que são justos face aos homens, mas nenhum face aos deuses. Nós repreendemos, cotidianamente, o destino: ‘por que ele foi arrebatado no meio da carreira? Por que não foi levado o outro? Por que estende a velhice, pesada para si e para os outros?’

[2] Qual dos dois, eu te suplico, julgas mais justo, que tu obedças a natureza ou que a natureza te obedça? Em que, de fato, importa que saias o mais rapidamente donde, de toda forma, deve-se sair? É necessário cuidar não para que vivamos muito, mas de forma satisfatória; com efeito, para que vivas muito, é necessário sorte, para que vivas de forma satisfatória, coragem. A vida é longa, se é plena; é plena, pois, quando a coragem retribuiu a si mesma o bem, e quando recuperou seu domínio.

[3] Em que têm utilidade para aquele os oitenta anos transcorridos na inércia? Este homem não viveu, mas perdeu tempo na vida, nem morreu tarde, mas lentamente. ‘Viveu oitenta anos’. Importa a partir de que data se conta a morte dele. ‘Mas aquele morreu jovem’.

[4] Cumpriu, entretanto, os deveres de bom cidadão, bom amigo, bom filho; não foi infértil em nenhuma tarefa; embora sua idade tenha sido imperfeita, foi perfeita sua vida. ‘Viveu oitenta anos’. Pelo contrário, existiu oitenta anos, a menos que, por acaso, digas que ele viveu da mesma forma que é dito viverem as árvores. Eu te peço, Lucílio, que façamos que nossa vida, da mesma forma que as coisas preciosas, não valha muito pela extensão, mas muito pelo peso; meçamo-la pela ação, não pelo tempo. Queres saber o que diferencia uma pessoa vívida e que despreza as ações da Fortuna, cumprindo todos os deveres da vida humana e se elevando à sua suma bondade, e aquele a quem muitos anos foram confiados? Um existe até após a morte, outro perece antes de morrer.

[5] Dessa forma, elogiemos e coloquemos no conjunto das pessoas felizes aquele que empregou bem mesmo o pouco de tempo que lhe foi atribuído. Ele, pois, viu a verdadeira luz; não foi um entre a multidão; viveu e se destacou. Às vezes desfrutou do céu sereno, às vezes, como é costume, o fulgor do poderoso astro brilhou por meio das nuvens escuras. Por que questionas por quanto tempo viveu? Viveu: atravessou até a posteridade e se estabeleceu na memória.

---

<sup>430</sup> O mesmo filósofo é mencionado na carta: *Epistulae morales*, 76, 4



[6] Nec ideo mihi plures annos accedere recusauerim; nihil tamen mihi ad beatam uitam defuisse dicam si spatium eius inciditur; non enim ad eum diem me aptauit quem ultimum mihi spes auida promiserat, sed nullum non tamquam ultimum aspexi. Quid me interrogas quando natus sim, an inter iuniores adhuc censear? habeo meum.

[7] Quemadmodum in minore corporis habitu potest homo esse perfectus, sic et in minore temporis modo potest uita esse perfecta. Aetas inter externa est. Quamdiu sim alienum est: quamdiu ero, uere ut sim, meum est. Hoc a me exige, ne uelut per tenebras aeuum ignobile emetiar, ut agam uitam, non ut praeteruehar.

[8] Quaeris quod sit amplissimum uitae spatium? usque ad sapientiam viuere; qui ad illam peruenit attingit non longissimum finem, sed maximum. Ille uero gloriatur audacter et dis agat gratias interque eos sibi, et rerum naturae inputet quod fuit. Merito enim inputabit: meliorem illi uitam reddidit quam accepit. Exemplar boni uiri posuit, qualis quantusque esset ostendit; si quid adiecisset, fuisset simile praeterito.

[9] Et tamen quousque uiuimus? Omnium rerum cognitione fructi sumus: scimus a quibus principiis natura se attollat, quemadmodum ordinet mundum, per quas annuum uices reuocet, quemadmodum omnia quae usquam erunt cluserit et se ipsam finem sui fecerit; scimus sidera impetu suo uadere, praeter terram nihil stare, cetera continua uelocitate decurrere; scimus quemadmodum solem luna praetereat, quare tardior uelociorem post se relinquat, quomodo lumen accipiat aut perdat, quae causa inducat noctem, quae reducat diem: illuc eundem est ubi ista propius aspicias.

[10] 'Nec hac spe' inquit sapiens ille 'fortius exeo, quod patere mihi ad deos meos iter iudico. Merui quidem admitti et iam inter illos fui animumque illo meum misi et ad me illi suum miserant. Sed tolli me de medio puta et post mortem nihil ex homine restare: aequum magnum animum habeo, etiam si nusquam transiturus excedo.' Non tam multis uixit annis quam potuit.

[6] Desse modo, não recusaria que se adicionassem mais anos a mim; entretanto, não direi que me faltou nada para uma vida feliz, se o espaço da minha vida for reduzido; pois não me preparei para aquele dia que me prometera minha gananciosa esperança ser o último, mas olhei cada qual como se fosse o último. Por que perguntas quando nasci, ou se ainda sou computado entre os mais jovens? Tenho o que é meu.

[7] Da mesma forma que, em um corpo pequeno, pode habitar um homem que é perfeito, em um tempo menor, assim, pode haver uma vida perfeita. A idade está entre as coisas externas. Por quanto tempo viverei, isso me é alheio: eu verdadeiramente viver, enquanto existir, está sob meu controle. Exige isso de mim, que eu não percorra uma existência desconhecida como se estivesse envolto em trevas, que eu empreenda a vida, não seja arrastado.

[8] Perguntas, qual é a mais vasta amplitude da vida? Viver até alcançar a sabedoria; aquele que chega a ela alcançou não o objetivo mais distante, mas o mais importante. Este, de fato, deve glorificar corajosamente e agradecer aos deuses, e, entre eles, a si mesmo, e ter crédito junto à natureza porque existiu. Terá crédito, pois, merecidamente: restituiu a ela uma vida melhor do que a que aceitou. Estabeleceu um exemplo de homem de bem, mostrou qual era sua qualidade e grandeza; se algum ano fosse acrescentado, seria igual ao passado.

[9] Entretanto, até quando vivemos? Desfrutamos do conhecimento de todas as coisas: sabemos de qual princípio a natureza se eleva, de que forma se ordena o universo, por meio de quais vicissitudes faz retornar os anos, de que forma pôs fim a todas as coisas que algum dia existiram e se estabeleceu como o seu próprio fim; sabemos que os astros avançam por seu próprio curso, que nada é estático além da terra, que as outras coisas correm com contínua velocidade; sabemos de que forma a lua ultrapassa o sol, por que o que é mais lento deixa para trás o que é mais veloz, de que forma se recebe ou se perde a luz, o que introduz a noite, o que reconduz o dia: deves ir ali, onde podes observar essas coisas mais de perto.<sup>431</sup>

[10] Diz aquele sábio: ‘Não parto mais corajosamente por causa desta esperança, por julgar que o caminho a meus deuses se abre para mim. Certamente, mereci ser aceito e já estive entre eles, e enviei a eles meu espírito e eles enviaram o deles a mim. Mas imagina que eu seja eliminado e que, após a morte, nada reste de humano: da mesma maneira permaneço grande em meu espírito, mesmo que parta para chegar a lugar nenhum’. Não viveu tantos anos quanto poderia.

---

<sup>431</sup> É possível observar, aqui, uma imagem de que a morte aproxima o homem dos mistérios da natureza, visão muito similar ao final da *Consolatio ad Marciam*.

[11] Et paucorum uersuum liber est et quidem laudandus atque utilis: annales Tanusii scis quam ponderosi sint et quid uocentur. Hoc est uita quorundam longa, et quod Tanusii sequitur annales.

[12] Numquid feliciorem iudicas eum qui summo die muneris quam eum qui medio occiditur? numquid aliquem tam stulte cupidum esse uitae putas ut iugulari in spoliario quam in harena malit? Non maiore spatio alter alterum praecedimus. Mors per omnis it; qui occidit consequitur occisum. Minimum est de quo sollicitissime agitur. Quid autem ad rem pertinet quam diu uites quod euitare non possis? VALE.

[11] Há livros que contêm poucos versos e certamente são elogiáveis e úteis: sabes o quão pesados são os *Anais* de Tanúsio<sup>432</sup>, e o que é dito deles. Assim é a longa vida de alguns, e que segue como os *Anais* de Tanúsio.

[12] Acaso julgas mais feliz aquele que foi morto no último dia de espetáculo do que aquele que foi morto no meio? Acaso pensas que alguém é tão estupidamente desejoso de viver que prefira ser trucidado no espoliário<sup>433</sup> do que na arena? Não somos superiores, uns aos outros, por um intervalo maior de vida. A morte chega para todos; o assassino segue o assassinado. É algo insignificante, sobre o qual se fala com a maior angústia. O que, pois, importa quanto tempo evitas o que não podes evitar? Adeus.

---

<sup>432</sup> Tanusio Gemino, historiador que se opunha a César e é mencionado em poucas fontes, como Plutarco, Suetônio e Sêneca. Provavelmente tem origem etrusca, e nenhum de seus trabalhos permaneceu. (HORNBLLOWER, SPAWFORTH, 1999, p. 1473)

<sup>433</sup> Local contíguo à arena, onde eram lançados os gladiadores mortos.

## XCIX. SENECA LVCILIO SVO SALVTEM

[1] Epistolam<sup>434</sup> quam scripsi Marullo cum filium paruulum amisisset et diceretur molliter ferre misi tibi, in qua non sum solitum morem secutus nec putavi leniter illum debere tractari, cum obiurgatione esset quam solacio dignior. Afflicto<sup>435</sup> enim et magnum uulnus male ferenti paulisper cedendum est; exsatiat se aut certe primum impetum effundat:

[2] hi qui sibi lugere sumpserunt protinus castigentur et discant quasdam etiam lacrimarum ineptias esse.

'Solacia expectas? conuicia accipe. Tam molliter tu fers mortem filii? quid faceres si amicum perdidisses? Decessit filius incertae spei, paruulus; pusillum temporis perit.

[3] Causas doloris conquirimus et de fortuna etiam inique queri uolumus, quasi non sit iustas querendi causas praebitura: at mehercules satis mihi iam uidebaris animi habere etiam aduersus solida mala, nedum ad istas umbras malorum quibus ingemescunt homines moris causa. Quod damnorum omnium maximum est, si amicum perdidisses, danda opera erat ut magis gauderes quod habueras quam maereris quod amiseras.

[4] Sed plerique non computant quanta perceperint, quantum gauisi sint. Hoc habet inter reliqua mali dolor iste: non superuacuis tantum sed ingratus est. Ergo quod habuisti talem amicum, perit opera? Tot annis, tanta coniunctione uitae, tam familiari studiorum societate nil actum est? Cum amico effers amicitiam? Et quid doles amisisse, si habuisse non prodest? Mihi crede, magna pars ex iis quos amauimus, licet ipsos casus abstulerit, apud nos manet; nostrum est quod praeterit tempus nec quicquam est loco tutiore quam quod fuit.

[5] Ingrati aduersus percepta spe futuri sumus, quasi non quod futurum est, si modo successerit nobis, cito in praeterita transiturum sit. Anguste fructus rerum determinat qui tantum praesentibus laetus est: et futura et praeterita delectant, haec expectatione, illa memoria, sed alterum pendet et non fieri potest, alterum non potest non fuisse<sup>436</sup>. Quis ergo furor est certissimo excidere? Adquiescamus iis quae iam hausimus, si modo non perforato animo hauriebamus et transmittente quidquid acceperat.

---

<sup>434</sup> Essa carta é iniciada com o elemento concreto, de maneira similar à carta 93.

<sup>435</sup> Particípio substantivado novamente, traço do estilo de Sêneca

<sup>436</sup> Quiasmo: há aqui a troca dos termos, como em um espelho: *alterum non fieri potest, alterum non potest non fuisse*

**XCIX.**

[1] Envio-te a carta que eu escrevi a Marulo<sup>437</sup>, tendo ele perdido o filho pequeno e sido relatado que ele fracamente suportou, carta na qual não segui o costume usual nem pensei que deveria tratá-lo com brandura, sendo ele mais merecedor de reprovação que de consolo. É necessário agradecer um pouco a um homem, pois, aflito e que mal suporta um grande golpe; que se esgote ou pelo menos se dissipe o primeiro impacto.

[2] Devem ser imediatamente castigados aqueles que assumiram para si o sofrimento e devem aprender que, mesmo nas lágrimas, há tolices.

‘Esperas consolações? Aceita insultos. Suportas tão fracamente a morte do filho? O que farias se tivesses perdido um amigo? Morreu um filho jovem, de futuro incerto; um fragmento de tempo perdeu-se.

[3] Investigamos as causas da dor e, além disso, buscamos injustamente reclamar da Fortuna, como se não fosse oferecer causas justas para reclamar: mas, por Hércules, parecias, para mim, ter espírito suficiente para suportar males reais, assim como suportar esses fantasmas da desgraça, sobre os quais os homens lamentam pela força do hábito. Se tivesses perdido um amigo, que dos males é o maior, terias um trabalho maior para te alegrares por tê-lo tido que para lamentar por tê-lo perdido.

[4] Mas muitos não estimam o quanto receberam, o quanto aproveitaram. Tal dor tem isto entre os males remanescentes: não é somente inútil, como também ingrata. Logo, o fato de ter tido tal amigo foi tempo perdido? Com tantos anos, com tamanha comunhão de experiências, com união íntima de interesses, nada foi feito? Enterras a amizade com o amigo? E por que lamentas que o perdeste, se não é útil que o possuíste? Crê em mim, grande parte daqueles que amamos, embora a circunstância os tenha levado, permanece conosco; é nosso o tempo que já passou, e não há nada mais seguro neste ponto, para nós, que o que já passou.

[5] Somos ingratos face ao que recebemos pela esperança no futuro, como se o que é o futuro, caso nos aconteça, rapidamente não houvesse de se transformar em passado. O prazer das situações limita em demasia aquele que se contenta apenas com o presente: as coisas futuras e presentes deleitam, umas com expectativa, outras com memória, mas uma circunstância é incerta e pode não acontecer, a outra não pode deixar de ter ocorrido. Que insanidade é, portanto, escapar do que é bem certo? Confortemo-nos com o que já bebemos, se apenas não o bebíamos com o espírito incontinente e que deixava passar aquilo que recebera.

---

<sup>437</sup> Marulo foi um rétor conhecido somente pelas menções de Sêneca (HORNBLLOWER, SPAWFORTH, 1999, p. 933)

[6] 'Innumerabilia sunt exempla eorum qui liberos iuuenes sine lacrimis extulerint, qui in senatum aut in aliquod publicum officium a rogo redierint et statim aliud egerint. Nec immerito; nam primum superuacuum est dolere si nihil dolendo proficias; deinde iniquum est queri de eo quod uni accidit, omnibus restat; deinde desiderii stulta conquestio est, ubi minimum interest inter amissum et desiderantem. Eo itaque aequiore animo esse debemus quod quos amisimus sequimur.

[7] Respice celeritatem rapidissimi temporis, cogita breuitatem huius spatii per quod citatissimi currimus, obserua hunc comitatum generis humani eodem tendentis, minimis interuallis distinctum etiam ubi maxima uidentur: quem putas perisse praemissus est. Quid autem dementius quam, cum idem tibi iter emetiendum sit, flere eum qui antecessit?

[8] Flet aliquis factum quod non ignorauit futurum? Aut si mortem in homine non cogitauit, sibi imposuit. Flet aliquis factum quod aiebat non posse non fieri? quisquis aliquem queritur mortuum esse, queritur hominem fuisse. Omnis eadem condicio deuinxit: cui nasci contigit mori restat.

[9] Interuallis distinguimur, exitu aequamur. Hoc quod inter primum diem et ultimum iacet uarium incertumque est: si molestias aestimes, etiam puero longum, si uelocitatem, etiam seni angustum. Nihil non lubricum et fallax et omni tempestate mobilius; iactantur cuncta et in contrarium transeunt iubente fortuna, et in tanta uoluatione rerum humanarum nihil cuiquam nisi mors certum est; tamen de eo queruntur omnes in quo uno nemo decipitur.

[10] 'Sed puer decessit.' Nondum dico melius agi cum eo qui cito uita defungitur: ad eum transeamus qui consenuit: quantulo uincit infantem! Propone temporis profundi uastitatem et uniuersum complectere, deinde hoc quod aetatem uocamus humanam compara immenso: uidebis quam exiguum sit quod optamus, quod extendimus.

[11] Ex hoc quantum lacrimae, quantum sollicitudines occupant? quantum mors antequam ueniat optata, quantum ualetudo, quantum timor? quantum tenent aut rudes aut inutiles anni? dimidium ex hoc edormitur. Adice labores, luctus, pericula, et intelleges etiam in longissima uita minimum esse quod uiuitur.

[6] ‘Há inúmeros exemplos de homens que enterraram seus filhos jovens sem lágrimas, que retornaram da pira fúnebre ao senado ou a outro ofício público e imediatamente iniciaram os trabalhos. E não sem razão; de fato, primeiramente, é inútil sofrer se nada obténs com a dor; em segundo lugar, é injusto reclamar do que ocorreu a uma pessoa, mas é destinado a todos; depois, é insensatez a lamentação da perda, quando há tão pouco entre quem se perdeu e quem sente sua falta. Devemos, assim, ser mais serenos de espírito, pois acompanhamos de perto aqueles que perdemos.

[7] Observa a celeridade do tempo velocíssimo, pensa na brevidade desse espaço pelo qual corremos apressadíssimos, observa esse conjunto de pessoas indo na mesma direção, com intervalos mínimos que as separam, mesmo quando parecem os maiores: quem pensas que faleceu passou adiante. O que é, entretanto, mais insensato do que chorar aquele que precedeu, quando o mesmo caminho deverá ser atravessado?

[8] Alguém chora por um fato futuro do qual tinha ciência? Se não pensou na morte que vem ao encontro do homem, iludiu a si mesmo. Alguém chora um fato que dizia não poder deixar de ocorrer? Aquele que reclama que alguém morreu, reclama que ele era humano. Todos partilharam a mesma condição: a quem é dada a sorte de nascer, resta morrer.

[9] Somos separados por intervalos de tempo, mas igualados pela morte. Aquilo que se estende entre o primeiro e o último dia é variável e incerto: se pensas nas preocupações, é longo até para um menino, se na velocidade, é curto mesmo para um idoso. Tudo é escorregadio e enganoso e mais inconstante que qualquer tempestade; todas as coisas são lançadas e caminham em sentido oposto por ordem da Fortuna; e, entre tamanha inquietude dos assuntos humanos, nada, a não ser a morte, é certa para qualquer pessoa; entretanto, todos reclamam disso, fato sobre o qual nenhum deles é iludido.

[10] ‘Mas morreu menino’. Ainda não digo que o que ocorre com aquele que deixa a vida rapidamente seja melhor. Voltemos àquele que envelheceu: quão pouco supera a criança! Coloca diante de ti a vasta profundidade do tempo e alcança o universo; e, depois, compara com a imensidão aquilo que chamamos de existência humana: verás o quão insignificante é o que desejamos, o que prolongamos.

[11] Disso, quanto tempo gastam em lágrimas, quanto em inquietudes? Quanto tempo em apelos antes que venha a morte, quanto em doença, quanto em temor? Quanto tempo tomam os anos inexperientes ou inúteis? Metade disso é passado dormindo. Adiciona os trabalhos, os lutos, os perigos, e compreenderás que, mesmo na vida mais longa, é mínimo o tempo vivido.



[12] Sed quis tibi concedit non melius se habere eum cui cito reuerti licet, cui ante lassitudinem peractum est iter? Vita nec bonum nec malum est: boni ac mali locus est. Ita nihil ille perdidit nisi aleam in damnum certiozem. Potuit euadere modestus et prudens, potuit sub cura tua in meliora formari, sed, quod iustius timetur, potuit fieri pluribus similis.

[13] Aspice illos iuuenes quos ex nobilissimis domibus in harenam luxuria proiecit; aspice illos qui suam alienamque libidinem exercent mutuo impudici, quorum nullus sine ebrietate, nullus sine aliquo insigni flagitio dies exit: plus timeri quam sperari potuisse manifestum erit. Non debes itaque causas doloris accersere nec leuia incommoda indignando cumulare.

[14] Non hortor ut nitaris et surgas; non tam male de te iudico ut tibi aduersus hoc totam putem uirtutem aduocandam. Non est dolor iste sed morsus: tu illum dolorem facis. Sine dubio multum philosophia profecit, si puerum nutrici adhuc quam patri notiozem animo forti desideras.

[15] 'Quid? nunc ego duritiam suadeo et in funere ipso rigere uultum uolo et animum ne contrahi quidem patior? Minime. Inhumanitas est ista, non uirtus, funera suorum isdem oculis quibus ipsos uidere nec commoueri ad primam familiarium diuulsionem. Puta autem me uetare: quaedam sunt sui iuris; excidunt etiam retinentibus lacrimae et animum profusae leuant.

[16] Quid ergo est? permittamus illis cadere, non imperemus; fluat quantum adfectus eiecerit, non quantum poscet imitatio. Nihil uero maerori adiciamus nec illum ad alienum augeamus exemplum. Plus ostentatio doloris exigit quam dolor: quotus quisque sibi tristis est? Clarius cum audiuntur gemunt, et taciti quietique dum secretum est, cum aliquos uidere, in fletus nouos excitantur; tunc capiti suo manus ingerunt (quod potuerant facere nullo prohibente liberius), tunc mortem comprecantur sibi, tunc lectulo deuoluuntur: sine spectatore cessat dolor.

[12] Mas, quem admite a ti que não está melhor aquele a quem é permitido morrer prematuramente, por quem o percurso foi atravessado antes do cansaço? A vida não é um bem nem um mal<sup>438</sup>: é um lugar de coisas boas e más. Assim, aquele nada perdeu, senão um acaso mais certo como dano. Pôde partir modesto e prudente, pôde, sob teu cuidado, ser educado para ser cada vez melhor, mas, o que é mais logicamente temido, poderia tornar-se semelhante à maioria.

[13] Observa aqueles jovens que, de nobilíssimas famílias, a luxúria projetou na arena; observa aqueles que, impudentes, exercitam a sua luxúria e a luxúria alheia, mutuamente, para quem dia algum termina sem embriaguez, sem alguma notável vergonha: será evidente que havia mais a temer que a esperar. Não deves, assim, procurar as causas da dor nem aumentar leves infortúnios, indignando-te.

[14] Não exorto que lutes e te levantes; não penso tão mal de ti que julgue que toda a virtude deva ser invocada contra essa situação. Isso não é dor, mas aflição: tu mesmo provocas essa dor. Sem dúvida, a filosofia muito te beneficiou, se com forte ânimo sentes a falta de um menino que foi mais conhecido por sua nutriz<sup>439</sup> que por seu pai.

[15] ‘O quê? Acaso eu exorto que sejas firme agora, e desejo que enrijeças o semblante no próprio cortejo fúnebre e não admito nem mesmo que te entristeças? De modo algum. Isto é desumano, não é virtude contemplar os funerais dos seus com o mesmo olhar com que os mirava, e não se comover à primeira cisão dos familiares. Pensa, pois, que eu proíba: há direitos próprios de certos sentimentos; as lágrimas caem quando tentamos contê-las e, derramadas, aliviam o espírito.

[16] O que há, então? Permitamos que caiam; não ordenemos; que fluam na medida em que os sentimentos sobrevierem, não o quanto demandar a aparência. Nada, de fato, acrescentemos ao sofrimento nem juntemos ao exemplo alheio. A ostentação da dor exige mais do que a própria dor: em que medida cada um está triste só consigo? Gemem mais alto quando são ouvidos, e ficam tácitos e quietos quando há solidão; quando viram outras pessoas, são levados a novos prantos; nesta hora, seguram sua cabeça entre as mãos (embora pudessem fazê-lo com mais liberdade sem ninguém os impedir), nesta hora imploram pela morte, nesta hora, se rolam na cama: sem espectador, cessa a dor.

---

<sup>438</sup> Conceito de indiferente, do estoicismo, em que só existe o mal moral e o bem moral.

<sup>439</sup> Nutriz era aquela que amamentava a criança no lugar da mãe. O vínculo entre a criança e a nutriz foi reconhecido na antiguidade, sendo mencionado em inscrições. (HORNBLLOWER, SPAWFORTH, 1999, p. 259)

[17] Sequitur nos, ut in aliis rebus, ita in hac quoque hoc uitium, ad plurium exempla componi nec quid oporteat sed quid soleat aspicere. A natura discedimus, populo nos damus nullius rei bono auctori et in hac re sicut in his omnibus inconstantissimo. Videt aliquem fortem in luctu suo, impium uocat et efferatum; uidet aliquem conlabentem et corpori adfusum, effeminatum ait et eneruem.

[18] Omnia itaque ad rationem reuocanda sunt. Stultius uero nihil est quam famam captare tristitiae et lacrimas approbare, quas iudico sapienti uiro alias permissas cadere, alias ui sua latas. Dicam quid intersit. Cum primus nos nuntius acerbi funeris perculit, cum tenemus corpus e complexu nostro in ignem transiturum, lacrimas naturalis necessitas exprimit et spiritus ictu doloris impulsus quemadmodum totum corpus quatit, ita oculos, quibus adiacentem umorem perpremit et expellit.

[19] Hae lacrimae per elisionem cadunt nolentibus nobis: aliae sunt quibus exitum damus cum memoria eorum quos amisimus retractatur, et inest quidam dulce tristitiae cum occurrunt sermones eorum iucundi, conuersatio hilaris, officiosa pietas; tunc oculi uelut in gaudio relaxantur. His indulgemus, illis uincimur.

[20] Non est itaque quod lacrimas propter circumstantem adsidentemque aut contineas aut exprimas: nec cessant nec fluunt umquam tam turpiter quam finguntur: eant sua sponte. Ire autem possunt placidis atque compositis; saepe salua sapientis auctoritate fluxerunt tanto temperamento ut illis nec humanitas nec dignitas deesset.

[21] Licet, inquam, naturae obsequi grauitate seruata. Vidi ego in funere suorum uerendos, in quorum ore amor eminebat remota omni lugentium scaena; nihil erat nisi quod ueris dabatur affectibus. Est aliquis et dolendi decor; hic sapienti seruandus est et quemadmodum in ceteris rebus, ita etiam in lacrimis aliquid sat est: imprudentium ut gaudia sic dolores exundauere.

[17] Persegue-nos, como em outras questões, também este vício: sermos conformados ao exemplo de muitos e não olhar o que convém, mas o que é de hábito. Afastamo-nos do natural, rendemo-nos à multidão, que não é bom modelo em nada, a mais inconstante nisto e em tudo mais. A multidão vê alguém forte em seu luto, chama-o ímpio e cruel; vê alguém que desmaia e fica agarrado ao morto, chama-o efeminado e fraco.

[18] Assim, tudo deve ser chamado à razão. Decerto, nada é mais tolo que perseguir uma notícia de tristeza e elogiar as lágrimas, as quais julgo que, para um homem sábio, umas caem consentidas e outras abundantes, por sua própria força. Falarei qual é a diferença. Quando a primeira notícia de uma morte amarga nos abateu, quando seguramos em nosso abraço o corpo a ser levado para a pira, as lágrimas são lançadas pela necessidade da natureza. O espírito, abalado pelo golpe da dor, assim como o corpo inteiro, perturba os olhos, dos quais pressiona e lança para fora a umidade adjacente.

[19] Tais lágrimas caem por pressão, não desejadas por nós: outras são as que deixamos sair quando retorna a memória daqueles que perdemos, e há certa tristeza aprazível quando vêm à mente suas falas agradáveis, a conversa ridente, o afeto cortês; então, os olhos se soltam como em alegria. Esse choro permitimos; pelo primeiro, somos vencidos.

[20] Não há, portanto, razão para que reprimas ou derrames as lágrimas por estares próximo a pessoas que te circundam ou se sentam junto de ti. Nem as lágrimas (contidas ou derramadas) são alguma vez tão torpes como quando se fingem: que elas fluam por sua vontade. Ainda assim, podem cair dos que estão plácidos e calmos; frequentemente fluíram estando a salvo a força do sábio, com tão grande equilíbrio que não faltasse nem humanidade nem dignidade.

[21] Quero dizer, nos é permitido obedecer à natureza mantendo a salvo a constância. Eu mesmo vi pessoas respeitáveis nos funerais dos seus, em cujo rosto se mostrava amor, afastado todo o aparato de luto; nada havia senão o que era permitido pelo afeto genuíno. Há alguma beleza mesmo em sofrer; isso deve ser conservado pelo sábio e, assim como em outras circunstâncias, também nas lágrimas há certa moderação: tanto as alegrias quanto as dores transbordaram dos imprudentes.

[22] 'Aequo animo excipe necessaria. Quid incredibile, quid novum euenit? quam multis cum maxime funus locatur, quam multis uitalia emuntur, quam multi post luctum tuum lugent!<sup>440</sup> Quotiens cogitaueris puerum fuisse, cogita et hominem, cui nihil certi promittitur, quem fortuna non utique perducit ad senectutem: unde uisum est dimittit.

[23] Ceterum frequenter de illo loquere et memoriam eius quantum potes celebra; quae ad te saepius reuertetur si erit sine acerbitate uentura; nemo enim libenter tristi conuersatur, nedum tristitiae. Si quos sermones eius, si quos quamuis paruoli iocos cum uoluptate audieras, saepius repete; potuisse illum implere spes tuas, quas paterna mente conceperas, audacter affirma.

[24] Obluisci quidem suorum ac memoriam cum corporibus efferre et effusissime flere, meminisse parcissime, inhumani animi est. Sic aues, sic ferae suos diligunt, quarum concitatus actus est amor et paene rabidus, sed cum amissis totus extinguitur. Hoc prudentem uirum non decet: meminisse perseueret, lugere desinat.

[25] 'Illud nullo modo probo quod ait Metrodorus, esse aliquam cognatam tristitiae uoluptatem, hanc esse captandam in eiusmodi tempore. Ipsa Metrodori uerba subscripsi.

Μητροδωρου επιστολων προς την αδελφην. εστιν γαρ τις ηδονη λυπη συγγενης, ην χρη θηρευειν κατα τουτον τον καιρον.

[26] De quibus non dubito quid sis sensurus; quid enim est turpius quam captare in ipso luctu uoluptatem, immo per luctum, et inter lacrimas quoque quod iuuat quaerere? Hi sunt qui nobis obiciunt nimium rigorem et infamant praecepta nostra duritiae, quod dicamus dolorem aut admittendum in animum non esse aut cito expellendum. Utrum tandem est aut incredibilius aut inhumanus, non sentire amisso amico dolorem an uoluptatem in ipso dolore aucupari?

---

<sup>440</sup> *Concinnitas*: simetria dos termos do período: *quam multis locatur, quam multis emuntur, quam multi lugent*.

[22] ‘Aceita o que é necessário com espírito benigno. O que de extraordinário, o que de novo sucede? Por quantos estão justamente sendo preparados um funeral, a quantos estão comprando as roupas fúnebres, para quantos há luto após o fim do luto por teu filho! Toda vez que pensares que teu filho deixou de existir, pensa também no homem, a quem nada certo é prometido, a quem a Fortuna nem sempre conduz até a velhice: ela deixa partir quando considerou adequado.

[23] Por fim, frequentemente fala sobre ele e celebra o quanto puderes sua memória; ela retornará a ti com mais frequência, se sua chegada for sem amargura; pois ninguém frequenta com prazer uma pessoa triste, muito menos a tristeza em si. Se ouvires com prazer certas palavras dele e certos jogos, embora infantis, frequentemente os revive; assegura corajosamente que ele poderia cumprir tuas esperanças, aquelas as quais conceberas em tua mente paterna.

[24] Certamente, esquecer dos seus amados e despedir a memória junto com seus corpos, chorá-los excessivamente, tendo recordado com a maior superficialidade, é característico de um espírito desumano. Assim amam os seus as aves, as feras selvagens<sup>441</sup>; o amor impulsivo delas é inflamado, quase violento, mas se extingue totalmente com a perda. Isso não convém a um varão prudente: ele deveria continuar a lembrar, mas parar de chorar.

[25] ‘E de forma alguma aprovo aquilo que diz Metrodoro<sup>442</sup>, que há certo prazer semelhante à tristeza, que isso deve ser perseguido simultaneamente, dessa forma. Registre as próprias palavras de Metrodoro:

‘Carta de Metrodoro à sua irmã’: ‘Há evidentemente um prazer conexo com a dor, que temos que procurar neste momento.’

[26] Sobre essas questões, não duvido quais serão teus pensamentos; o que é, pois, mais torpe que perseguir o prazer no próprio luto, ou melhor, através do luto, e entre as lágrimas procurar também o que dá alegria? Esses homens são os que nos censuram por excesso de rigor e acusam de dureza nossos princípios, porque declaramos que a dor não deve ser admitida no espírito ou deve ser rapidamente dissipada. Entretanto, o que é mais inacreditável ou desumano, não sentir dor pelo amigo perdido ou procurar o prazer na própria dor?

---

<sup>441</sup> Imagem similar à apresentada na *Consolatio ad Marciam* VII, 2, em que o autor menciona o luto dos animais, que rapidamente se extingue, mas aqui observamos que é irracional. Interessante atentar-se ao fato de que o tom a que se dirige a Márcia é mais brando ao utilizar essa imagem.

<sup>442</sup> Metrodoro de Lâmpsaco (331-278 aC) foi um dos quatro fundadores do epicurismo, e considerado o mais importante depois de Epicuro. Vários fragmentos de suas obras foram preservados por Diógenes e Laércio. (HORNBLLOWER, SPAWFORTH, 1999, p. 977)

[27] Nos quod praecipimus honestum est: cum aliquid lacrimarum affectus effuderit et, ut ita dicam, despumauerit, non esse tradendum animum dolori. Quid, tu dicis miscendam ipsi dolori uoluptatem? sic consolamur crustulo pueros, sic infantium fletum infuso lacte conpescimus. Ne illo quidem tempore quo filius ardet aut amicus expirat cessare pateris uoluptatem, sed ipsum uis titillare maerorem? Utrum honestius dolor ab animo summouetur an uoluptas ad dolorem quoque admittitur? 'Admittitur' dico? Captatur, et quidem ex ipso.

[28] 'Est aliqua' inquit 'uoluptas cognata tristitiae.' Istuc nobis licet dicere, uobis quidem non licet. Unum bonum nostis, uoluptatem, unum malum, dolorem: quae potest inter bonum et malum esse cognatio? Sed puta esse: nunc potissimum eruitur? Et ipsum dolorem scrutamur, an aliquid habeat iucundum circa se et uoluptarium?

[29] Quaedam remedia aliis partibus corporis salutaria uelut foeda et indecora adhiberi aliis nequeunt, et quod aliubi prodesset sine damno uerecundiae, id fit inhonestum loco uulneris: non te pudet luctum uoluptate sanare? Seuerius ista plaga curanda est. Illud potius admone, nullum mali sensum ad eum qui perit peruenire; nam si peruenit, non perit.

[30] Nulla, inquam, res eum laedit qui nullus est: uiuit si laeditur. Utrum putas illi male esse quod nullus est an quod est adhuc aliquis? Atqui nec ex eo potest ei tormentum esse quod non est (quis enim nullius sensus est?) nec ex eo quod est; effugit enim maximum mortis incommodum, non esse.

[31] Illud quoque dicamus ei qui deflet ac desiderat in aetate prima raptum: omnes, quantum ad breuitatem aeu, si uniuerso compares, et iuuenes et senes, in aequo sumus. Minus enim ad nos ex aetate omni uenit quam quod minimum esse quis dixerit, quoniam quidem minimum aliqua pars est: hoc quod uiuimus proximum nihilo est; et tamen, o dementiam nostram, late disponitur.

[32] 'Haec tibi scripsi, non tamquam expectaturus esses remedium a me tam serum (liquet enim mihi te locutum tecum quidquid lecturus es) sed ut castigarem exiguam illam moram qua a te recessisti, et in reliquum adhortarer contra fortunam tolleres animos et omnia eius tela non tamquam possent uenire sed tamquam utique essent uentura prospiceres. VALE.'

[27] O que nós ensinamos é virtuoso: quando nosso sentimento tiver derramado alguma lágrima, e, como pode ser dito, tiver se acalmado, o espírito não deve ser entregue à dor. O que tu dizes? Que o prazer deve ser misturado à própria dor? É dessa maneira que consolamos os pequenos com um doce, assim limitamos o choro dos infantes dando leite. Nem naquele momento, quando o filho arde na pira ou o amigo dá o último suspiro, queres que o prazer cesse, mas queres agradar à própria dor? O que é mais honesto: remover a dor do espírito ou admitir o prazer até na dor? Digo, ‘admitir’? Perseguir, e certamente a partir da própria dor.

[28] Ele diz: ‘Há certo prazer que está relacionado com a tristeza’. Isto a nós convém dizer, a vós certamente não convém. O único bem que conheceis é o prazer, o único mal a dor: que relação pode haver entre um bem e um mal? Mas pensa que há relação: agora, antes de tudo, essa relação deve ser encontrada? E vamos investigar a própria dor, e ver se há algo de alegria ou de prazer ao redor dela?

[29] Certos remédios são salutares a algumas partes do corpo, da mesma forma que não podem ser aplicados a outras, sendo ruins e inconvenientes; e o que seria útil em algum caso, sem causar dano ao pudor, torna-se torpe no local da ferida: não te envergonha sanar o luto com prazer? Esta ferida deve ser curada de forma mais rigorosa. Tem como aviso, de preferência, isto: nenhuma sensação de mal afeta aquele que já morreu; pois, se afeta, não morreu.

[30] Eu te direi que coisa alguma pode insultar o que não vive: se é insultado, vive. Julgas que ele está mal por não existir, ou por ainda estar vivo? Além disso, nenhum tormento pode haver para ele pelo fato de não viver (pois, que sentimento há a quem não vive?), nem pelo fato de viver; pois desconhece o maior incômodo da morte, o de não existir.

[31] Digamos também àquele que chora e sente falta de quem se foi em tenra idade: todos nós, jovens e velhos, em relação à brevidade da vida, se comparares com o Universo, estamos em igualdade. Vem, pois, até nós, de todos os tempos, menos do que diria que é o mínimo, visto que certamente o mínimo é alguma parte: isso que vivemos é próximo do nada; e, entretanto, – oh, tolice nossa! – planejamos como se fosse longo.

[32] ‘Escrevi isto para ti não como se devesse esperar uma cura de mim, de forma tão tardia (pois é evidente para mim que já decidiste contigo se lerias ou não), mas para que eu te repreendesse<sup>443</sup> por aquele curto tempo durante o qual te afastaste de ti, e para que eu te encorajasse para o futuro, para que elevasses teu ânimo contra a Fortuna e observasses todos os seus dardos não como se pudessem chegar, mas, certamente, como se estivessem por vir. Adeus.’

---

<sup>443</sup> Aqui, temos a *ring composition*, uma composição em forma circular, ou seja, ao final há um retorno ao assunto inicial: a repreensão.



## REFERÊNCIAS

ALBRECHT, Michael von. Seneca's Language and Style. In: HEIL, Gregor Damschen e Andreas (ed.). *Brill's Companion to Seneca: philosopher and dramatist*. Leiden: Brill, 2014. p. 699-744

ALMEIDA, Olavo Vinícius Barbosa de. *O Brutus, de Marco Túlio Cícero: estudo e tradução*. 2014. 200 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras Clássicas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

ARISTÓTELES. *Retórica*. Tradução: Quintín Racionero. Madrid: Gredos, 2014.

ARMISEN-MARCHETTI, Mireille. Seneca's Images and Metaphors. In: SCHIESARO, Shadi Bartsch e Alessandro (ed.). *The Cambridge Companion to Seneca*. New York: Cambridge University Press, 2015. p. 150-160.

ARNOLD, Edward Vernon. *Roman Stoicism*. New York: Routledge & Kegan Paul, 2014.

AZEVEDO, Katia Teonia Costa de. O CARÁTER PLANGENTE DA ELEGIA, DO EPIGRAMA E DO EPICÉDIO. *PRINCIPIA*, [S. l.], n. 35, p. 21–30, 2017. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/principia/article/view/38608>. Acesso em: 12 fev. 2024.

BALTZLY, Dirk, "Stoicism", *The Stanford Encyclopedia of Philosophy* (Spring 2019 Edition), Edward N. Zalta (ed.). Disponível em = <https://plato.stanford.edu/archives/spr2019/entries/stoicism/> Acesso em 12 out. 2021.

BALTUSSEN, Han (ed.). *Greek and Roman consolations: eight studies of a tradition and its afterlife*. Swansea: The Classical Press of Wales, 2013.

\_\_\_\_\_. Introduction. In: BALTUSSEN, Han (ed.). *Greek and Roman consolations: eight studies of a tradition and its afterlife*. Swansea: The Classical Press of Wales, 2013. p. 8-25.

\_\_\_\_\_. Cicero's "Consolatio ad se": Character, purpose and impact of a curious treatise. In: BALTUSSEN, Han (ed.). *Greek and Roman consolations: eight studies of a tradition and its afterlife*. Swansea: The Classical Press of Wales, 2013. p. 37-66.

BARTSCH, Shadi; SCHIESARO, Alessandro. *The Cambridge Companion to Seneca*. Cambridge; New York: Cambridge University Press, 2015.

BOLDREER, Francesca. Fulmen in clausula prima di Marziale: aspetti teorici e ‘finali a sorpresa’ in Catullo, Virgilio e Orazio. **Fillide**, Bolzano, v. 21, n. 1, p. 1-13, jan. 2020.

BOYS-STONES, George. The “Consolatio ad Apollonium”: Therapy for the dead. In: BALTUSSEN, Han (ed.). *Greek and Roman consolations: eight studies of a tradition and its afterlife*. Swansea: The Classical Press of Wales, 2013. p. 123-138.

BRAICOVICH, Rodrigo Sebastián. Racionalismo y retórica en Filodemo de Gadara. *Dianoia: anuario de Filosofía*, Ciudad de México, Vol. 62, Nº. 79, 2017, p. 141-164.

BRUN, Jean. *El estoicismo*. Tradução: José Blanco Regueira. Toluca: Universidad Autónoma del Estado de México, 1997.

CELESTINO, Mónica Marcos. Las “Consolaciones” de Séneca. *Estudios Humanísticos: Filología*, León, n. 20, p. 69, 15 dez. 1998. University of Leon.

CÍCERO, Marco Túlio. *Discussões Tusculanas*. Tradução: Bruno Fregni Bassetto. Uberlândia: EDUFU, 2014.

CICERO. Cicero. Londres: Loeb Classical Library, 1939. With an English translation by Harry Caplan.

CÍCERO. *Oratio pro P. Sestio*. Leipzig: Bsb B.C. Teubner Verlagsgeellschaft, 1986. Editado por Tadeusz Maslowski.

CÍCERO, Marco Túlio; MAIA JUNIOR, Juvino Alves. O Sonho de Cipião no “De Re Publica”, de Cícero. *Scientia Traductionis*, João Pessoa, v. 2011, n. 10, p. 241-257, 28 nov. 2011. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). <http://dx.doi.org/10.5007/1980-4237.2011n10p241>.

CÍCERO, Marco Túlio; *Retórica a Herênio*. Tradução: Adriana Seabra e Ana Paula Celestino Faria. São Paulo: Hedra, 2005.

CONNOLLY, Joy. Cicero's *concordia ordinum*: a Machiavellian reappraisal. In: *The American Political Science Association (APSA)*, Department of Classics, New York University, 2010. Anais [...]. Disponível em: [https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract\\_id=1671070](https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=1671070). Acesso em: 25 out. 2023.

COSTRINO, Artur. “De Rhetoribus” de Suetônio. *Classica - Revista Brasileira de Estudos Clássicos*, São Paulo, v. 27, n. 2, p. 257-270, 28 dez. 2014. <http://dx.doi.org/10.24277/classica.v27i2.320>.

CONNOLLY, Joy. The New World Order: Greek Rhetoric in Rome. In: WORTHINGTON, Ian (ed.). *A companion to Greek rhetoric*. Oxford: Blackwell, 2007. p. 139-165.

CRAWFORD, O. C. *Laudatio Funebri*. **The Classical Journal**. S.L, p. 17-27. out. 41.

DAMSCHEIN, Gregor; HEIL, Andreas (ed.). *Brill's Companion to Seneca: Philosopher and Dramatist*. Boston: Brill, 2014.

DAREMBERG, Charles; SAGLIO, Edm. *Dictionnaire des Antiquités Grecques et Romaines*. Paris: Hachette et Cie. 1800-1900 – 8 v.

DEMETRIUS. *Demetrius On Style*. Editado e traduzido por Doreen C. Innes. Baseado na tradução de: W. Rhys Roberts. Amsterdam: Hakkert, 1964.

\_\_\_\_\_. *Du style*. Editado e traduzido por P. Chiron. Paris : Les Belles Lettres, 1993.

DONATO, Antônio. Boethius's “Consolation of Philosophy” and the Greco-Roman Consolatory Tradition. *Traditio*, Cambridge, vol. 67, p. 1-42, 2012.

FACCIOLATI, Jacobo; FORCELLINI, Egidio; FURLANETTO, Giuseppe. *Lexicon totius latinitatis*. Patavii: Typis Seminarii, 1864-1887.

FERRERO, Anna Maria. Lost and fragmentary works. In: HEIL, Gregor Damschen e Andreas (ed.). *Brill's Companion to Seneca: philosopher and dramatist*. Leiden: Brill, 2014. p. 207-212.

FILÓSTRATO. *Vidas de los Sofistas*. Madrid: Gredos, 1999. Tradução: María Concepción Giner Soria.

FISCHER, Susanna E. Systematic Connections between Seneca's Philosophical Works and Tragedies. In: HEIL, Gregor Damschen e Andreas (ed.). *Brill's Companion to Seneca: philosopher and dramatist*. Leiden: Brill, 2014. p. 745-768

FLORES, Guilherme Gontijo; BIANCHET, Sandra Maria Gualberto Braga. *A diversão tradutória: uma tradução das Elegias de Propércio*. 2008. 438 f., enc. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras.

FORCELLINI, Aegidio. *Lexicon totius latinitatis/ ab Aegidio Forcellini*. Padova: Patavii:typis Seminarii, 1940.

FORTENBAUGH, W.W.. Aristotle's Art of Rhetoric. In: WORTHINGTON, Ian (ed.). *A companion to Greek rhetoric*. Oxford: Blackwell, 2007. p. 107-123.

FOX, Matthew. Rhetoric and Literature at Rome. In: HALL, William Dominik And Jon (ed.). *A companion to Roman rhetoric*. Oxford: Blackwell, 2007. p. 369-381.

GAULY, Bardo Maria. Physics II: Cosmology and Natural Philosophy. In: HEIL, Gregor Damschen e Andreas (ed.). *Brill's Companion to Seneca: philosopher and dramatist*. Leiden: Brill, 2014. p. 363-378.

GILL, Christopher. The School in the Roman Imperial Period. In: INWOOD, Brad (ed.). *The Cambridge Companion to The Stoics*. New York: Cambridge University Press, 2003. p. 33-58.

GOMES, Erick Messias Costa Otto. Uma análise da função e estrutura dos textos consolatórios de Sêneca. *Caderno de Pesquisa do Cdhis*, Uberlândia, vol. 31, n. 2, p. 60-84, jul./dez. 2018.

GRIFFIN, Miriam. *Seneca: A philosopher in politics*. Oxford: Clarendon Press, 2003.

\_\_\_\_\_. Philosophy, Cato, and Roman Suicide: II. *Greece & Rome*, Oxford. v. 33, n. 2, p. 192-202, out. 1986.

HABINEK, Thomas. “Imago suae uitae”: Seneca’s Life and Career. In: HEIL, Gregor Damschen e Andreas (ed.). *Brill’s Companion to Seneca: philosopher and dramatist*. Leiden: Brill, 2014. p. 3-32.

HABINEK, Thomas. *Ancient Rhetoric and Oratory*. Oxford: Blackwell, 2005.

HADOT, Pierre. *O que é a filosofia antiga?* Tradução de Dion David Macedo. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

HALL., William Dominik e Jon (ed.). *A companion to Roman rhetoric*. Garsington Road: Blackwell Publishing Ltd, 2007.

HANKINSON, R. J. Stoic Epistemology. In: INWOOD, Brad (ed.). *The Cambridge Companion to The Stoics*. New York: Cambridge University Press, 2003. p. 59-84

HOLSINGER, George Robert. *Seneca's use of stoic themes, with an index of ideas to books i-vii of the Epistulae morales*. 1952. 315 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de filosofia, Ohio State University, Columbus, 1952.

HOMERO. *Ilíada*. Tradução: Frederico Lourenço. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

HORNBLOWER, Simon; SPAWFORTH, Antony. *The Oxford classical dictionary*. 3rd ed. rev. Oxford [Eng.]: Clarendon Press, 2003.

INWOOD, Brad. Introduction: Stoicism, An Intellectual Odyssey. In: INWOOD, Brad (ed.). *The Cambridge Companion to The Stoics*. New York: Cambridge University Press, 2003. p. 1-6.

\_\_\_\_\_. *Reading Seneca: Stoic philosophy at Rome*. New York: Clarendon Press Oxford, 2005.

JUVENAL. *Sátiras*. Tradução: Francisco Antônio Martins Bastos. Rio de Janeiro: Ediouro, [1993].

LABATE, M. *La sátira latina: Género y forma de los contenidos*. In: ESTEFANÍA, D.-POCIÑA, A. (eds.), *Géneros literarios romanos (Aproximación a su estudio)*. Madrid: Ediciones Clásicas, 1996. pp. 47-71

KER, James. *The Deaths of Seneca*. New York: Oxford University Press, 2009.

KIERDORF, Wilhelm. *Consolatio as a literary genre*. In: CANCIK, Hubert, SCHNEIDER, Helmuth: *Brill's New Pauly, Antiquity*. Boston: Brill, 2005. Edição em inglês: Christine F. Salazar, Manfred Landfester e Francis G. Gentry.

KIRCHNER, Roderich. *Elocutio: Latin Prose Style*. In: HALL, William Dominik And Jon (ed.). *A companion to Roman rhetoric*. Oxford: Blackwell, 2007. p. 181-194.

LACERDA, Ticiano Curvelo Estrela de. Tradução do discurso “Contra os Sofistas” de Isócrates. *Rónai – Revista de Estudos Clássicos e Tradutórios*, Juíz de Fora, v. 6, n. 2, p. 68-79, 17 dez. 2018. Universidade Federal de Juiz de Fora. <http://dx.doi.org/10.34019/2318-3446.2018.v6.23276>.

LEÃO, Delfim Ferreira. A tradição dos Sete Sábios: o *sapiens* enquanto paradigma de uma identidade. In: LEÃO, Delfim Ferreira, FERREIRA, José Ribeiro, FIALHO, Maria do Céu (ed.). *Cidadania e Paideia na Grécia Antiga*, p. 48-110, 2010. Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos.

LÓPEZ, Jorge Fernández. *Quintilian as Rhetorician and Teacher*. In: HALL, William Dominik And Jon (ed.). *A companion to Roman rhetoric*. Oxford: Blackwell, 2007. p. 307-322.

MANJARRÉS, Julio Mangas. *Seneca: o el poder de la cultura*. Madrid: Debate, 2001.

MANNING, Craig E. *On Seneca's "Ad Marciam"*. Leiden: Mnemosyne, 1981.

MARCINIAK, Katarzina. Cicerone – il più grande dei poeti. *Cicéron Et L'environnement*. Paris, p. 105-161. dez. 2023.

MARSHALL, C. W. The works of Seneca the Younger and their dates. In: HEIL, Gregor Damschen e Andreas (ed.). *Brill's Companion to Seneca: philosopher and dramatist*. Leiden: Brill, 2014. p. 33-44.

MARCO AURÉLIO, Imperador de Roma. *Meditações*. Tradução: Lúcia Miguel Pereira. Rio de Janeiro: José Olympio, 1957.

MCCOMISKEY, Bruce. *Gorgias and the New Sophistic Rhetoric*. Carbondale: Southern Illinois University Press, 2002

MEGALE, Maria Helena Damasceno e Silva. Uma recordação da retórica no “Fedro” de Platão ou a força de resposta do discurso juspolítico inspirado na ideia de justiça. *Revista Brasileira de Estudos Políticos*, Belo Horizonte, v. 98, p. 337-360, 01 jun. 2008. Universidade Federal de Minas Gerais. <https://doi.org/10.9732/78>.

MERCHANT, Frank Ivan. Seneca the Philosopher and His Theory of Style. *He American Journal Of Philology*. Baltimore, p. 44-59. jan. 1905.

MERRILL, Elmer Truesdell. The Expulsion of Jews from Rome under Tiberius. *Classical Philology*, Boston, v. 14, n. 4, p. 365-372, out. 1919.

MIOTTI, Charlene Martins. Ridentem dicere uerum: o humor retórico de Quintiliano e seu diálogo com Cícero, Catulo e Horácio. 2020. 224 f. Tese (Doutorado) - Curso de Letras Clássicas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

MONTELEONE, Maria. *De ira*. In: HEIL, Gregor Damschen e Andreas (ed.). *Brill's Companion to Seneca: philosopher and dramatist*. Leiden: Brill, 2014. p. 127-134

MORELLO, Ruth; MORRISON, A. D. *Ancient Letters: Classical and Late Antique Epistolography*. Oxford: Oxford University Press, 2007.

NARDI, Roberto Fernandes de. *As tetralogias de Antífonte: tradução e comentários*. 2015. 182 p. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras Clássicas, Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

NELSON, Haviland. Cato the Younger as a Stoic Orator. *The Classical Weekly*, S.L, v. 44, n. 5, p. 65-69, 18 dez. 1950.

NOVAK, Maria da Gloria. Estoicismo e Epicurismo em Roma. *Letras Clássicas*, n. 3, p. 257-273, 1999.

OLIVA NETO, J. A. Plínio o Jovem no debate entre "aticismo" e "asianismo". *Rónai: Revista de Estudos Clássicos e Tradutórios*, v. 5, p. 56-68, 2017.

OVÍDIO. *Arte de amar*. Ed. bilíngue. Tradução de Matheus Trevizam. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2016.

PATRIOTA, Murilo Henrique Barrantes. *A definição de retórica em Platão e Aristóteles*. 2022. 80 f. Tese (Doutorado) - Curso de Filosofia, Ufpb, João Pessoa, 2022.

PENNA, Heloísa Maria Moraes Moreira. *Implicações da métrica nas "Odes" de Horácio*. 2007. 333 f. Tese (Doutorado) - Curso de Letras Clássicas, Usp, São Paulo, 2007.

PEREIRA, Maria Helena da Rocha. Ideias Morais e Políticas dos Romanos. In: PEREIRA, Maria Helena da Rocha. *Estudos de História da Cultura Clássica*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001. p. 329-429

PERNOT, Laurent. *Rhetoric in Antiquity*. Tradução: W.E Higgins. Washington D.C: The Catholic University Of America Press, 2005.

PIRATELI, Marcelo Augusto; MELO, José Joaquim Pereira. A morte no pensamento de Lúcio Aneu Sêneca. *Acta Scientiarum. Human and Social Sciences*, Maringá, vol. 28, n. 1, 2006, p. 63-71.



QUINTILIANO. *Institutio Oratoria of Quintilian*. Tradução: Harold Edgeworth Butler. Cambridge, MA: Harvard University Press; London: Heinemann, 1996.

RÉTOR, Menandro El. *Dos tratados de retórica epidítica*. Tradução de Manuel García García e Joaquín Gutierrez Calderón. Madrid: Editorial Gredos, 1996.

RICCI, Ângelo. *O teatro de Sêneca*. Porto Alegre: UFRGS, 1967.

ROGERS, Robert Samuel. The Case of Cremutius Cordus. *Transactions And Proceedings Of The American Philological Association*, Baltimore, v. 96, n. 0, p. 351-359, jan. 1965. <http://dx.doi.org/10.2307/283737>.

RUSSELL, Bertrand. *História da Filosofia Ocidental*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1957. Tradução de Brenno Silveira.

SANDBACH, F. H. *The stoics*. 2nd. ed. London: Bristol Classical Press, 1994.

SANTOS, J. G. T. Górgias e o “Górgias” de Platão. *Archai*, n. 7, jul-dez 2011, p. 55-66.

SANTOS, Zilda Andrade Lourenço dos. *O discurso constituinte como determinante no uso de tópoi e argumentos retóricos na construção das epístolas de Sêneca e Paulo*. 2017. 335 f. Tese (Doutorado) - Curso de Letras, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2017.

SAUER, Jochen. Consolatio ad Marciam. In: HEIL, Gregor Damschen e Andreas (ed.). *Brill's Companion to Seneca: philosopher and dramatist*. Leiden: Brill, 2014. p. 135-140.

SCATOLIN, Adriano; MIOTTI, Charlene Martins. Cícero, Do Orador 2.216-290. *Classica - Revista Brasileira de Estudos Clássicos*, [S.L.], v. 33, n. 1, p. 327-365, 31 maio 2020. *Classica - Revista Brasileira de Estudos Clássicos*. <http://dx.doi.org/10.24277/classica.v33i1.846>.

SCOURFIELD, John Howell David. *Consoling Heliodorus: a commentary on Jerome, Letter 60*. New York: Oxford University Press, 1993.

\_\_\_\_\_. Towards a Genre of Consolation. In: BALTUSSEN, Han (ed.). *Greek and Roman consolations: eight studies of a tradition and its afterlife*. Swansea: The Classical Press of Wales, 2013. p. 1-36.

SEDLEY, David. The School, from Zeno to Arius Didymus. In: INWOOD, Brad (ed.). *The Cambridge Companion to The Stoics*. New York: Cambridge University Press, 2003. p. 7-32.

SÊNECA. *Cartas a Lucílio*. 2ª. ed. Tradução: Segurado e Campos. Lisboa: Gulbenkian, 2004.

\_\_\_\_\_. *Consolação a Políbio*. Tradução: Matheus Trevizam e Ana Araújo Grossi Ribeiro. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2007.

\_\_\_\_\_. *Dialogues: Tome troisième – Consolations*. Texte établi et traduit par René Waltz. Paris: Les Belles Lettres, 1942.

\_\_\_\_\_. *Lettres a Lucilius*. Texte établi et traduit par: Henri Noblot, François Préchac. Paris: Les Belles Lettres, 1945-1964.

\_\_\_\_\_. *Medeia*. Lisboa: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, 2011. Tradução do latim, introdução e notas: Ana Alexandra Alves de Sousa

\_\_\_\_\_. *Sobre a brevidade da vida; Sobre a firmeza do sábio: diálogos*. Tradução: José Eduardo dos Santos Lohner. São Paulo: Penguin; Companhia das Letras, 2017.

\_\_\_\_\_. *Sobre a ira; Sobre a tranquilidade da alma*. Tradução: José Eduardo dos Santos Lohner. São Paulo: Penguin; Companhia das Letras, 2017.

\_\_\_\_\_. *Sobre a providência divina*. Tradução: Alexandre Pires Vieira. São Paulo: Montecristo Editora, 2017

\_\_\_\_\_. *Tragédies*. Texte établi et traduit par: François-Régis Chaumartin. Paris: Les Belles Lettres, 2011.

SETAIOLI, Aldo. Ethics I: Philosophy as Therapy, Self-Transformation, and “Lebensform”. In: HEIL, Gregor Damschen e Andreas (ed.). *Brill’s Companion to Seneca: philosopher and dramatist*. Leiden: Brill, 2014. p. 239-256

SHELTON, J. Persuasion and paradigm in Seneca’s *Consolatio ad Marciam* 1-6. *Classica et Mediaevalia*, Copenhagen, vol. 46, p. 157-188, 1995.

SILVA, Érica Cristhyane Morais da. As leis sobre o exílio no “Código Teodosiano”. *Romanitas - Revista de Estudos Grecolatinos*, Vitória, n. 14, p. 70-86, 29 fev. 2020. Galoa Events Proceedings. <http://dx.doi.org/10.17648/rom.v0i14.28895>.

SILVA, Mateus Araújo. A ironia de Sócrates nos “Diálogos” de Platão. *Classica - Revista Brasileira de Estudos Clássicos*, São Paulo, v. 7, p. 229-258, dez 1994.

STEEL, Catherine. G Lost Orators of Rome. In: HALL, William Dominik And Jon (ed.). *A companion to Roman rhetoric*. Oxford: Blackwell, 2007. p. 237-249.

STEYNS, D. *Étude sur les métaphores et les comparaisons dans les oeuvres en prose de Sénèque le philosophe*. Vol. 33. Gante: Van Goethem, 1907.

STOWERS, Stanley K. *Letter Writing in Greco-Roman Antiquity*. Philadelphia: The Westminster Press, 1986.

STROUP, Sarah Culpepper. Greek Rhetoric Meets Rome: Expansion, Resistance, and Acculturation. In: HALL, William Dominik And Jon (ed.). *A companion to Roman rhetoric*. Oxford: Blackwell, 2007. p. 23-37.

SUETÔNIO. A vidas dos doze Césares. Brasília: Conselho Editorial do Senado Federal, 2012. Disponível em: <<http://www2.senado.leg.br/bdsf/item/id/539475>> Acesso em: 20 de agosto de 2023.

TÁCITO (ed.). *Dialogus de Oratoribus*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001. Editado por Roland Mayer.

TÁCITO. *The Annals*. Tradução de A. J. Woodman. Indianapolis: Hackett Publishing Company, 2004.

TRAINA, Alfonso. *Lo stile "drammatico" del filosofo Seneca*. Bologna: Pàtron Editore, 2011.

TOMBOLILLO, Débora. *La riflessione senecana sulla morte nela Consolatio ad Marciam*. Roma: Saggio, 2008.

USHER, S. The style of Isocrates. *Bulletin of the Institute of Classical Studies*, Oxford, no. 20, 1973, p. 39-67. *JSTOR*, <http://www.jstor.org/stable/43646309>. Acesso: 22 Out. 2023.

VAN RAIJ, Cleonice Furtado de Mendonça. Sêneca: a imagem da ascensão. *ALFA: Revista de Linguística*, São Paulo, vol. 47, n. 2, 2003. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/4247>. Acesso em: 21 out. 2021.

\_\_\_\_\_. A filosofia da dor nas "Consolações" de Sêneca. *Letras Clássicas*, São Paulo, n. 3, p. 11, 13 out. 1999.

VANDERSPOEL, John. Hellenistic Rhetoric in Theory and Practice. In: WORTHINGTON, Ian (ed.). *A companion to Greek rhetoric*. Oxford: Blackwell, 2007. p. 125-138.

VIRGILIO. *Eneida*. Tradução: MENDES, Manuel Odorico; RODRIGUES, Antonio Medina; CABRAL, Luiz Alberto Machado. Cotia, SP: Ateliê Editorial; Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2005.

VOGT, Katja. "Seneca", *The Stanford Encyclopedia of Philosophy* (Spring 2020 Edition), Edward N. Zalta (ed.). Disponível em = <<https://plato.stanford.edu/archives/spr2020/entries/seneca/>>. Acesso em 21/10/2021.

WHITE, Michael J. Stoic Natural Philosophy (Physics and Cosmology) In: INWOOD, Brad (ed.). *The Cambridge Companion to The Stoics*. New York: Cambridge University Press, 2003. p. 124-152.

WILLIAMS, Gareth D.; VOLK, Katharina, (ed.). *Seeing Seneca whole: perspectives on philosophy, poetry and politics*. Leiden: Brill, 2006.

WILSON, Marcus. Seneca the Consoler? A New Reading of his Consolatory Writings. In: BALTUSSEN, Han (ed.). *Greek and Roman consolations: eight studies of a tradition and its afterlife*. Swansea: The Classical Press of Wales, 2013. p. 93-122.

WORTHINGTON, Ian (ed.). *A Companion to Greek Rhetoric*. Oxford: Blackwell, 2007.